

Ana Inês Fernandes Gonçalves Marques

**GESTÃO DOS TEMPOS LIVRES DE CRIANÇAS
NO 1º CICLO: REALIDADE DA FREGUESIA
DE SÃO DOMINGOS DE RANA**

Orientador: Professor Doutor Miguel Oliveira Rodrigues

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Serviço Social

Lisboa

2020

Ana Inês Fernandes Gonçalves Marques

**GESTÃO DOS TEMPOS LIVRES DE CRIANÇAS
NO 1º CICLO: REALIDADE DA FREGUESIA
DE SÃO DOMINGOS DE RANA**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Serviço Social no Curso de Mestrado em Gestão de Unidades Sociais e de Bem-estar, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 18 de Maio de 2020 com o Despacho de Nomeação de Júri nº 49/2020, com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Paula Isabel Marques Ferreira

Arguente: Professora Doutora Isabel Passarinho

Orientador: Professor Doutor Miguel Oliveira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Serviço Social

Lisboa

2020

Ana Inês Fernandes Gonçalves Marques

Gestão dos tempos livres de crianças no 1º ciclo: realidade do concelho de São Domingos de Rana

DEDICATÓRIA

À minha avó:
a minha eterna e adorada avó.

AGRADECIMENTOS

Perante uma etapa alcançada, gostaria de expressar o meu profundo agradecimento a todos aqueles cujo saber, experiência e importância na minha vida, permitiram a superação e conjugação do equilíbrio entre a elaboração da minha dissertação e a necessidade de responder ativamente às imposições diárias.

Ao longo destes anos, diversas foram as pessoas que dispuseram generosamente do seu tempo para me motivar e ajudar quer direta ou indiretamente nesta investigação, priorizando a importância desta na minha vida académica, profissional e sobretudo pessoal.

Desta forma, as pessoas que destaco neste meu agradecimento são:

Fernanda e Manuel, Pais, pelos valores transmitidos, pelo seu apoio incondicional e pela presença na minha vida.

Xavier, marido, pela forma como me motivou, enaltecendo a cada dia as minhas capacidades e competências.

Maria Benedita, filha, por todo o amor que só uma filha tem a oportunidade de resplandecer.

Professor Doutor Miguel Rodrigues, orientador, pela disponibilidade na orientação da dissertação, pela prontidão no esclarecimento das minhas dúvidas e pelo rigor científico que me foi inculcido.

Professora Doutora Aida Ferreira, à data do início deste trabalho, diretora do mestrado e professora, por ser uma referência no Serviço Social.

Dr.^a Carla Franco, a minha primeira referência da prática do Serviço Social, por quem tenho uma enorme estima.

Colegas de curso, que foram um apoio fundamental, na partilha de saberes e experiências. Enfermeira Cristina Conde, pela possibilidade que me concedeu na obtenção de um horário laboral flexível, facilitando a conclusão do presente trabalho.

A todos, deixo um profundo agradecimento pelo surgimento na minha vida.

Sinto-me eternamente agradecida.

RESUMO

A infância é destacada pela ausência de tempos livres e pelo prolongamento de horário em contexto escolar, fortemente impulsionado pelos pais e pelos agentes educativos. O nosso objetivo será o de compreender a importância das atividades de tempos livres para o desenvolvimento saudável das crianças que frequentam as escolas do 1º ciclo da freguesia de São Domingos de Rana. Utilizamos uma abordagem metodológica qualitativa envolvendo uma amostra de nove personalidades circunscrevendo visões e saberes de áreas interdisciplinares imprescindíveis para objetivos definidos. A recolha de dados inclui a entrevista exploratória, a qual comporta a definição e as características do conceito de família, a identificação das características sociodemográficas das famílias residentes na freguesia de São Domingos de Rana, a definição do conceito de infância e as suas características, a caracterização das instituições de resposta aos tempos livres e a definição de tempos livres e, por fim, a identificação do mercado de trabalho desta freguesia. Os resultados mais relevantes observados evidenciam a evolução das estruturas familiares, enquanto modelo principal de vida da criança, com a conjugalidade marcada pelo paradoxo da existência de afeto, identitário do contexto familiar, e da redução de tempo de qualidade entre pais e filhos. As características sociodemográficas das famílias residentes na freguesia de São Domingos de Rana são potenciadas pela sua génese e caracterizadas por uma população heterógena, interventiva na sociedade e com estabilidade económica e social. As instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana são classificadas pela escolarização, com a escola a adquirir maior representatividade, em resposta às necessidades dos pais. As estruturas familiares são destacadas em contexto educativo e em contexto de mercado de trabalho, no sentido em que a sua articulação condiciona o desempenho das famílias.

Palavras-Chave: Família; Escola; 1º Ciclo; Infância; Tempo livre.

ABSTRACT

Childhood is highlighted by the absence of free time/schedule and the extension of school schedule, powered by parents and school tutors. Our main goal is to understand the importance of the activities of free time for the healthy development of children who attend primary schools from the council of São Domingos de Rana. We approached a qualitative method involving a test of nine individuals from interdisciplinary areas essential for our study goals. The information that we gathered includes an exclusive interview which showcases the definition and trademarks of the concept of family. Identifying sociodemographic features of families, residents in the council of São Domingos de Rana. The definition of the concept of childhood and their features, the description of institutions in response of the free schedule/time, the definition of free schedule/time and lastly, the identification of the labor market in the council of São Domingos de Rana. The most noteworthy results, the results that stand out the most are the evolution of family structures, whilst main template of a child's life, with the conjugality marked by the paradox of the existence of affection, the identity of the context of family and the reduction of family time between parents and their children. The sociodemographical features of families residing in the council of São Domingos de Rana are enhanced by their genesis and characterized by a heterogeneous population, intervening in society and with an economic and social stability. The institutions that responded on free schedule/time in the council of São Domingos de Rana are classified by schooling, with the school acquiring a larger representation, in response to the necessities of parents. Family structures are highlighted in an educational context and in a labor market context, in the sense that their articulation conditions the families performance.

Key-word: Family, School, Childhood, Primary School, Free Time

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACES- Agrupamento de Centros de Saúde.

ADAV- Associação de Defesa e Apoio à Vítima.

AEC- Atividades de Enriquecimento Curricular.

AFIRSE- Association Francophone Internationale de Recherche Scientifique en Education.

AML- Área Metropolitana de Lisboa.

ATL- Atividades de Tempos Livres.

CAF- Componente de Apoio à Família.

CATL- Centro de Atividades de Tempos Livres.

CES- Center for Epidemiological Studies.

CPD -Comissão para a Pessoa Deficiente.

E- Entrevistador.

EE- Entrevista exploratória.

ICS- Instituto de Ciências Sociais.

IEFP- Instituto de Emprego e Formação Profissional.

IPSS- Instituição Particular de Solidariedade Social.

IRS- Imposto sobre Rendimento de Pessoas Singulares.

GAAF- Gabinete de Apoio ao Aluno e Família.

PALOP- Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

PEEM- Revisão da Carta Educativa e Plano Estratégico Educativo Municipal.

PER- Processo Especial de Revitalização.

RSI- Rendimento Social de Inserção.

TEIP- Territórios Educativos de Intervenção Prioritária.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	10
PRIMEIRA PARTE	15
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	15
CAPÍTULO 1	16
ESTRUTURA FAMILIAR.....	16
Introdução.....	17
1.1 Família.....	17
1.2 Evolução das estruturas familiares	19
1.3 Responsabilização da família para o equilíbrio social.....	22
1.4 Intervenção do Serviço Social com famílias na ótica sistémica.....	24
Conclusão do capítulo	28
CAPÍTULO II.....	29
SISTEMA EDUCACIONAL E MERCADO DE TRABALHO EM PORTUGAL ..	29
Introdução.....	30
2.1 Evolução do sistema educativo.....	30
2.2 Serviço Social em contexto escolar	33
2.3 Articulação da família com o sistema educativo e o mercado de trabalho.....	35
Conclusão do capítulo	38
CAPÍTULO III	40
NOVA INFÂNCIA E NOVA FAMÍLIA.....	40
Introdução.....	41
3.1 Infância	41
3.2 Construção social do conceito de infância	42
3.3 Processo de socialização na infância	46
Conclusão do capítulo	49
CAPÍTULO IV	50
CARACTERIZAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES NA INFÂNCIA	50
Introdução.....	51
4.1 Da evolução do assistencialismo ao suporte jurídico na infância	51
4.2 Utopia dos tempos livres na infância.....	55
4.3 Ocupação dos tempos livres como serviço de proximidade no Serviço Social	58
Conclusão do capítulo	60

SEGUNDA PARTE	62
METODOLOGIA DE PESQUISA	62
Introdução	63
5.1 Identificação do problema	63
5.2 Análise e caracterização demográfica.....	66
5.2.1 Enquadramento demográfico.....	67
5.2.2 Enquadramento social.....	67
5.2.3 Enquadramento económico	68
5.2.4 Enquadramento habitacional	69
5.2.5 Enquadramento escolar.....	69
5.2.6 Rede de transportes.....	70
5.3 Pergunta de partida	71
5.4 Objetivos da investigação	71
5.5 Abordagem investigativa	72
5.6 Amostra.....	72
5.7 Instrumentos de recolha de dados.....	74
5.7.1 Entrevista exploratória.....	75
TERCEIRA PARTE.....	77
ANÁLISE DOS DADOS RECOLHIDOS	77
CAPÍTULO VI	78
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	78
Introdução	79
6.1 Trabalho de campo: entrevistas exploratórias	79
6.2 Análise de conteúdo das entrevistas exploratórias	79
6.3 Conclusão da análise às entrevistas	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	106
 APÊNDICES	 i
APÊNDICE I	ii
Protótipo de comunicação escrita com apresentação e contextualização da investigação.....	ii
APÊNDICE II.....	iv
Quadro I: Intervenientes nas entrevistas exploratórias.....	v

APÊNDICE III	vii
Quadro II: Guião de entrevista exploratória	viii
APÊNDICE IV	x
Quadro IV: Análise individual das personalidades entrevistadas	xi
APÊNDICE V	xiii
Quadro V: Sinopse das entrevistas exploratórias em função do guião de entrevista exploratória	xiv
APÊNDICE VI	xxiii
Reprodução escrita de entrevistas exploratórias	xxiii

QUADROS

Quadro III: Categorias e Subcategorias para análise de conteúdo das entrevistas exploratórias aplicadas aos profissionais	80
---	----

INTRODUÇÃO

O presente estudo, intitulado “Gestão dos tempos livres de crianças no 1º ciclo: realidade da freguesia de São Domingos de Rana”, versa a problemática da ausência de tempo livre nas crianças que compromete a infância, relacionando-a com o impacto que os comportamentos dos agentes educativos e o comportamento parental adquirem sobre estas.

De referir que o conceito de gestão empregue no presente trabalho surge não enquanto um processo exclusivo de administração, mas no sentido da utilização racional de recursos em função de determinados objetivos e na conciliação de opiniões, especificamente os objetivos que permitissem uma possível melhoria dos tempos livres das crianças do 1º ciclo da freguesia de São Domingos de Rana, conciliados e comportados pelos saberes e visão de profissionais conhecedores do campo de ação.

Considera-se que a estrutura familiar tem sido alvo de reestruturações fomentadas pela evolução histórica, resultando a adaptação à realidade do termo família imposta pela sociedade, seja pelo *pater* famílias da era romana, seja pela conjugalidade marcada pelo afeto e procriação. Das transformações decorrentes nas estruturas familiares emergiu o paradoxo na relação entre os membros da família. Se por um lado existe maior proximidade entre estes através do afeto e do cuidado dos seus membros, garantindo a sustentabilidade e integridade familiar, por outro lado existe um distanciamento entre os mesmos, sobretudo provocado pelas exigências do mercado de trabalho.

Deste entendimento, surgiu a necessidade de analisar a evolução do sistema educativo e do mercado de trabalho e, de que forma as estruturas familiares são influenciadas e reestruturadas devido à sua articulação com estes dois.

O conceito de infância na sociedade contemporânea, é o resultado da sua construção social decorrente desde a sua génese até à atualidade.

Ao analisar a evolução histórica do conceito, ressalva-se a importância da infância como sendo uma área de intervenção prioritária, reconhecendo a criança na família pela necessidade desta garantir o seu crescimento e bem-estar, legitimando a importância de um ambiente familiar marcado pela afetividade e harmonia para o seu pleno desenvolvimento.

É preciso ter em conta que o Estado tem um papel imprescindível, no sentido em que deve assegurar não só os direitos da criança, como deve intervir enquanto aliado das

famílias. Do mesmo modo, debruçamo-nos sobre o Serviço Social em contexto escolar, enquanto serviço de proximidade e numa ótica sistémica, no sentido de intervir minimizando as consequências resultantes das exigências sobre as quais as famílias estão subjugadas, criando uma harmonia entre a escola e a família.

Neste contexto, o presente estudo envolve-se na necessidade de analisar os tempos livres consagrados na infância, perante uma sociedade mais indisponível, zeladora pela proteção das crianças isentas de risco, acabando por minimizar a criação de condições que permitem as crianças usufruírem do seu tempo de vivência a realizar o que as caracteriza, ou seja, brincarem livremente e de forma espontânea. Torna-se imprescindível uma análise aprofundada das complexidades deste fenómeno, com especial incidência nas vertentes menos exploradas como a que este estudo se propõe.

Desta forma, são objetivadas as mais-valias para a (re)definição e/ou avaliação das políticas públicas de educação desenvolvidas neste domínio, reforçando a necessidade de se adaptar o plano pedagógico e organizacional das escolas do 1º ciclo.

Apesar da crescente consciencialização da ausência de tempo livre das crianças que frequentam as escolas do 1º ciclo da freguesia de São Domingos de Rana, pouco se conhece ainda sobre determinadas especificidades. Falamos particularmente das razões pelas quais os tempos livres são condicionados e de que forma a evolução da família, a institucionalização da escola, e o mercado de trabalho, se podem encontrar fortemente interligados aos condicionamentos de respostas de tempos livres das crianças.

A presente investigação, tem por base de sustentação o levantamento bibliográfico e documental da temática em estudo, de dados oficiais referentes a 2018 caracterizadores do concelho de Cascais, presentes no seu mais atual Diagnóstico Social (Câmara Municipal de Cascais [CMC], 2019b) e da equipa de profissionais em contexto escolar e político.

Trata-se de uma realidade próxima da investigadora, resultado de uma observação direta e visão pessoal enquanto residente e com ação profissional na freguesia de São Domingos de Rana, bem como, numa questão mais privada, familiar e amiga de pais e crianças que frequentam escolas da freguesia. A salientar ainda, o facto da investigadora deter o curso profissional de auxiliar de ação educativa, que em muito contribuiu para a verificação e consciencialização da problemática detetada e a ausência de respostas desenvolvidas neste domínio.

Perante o exposto, é nossa preocupação ajudar a colmatar uma pretensa lacuna que existe na freguesia de São Domingos de Rana sobre os tempos livres das crianças que frequentam as escolas do 1º ciclo.

Torna-se, assim, fundamental analisar os conceitos que envolvem a família e a infância, a institucionalização da escola e o mercado de trabalho, e de que forma as respostas de tempos livres se relacionam com estes.

Considerando o estudo a desenvolver, a pergunta de partida que orientará os objetivos deste estudo é:

- Qual a importância dos tempos livres para o desenvolvimento saudável das crianças que frequentam as escolas do 1º ciclo na freguesia de São Domingos de Rana?

O objetivo geral que norteia o presente estudo é:

- Compreender a importância das atividades de tempos livres nas escolas do 1º ciclo da freguesia de São Domingos de Rana.

A área geográfica onde se insere o nosso estudo é a freguesia de São Domingos de Rana, com uma dimensão territorial que abrange os 20,36 km² (Leirinha, 2015; Palma, 2013). Com dados recolhidos e analisados do Diagnóstico Social de Cascais alusivos à atualidade, verificamos que, no período compreendido entre 1960 e 2017, a freguesia de São Domingos de Rana registou um aumento populacional significativo, contabilizando, no último período censitário, 211 714 habitantes (CMC, 2019b).

Um processo de amostra implica que as conclusões obtidas através da sua caracterização sejam estendíveis para a respetiva população, e, apesar de ser um objetivo dificilmente atingível, acreditamos possuir uma amostra suficientemente abrangente que nos permita fornecer dados razoavelmente consistentes do contexto da freguesia deste fenómeno.

As nove personalidades selecionadas, e que fizeram parte deste estudo, compreenderam uma interdisciplinaridade de áreas, nomeadamente a área social, da educação, animação sociocultural, e política.

Quanto à metodologia de investigação, com uma etapa inicial assente numa pesquisa documental com o objetivo de ampliar os conhecimentos sobre os conceitos, optamos pela entrevista exploratória, enquanto abordagem qualitativa, como sendo o método que envolve diretamente as dimensões e variáveis em análise. A presente

metodologia permite a fundamentação da viabilidade desta investigação, por ter na sua base objetiva a análise do sentido que os atores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se deparam (Quivy & Campenhoudt, 2018). Do mesmo modo, optou-se pela dimensão da diretividade, a entrevista semidiretiva ou semidirigida.

Nesta sequência, e em paralelo com os resultados do tratamento de dados através da análise de conteúdo das entrevistas exploratórias, sempre que possível, foram complementados e relacionados com a análise de investigações, aprofundando os conceitos inerentes ao fenómeno em estudo.

No que se refere à estrutura, este trabalho divide-se em três partes, o enquadramento teórico, a metodologia de pesquisa e a apresentação da análise dos dados recolhidos.

No enquadramento teórico, composto pelos quatro primeiros capítulos, são analisados, através de uma revisão da literatura, os principais autores e investigadores da área em estudo. Nesta primeira parte encontra-se também delimitado o quadro conceptual, o qual contém os conceitos principais inerentes a esta investigação.

Na metodologia de pesquisa, assente na segunda parte deste estudo, são traçadas as diferentes fases do plano de investigação. Amplia-se a abordagem da problemática já abordada ao longo do trabalho, seguindo-se a caracterização demográfica da freguesia sobre o qual incide o nosso estudo, levando à realização da pergunta de partida e dos objetivos da investigação. A abordagem investigativa, a identificação e caracterização da amostra são também apresentadas nesta segunda parte, e por fim, apresentamos a recolha de dados através da escolha ajustada das metodologias de investigação.

A terceira e última parte desta investigação corresponde à análise dos dados recolhidos, através da apresentação e discussão dos resultados, com fim a responder à pergunta de partida. Iniciamos com a identificação do trabalho de campo, referente às entrevistas exploratórias, seguindo-se a apresentação da análise de conteúdo das entrevistas exploratórias e, por fim, apresentamos os resultados, numa breve discussão destes, em resposta aos objetivos do presente trabalho, tendo em consideração a análise obtida na primeira parte desta investigação.

Este estudo procura ajudar a compreender a atuação exercida nesta área, nomeadamente o plano pedagógico e organizacional desempenhado nas escolas do 1º ciclo, com fim à prevenção da ausência de tempo livre da criança fomentando um desenvolvimento saudável. Mais ainda, e em especial, é fundamental que haja uma reformulação dos projetos de atividades desenvolvidas em contexto escolar,

nomeadamente desescolarizar as atividades extracurriculares, permitindo que as crianças tenham tempo de brincadeira livre.

PRIMEIRA PARTE

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1

ESTRUTURA FAMILIAR

Introdução

A família, enquanto organização da sociedade, foi exposta a diversas mudanças ocorridas através da evolução histórica, potenciando a transfiguração das representações sociais expressas pelas estruturas familiares.

Considerando que os resultados das transformações decorrentes nas estruturas familiares resultaram num distanciamento entre os membros, por outro lado, a expressão do afeto e da procriação permite o surgimento da responsabilização da família pelo cuidado dos seus membros, garantindo a sustentabilidade e integridade familiar. Perante a existência deste paradoxo, o Estado é chamado a intervir como aliado das famílias, assim como, a intervenção do Serviço Social junto destas numa ótica sistémica.

1.1 Família

A família é considerada o modelo com maior grau de importância para a criança.

Conforme Ramos (2017) e Louro (2012) a família é caracterizada por uma constelação de pessoas interdependentes, com relações estabelecidas entre os membros familiares, propiciando à criança a obtenção de um protótipo de relações, transpondo-o para futuros relacionamentos, pelo que a importância e “a capacidade de usarem bem a sua *mindsight* para participarem num nós e ligarem-se a outros ao longo da vida depende da qualidade dos laços com as pessoas que cuidam delas - incluindo pais e avós” (Siegel & Bryson, 2018, p. 154), irá permitir a obtenção de modelos socialmente aceites e integrativos. Assim, e segundo análise de Leite (2015), quando as crianças passam grande parte do seu tempo com as pessoas de maior importância na sua vida, desenvolvem as competências sociais necessárias para relações duradouras e saudáveis. Porém nas relações, as crianças também desenvolvem modelos sobre como se integram no mundo que as rodeia e como funcionam as relações humanas (Siegel & Bryson, 2018).

A família, “inclusive na sua fórmula clássica - surge tanto como um núcleo que garante a segurança e a proteção, como igualmente enquanto um espaço que encobre a violência e a subalternidade (...), todavia (...) a família, continua a ser uma célula fundamental da vida em sociedade (...) encontra-se numa crise prolongada que obriga à sua (re) caracterização”(Carvalho & Baptista, 2004, p. 19).

Considerando a análise de Giddens (2013), em que a família é um grupo de pessoas unidas diretamente por laços de parentesco, sendo da responsabilidade dos adultos o cuidado das crianças e ainda, alienando a esta análise, a reflexão da autora Silva

(2001), em que o conceito de família é caracterizado e representado mentalmente e de forma espontânea, como sendo um grupo de pessoas em que existe a mãe, o pai e filhos. A esta imagem associa-se a ideia de um lar, de uma habitação, onde existem relações harmoniosas e afetivas, onde existe o convívio com outros membros da família, nomeadamente avós, tios, entre outros, “os valores adquiridos no lar, num ambiente de amor e de felicidade, aproximam e unem as pessoas e são aqueles que mais se enraízam” (Rodrigues, 2016, p. 31). Esta representação mental surge com base na representação social da família na sociedade moderna resultante do passado, da organização da sociedade, do processo de socialização, das convicções e dos valores, segundo Silva (2001) e ainda, acrescentando a esta análise, Leite (2015) acrescenta, dinâmicas socio-históricas.

Nesta sequência e segundo análise do autor Gameiro (1994), a estrutura familiar é uma rede de relações e emoções na qual se passam sentimentos e comportamentos, e ainda, segundo Simionato & Oliveira (2003), caracterizada pela união dos membros de uma família, com ou sem laços consanguíneos.

Numa estrutura familiar, os pais são considerados as figuras com maior relevo e significância no desenvolvimento saudável da criança. As transformações provenientes de uma sociedade modernizada, onde o trabalho é a principal fonte de rendimento, os papéis familiares têm sofrido gradualmente modificações, o que leva a necessidade do pai ter uma função mais ativa na educação dos filhos ao invés da mãe que está mais ausente do lar devido aos seus compromissos laborais (Louro, 2012).

De igual modo, os avós, quase sempre fora do domicílio familiar, adquirem também uma nova dimensão. Dentro desta linha de pensamento e segundo os autores Papalia et al. (2001) referem que os pais influenciam a realização escolar dos seus filhos, através das formas como os motivam e as atitudes que transmitem, sendo estas influenciadas em face do estatuto económico e da cultura em que estão inseridos. Fruto de todas estas modificações, e outras não referidas, as relações estabelecidas entre os pais e os filhos também se modificaram, sendo colocadas diversas interrogações na tarefa diária da educação dos seus filhos (Papalia et al., 2001).

De modo a intervir no enriquecimento dos laços familiares e comunitários, colocando a criança no centro dessa intervenção e com o intuito de suplantar as necessidades detetadas, é fundamental criar mecanismos diferenciadores que promovam eficazmente e eficientemente esses laços.

1.2 Evolução das estruturas familiares

A palavra latina, família, aparece na Roma Antiga para designar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas, deriva de *famulus*, designada por servidor ou escravo doméstico (Burguière et al., 1996).

A família, sendo uma instituição ancestral, universal, de formação multivariada e culturalmente determinada, tem adquirido uma certa resistência e adaptação a todas as transformações e mutações familiares e sociais, tendo ela própria participado, enquanto sujeito-ator, nessa mesma dinâmica social ao longo dos tempos (Rodrigues, 2016; Sousa & Pizarro, 2011).

Durante largos séculos, a família foi considerada um grupo doméstico enquanto unidade reprodutora, de modo a garantir a continuidade das gerações, e enquanto grupo empresarial, onde as questões financeiras, produtivas e políticas seriam absorvidas por cada unidade familiar, desde camponeses, artesãos, burgueses e aristocratas. A estrutura e amplitude destes dependiam fortemente dos recursos que as classes detinham em cada época, nomeadamente a disponibilidade de terras, dimensão do património, recursos políticos, modelos de heranças, entre outros (Sousa & Pizarro, 2011).

Segundo análise de Saraceno (1997), foi a estrutura familiar ocidental que permitiu a criação de condições propícias à industrialização, sendo nos locais onde estas famílias predominavam que o processo de industrialização esteve mais patente. Mais tarde, e com o processo de intervenção modernizante começam a surgir as grandes empresas e, devido a estas, o surgimento do proletário, acabando por afastar a mão-de-obra que até então prevalecia nas terras, e conseqüentemente, a redução dos elementos familiares. Resultante desta modernização, verificaram-se profundas transformações nas estruturas familiares.

Após a primeira grande guerra, com o substancial processo de redistribuição das terras, permitiu aos camponeses a detenção de propriedades contribuindo novamente para o crescimento da família (Saraceno, 1997).

De acordo com Faria (2011) as recomposições existentes em pleno século XIX conduziram à instabilidade da convivência familiar, através de situações de viuvez e à congregação de uma nova família através do casamento do progenitor viúvo, dos recursos económicos da família, de situações de emigração solitária e de fenómenos migratórios.

No período pós-Revolução Industrial, um novo modelo de produção instalou-se, ditado pelo desenvolvimento do capitalismo, culminando num novo tipo de sociedade, a

sociedade da tecnologia que deu início a um processo de acelerado desenvolvimento tecnológico. O cuidado prestado às crianças, mais personalizado, tomou também espaço nesta fase. Verificou-se uma nítida divisão dos deveres e dos espaços dos homens e mulheres dentro da estrutura familiar (Mira, 2017; Faria, 2011).

Segundo Saraceno (1997), na primeira fase da industrialização, entre 1750 e 1850, devido à diminuição do controlo das famílias e da comunidade sobre os jovens e as migrações relacionadas com processos de urbanização, verificou-se o surgimento de uniões livres e consecutivamente o nascimento de filhos ilegítimos.

Partindo da definição do autor Faria (2011), posteriormente ao fim da II grande guerra, começa-se a presenciar o aumento do número de famílias, em detrimento do aumento da população, e à diminuição da sua dimensão. Assiste-se a uma diferente distribuição percentual dos vários tipos de estrutura familiar e a uma diminuição da família extensa e múltipla. As separações e divórcios contribuem para novas formas de convivência dos membros da família, propiciando o aparecimento de novas estruturas familiares, nomeadamente famílias monogenitoriais (famílias constituídas por mulher e filhos pequenos/adolescentes em que o marido/pai, ainda vivo, encontra-se afastado da família) e das unipessoais (geralmente constituídas por homens).

Na Europa, nos anos 50, a formação da família estava particularmente associada ao casamento, tal como preconizado pelas orientações religiosas e sociais (Saraceno, 1997).

Segundo Giddens (2013) e Faria (2011) as estruturas familiares e o ciclo de vida destas são alterados em função de entradas e saídas de cada elemento do seio da família, passando a constituir novas estruturas familiares, resultando no surgimento de tipologias familiares distintas das famílias convencionais.

O nascimento da família moderna com privilégio da afetividade, diz respeito sobretudo à família aristocrática e burguesa, sendo que as outras classes chegarão também a este processo de família moderna, mas por outras vias.

A partir da segunda metade do século XVIII, a família aristocrática e burguesa, tornam os filhos o centro e objeto de atenções e estratégias educativas, pelo que a infância se prolonga. A educação formal e o mundo das oportunidades de ensino foram, em pleno século XIX, diferenciadas entre género. A figura da mãe, mais precisamente da maternidade, passa a apresentar-se por um novo modelo de família, caracterizada pelos sentimentos e educação (Mira, 2017; Martins, 2008). Dá-se também a valorização da

afetividade e do tempo dispensado entre as várias gerações, pais, filhos, avós e netos (Louro, 2012).

Desta forma, ao afastar a criança da educação familiar e do trabalho infantil, haveria um retorno por parte da sociedade em considerar que a criança seria um objeto afetivo privilegiado no seio familiar (Faria, 2011).

Considerando a análise de Louro (2012) e Wall (2005), a primeira transformação é destacada através do movimento de privatização da vida conjugal e familiar, despoletada sobretudo pelas mudanças na sociedade portuguesa ao longo das últimas décadas.

Segundo Faria (2011) a emigração nos anos 60 e 70, a melhoria das condições de vida, a entrada da mulher no mercado de trabalho que permitiu um duplo rendimento familiar, as alterações de valores após o 25 de abril, entre outras razões, permitiram aos jovens casais a existência de novas oportunidades de formarem família, da progressiva independência residencial dos casais recém-casados, de se autonomizarem de interações familiares formais, hierarquizadas e fortemente controladas pelas gerações mais velhas, de uma maior orientação para o companheirismo entre o casal (sobretudo para a igualdade de género, um traço que se destaca fortemente nas famílias portuguesas), de centrarem o seu esforço na educação e na promoção da vida dos filhos.

O movimento do individualismo, remete para a procura de um maior equilíbrio do casal na sua emancipação individual e nas suas responsabilidades familiares e sociais, em que o casal adquire uma gestão do dinheiro de uma forma mais autónoma, desenvolvem atividades diárias e de lazer em família e fora de casa e a mulher é distinguida através do aumento de investimentos em projetos profissionais. Constata-se que, o nível de educação e a classe social são os fatores mais explicativos da diversidade encontrada nos processos de formação e de organização da vida familiar (Martins, 2008; Saraceno, 1997).

Em projeções recentes¹ observamos como os fatores demográficos refletem as modificações das estruturas familiares em Portugal, assistindo-se a: um declínio do crescimento natural das estruturas familiares² desde 1981 com 3,3 de indivíduos até 2011 com 2,6 de indivíduos por família, com um declínio de 22,9%; a queda da taxa de fecundidade³, com 43,0% em 2001 e 37,9% em 2018; o aumento da esperança média de

¹ PORDATA. Acedido em 11 de novembro de 2019 em <https://www.pordata.pt>.

² PORDATA - Estruturas familiares. Acedido em 11 de novembro de 2019 em <https://www.pordata.pt>.

³ PORDATA - Taxa de fecundidade. Acedido em 11 de novembro de 2019 em <https://www.pordata.pt>.

vida⁴, com destaque para um maior número de famílias em que 4 gerações estarão vivas ao mesmo tempo, sendo a esperança de vida aos 65 anos por Sexo, com 19,49% da população total entre 2016-2018, contra 11,8% em 1985; a taxa bruta de nupcialidade⁵, com algum recuo, apresentando-se em 1981 com 7,8% e em 2018 com 3,4% (PORDATA, 2019).

Considerando a análise descrita, é possível concluir que as famílias estão perante contínuas e inevitáveis transformações, desafios e oportunidades, na sua própria estrutura e nas relações estabelecidas.

1.3 Responsabilização da família para o equilíbrio social

Perante todas as transformações e evidências fatuais, torna-se fundamental chamar a responsabilidade e idoneamente da família perante aspetos que na contemporaneidade se tornam evidentes, nomeadamente a resolução de problemas de natureza económica, política e legislativa, nos planos da segurança social, do emprego, das condições de vida, da matéria fiscal, da urbanização e habitação, entre tantos outros aspetos de carácter crucial. Estes são os aspetos que na contemporaneidade são ressaltados confrontando a instituição familiar sobre a necessidade da sua responsabilização.

No plano social a família tem de se assumir como sujeito da política social e não unicamente como destinatário passivo de assistência (Martins, 2008). A proteção social, resultante das políticas sociais, respondem maioritariamente às necessidades dos indivíduos no sentido de proteger os direitos individuais (Ferreira, 2009). É desejável, que a proteção social seja uma resposta para a família, contribuindo para a unidade e estabilidade familiar. Esta é uma necessidade. A necessidade de familiarizar os serviços e prestações sociais (Ferreira, 2009; Félix et al., 1994).

A Carta Social Europeia com a revisão de 1996, consagra no artigo 16.º o

“Direito da família a uma proteção social, jurídica e económica, com vista a assegurar as condições de vida indispensáveis ao pleno desenvolvimento da família, célula fundamental da sociedade, as Partes comprometem-se a promover a proteção económica, jurídica e social da vida de família, designadamente por meio de prestações sociais e familiares, de disposições fiscais, de encorajamento à construção de habitações adaptadas às necessidades das famílias, de ajuda aos lares de jovens ou de quaisquer outras medidas apropriadas.” (Carta Social Europeia Revista [CSER], 1999, p. 9).

⁴ PORDATA - Esperança média de vida. Acedido em 11 de novembro de 2019 em <https://www.pordata.pt>.

⁵ PORDATA - Taxa Bruta de nupcialidade. Acedido em 11 de novembro de 2019 em <https://www.pordata.pt>.

A família é considerada uma estrutura única, caracterizada como a mais genuína, humanizada e eficaz instituição de proteção social, que forçosamente terá de se afirmar como o elemento decisivo de progresso social gerador de mais e melhor solidariedade (Amaro, 2015; Coelho, 2012; Louro, 2012). Não obstante, é fundamental referir que esta disposição não têm a finalidade de suprimir as funções do Estado e ou de ser uma espécie de anti-estado, é antes um desafio lançado às organizações primárias da sociedade.

O princípio de subsidiariedade exige que a pessoa e a família sejam a pedra angular dos programas sociais do futuro, com uma perspetiva assente na cooperação de redes primárias de solidariedade, nomeadamente, através da rede de vizinhança, através da rede institucional porvindoura de instituições de solidariedade social, misericórdias e outras e ainda através do trabalho proveniente de profissionais intervenientes da área social (Félix et al., 1994). Desta forma, passa-se de um único ator social, nomeadamente, o Estado, para outros intervenientes da esfera social (Caeiro, 2009). Segundo Félix et al. (1994) e Martins (2008) é fundamental reorientar as prestações e serviços sociais através de um renovado papel das pessoas, da família e das sociedades intermédias, na coprodução de serviços sociais, na intermediação desburocratizada do entendimento das dificuldades. Esta intervenção mais abrangente de múltiplos atores sociais permitirá, entre outros aspetos, a construção de redes mais informais, da avaliação de políticas sociais e critérios normativos, em resposta a uma maior equidade e eficácia familiar, permite a existência de um modelo reparador de carências provenientes das famílias promovendo um modelo de responsabilização e preventivo, entre outros aspetos.

Face a este enquadramento e não desresponsabilizando o Estado das suas funções, este último deve continuar a estimular e apoiar o surgimento de iniciativas da sociedade e o pleno desenvolvimento das funções familiares, nas áreas da assistência social, da saúde, da habitação, da segurança social, do mutualismo, das iniciativas locais de emprego, entre outras (Félix et al., 1994). O Estado, neste sentido, representa uma supremacia nacional, austeridade institucional, com uma afirmação rigorosa e eficaz junto da sociedade. É função deste, cooperar, apoiar e estimular o desenvolvimento pleno das funções específicas das famílias, não devendo substituí-las, todavia, no que lhes é e deve ser próprio (Caeiro, 2009).

O Estado Português deve, inequivocamente, “reconhecer a família como o elemento fundamental da sociedade e como o espaço natural de realização da pessoa e de solidariedade entre gerações” (Félix et al., 1994, p. 23). Neste contexto, a estrutura familiar deverá criar condições que: protejam a maternidade e parentalidade, com valores

humanos e sociais, não apenas biológicos mas sobretudo educativos e relacionais; reconheçam a insubstituível função dos pais na educação dos filhos; consolidem a função da família enquanto transmissora de valores e veículo das relações entre diferentes gerações; favoreçam, no âmbito das políticas laboral e social, condições para a igualdade de géneros na partilha das responsabilidades familiares; estimulem o voluntariado e as redes primárias de solidariedade como estruturas essenciais de apoio à Família; intensifiquem o associativismo familiar e a voz das Famílias na vida social, económica e cultural; fortaleçam o carácter global e integrado das várias políticas sectoriais e redistributivas com incidência familiar; e, aumentem o grau, qualidade e difusão da informação sobre os direitos familiares (Gomes-Pedro, et al., 2005).

Inevitavelmente, a família será um tema de futuro, de progresso e de esperança. Será sempre parte integrante do progresso da humanidade. É na família onde os laços da exigência são fortificados, onde se reforça o núcleo essencial de convivência, como sendo a primeira escola de equilíbrio, de civismo e de trabalho e onde o desenvolvimento da personalidade e da dignidade de cada elemento é cimentado (Giddens, 2013; Louro, 2012; Coelho, 2012).

Segundo Giddens (2013), sendo as famílias encaradas como um sistema aberto e enquanto processo de socialização, permitem interiorizar valores e normas sociais para a sua formação e desenvolvimento. A família para além de estar sujeita a apreciações e influências em todo o seu processo, em situações, cuja estabilidade familiar é notória, permitem a existência de um equilíbrio do sistema como um todo, isto é, enquanto estabelece uma ligação com a sociedade, contribui igualmente para o equilíbrio social.

1.4 Intervenção do Serviço Social com famílias na ótica sistémica

No âmbito do Serviço Social tem sido crescente o número de investigações que apontam para a natureza de um objeto de estudo novo e instigante, respetivamente as representações sociais. Investigam-se objetos específicos que fazem parte da intervenção do assistente social, considerando o conhecimento e perceção que os sujeitos participantes das pesquisas detêm sobre esses mesmos objetos. Pelo que é insuficiente analisar os fenómenos apenas numa dimensão quantitativa ou contextualizá-los numa perspetiva histórica. Para uma análise mais exata sobre o fenómeno social a investigar é fundamental considerar as representações que os sujeitos constroem sobre ele (Vala & Castro, 2013).

Considerando a intervenção do Serviço Social com crianças e com as suas famílias, remetendo as transformações existentes na estrutura familiar para a génese e o desenvolvimento teórico-prático do Serviço Social, é fundamental ter em consideração as transformações ocorridas na família devendo ser evidenciados alguns aspetos que condicionam os quadros da vida quotidiana destas, como aponta o autor Feio (2000).

Os processos familiares e as variações de estatuto dos membros da família, através dos conflitos conjugais, da estrutura familiar, dos estilos parentais, da saúde mental dos pais, dos padrões de comunicação e dos fatores de stress na e da família, produzem, em grande escala, influências para o desenvolvimento infantil (Feio, 2000).

Segundo Campanini (2015) a génese da intervenção do Serviço Social com famílias remonta, enquanto profissão, para uma sociedade industrializada, em que a questão social é aclamada num período de Estado capitalista. Neste período histórico, a intervenção do Serviço Social era remetida para situações da vida social e familiar, respetivamente intervenções na área da higienização, do moralismo e do conservadorismo, permitindo a formação de padrões de comportamentos, costumes e valores, e ainda, o exercício da disciplina, orientação e supervisão sobre a educação, saúde, higiene e sexualidade dos sujeitos e das suas famílias.

Considerando a análise de Nogueira (2011), a intervenção do Serviço Social é destacada, desde a sua génese, pela necessidade de obter uma visão global da situação da pessoa, obtendo uma relação desta com o ambiente, o mesmo refere o autor Campanini (2015) e Gimeno (2001) considerando a família enquanto espaço-chave para a configuração da própria identidade. Perante este facto, o Assistente Social foi dos primeiros profissionais a considerar que a intervenção num único indivíduo podia alterar as relações existentes no seio da família e que os comportamentos de um membro seriam gerados a partir de outro membro de forma reativa (Barreiros, 2015).

Neste sentido, e segundo o autor Campanini (2015) e a autora Guadalupe (2016), consideram que as teorias sistémicas relacionais contribuíram para fortalecer e certificar a visão do Serviço Social, no sentido em que coloca a pessoa no centro da sua intervenção, tendo em consideração o seu contexto. Considera-se objeto de estudo as relações existentes com o ambiente familiar, as instituições e o sistema de recursos, de modo a compreender a situação geradora de dificuldade, modificando as causas que a determinam.

Ainda que o Serviço Social tenha vindo a sofrer severas transformações na sua área interventiva, mantém a sua prática direcionada para as famílias, cumprindo as

diversas formas de intervenção, quer através de instituições públicas e ou privadas, quer através de organismos não-governamentais (Barreiros, 2015).

A prática do Serviço Social desenvolve-se numa sociedade globalizada, mundializada e em contextos de privação, cuja complexidade, dilemas e tensões existentes submetem os Assistentes Sociais a deter uma atitude reflexiva, com um pensamento crítico, cientes de que a prática e teoria estão fortemente interligadas, fomentando uma prática crítica, gerindo a inércia e as fragmentações de contextos incertos (Ferreira, 2014; Carvalho, 2010).

Na intervenção do Serviço Social, as famílias são das principais unidades de análise, cuja complexidade destas são expostas através dos diversos tipos de estruturas familiares existentes, respetivamente, as famílias recompostas, monoparentais, nucleares, do mesmo sexo, entre outras. Para o Serviço Social, a organização familiar orienta-se por valores que respeitam a individualidade e a liberdade dos seus membros, considerando as transformações históricas e atuais que se debruçam no seio da família, sejam estas de ordem social e ou cultural (Carvalho, 2010).

As perspetivas das quais a intervenção do Serviço Social se pode desenvolver consistem numa perspetiva instrutiva e de construção social, tendo em consideração a complexidade e a relação existente entre os vários intervenientes, potenciando uma relação que favoreça e que torne viável a mudança (Campanini, 2015; Ferreira, 2009).

Segundo análise aos autores Nogueira (2011) e Campanini (2015) na intervenção com a família, tem-se em consideração os princípios teóricos do modelo sistémico. Através da análise da situação, o assistente social, com recurso do genograma, do ecomapa e da análise qualitativa das relações, identificará quais os sistemas envolvidos que se expressão com maior incidência no problema. Na fase de avaliação, selecionará os que devem entrar no projeto e definirá o papel destes como sistemas de ação ou alvos de intervenção.

O aconselhamento psicossocial é fundamental para a prática do assistente social, caracterizado pelo esclarecimento e apoio, análise das relações familiares e dos aspetos de organização e de gestão que a família enfrenta diariamente (Guadalupe, 2016).

Considerando a intervenção do Serviço Social numa vertente holística, segundo Amaro (2015) e Almeida & Freire (2003), cujo papel de uma equipa multidisciplinar favorecerá uma resposta orientada e centrada na melhoria da qualidade de vida do sujeito, partindo do pressuposto que o comportamento das pessoas é diretamente determinado pelos acontecimentos exteriores ao indivíduo.

A intervenção do Serviço Social com famílias permite melhorar o seu bem-estar, capacitando-as e permitindo-lhes desenvolver competências para o seu futuro, “as famílias são espaço de realização das crianças, no seio das quais aprendem através de interações repetidas ao longo do tempo e não durante uma intervenção centrada no tempo e no espaço” (Shirley, 2015, p. 25-26), pelo que é possível afirmar que a intervenção com famílias deve contribuir para a promoção das relações familiares (Nogueira, 2011).

Segundo a autora Guadalupe (2016) e Shirley (2015) partindo do pressuposto de que a teoria geral dos sistemas representa a intervenção com famílias, permite enquadrar a família num contexto interdependente entre o físico e o biológico, sujeita a evoluções e mudanças.

Sendo a família o primeiro e principal agente de socialização que permite o desenvolvimento intelectual, afetivo e social das crianças (Leite, 2015; Coelho, 2012; Ferreira, 2009), deve ter-se em consideração os seus recursos, as interações existentes, nomeadamente, identificação da localização geográfica, composição, número de elementos, nível socioeconómico, referências culturais, características individuais de cada membro e, ainda, as fases e os estágios do ciclo de vida em que se encontra segundo (Caníço, et al., 2011; Gimeno, 2001; Shirley, 2015).

Sobrepondo um olhar do Serviço Social na intervenção sistémica, considera-se que o modelo sistémico “correlaciona as interações e transações das dinâmicas resultantes entre o contexto envolvente e o sistema. Este modelo condiciona os acontecimentos sociais à sua envolvente, ou seja, intervém no contexto, nas relações e nos seus impactos” (Shirley, 2015, p. 35).

Assim sendo, a intervenção social sistémica, articula com a rede social de suporte e potencia a existência de novas redes (Guadalupe, 2016; Ferreira, 2009).

A intervenção com crianças e jovens é evidenciada pela promoção e pelo desenvolvimento das competências parentais. Este facto deve-se por se considerar que o desenvolvimento infantil estar intimamente relacionado com o contexto familiar (Ferreira, 2009).

Deste modo, as competências parentais e a cooperação das funções parentais são apoios essenciais para o sucesso da dinâmica relacional. Estas podem ocorrer em contexto institucional, no domicílio, na escola, entre outros locais. É fundamental o assistente social assumir um papel de parceria assumindo características de recetividade, comunicação aberta, empatia, mutualidade, partilha de responsabilidade e respeito mútuo. Deverá existir um compromisso de envolver as famílias na discussão,

capacitando-as à autonomia, envolvendo-as no planeamento, na avaliação e na intervenção de que serão alvos (Sousa & Pizarro, 2011).

Segundo Shirley (2015) “a compreensão bioecológica e sistémica enfatizam o papel dos diferentes atores e cenários em que decorrem, estabelecendo uma complexa teia de interações recíprocas” (Shirley, 2015, p. 40), pelo que é fundamental que o assistente social adquira uma visão e compreensão holística, facilitando à família a promoção da autonomia e a aquisição de competências capazes de assumir a gestão de situações identificadas como um problema no futuro.

Conclusão do capítulo

A família é apresentada por diversas alterações ao longo da história, potenciadas por mudanças socioculturais e tecnológicas, resultando num paradoxo relacional e comportamental da família. Se numa primeira fase a família era caracterizada por uma unidade reprodutora, na atualidade a família é ostentada pelo afeto e procriação.

A família é a base da organização da sociedade, adquirindo a responsabilização perante a equidade social. Do mesmo modo, o Estado intervém ativamente no sentido de garantir um equilíbrio entre as famílias, não se sobrepondo a estas, mas apoiando-as.

As representações sociais desenvolvidas pela família são fundamentais no que diz respeito ao desenvolvimento saudável das crianças, no sentido em que a família é reconhecida por ser a primeira figura responsável pela educação e socialização destas.

Neste seguimento, o Serviço Social intervém junto das famílias orientando-se por valores que respeitam a individualidade dos membros, potenciando o seu bem-estar e capacitando-os de instrumentos que permitam o desenvolvimento das suas competências.

CAPÍTULO II

SISTEMA EDUCACIONAL E MERCADO DE TRABALHO EM PORTUGAL

Introdução

Neste capítulo será apresentada a investigação realizada em âmbito da evolução do sistema educativo, da sua articulação com o mercado de trabalho e de que forma as famílias se encontram envolvidas.

Considerando o sistema de ensino e o mercado de trabalho como fatores primordiais no desenvolvimento da sociedade, as famílias estão inevitavelmente expostas às exigências do mercado de trabalho no sentido em que as mesmas são imprescindíveis para a evolução deste. A intervenção do Serviço Social em contexto escolar, permite a minimização das consequências resultantes destas exigências, criando uma harmonia entre a escola e a família.

Como tal, neste capítulo serão apresentados e analisados os efeitos, positivos e negativos, que o mercado de trabalho gera em contexto familiar e escolar.

2.1 Evolução do sistema educativo

Ensinar, é das mais antigas preocupações do Homem. Pressupõe-se que a sobrevivência humana está inteiramente ligada à transmissão de conhecimentos, com a necessidade da criação de técnicas cada vez mais aprofundadas e adaptadas às crescentes necessidades sociais (Nogueira, 2011).

Na pré-história, quando o carácter básico da existência ainda colocava o Homem na dependência direta da natureza, foi a educação, muito mais do que eventuais intervenções naturais, que garantiu a evolução e o enquadramento dos conhecimentos, favorecendo sempre as prerrogativas que garantiam ao Homem um carácter de eleição no seio dos outros animais (Patrício, 1990).

Segundo Henriques (2012), no decurso da pedagogia, a educação possui, para além da função transmissora, uma vertente onde a política e a religião estiveram desde sempre demarcadas, alicerçando e fundamentando situações das quais deriva o próprio rumo da sua História.

No século XVII, e focando historicamente os moralistas e educadores herdeiros que remontavam a Gerson, aos reformadores da universidade de Paris do século XV e aos fundadores de colégio do fim da Idade Média, permitiram impor o prolongamento da infância através do sucesso de instituições escolares e as práticas de educação que estes orientaram e disciplinaram (Henriques, 2012).

Com a ascensão de Marquês de Pombal, na vigência das suas reformas, o ensino foi categorizado como uma das atividades mais visadas, sobretudo o ensino dos “estudos menores”, por estar na origem da formação moral e social dos alunos. Sendo a partir de então que o indivíduo se começa a moldar para se ajustar às regras de comportamento que convinham à ideologia do Estado, ainda que, a autoridade máxima do ensino continuasse a ser dominada pela Igreja (Carvalho, 2001).

Em 1799, com a reforma de D. Maria I, verificou-se um acentuado aumento no que respeita às escolas de primeiras letras, em contrapartida do acentuado decréscimo nas disciplinas de ensino médio (Henrique, 2012).

Segundo Henriques (2012) e Carvalho (2001) no período da Primeira República houve uma melhoria dos planos educativos e culturais designada pela “educação republicana”, educação interessada na criação e consolidação de uma nova maneira de ser português. Em 1926, aquando da Revolução de Maio, pouco havia mudado em Portugal. Entre 1910 e 1926, diversas foram as discussões no que concerne à escola e à educação. Ainda que em 1910 fosse perceptível a existência de uma elevada taxa de analfabetismo, a mesma foi gradualmente diminuindo fruto do trabalho educativo desenvolvido pelo Ministério da Instrução Pública em Portugal, sendo este criado em 1870. No entanto, só uma parcela muito reduzida de jovens é que tinham acesso ao ensino em Portugal. Com o agravamento do descontentamento social, o Estado acabou por confinar parcelas do Orçamento de Estado à escola e à educação (Carvalho, 2001).

Do ponto de vista pedagógico, a rutura política que marcou o início do Estado Novo e o fim da I República traduziu-se em aspetos positivos para Portugal, pela mudança política, numa primeira instância, e na aceitação política da pedagogia e da escola, numa segunda instância.

Dá-se a abolição do Ministério da Instrução Pública, sendo criado o Ministério da Educação Nacional, com a opção pela educação em detrimento da instrução, ou seja, potenciou-se o aparecimento de uma escola que dotava os cidadãos de instrumentos de atuação. Através da escola, a religião estava pedagogicamente alicerçada em métodos que potencializassem a moralização dos seus frequentadores, aproximando o Estado e a Igreja, de modo a afunilar os princípios orientadores de todo e qualquer cidadão. Permitia assim, a prevenção de distúrbios e desacordos (Carvalho, 2001).

No Estado Novo, a reforma do ensino primário acabou por se tornar num dos movimentos de mudança mais significativos. A adoção da educação enquanto principal objetivo pedagógico, e a necessidade de operacionalizar as estruturas escolares, com uma

significativa redução de custos do investimento estatal, com a melhoria visível ao nível da doutrinação nacionalista e consecutivamente acompanhada pela extinção do ensino pré-escolar, levou à formação do primeiro ciclo com duração de quatro anos. A aposta na família, enquanto núcleo fundamental da sociabilidade, é fator gerador de um conservadorismo crescente e surge como forma de redução nas despesas públicas com a educação (Henriques, 2012).

As crianças mais jovens, que na I República tinham como resposta o ensino pré-escolar sob a responsabilidade do Estado acarretando elevados custos para este, passam, no período do Estado Novo, a ser da responsabilidade da família. Nas escolas são substituídos os professores por professoras, destacando-se o surgimento de uma mão-de-obra com menores custos e por esta razão, em simultâneo, verifica-se que o mercado de trabalho fica mais liberto (Henriques, 2012).

Apesar de se começar a verificar alguma preocupação na esfera educativa, o regime político nascido da revolução de 1974, não transpareceu avanços e desenvolvimentos na área da educação, da pedagogia e da própria escola na Europa Ocidental (Esteves, 2008). O Estado Português não tinha sido ainda capaz de introduzir na prática educativa aquele que é, por força da própria realidade, o pressuposto essencial da própria educação: a liberdade. A liberdade de aprender e de ensinar, de dotar da capacidade de evolução, enquadramento e de adaptação. Sem liberdade, a escola torna-se estática e incapaz de responder às necessidades dos seus alunos (Neto & Lopes, 2018).

Segundo Henrique (2012), o regime ainda que designado e dotado pela liberdade, não foi capaz de fazer chegar essa liberdade à escola e à educação, que em linha com o que acontece na generalidade dos Estados totalitários, mantêm o controlo efetivo e centralizador de todas as decisões e práticas que na área educativa se vão tomando.

Já no século XXI, as famílias não são ainda detentoras da liberdade de escolha no que diz respeito ao caminho educativo dos seus filhos, respetivamente, na escolha da escola, das matérias e até dos professores que acompanharão os seus filhos no seu processo de crescimento. O mesmo acontece com os próprios professores, segundo análise de Henriques (2012), considerando que a liberdade de escolha da comunidade educativa resultará de uma reforma do sistema de ensino.

Segundo Ramos (2017) e Cardona et al. (2001), o universo familiar das salas de aula deixou de ser constituído apenas por famílias tradicionais para se tornar num ambiente onde prevalece a diversidade. A capacidade de escolha, condicionada não só pela existência de ofertas alternativas como também pela forma como se gere a

informação que permite fundamentar essas mesmas escolhas, é uma das prerrogativas essenciais de todos os cidadãos e exige o desenvolvimento de um sentido de responsabilidade que é essencial para a existência da própria existência do Estado democrático, em linha com aquilo que se afigura essencial para os valores civilizacionais e humanistas que vivemos e defendemos.

2.2 Serviço Social em contexto escolar

Num estudo efetuado sobre os profissionais que desempenham funções na área social, o autor Barreiros (2015) defende que “os trabalhadores sociais intervêm em meios burocráticos e estruturas organizacionais mais ou menos hierarquizadas e formais, maquinismo social, para conseguirem atingir objetivos que se traduzem em benefícios concretos para as famílias acompanhadas” (Barreiros, 2015, p. 212).

O Assistente Social adquire uma base interventiva, orientada pelos valores inscritos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, estando inteiramente ligada ao cumprimento dos direitos humanos, dos direitos sociais, da justiça social (Passarinho, 2012) e da necessidade da sua aplicação com a revolução de abril de 1974, “a consciência dos direitos é uma dimensão fulcral do que estes significam. Neste sentido, os direitos sociais – como os direitos civis ou os direitos políticos- são uma relação que nos ajuda a constituir enquanto cidadãos” (Silva, 2013, p. 12).

Considerando historicamente a importância e a evolução do ensino, o direito a este, assente na igualdade, e o êxito escolar foram inscritos na Constituição da República Portuguesa de 1976. Após 1976, foi instituída a escola pública, sendo que a partir do Decreto-Lei n.º 270/98⁶, de 1 de setembro, foram estabelecidos os direitos e os deveres dos pais e demais adultos em relação aos menores, nomeadamente no que respeita à educação escolar, reconhecendo às famílias um papel insubstituível na educação das crianças e dos jovens.

Reconhecendo a necessidade do Assistente Social em cumprir a implementação dos direitos fundamentais do Homem e acompanhar e intervir na evolução do direito de oportunidade de ensino, dá-se a necessidade da sua intervenção em contexto escolar, sendo que a complexidade deste exige uma intervenção especializada e multiprofissional, que extrapola o tradicional trabalho pedagógico desenvolvido pelos docentes (Sarmiento, 2018), ainda e segundo Nogueira (2011) o Assistente Social possui ferramentas para o

⁶ Decreto-Lei n.º 270/98- Diário da República, I Série, n.º 201, de 1 de setembro de 1998.

alcance dos objetivos da escola, não só na persuasão do sucesso escolar mas também da aquisição de competências pessoais, relacionais e sociais.

Segundo Barreiros (2015) e Camacho (2000), o assistente social deve ter uma atitude crítica, reflexiva, de modo a construir conhecimento na e para a sua prática.

Considerando Leite (2015) em que a intervenção com famílias, sendo o grupo cuja necessidade interventiva em contexto escolar é indispensável, o assistente social compromete-se a respeitar e promover a autodeterminação, a liberdade de escolha e a tomada de decisão desta (Barreiros, 2015), o profissional não substitui a família na tomada de decisões, intervém na promoção do direito à participação e ao envolvimento dos elementos que compõem o agregado familiar, facilitando a comunicação entre as partes (Almeida, 2008), exigindo-se a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade das equipas educativas (Sarmiento, 2018).

Contribuindo para o crescimento global dos alunos e para a integração social e escolar destes, surgem os gabinetes de apoio ao aluno e família, constituído, para além de outros profissionais, de Assistentes Sociais, com o intuito de acompanhar direta e individualmente os alunos e famílias, que voluntariamente se dirigem ao GAAF (Gabinete de Apoio ao Aluno e Família) ou que sejam sinalizadas pelos docentes e comunidade escolar (Simões, 2016).

O acompanhamento prestado pelos técnicos, quer às crianças e jovens quer às famílias, traduz-se numa aposta clara na relação com o outro (Vieira & Vieira, 2016).

A garantir uma intervenção assente no apoio socioeducativo a alunos e famílias, na informação, orientação e encaminhamento das situações sinalizadas, no estabelecimento de estratégias adequadas, na mediação da relação entre aluno, escola e família, no desenvolvimento de atividades que promovam um maior envolvimento destes e no diagnóstico e avaliação de situações de carência económica, o técnico necessita de cooperação, apoio dos pares e de ter a capacidade de partilha, segundo Reis (2008).

No Serviço Social existem compromissos básicos, dos quais, garantir competência do serviço prestado e respeitar os objetivos e as decisões do utente, permitirá a promoção dos interesses deste último; “tratar cada elemento como um todo, considerando a totalidade da pessoa, a família, a comunidade, o meio social e natural, procurando identificar todos os aspetos da vida de cada elemento que compor o agregado familiar” (Barreiros, 2015, p. 214), o profissional não estandardiza a sua resposta.

Segundo os autores Barreiros (2015) e Almeida (2008), a prática do assistente social é demarcada pela contextualização, pela singularidade, potencia a autonomia, a

emancipação e estabelece relações empáticas e de confiança com os elementos da família que acompanha, proporcionando o desenvolvimento de competências pessoais e sociais e de recursos para que os elementos consigam resolver os seus conflitos.

Considerando a intervenção em contexto escolar, importa realçar que as funções que são determinadas ao Assistente Social não adquirem uma avaliação evidente. As ações são bastante diferenciadas, o sucesso educativo dos alunos não surge no imediato e a prática profissional é orientada por diferentes princípios, entende-se, por este facto, que é fundamental o acompanhamento dos alunos e das respetivas famílias na escola, dada a dinâmica e a abrangência das ações praticadas, do estabelecimento de um processo conjunto entre o profissional e a família, constituindo uma parceria para obtenção de respostas (Barreiros, 2015; Coelho, 2012).

Segundo Leite (2015), em escolas com problemáticas evidentes de insucesso escolar, indisciplina, crianças e jovens em situação de perigo, famílias vulneráveis quer ao nível económico, quer também ao nível social e cultural, a extensão de multiculturalidade e o contexto social onde a escola está inserida são fatores que se prenunciam pela necessidade de intervenção.

A extensão de casos atribuídos numa escola ou agrupamento de escolas a um único profissional acarreta resultados que por vezes não são imediatamente satisfatórios (Barreiros, 2015). A esta limitação está ainda associada a limitação do vínculo laboral por parte dos Técnicos que constituem o GAAF (Simões, 2016).

Em jeito de conclusão, e com fundamento na análise de Sarmento (2018), o assistente social adquire na sua intervenção crítica e reflexiva, uma presença imprescindível em contexto escolar.

Perante as crescentes contingências, é fundamental criar uma estrutura prática, flexível e de envolvimento, considerando que a intervenção do Assistente Social é fundamental para desmistificar situações de carências quer económicas, sociais, educativas, entre outras.

2.3 Articulação da família com o sistema educativo e o mercado de trabalho

Considera-se que a família para além de espaço de reprodução biológica é também um lugar privilegiado de reprodução social e cultural realizada no quadro de constrangimentos produzidos pelo sistema cultural e social, ainda que se considere que o papel das famílias não se limite apenas à reprodução das condições materiais de

existência, pois podem desenvolver estratégias que explorem a amplitude em maior ou em menor grau (Coelho, 2012; Sebastião, 2009).

A escola, considerada como uma organização e uma unidade socialmente construída, sofreu ao longo do seu processo de construção grandes transformações (Leite, 2015; Coelho, 2012; Nogueira, 2011; Lima & Meneses, 2018).

Conforme Ramos (2017), considerando a relação estabelecida entre a escola e a família, ou seja, a comunidade educativa, ressalva-se a necessidade colaborativa destes na educação. Resultante desta relação, a família adquire expectativas assistenciais e educativas, bem como o compromisso da comunidade educativa na educação e formação dos alunos (Artigo 39º da Lei 51/2012)⁷.

A Escola tem, sobretudo no período de latência entre os 6 e os 8 anos, um papel de promoção da coesão e da maturidade ou, por outro lado, da regressão ou desintegração da personalidade ainda frágil. Pelo que, de início, o que vai ditar o sucesso escolar dependerá, em grande escala, da capacidade do professor em articular devidamente com a família-escola, permitindo o êxito na transição do meio familiar para o novo espaço social (Carvalho, 2018; Ferreira, 2002).

Segundo Coelho (2012), a escola, como aliada das famílias no processo formativo e no cumprimento das obrigações de pais e filhos, fomentou a definição do estatuto de aluno.

A escola enquanto espaço de interação e socialização institucional confronta-se com a família, já que concorre com esta no que respeita à estruturação dos quadros de disposições das crianças, fazendo-o frequentemente de forma contraditória, pois o processo de socialização escolar é marcado por agentes e sistemas de regras por vezes distintos dos familiares. Da relação existente entre a família e a escola resulta a génese de desigualdades sociais na educação (Carvalho, 2018; Ramos, 2017; Leite, 2015; Coelho, 2012; Nogueira, 2011).

Segundo Lima & Meneses (2018), Leite (2015) e Sebastião (2009) a família, no contexto de socialização, da humanização e da personalização, assume um papel imprescindível para o comportamento e desenvolvimento das crianças, do mesmo modo, possui um papel central na forma como as crianças percorrem a escolaridade.

A longevidade na frequência da escola adquire diferentes reconhecimentos e possibilidades de realização em função dos recursos económicos e sociais dos pais, “a

⁷ Lei n.º 51/2012 – Diário da República, I Série, n.º 172, de 05 de setembro de 2012.

relação entre o nível de escolaridade atingido e a posição social encontra-se estabelecida já há longo tempo na sociologia” (Sebastião, 2009, p. 179), pelo que a escola se tornou num elemento crucial na definição do destino em adulto dos filhos, colocando à prova a própria eficácia social dos pais, da sua capacidade e disponibilidade de investir na educação dos filhos, e de lhes oferecerem as melhores oportunidades (Coelho, 2012; Ferreira, 2002).

Nesta sequência, cruza-se a dimensão do trabalho e da organização familiar, entendendo que se trata de um conjunto estruturado de interdependências e não de atividades ou relações díspares e autónomas (Lima & Meneses, 2018).

Considerando o mercado de trabalho um dos domínios que mais diretamente interfere com o desempenho profissional das famílias, o Estado e o mercado passam a assegurar uma parcela considerável das atividades substitutivas da reprodução social (Nogueira, 2011; Feio, 2000). A disponibilidade de rendimento, e, portanto, de consumo, deve-se à oferta de serviços, nomeadamente creches, escolas, serviço de apoio domiciliário para idosos, entre outras respostas sociais.

Face à necessidade expressa de instituições de carácter social e da sua maior procura, verificou-se que ao longo da história, a proteção social e as políticas públicas, procuraram responder às necessidades despoletadas pela exigência do mercado de trabalho, através da intervenção de múltiplos atores, de natureza privada e ou pública (Neto & Lopes, 2018; Caeiro, 2009).

Debruçando este tema sobre a atualidade, e do ponto de vista da atividade económica, os atores intervenientes são sobretudo as famílias, as empresas e o Estado, com características variadas e que operam em modos económicos distintos (Caeiro, 2009).

No que concerne à Economia Social, o Estado tem um papel menos significativo na sua intervenção direta, destacando-se sobretudo as instituições de carácter social. A este facto associa-se a consciência do défice interventivo do Estado e do mercado, sobretudo em âmbito social, o primeiro em âmbito da eficácia dos serviços, o segundo, no campo da igualdade do acesso (Feio, 2000).

Devido à crise económica a partir da década de 70, que originou a oscilação das economias mais desenvolvidas, acabou por criar consequências nefastas resultando numa crise de sistemas de proteção social. Em diversos países o Estado providência apresentou-se incapaz de responder às necessidades existentes, face à amplitude do desemprego e,

em particular, aos efeitos cumulativos que conduziram à exclusão dos extratos significativos da população (Souza, 2019).

No terceiro sector, baseado numa economia solidária e apoiado em diversos processos de associativismo, articulam-se as formas mais tradicionais de filantropia e caridade. Certo é, que este dinamismo acarreta uma responsabilidade redobrada no sentido em que o Estado e mercado estão limitados na sua resposta (Falcão, 2012).

Segundo dados de 2019 do PORDATA⁸, relativamente ao ponto de vista económico das famílias, o rendimento médio disponível das famílias reduziu em 8,2% de 2000 para 2018⁹, sendo estas as unidades de consumo que carecem de recursos para subsistir às necessidades decorrentes do quotidiano, este decréscimo resulta em consequências para a persecução do bem-estar e equilíbrio da estrutura familiar.

Não obstante, o desemprego deve ser também ressaltado, “o desemprego é não só uma doença económica e social, mas também familiar” (Félix et al., 1994, p. 16). Ao contrário de uma família em que o emprego prospera um maior bem-estar e permite a aquisição de bens e serviços promotores de uma melhor qualidade de vida, por outro lado, evidencia-se o desemprego, enquanto problema económico que está entre os mais graves problemas sociais.

Considera-se que a integração social na escola conduz a uma transformação da sua cultura e consequentemente a uma mudança na sua base moral (Lima & Meneses, 2018; Nogueira, 2011). Segundo Coelho (2012), esta persecução altera as relações dentro da escola e entre a escola e a família, correspondendo a uma mudança básica na sociedade. Por outro lado, ainda, o mercado de trabalho propõe efeitos quer positivos, através da garantia de entrega de rendimentos resultantes do trabalho potenciando um maior bem-estar ao agregado familiar, quer negativos, provenientes pelo desemprego, limitando a aquisição de serviços e de bens promotores de uma maior qualidade de vida da família.

Conclusão do capítulo

A literatura mostra-nos de que forma o sistema educativo e o mercado de trabalho estão articulados com as estruturas familiares.

⁸ Fonte: Pordata. Acedido em 12 de novembro de 2019 em <https://www.pordata.pt>.

⁹ Rendimento médio disponível das famílias. Fontes de Dados: INE, PORDATA. Fonte: PORDATA. Acedido em 13 de novembro em <https://www.pordata.pt/Portugal/Rendimento+médio+disponível+das+famílias-2098>.

Considerando a evolução do sistema educativo, a necessidade gradual de garantir recursos que potenciem a aprendizagem assentes numa pedagogia de desenvolvimento e liberdade pessoal, afigura-se pelos desafios permanentes da atualidade.

Perante os desafios progressivamente mais complexos presentes em contexto escolar, o Serviço Social intervém num dualismo relacional entre alunos/ família e escola, para a aquisição de competências e para a persecução do sucesso escolar.

A este dualismo relacional é apresentando o mercado de trabalho e a exigência deste sobre as famílias. Desta exigência resulta o surgimento de respostas institucionais organizadas pelo Estado, empresas e famílias, que garantem a cobertura de apoio às estruturas familiares.

CAPÍTULO III

NOVA INFÂNCIA E NOVA FAMÍLIA

Introdução

O objetivo deste capítulo é o de definir e elucidar a infância na sociedade contemporânea, considerando a sua construção social decorrente desde a sua génese até à atualidade.

Considerando a criança como sujeito de direitos, ao analisar a evolução histórica do conceito, ressalva-se a importância da infância como sendo uma área de intervenção prioritária, reconhecendo a criança na família pela necessidade de garantir o crescimento e bem-estar desta, legitimando a importância de um ambiente familiar marcado pelo afetividade e harmonia para o seu pleno desenvolvimento. Do mesmo modo, a intervenção do Estado é imprescindível no sentido em que deve assegurar que os direitos das crianças sejam garantidos sem distinção.

3.1 Infância

Considerando o século XX como o século dos direitos da criança, foi neste mesmo século cuja edificação de um quadro jurídico-legal de proteção às crianças surgiu, bem como as grandes respostas sociais de apoio a infância.

Ao analisar a situação da infância em Portugal, esta é caracterizada por um conjunto de avanços, impasses, retrocessos e grandes desafios, seja na afirmação dos direitos da criança, seja na edificação de condições de bem-estar social para este grupo social. Como exemplo, obtém-se a confirmação de que Portugal foi um dos primeiros países a aprovar, em 1911, uma Lei de Proteção à Infância a consagrar na Constituição da República de 1976¹⁰, como direitos fundamentais a infância e a ratificar a Convenção dos Direitos da Criança em 1990¹¹.

Com base nos termos da Convenção sobre os Direitos da Criança (1990), criança “é todo o ser humano menor de dezoito anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo” (Artigo 5º da Resolução da Assembleia da República n.º 20/90)¹². Ferreira (2009) e Delgado (2006) referem que a criança tem direitos de participação, nas aprendizagens do exercício dos direitos e do cumprimento dos deveres contemplando o desenvolvimento natural e intrínseco a qualquer ser humano, nomeadamente o desenvolvimento da autonomia e da autoestima, formação cívica,

¹⁰ Constituição da República Portuguesa - Diário da República, I Série, n.º 86, de 10 de abril de 1976.

¹¹ Resolução da Assembleia da República - Diário da República, I Série, n.º 26, de 31 de janeiro de 1990.

¹² Resolução da Assembleia da República n.º 20/1990 - Diário da República, I Série, n.º 211, de 12 de setembro de 1990.

interiorização das regras, desenvolvimento do sentimento de pertença e de inclusão social, entre outros conceitos que permitem às crianças o seu desenvolvimento enquanto cidadãos participativos, justos e solidários.

Remetendo à análise dos autores Tomás & Fernandes (2011), identificando as questões que norteiam a infância estejam excluídas do processo participativo e de decisão na vida coletiva, é emergente a intervenção da comunidade e sobretudo das políticas públicas, no sentido de responder às problemáticas que estão em crescente evolução e subjacentes à infância.

3.2 Construção social do conceito de infância

Largos foram os anos até que as Ciências Sociais e Humanas focassem a criança e a infância como objetos centrais nas suas investigações. Demorou mais tempo ainda para que nessas mesmas pesquisas e análises fossem consideradas as relações existentes entre sociedade, infância e escola, entendendo a criança como sujeito histórico e de direitos.

Existem diversos estudos que resgatam as concepções de infância na história da humanidade através dos autores com maior destaque, nomeadamente, Postman (1999) e Áries (1981). Em geral estes autores esclarecem que o conceito de infância sempre existiu, já desde a pré-história, mas com visões diferentes ao longo dos anos, em que acaba por ser a sociedade e os adultos que determinam a definição deste mesmo conceito (Kramer, 2003)

Na atualidade as investigações que norteiam a infância têm o objetivo de compreender, de uma forma holística, como a sociedade ocidental tem compreendido a infância ao longo dos anos. Desta forma, surge a necessidade de investigar a origem dos conceitos levando em conta o contexto no qual a infância emerge, bem como as suas relações sociais, históricas, culturais, económicas e políticas, como condições determinantes para retratar uma imagem da infância contextualizada (Ferreira, 2009). Retratando o conceito de infância historicamente, só a partir de meados do século XIX é que se começaram a debruçar na análise efetiva sobre a infância, com um conceito oriundo da construção social, pelo que a história da infância retratada na contemporaneidade é sobretudo mencionada a partir desse período (Monteiro, 2014; Lobo, 2009; Kramer, 2003).

Até aos anos sessenta as ciências sociais pouco sabiam de como os indivíduos viviam desde a infância até à velhice, e muito menos se tinham apercebido da importância do contexto, do tempo histórico e do espaço no desenrolar dessas vidas (Lobo, 2009).

Estudos apontam que até aos anos 60 a história da infância e a história da educação eram dois campos distintos e inconciliáveis de pesquisa.

A importância da construção do conceito de infância teve um grande avanço através de publicações de autores como Philippe Ariés, por ser pioneiro nesta temática e, de De Mause, dando início ao aparecimento e evolução do conceito de infância. Destacam-se as obras de Philippe Ariés, em 1973, intitulada por “História social da infância e da família”, e de De Mause, em 1974, intitulada por “A evolução da infância”.

Ariés formulou um novo olhar historiográfico da infância no mundo ocidental, demonstrando que foi uma conceção socialmente construída durante a época moderna e, destacando aspetos relevantes desde a consciência da infância até às especificidades da criança, ou seja, tudo o quanto a diferencia do adulto (Monteiro, 2014; Boto, 2007).

Ainda que o conceito de infância não fosse considerado na construção social, os autores Ariés e De Mause, consideravam nas suas obras que a infância moderna terá sido enfatizada a partir do momento em que se dá a génese de instituições promotoras de proteção e formação para crianças e jovens (Boto, 2007; Azevedo & Maia, 2006).

O desenvolvimento das pesquisas que norteiam o conceito de infância, nomeadamente a interpretação das representações infantis, é objeto de estudo relativamente recente, que permite entender o quão complexo e multifacetado é o processo de construção social da infância e o papel que a escola acaba por desempenhar (Ramos, 2017; Leite, 2015; Lins et al., 2014; Kramer, 2003).

Nesta perspetiva, importa ressaltar alguns aspetos históricos fundamentais para a compreensão da evolução do conceito de infância.

Até meados do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não existia interesse na sua representação. Segundo o autor Ariés (1981) “é mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo” (Ariés, 1981, p. 50).

Verifica-se que é no século XVII onde se dão as primeiras aparições de retratos com crianças provenientes de histórias ou de pintores retratando crianças sozinhas. Este período é caracterizado pela evolução dos temas inerentes à primeira infância (Ariés, 1981; Monteiro, 2014). Foi também no século XVII que os retratos de família tenderam a se organizar em torno da criança, que se tornou o centro da composição (Ariés, 1981).

Entende-se que até o século XVII, a ciência desconhecia a infância, não existindo sequer lugar desta na sociedade, facto este que se deve pela inexistência de uma expressão particular a ela sendo que a partir do século XVIII, começa a surgir o retrato de família, com os diversos elementos na estrutura familiar (Boto, 2007; Azevedo & Maia, 2006; Magalhães, 2005)

Durante a Idade Média, antes da escolarização das crianças, estas eram espelhadas por serem próximas e vinculadas ao mundo adulto visto que o índice de mortalidade era alto. Ainda neste período, as escolas aplicavam conteúdos não vinculados com a idade, sendo que só a partir do movimento intelectual e filosófico oriundo do Iluminismo com o auxílio da pedagogia, é que se dá início às diferentes fases da vida e à sua respetiva valorização, dando abertura à criança a ser tratada como criança (Áries, 1981).

Na sociedade medieval, não existia a divisão territorial e de atividades em função da idade, não existia sentimento de infância ou de uma representação elaborada dessa fase de vida. Ainda que tenha sido nesta fase que se tenha dado início à importância das idades. Desta forma, foram designadas e definidas as “idades da vida” da pessoa, sendo estas englobadas em etapas perfazendo três fases fundamentais. Esta designação de idades da vida, também designada por “idades do homem” ou “idades”, trata-se originalmente de uma terminologia erudita que com o passar do tempo se tornou familiar. Segundo o autor Áries (1981), “as idades da vida ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média (...) empregam uma terminologia que nos parece puramente verbal: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade – cada uma dessas palavras designando um período diferente de vida” (Áries, 1981, p. 33). A definição das diferentes fases das “idades da vida”, foram concebidas no sentido de definir a biologia humana (Áries, 1981).

Na Idade Moderna, a filosofia do autor René Descartes deu origem a um novo tipo de pensamento que revolucionou a história da infância. Diante do dualismo cartesiano, no qual corpo e alma são substâncias distintas, considerou que é a alma que dá ordem ao corpo e comanda os seus movimentos. Descartes supervalorizava estes dualismos, fortalecendo a visão positivista de conceber o mundo e o próprio homem (Nascimento et. al., 2008).

Segundo Monteiro (2014), um outro propósito que se destaca na génese do conceito de infância é potenciado com o surgimento de ideias de proteção. As crianças passaram a ser retratadas como seres biológicos, que necessitavam de cuidados e de uma rígida disciplina, a fim de torná-las em adultos socialmente aceites.

Até esse período, a educação das crianças era sobreposta às atividades da sociedade e nos espaços públicos, contudo, a Revolução Industrial e a consequente urbanização potenciaram o aparecimento da família nuclear extensa do período feudal.

Segundo Caldeira (2004), já no século XIX, estabeleceu uma visão de criança sem valor económico, mas com um enorme valor emocional, criando uma conceção de infância plenamente aceite no século XX, “os primeiros anos do séc. XX parecem testemunhar uma nova forma de encarar não só a criança, como também os diferentes meios de lhe garantir assistência” (Caldeira, 2004, p. 9).

Observou-se na Europa Ocidental um movimento de particularização da infância ganhando relevo a partir do século XVIII, com alterações na estrutura familiar. A família passou a ser retrata pelas “grandes transformações e criam-se novas necessidades sociais nas quais a criança será valorizada enormemente, passando a ocupar um lugar central na dinâmica familiar” (Lins et al., 2014, p. 131), valorizando-se o afeto e o cuidado profissionalizado às crianças, através de amas e posteriormente da frequência da escola (Monteiro, 2014; Magalhães, 2005).

Segundo Azevedo & Maia (2006), a infância passou a ser reconhecida como uma fase diferenciada do ciclo da vida e como algo novo na história da humanidade. Desta forma, confirma-se que a história da infância só começou a ser descrita por consequência do anonimato em que a criança viveu no mundo ocidental até o século XVIII. A partir desse século, a infância como categoria histórica, contextualizada, cultural e social, passou a apresentar diferentes imagens sociais (Postman, 1999).

Foi através do autor Jean Jacques Rousseau, considerado um dos primeiros pedagogos da História, que a criança começou a ser analisada de maneira diferenciada. Foi nesta conjuntura de ideias que o próprio Estado alterou a sua visão perante as crianças, permitindo que existisse um maior bem-estar destas, debruçando-se na alteração do plano formativo e educacional que as mesmas viriam a usufruir (Monteiro, 2014). Desta forma, a criança passa a ser vista enquanto indivíduo social, com um papel central nas preocupações familiares e da sociedade. Assim, a partir do século XX, e segundo o autor Postman (1999), nasce um novo conceito de criança, considerando que é um ser que tem características bio-psico-sociais que diferem das do adulto e, portanto, merece ter uma atenção particular e personalizada em função da sua idade e das suas necessidades (Monteiro, 2014).

O mesmo é visível, segundo os autores Luiz de Pina (1939) e Azevedo & Maia (2005) ao referirem a necessidade do Estado, da escola e das famílias, em intervir no

direito da criança, na prevenção de padrões desviantes, no cumprimento de hábitos alimentares saudáveis, focando a necessidade de existir uma supervisão destes às suas crianças e jovens abstendo-se da negligência.

Segundo Monteiro (2014), ainda que atualmente a infância seja perspectivada da forma que aos nossos olhos parece ser a mais correta, é fundamental considerar que o processo contínuo de aprendizagem, de descoberta e de conquista são fundamentais no que à proteção da infância diz respeito.

3.3 Processo de socialização na infância

Focando os autores Foracchi & Martins (1983),

“sociologia não se limita ao estudo das condições de existência social dos seres humanos. Todavia, essa constitui a porção mais fascinante ou importante de seu objeto e aquela que alimentou a própria preocupação de aplicar o ponto de vista científico à observação e à explicação dos fenómenos sociais” (Foracchi & Martins, 1983, p.11).

Perante esta análise, seria improfícuo separar a sociologia das condições históricas de existência.

As ambições intelectuais de autores como Saint- Simon, Comte, Marx e Riehl, e outros, foram além do conhecimento positivo da realidade social. Conservadores, reformistas ou revolucionários, aspiravam fazer do conhecimento sociológico um instrumento de ação, com a intenção de modificar não propriamente a natureza humana em geral, mas a própria sociedade em que viviam (Foracchi & Martins, 1983).

A explicação sociológica exige, como requisito, um estado de espírito que permita entender a vida em sociedade como estando submetida a uma ordem produzida pelo próprio concurso das condições, fatores e produtos da vida social.

Partindo do pressuposto de que a vida é iniciada com o nascimento, entende-se que o foco inicial da criança, sobretudo do bebé, é a relação com o seu próprio corpo e ambiente físico. Aquando do seu nascimento, o bebé depara-se com estímulos externos e uma aparente diversidade de experiências, sendo neste momento que a sua socialização se dá início (Foracchi & Martins, 1983), através do reconhecimento e da relação que mantem com as pessoas que se encontram à sua volta.

Segundo Louro (2012), o mundo da criança está inevitavelmente ligado a outros seres humanos, e é essa ligação bem como a experiência que recolhe dela, que constitui o ponto crucial nos padrões de comportamento da criança. Os padrões que são

socialmente impostos à criança podem resultar das características peculiares dos adultos que lidam com ela (Goleman, 2012).

O processo de socialização é também caracterizado por ser o processo por meio do qual o indivíduo aprende a ser membro da sociedade, sendo que existem diversas formas que permitam a existência desse mesmo processo (Foracchi & Martins, 1983; Louro, 2012).

Segundo os autores Neto & Lopes (2018) e Gill (2010), referem que as atitudes proibitivas dos adultos remetem para a afirmação de que a infância tem vindo a ser marcada por uma redução de liberdade de ação das crianças e pelo crescimento do controlo e da supervisão dos adultos. A superproteção adulta e institucional retira a possibilidade das crianças terem uma infância feliz, por não experimentarem situações corporais próprias da sua idade que se revelam fundamentais na formação da sua personalidade e da sua identidade (Neto & Lopes, 2018). Acrescentando a esta análise, Kuhn, Cunha & Costa (2015) consideram que “a infância consiste essencialmente em se fazer descobertas. É um período em que as crianças aprendem sobre si mesmas e sobre as suas próprias capacidades” (Kuhn, Cunha & Costa, 2015, p. 106).

Regressando ao conceito de socialização, este é caracterizado pela imposição de padrões sociais de conduta individual que interferem nos processos fisiológicos do organismo. Para além das determinações naturais, as culturas humanas produziram e prosseguem produzindo significações para cada uma das etapas da existência do homem, nomeadamente, as regras de conduta que são institucionalizadas para cada fase da vida e são expressas através do desempenho de papéis sociais. Desta forma, a construção social da infância concretiza-se pelo estabelecimento de valores morais e expectativas de conduta para esta (Nascimento et al., 2008). Os padrões impostos divergem consoante as características individuais dos adultos que cuidam da criança, mas também dos vários grupos a que pertencem esses adultos.

Entende-se que o processo de socialização assim que imposto, torna-se fundamental pois se assim não fosse, a criança seria perturbada e o processo de socialização não poderia ser levado avante, “a socialização passa a ser considerada um processo de iniciação por meio do qual a criança pode desenvolver-se e expandir-se a fim de ingressar num mundo que está ao seu alcance” (Foracchi & Martins, 1983, p. 205).

Considera-se, portanto, que a socialização é um processo de iniciação num mundo social, com formas de interação distintas e com diversas interpretações. Assim, o que inicialmente aparenta ser estranho aos olhos da criança, esta acaba por inevitavelmente

adquirir o conhecimento de tudo aquilo que a rodeia, fazendo parte da sociedade e nela participar espontaneamente (Neto & Lopes, 2018, Monteiro, 2014, Louro, 2012, Goleman, 2012).

Não obstante, a linguagem, torna-se também um elemento fundamental do processo de socialização, sendo o meio pelo qual permite a transmissão e retenção de significados socialmente reconhecidos. Através destes e das experiências geradas, a criança tem também a capacidade de refletir, tomando consciência de si mesma como ser individual e com capacidade de interpretar a realidade e planear o futuro (Louro, 2012).

É fundamental referir que a socialização não é somente um processo de modelagem, é igualmente um processo recíproco que afeta não apenas o indivíduo socializado, mas também os socializantes, “a nossa infância é profundamente marcada pelas experiências de contacto com a natureza, efetivadas em companhia dos pais, dos amigos e também sozinho” (Neto & Lopes, 2018, p.11).

Face ao exposto, é possível afirmar que os adultos modelam o comportamento da criança, o socializante, e existe uma reciprocidade de relação e um paralelismo que é proveniente da interação com outros, entre o socializante e o socializado, promotores de aprendizagem e modelagem de ambas as partes. Ao referir que existe uma reciprocidade afirma-se que a socialização não é estanque e adquire uma continuidade permanente (Ferreira, 2004).

Torna-se clara a existência de um certo paralelismo entre os processos biológicos do crescimento e a socialização. Parte-se do pressuposto que a sociedade tem a capacidade em dispor de um campo bastante amplo ao decidir o que será a infância, quer através de resultados biólogos e de resultados psicológicos, quer através de resultados sociológicos, ou seja, por um lado a definição da infância é baseada no grau do desenvolvimento do organismo, segundo o biólogo, por outro é baseada no desenvolvimento da mente, segundo o psicólogo, por fim, o sociólogo afirma que a infância depende da construção social (Goleman, 2012).

A infância, como atualmente é designada, foi criada numa época mais recente da história do Ocidente, prevalecendo a criança numa idade especial e altamente protegida. Proteção essa expressa através de crenças e valores, através da legislação cada vez mais focada nos direitos das crianças, em respostas mais personalizadas e adaptadas às suas necessidades e ainda, no desenvolvimento de investigações de carácter social e educacional, ajustadas às crescentes carências detetadas em meio escolar e familiar (Neto & Lopes, 2018; Monteiro, 2014; Louro, 2012; Goleman, 2012).

Conclusão do capítulo

Da análise realizada à literatura apresentada, considera-se que o conceito de infância permite a obtenção do retrato de um indivíduo social, centrado nas preocupações familiares e da sociedade e que necessita de cuidados especializados. Ainda, ao elaborar um conjunto de características sobre a criança, reconhece-se a infância como um momento de desenvolvimento humano, abrindo campo para vários estudos e orientações no cuidado e educação deste grupo etário.

No que concerne ao processo de socialização na infância, conclui-se que a criança desenvolve competências, valores, hábitos e motivos que as tornam membros detentores de responsabilidade e produtivos na sociedade. Por este facto, o processo de socialização na infância se torna tão importante pois é a etapa de formação do seu carácter. Ao socializar, a criança depara-se com vários cenários, diferentes situações, tal como diferentes pessoas, o que contribui para que esta cresça com uma visão mais ampla do mundo que a rodeia. Do mesmo modo, a criança ao socializar obtém a aprendizagem de conceitos básicos de convivência, de compreensão e a aquisição de ferramentas que permitam ultrapassar situações de conflito. Estes comportamentos que resultam do processo de socialização, tornam-se fulcrais na garantia que, a outrora criança, seja um adulto íntegro e entrosado.

CAPÍTULO IV

CARACTERIZAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES NA INFÂNCIA

Introdução

Neste capítulo, será apresentada e analisada a emergência no envolvimento do *empowerment* político e social para o entendimento de questões relacionadas com a infância, incidindo na saúde, educação e proteção social, assistindo-se a uma evolução histórica do assistencialismo ao estabelecimento de um suporte jurídico direcionado para a proteção da criança e família.

Os tempos livres, enquanto atributo do homem livre, são consagrados na infância perante uma sociedade mais indisponível, zeladora pela proteção das crianças, deixando, por vezes, de garantir que as crianças usufruam do seu tempo de vivência a realizar o que as caracteriza, nomeadamente, brincarem livremente e de forma espontânea.

Por isso, interessa-nos analisar de que forma a ocupação dos tempos livres é efetivada e de que forma é considerada um serviço de proximidade na ótica do Serviço Social.

4.1 Da evolução do assistencialismo ao suporte jurídico na infância

O século XX é considerado o século em que a criança começa a ser respeitada pela sua individualidade, “as décadas finais de Oitocentos espelham as preocupações estatais em relação à criança e ao menor na esfera legislativa” (Ferreira, 2008, p. 158). Reconhece-se a educação de infância como um espaço de fronteira entre diversos espaços de educação e da vida em sociedade (Vasconcelos, 2014).

Segundo Caldeira (2004), a partir deste período, o Estado é caracterizado pela promulgação de legislação que visa a proteção dos direitos das crianças, com garantia de cuidados nas áreas da saúde, educação, assistência e trabalho. A atenção pública dedicada à infância, consequência também da ação de Organizações Não-Governamentais, dos *media* e do contributo do conhecimento científico, tem-se refletido nas agendas políticas, nacionais e globais, através do desenvolvimento de políticas públicas (Sarmiento et al., 2007).

O mesmo acontece com outros campos ligados à criança, respetivamente: o cuidado e a proteção das mulheres grávidas; o campo dos cuidados com a vacinação, sobretudo ao nível infantil; e, os cuidados dispensados à criança e ao jovem ao nível da sanidade escolar, com a existência de fiscalizações bem como a existência de um médico escolar por cada estabelecimento de ensino (Sarmiento et al., 2007).

A grande peça legislativa, a nível assistencial, surge a partir da instauração da República em Portugal, passando a dispor de legislação em concreto sobre as medidas a aplicar aos menores em risco (Monteiro, 2014).

Nesta sequência, surge o Decreto de 25 de maio de 1911¹³, evidenciado pela reorganização de serviços assistenciais já existentes, bem como, o lançamento das bases de uma assistência moderna distanciando-se das outrora medidas caritativas. O presente decreto permitiu o surgimento de outras respostas, com enfoque na área assistencialista e na autonomização de todos aquelas cujas carências económicas mais se evidenciavam. E ainda, o Decreto-Lei de 27 de maio de 1911, que aprovou a Lei de Proteção à Infância que mais tarde deu origem aos atuais Tribunais de Família e Menores.

Decorrente desta, em 1915, surge um diploma legal, respetivamente o Decreto n.º 2053, de 18 de novembro, com impacto junto dos menores considerados maltratados, desamparados ou abandonados, que determinava a criação de um sistema de internato de infância, com fim de integrar menores do sexo masculino entre os 12 e os 16 anos. O presente Decreto surge na sequência de um período de guerra potenciando o agravamento da miséria nacional,

“o sofrimento atinge proporções indescritíveis para os que trabalhando durante o dia, não têm onde possam repousar o seu corpo extenuado durante a noite, e ainda para os menores que, sendo abandonados pela família, vagabundeiam durante a noite, rotos e famintos, procurando nas tabernas uma migalha de pão para iludir a fome” (Caldeira, 2004, p. 19).

Por outro lado, presenciou-se a criação, em 16 de março de 1916, do Ministério do Trabalho e da Segurança Social, surgindo a Direção-geral de Previdência Social e Subsistemas, a Inspeção de Previdência Social e o Freguesia Superior de Previdência Social, competindo-lhes desempenhar tarefas de cunho assistencial, como socorros mútuos, caixas económicas e caixas de pensões, entre outras (Caldeira, 2004, p. 20).

Em 1919, com o Decreto-lei n.º 5611, de 10 de maio¹⁴, assistiu-se à criação de uma instituição com fim à assistência a menores delinquentes e desamparados, enquanto instrumento auxiliar da Tutoria de Infância. Esta instituição era composta por profissionais que recolhiam informação através da vigilância estabelecida aos menores.

Em 25 de novembro de 1925, é extinto o Ministério do Trabalho, regressando então praticamente todos os serviços de assistência para o Ministério Interior.

¹³ Decreto de 25 de maio de 1911 - Diário da República, I Série, n.º 166, de 19 de julho de 1911.

¹⁴ Decreto n.º 5611/1919 - Diário da República, Iº Série, n.º 98, de 10 de maio de 1919.

Segundo Caldeira (2004), considerando a eficácia da legislação no domínio da assistência em geral e remetendo para a área da infância, considera que o primeiro dever do governo de qualquer país seria garantir os direitos fundamentais da infância.

Em Portugal, a infância emerge como questão social relevante a partir do final do século XIX e início do século XX (Monteiro, 2014; Ferreira 2009). Desde esta altura que proteger, cuidar e educar as crianças é gradualmente assumido como um dever do Estado (Ferreira, 2009; Ferreira, 2008). Ainda que tenha sido o século XX a potenciar o surgimento e implementação, através de esforços legislativos, de respostas na área da infância, foi a partir do século XIX que se começa efetivamente a abordar outras questões ligadas inteiramente à área da infância, sobretudo na primeira infância (Monteiro, 2014; Tomás & Fernandes, 2011; Azevedo & Maia, 2006; Magalhães, 2005).

Com incidência na área da saúde, surgiram instituições de apoio a grávidas e recém-mães. De igual modo, os estabelecimentos criados com este objetivo acabaram por alargar o seu acompanhamento nos primeiros anos de vida da criança (Tomás & Fernandes, 2011).

Em 1844, na área da educação, surgiram as primeiras creches com vista ao cuidado de crianças saudáveis cuja família ou amas não tivessem possibilidade de cuidar destas. Ao reconhecer a vantagem destas instituições, outros países seguiram o exemplo de França, estando Portugal também entre estes. Decorrentes do surgimento das primeiras creches, novas respostas na área da educação acabaram surgir. Entre elas, para crianças até aos 6 anos, por iniciativa de particulares, respetivamente os Jardins-de-infância (Leitão, 2013; Caldeira, 2004).

Segundo Esteves (2008), a 5 de outubro de 1910, com a proclamação da República, o índice de analfabetismo em Portugal era limitado em cerca de 75%, pelo que houve um grande esforço no sentido da implementação e desenvolvimento do ensino primário. Em março de 1911 foi decretada a reestruturação da instrução primária e decorrente desta, a instituição oficial do ensino infantil para crianças de ambos os sexos, entre os 4 e os 7 anos. Apesar dos esforços tidos, os resultados não foram os esperados, sobretudo devido à situação instável pela qual o país atravessava, não apenas ao nível económico, mas também político.

Atendendo ao período em questão surgiram como resposta aos alunos com elevadas carências económicas, as cantinas escolares, visando às crianças a frequência escolar e, as escolas gratuitas, mantendo o estabelecimento de aulas, fornecendo livros, vestuário e calçado aos alunos (Caldeira, 2004). Nesta sequência, para além das escolas

gratuitas e das cantinas escolares, surgiu a emergência em intervir junto das crianças que passavam grande parte do seu tempo na rua, motivo este apresentado pela ausência dos pais enquanto trabalhavam, dando surgimento aos recreatórios com a intenção de ocupar as crianças.

Assim, assiste-se à fundação de recreatórios pós-escolares, ligados ao Freguesia das Mulheres Portuguesas, com funcionamento nas instalações das escolas oficiais. Destinavam-se a garantir a ocupação das meninas, após o término definitivo da instrução primária e antes de se iniciarem no mundo do trabalho (Esteves, 2008; Caldeira, 2004).

Outros recreatórios surgiram, sendo em 1917 e 1919 que os dois recreatórios ligados ao Patriarcado mais se destacaram, com grande incidência na proteção das crianças aos perigos que a rua pudesse causar. Ao contrário dos recreatórios pós-escolares, estes ligados ao Patriarcado não detinham um carácter pós-escolar, dando primazia à proteção das “crianças da rua, em geral, e não têm a componente de formação profissional” (Caldeira, 2004, p. 99).

Transportando esta última análise para a contemporaneidade, considera-se que a génese do que na atualidade se designa por CATL (Centro de Atividades de Tempos Livres) é, na verdade, um resultado evolutivo dos recreatórios.

Ainda nesta sequência, o CATL, com a designação que lhe é atribuída desde 1989, surge como resultado de uma preocupação da ação social, com a necessidade de criar “condições que garantam as formas de resposta mais adequadas às crianças e jovens, tendo em vista o seu desenvolvimento integral e a sua inserção na comunidade” (Macedo, 1998, p. 5).

Considera-se portanto, que houve uma preocupação em fornecer aos CATL um suporte jurídico, seja este uma entidade pública ou privada, com ou sem fins lucrativos, no sentido de definir os princípios com os quais as instituições possam orientar a sua atividade, tendo sido divulgados quer pelo Despacho Normativo n.º 96/89, de 21 de outubro¹⁵, quer através do Decreto-Lei n.º 30/89, de 24 de janeiro¹⁶, o esclarecimento das normas reguladoras das condições de instalação e funcionamento dos CATL com fins lucrativos, bem como expressa a necessidade de licenciar previamente a instalação e o funcionamento dos estabelecimentos que desenvolvem atividades de apoio social, no sector da ação social, praticada pela Segurança Social.

¹⁵ Despacho Normativo 96/89 - Diário da República, I Série, n.º 243, de 21 de outubro de 1989.

¹⁶ Decreto-Lei n.º 30/89 - Diário da República, I Série, n.º 20, de 24 de janeiro de 1989.

Não obstante, e considerando a evolução histórica desta resposta, na atualidade os centros de atividades de tempos livres são considerados como sendo uma resposta destinada a proporcionar atividades de lazer a crianças a partir dos 6 anos, até preferencialmente aos 12 anos, independentemente do género, nos períodos disponíveis das responsabilidades escolares segundo o autor Macedo (1998).

Em jeito de conclusão, considera-se que o Estado foi o grande promotor das respostas na área da infância com a implementação de um suporte jurídico que favoreceram o cumprimento dos direitos fundamentais da infância. As organizações católicas também se destacaram com o exercício da sua influência na implementação de respostas junto das famílias e crianças carenciadas. Por outro lado, ainda, a iniciativa de particulares permitiu o surgimento de respostas ligadas à área da infância, minimizando as consequências resultantes das carências vivenciadas pelas famílias e pelas crianças (Vasconcelos, 2014).

Considera-se que as respostas desenvolvidas ao longo do século XX até à contemporaneidade sofreram grandes modificações, resultando na necessidade de serem estabelecidas respostas mais aptas e mais centralizadas nos problemas e necessidades vivenciadas.

4.2 Utopia dos tempos livres na infância

Com fim a esclarecer o conceito de tempo livre, considera-se que tempo é um conceito que deriva do vocábulo latino *tempus*. Refere-se à grandeza física que permite estabelecer e medir uma sequência de acontecimentos e a duração desses acontecimentos (Santos, 2011). Livre, representa aquele que tem o direito de decidir por si próprio, que não está ocupado, descomprometido, não está subordinado a outra coisa. Considerando a análise da autora Garvey (1992), considera que “repousar é, muitas vezes, agradável, livremente empreendido, não possuindo muitas vezes nenhum objetivo específico” (Garvey, 1992, p. 12).

Posto isto, o tempo livre ou de lazer, como também designado, é aquele de que se dispõe para realizar qualquer atividade prazerosa sem que tenha uma obrigação a ela subjacente. No fundo, é uma necessidade tipicamente humana, “sair de casa e desfrutar o ar livre é uma atividade sempre importante na nossa formação motora, psicológica e social” (Neto & Lopes, 2018, p. 11).

Considerando as perspetivas históricas, “não compreenderíamos esta revolução cultural dos tempos livres se não fossem clarificadas as razões históricas no seio da sociedade industrial” (Sequeira & Pereira, 2004, p. 3).

Só a partir da década de 50, designada por civilização dos tempos livres, impera a preocupação com o lazer e o tempo livre, e a necessidade de ocupar o tempo livre com atividades que permitissem uma realização pessoal, repouso e divertimento. Tal como o trabalho, os passatempos aparecem como elemento relevante na cultura ocidental (Sequeira & Pereira, 2004).

Ao longo dos anos houve a necessidade do surgimento de tempos livres, assemelhando-se à definição do conceito atual, sendo esta necessidade o resultado de alterações provenientes do mercado de trabalho feminino, número decrescente de elementos no agregado familiar, do âmbito de espaço de socialização da criança, começando a socializar-se não só na família, mas também fora dela (Costa, 2018).

As alterações na estrutura familiar levaram ao aparecimento da família nuclear em detrimento da família tradicional em que os avós, tios e outros pudessem cuidar da criança. Neste contexto, houve a necessidade dos pais procurarem espaços de tempos livres institucionalizados para que os seus filhos se mantivessem ocupados durante o tempo extraescolar, neste contexto, surgem variadas instituições com fins lucrativos que tentam dar resposta a esta necessidade (Sequeira & Pereira, 2004).

Segundo Neto & Lopes (2018), Araújo & Eduardo (2012) e Gill (2007) consideram que na contemporaneidade o tempo livre, em contexto da infância, é parte integrante do planeamento dos adultos provocando sérias consequências na livre expressão das crianças.

Numa sociedade em que as famílias se encontram cada vez mais ocupadas, centradas na azáfama diária, destinam pouco do seu tempo a refletir sobre as decisões que diariamente tomam no que diz respeito ao tempo livre que é utilizado pelos seus filhos, o que acaba por resultar numa crescente superproteção dos adultos pelas crianças. Considerando que esta superproteção resulta no sedentarismo que atualmente é tão debatido (Neto & Lopes, 2018; Gill, 2007; Dolto, 1999).

Ainda que as crianças necessitem efetivamente da proteção da sociedade, necessitam também de oportunidades que lhes permitam experienciar a aventura (Gill, 2007) e a brincadeira livre (Neto & Lopes, 2018; Leitão, 2013).

Partindo ainda da análise dos autores Neto & Lopes (2018) e Gill (2007), as crianças são hoje definidas como crianças superprotegidas sem tempo suficiente para

brincar, com ausência de liberdade de tempo livre e com a apreensão atípica ao risco proveniente dos adultos. Não obstante, não significa que seja abdicada a defesa de proteção das crianças, mas é reconhecido que “mantê-las seguras implica, inversamente, que elas assumam riscos, para que possam aprender como avaliá-los e como reagir a eles; as crianças nunca compreenderão o risco de a sociedade as impedir de o experimentar” (Gill, 2007, p. 10) ainda, “o confronto com o risco, em brincadeiras livres, é fundamental no desenvolvimento do cérebro no comportamento motor e social, e na regulação e controlo emocional”, ainda, “quanto mais risco, mais criação de segurança” (Neto & Lopes, 2018, p. 35).

Segundo Neto & Lopes (2018), com base em trabalhos de investigação referente ao período em que a criança e o jovem passam na escola, consideram que existe uma correlação entre o tempo que as crianças e jovens têm de recreio, a qualidade de atividades que fazem no recreio e a capacidade de aprendizagem na sala de aula.

Considera-se que o tempo livre nas crianças e jovens resultam de uma aprendizagem, no desenvolvimento da capacidade adaptativa, quer do ponto de vista biológico, quer do ponto de vista social (Leitão, 2013). Nesta sequência, e segundo a autora Maria Irene Carvalho (2018)

“É na aprendizagem, juntamente com a socialização ocorrida nas instituições escolares, que a criança se vai formando enquanto ser humano. Isto é, todas as noções para o conceito de pessoa humana, como a vislumbramos, como inserimos no mundo natural e no social, especificamente como ela se insere operacionalmente nesses dois mundos, dá-se através da aprendizagem. Partindo desse pressuposto, a escola deve ser mais um recurso de formação e estruturação adequado para a criança e, neste sentido, contribuir para o pleno desenvolvimento da sua pessoa.” (Carvalho, 2018, p. 166-167)

A aprendizagem é mencionada pela autora em sede escolar, no sentido em que é na escola onde as crianças passam maioritariamente o seu tempo diário. É, portanto, fundamental criar uma análise mais abrangente sobre os malefícios da ausência de tempo para brincar e das repreensões em perímetro escolar.

Entre outros fatores em análise, destacam-se ainda, as limitações das visitas de estudo, dos intervalos e dos tempos de recreio que estão parcialmente conjugados com aspetos comportamentais dos agentes educativos sobre as crianças, com a intenção de exercer sobre estas a pressão de assumirem atitudes ausentes de risco, segundo Neto & Lopes (2018) e Tim Gill (2007).

Araújo & Eduardo (2012) consideram que viver o tempo da infância é permitir que as crianças se possam surpreender com o que as rodeia e da forma que tanta as características: espontânea e livre. O mesmo é reforçado por Neto & Lopes (2018) face à

necessidade das crianças brincarem de forma livre, de terem tempo de pausa das atividades escolares, em sede de escolar, considerando que existe uma relação direta entre atividade física e desempenho académico. Ainda nesta sequência, é fundamental a criação de espaços que “permitam à criança a ocupação de tempos livres como espaço complementar de educação, recreação e socialização, já que o horário escolar deixa a descoberto um tempo significativo enquanto os pais ainda estão ligados ao mundo do trabalho” (Silva, 2001, p. 69).

Remetendo a análise de Dolto (1999), considerando que os adultos colocam as crianças em moldes sucessivos numa “espécie de gessos morais” (Dolto, 1999, p.157), a um testemunho de um menino de 5 anos, português, extraído da obra do autor Eduardo Sá (2018), intitulada por Livro de Reclamações das Crianças, expõe o seu descontentamento perante a incapacidade dos adultos olharem para este enquanto criança, ou seja, pessoa que necessita de brincar livremente, sem repressões constantes ao seu comportamento natural intrínseco à sua essência,

“Dentro da escola não posso correr no recreio não posso correr em casa não posso correr. Isto é uma canseira! Mas porque é que as pessoas crescidas não escutam as pessoas com cinco anos e apendarem com elas? (...) E porque é que as pessoas crescidas não percebem que as crianças, quando correm, ficam mais atentas, mais inteligentes, mais perguntadoras e mais divertidas? Porquê?” (Sá, 2018, p. 105).

Existe a necessidade de se apelar à necessidade emergente não só dos pais, mas sobretudo destes, em libertarem os seus medos, de darem mais oportunidades às crianças para que estas tenham uma vida mais saudável, mais ativa, com uma exploração do espaço natural, para além do espaço construído (Neto & Lopes, 2018; Lima & Meneses, 2018).

4.3 Ocupação dos tempos livres como serviço de proximidade no Serviço Social

Num sentido restrito, um serviço de proximidade baseia-se na proximidade territorial e relacional bem como na garantia de respostas às necessidades sociais identificadas localmente, mobilizando recursos e estratégias, objetivando o papel do Estado e das organizações aos diversos níveis e sectores, de modo a ajustar os serviços às diversidades existentes (Feio, 2000).

Partindo da perspetiva do domínio da Educação, não alargando nas atividades económicas correspondentes, importa aqui ressaltar a importância do serviço de apoio escolar e ou de centros de atividades de apoio aos tempos livres.

Segundo o autor Feio (2000), considerando os serviços de proximidade, como sendo abrangentes de serviços de natureza social e de tipo relacional, é possível afirmar

que os serviços de proximidade englobam dois segmentos: os serviços de natureza social ou inseridos no âmbito do apoio social; e ainda, os serviços prestados com carácter regular e no domicílio e os serviços organizados numa ótica de vizinhança.

No contexto português e considerando a dimensão da equidade, no sentido de proporcionar a todos, de forma semelhante, oportunidades de acesso a serviços considerados elementares, assume uma particular relevância devendo ser entendida como uma vertente fundamental da coesão social. É fundamental que estes serviços consistam na garantia da satisfação das necessidades sociais básicas, “com o nível de qualidade adequado à natureza das necessidades a satisfazer e em condições económicas adequadas ao objetivo social que lhe está subjacente” (Feio, 2000, p. 39).

Perante as modalidades de apoio social ligadas à área da infância e juventude, salienta-se um crescimento de instituições e utentes, em que os centros de atividades de tempos livres estão incluídos. Verifica-se ainda que é o terceiro sector o maior responsável pela oferta destes serviços, sendo este quem detém um maior número de instituições de grande visibilidade na comunidade (Lucas & Pereira, 2009), por outro lado, o Estado deixa de ter a capacidade de dar respostas suficientes às necessidades da comunidade (Nobre, 2017; Nunes et al., 2001). A intervenção do Estado surge aquando da necessidade de uma intervenção mais especializada, de elevada exigência técnica, sendo que apenas uma franja da população solicita este tipo de apoio devido ao fato de ser uma intervenção mais especializada e com maiores custos de financiamento (Nobre, 2017).

A ocupação de tempos livres e o apoio ao estudo a crianças e jovens em idade escolar acarretam maior predominância de atividades realizadas no âmbito dos agregados familiares. A escola desempenha uma função significativa, sendo que os tempos livres na escola em contexto extracurricular são fortemente destacados pelo período extensivo do horário de funcionamento, vocação prioritária para o ensino e a disponibilidade de recursos que a mesma dispõe¹⁷, ainda que, em diversas situações, a escola não garante resposta a todas as necessidades existentes, segundo referência da família (Feio, 2000).

Perante a análise realizada ao estudo direcionado aos serviços de proximidade proveniente do autor Feio (2000), conclui-se que a procura é elevada, não sendo totalmente satisfeita em quase todos os domínios, especialmente nas regiões do país onde a cobertura é menor. Os domínios em desenvolvimento destacam-se pelo apoio à criança,

¹⁷ Portaria 644-A/2015 - Diário da República, II Série, n.º 164, de 24 de agosto de 2015.

quer no apoio da ocupação de tempos livres e das atividades culturais, quer na prevenção e minoração das situações de risco, “fortemente estimuladas pela crescente consciência da sua importância para o desenvolvimento da criança” (Feio, 2000, p. 94).

Em suma, em termos de mercado, observa-se uma crescente segmentação das ofertas de serviços em termos de atividades e em diversos domínios, refletindo uma evolução das práticas de consumo e da emergência de novas necessidades traduzindo-se em procura.

Ainda que com alterações significativas, o terceiro sector mantém maioritariamente a sua intervenção num prisma em que a oferta adquire uma estrutura de proximidade (Nunes, et al., 2001).

Considerando a ocupação de tempos livres como uma resposta inerente aos serviços de proximidade, esta deverá ser inteiramente retratada enquanto resultado de uma política proactiva e personalizada de apoio às famílias e às crianças (Nobre, 2017).

Conclusão do capítulo

Analisado o envolvimento do Estado na promoção de respostas na área da infância, entende-se que a sua intervenção potenciou a implementação de um suporte jurídico que favoreceu o cumprimento dos direitos fundamentais da infância.

É fundamental que em pleno século XXI se exija um olhar para cada criança e procurar obter dela o que de melhor tem para dar. Para isso, é preciso deixá-la crescer, errar, falhar, sujar-se e magoar-se, mas também é fundamental a permissão da sua autodescoberta e a descoberta do mundo, que encontre os seus talentos e aptidões, defeitos e limitações.

Considerando os objetivos dos serviços de proximidade, enquanto responsáveis pela estruturação de respostas através de um diagnóstico a nível local, com o envolvimento e a articulação de técnicos especializados, deve ter na sua base interventiva modalidades inovadoras que assegurem soluções ajustadas aos problemas.

Sendo a ocupação dos tempos livres das crianças envolvida em severas discussões e análises por se considerar uma resposta maioritariamente desenvolvida em âmbito escolar, ao invés de responder às necessidades de tempo livre que as crianças tanto necessitam, apela-se à necessidade de contemplar a ocupação de tempos livres, enquanto um serviço de resposta (s) a um (vários) problema (s), como sendo um serviço de

proximidade, edificado por parcerias e sinergias locais que se atualizam em conhecimento dos problemas locais e numa resposta mais centralizada.

SEGUNDA PARTE

METODOLOGIA DE PESQUISA

Introdução

Partindo do enquadramento teórico desenvolvido na primeira parte deste trabalho, exposto através do levantamento bibliográfico e documental da temática em estudo, damos início à trajetória da investigação exposta na segunda parte deste estudo.

Na segunda fase deste estudo, amplia-se a abordagem da problemática já abordada ao longo do trabalho, seguindo-se a análise e caracterização demográfica da freguesia sobre o qual incide o nosso estudo, levando à realização da pergunta de partida e objetivos da investigação, condição que impulsionou a procurar respostas.

Considerando que se trata de uma investigação empírica, optamos pela recolha de dados através da escolha ajustada das metodologias de investigação e de uma abordagem centrada no objeto de estudo, de modo a criar uma visão científica dos fenómenos a estudar, respetivamente, sobre os tempos livres nas crianças que frequentam as escolas do 1º ciclo da freguesia de São Domingos de Rana. Desta forma, optamos pela abordagem metodológica qualitativa.

Nesta segunda fase, apresentamos também a identificação e caracterização da amostra.

Assim sendo, damos início à exposição do percurso metodológico sobre o qual é baseado o nosso estudo permitindo o delineio do desenho investigativo.

5.1 Identificação do problema

Considerando que uma investigação tem como ponto de partida um problema, exige uma explicação ou uma melhor compreensão do fenómeno observado (Fortin, 2009), sendo, portanto, fundamental identificar o/os problema/s que é/são particularmente detetado/s na comunidade de modo a intervir na/s sua/s causalidade/s (Guerra, 2002).

Segundo refere Quivy & Campenhoudt (2018) e Coutinho (2016) a problemática é a fase crucial da investigação, em que a sua formulação carece de uma orientação teórica, de uma relação com o objeto de estudo e por sua vez com a pergunta de partida.

Nos estudos desenvolvidos por Neto & Lopes (2018), Sarmiento (2018) e Leitão (2013), observamos que as mudanças sociais presenciadas nos últimos anos alteraram significativamente a estrutura da família, da escola e da comunidade e com estas modificaram-se os hábitos e as rotinas das crianças e jovens. O brincar na rua, que outrora seria tão destacado, atualmente é uma utopia, “não se trata de defender o mito do passado,

mas de destacar a mudança significativa das estruturas lúdicas na infância” (Neto & Lopes, 2018).

Considerando a escola como o espaço onde as crianças passam maioritariamente o seu dia, confirma-se que estas se encontram expostas ao sedentarismo, onde os recreios escolares são organizados em função dos interesses e disponibilidade dos agentes educativos e não da necessidade de socialização e de atividade física que a criança necessita (Neto & Lopes, 2018; Gill, 2007, Dolto, 1999).

Não obstante, a família é também responsabilizada por estes comportamentos desenvolvidos pelas crianças, sobretudo despoletados pelos comportamentos negativos em relação a experiências que possam ser confrontadas com o risco físico, seja no espaço de casa ou no espaço de rua (Neto & Lopes, 2018; Gill, 2010). Este comportamento negativo dos adultos está a contribuir “para uma nova pandemia do controlo adulto das experiências de movimento na infância e a colocar em risco a saúde física e mental na infância” (Neto & Lopes, 2018, p. 53).

Referente ao concelho da área geográfica que incide o nosso estudo, considerando os dados estatísticos mais recentes alusivo aos alunos matriculados no ensino básico do concelho de Cascais, observamos um aumento significativo de alunos entre 2011 e 2018, nomeadamente com um crescimento de 9 420 para 9 689 alunos, respetivamente (PORDATA, 2019)¹⁸. Estes dados, são mais uma variável que comporta a necessidade de compreender de um modo global, os tempos livres e a brincadeira livre dos alunos do 1.º ciclo.

Ainda que seja visível alguma intervenção em âmbito escolar dos agentes educativos, assente na alteração de padrões dos tempos considerados livres para brincar, verifica-se o ceticismo dos agentes educativos e sobretudo dos pais. Neste sentido, e perante uma realidade de sedentarismo e de privação da brincadeira livre, subjugada sobretudo pela permanência prolongada das crianças em sede escolar, é imprescindível criar condições para que estas possam usufruir do tempo de brincadeira livre que identifica esta faixa etária e respetivamente a infância.

A investigação científica tem vindo a demonstrar as vantagens de brincar nos primeiros anos de vida. Resultantes desta, e de uma forma muito alargada, vão sendo

¹⁸ Alunos matriculados no ensino básico: total e por subsistema de ensino - Dados de 2001 - 2018 (DGEEC/MEd - MCTES, PORDATA, 2019). Acedido em 08 de novembro de 2019 em <https://www.pordata.pt/Municipios/Alunos+matriculados+no+ensino+básico+total+e+por+subsistema+de+ensino-344>).

apresentadas as consequências potenciadas pela ausência de brincadeira nas crianças, emergindo a aquisição de comportamentos sedentários que comprometem não só a saúde física das crianças como também mental e a sua aprendizagem escolar. No entanto, existe ainda a ausência de estudos, nomeadamente na freguesia de São Domingos de Rana, no sentido de se obter clareza sobre as razões pelas quais a ausência de tempo livre é fortemente demarcada na infância, através da identificação das suas causas e das suas consequências. Verifica-se ainda, a ausência de uma intervenção ativa e eficaz na persecução do tempo de brincadeira livre da criança.

Não obstante, e ainda que os resultados obtidos neste estudo sejam inerentes à freguesia de São Domingos de Rana, importa ressaltar que dados recentes indicam que 70% das crianças portuguesas brincam menos de uma hora por dia e no restante dia apresentam comportamentos sedentários (Neto & Lopes, 2018; Araújo & Eduardo, 2012), pelo que, compreende-se que o presente trabalho deverá ser valorizado junto da população educativa, uma vez que as crianças, independentemente da sua condição social ou económica, necessitam de brincar livremente e de usufruírem das suas atividades de tempo livre desescolarizadas.

Verificamos que as crianças permanecem nas escolas uma carga horária superior ao horário de trabalho dos pais, em simultâneo, verificamos escolas com melhoramentos de condições no interior e exterior, e ainda, a construção e a já existência de jardins e parques infantis próximos e adaptados às crianças e a inexistência destas nestes mesmos espaços, e não menos pertinente, a ausência de atividades, em sede escolar, promotoras da escolha das próprias crianças de brincadeira livre.

Perante este cenário visível e na necessidade de recolher dados quer estatísticos quer informativos sobre a problemática em estudo, foi detetada a ausência de informação que nos permitisse analisar e validar estes comportamentos e decisões.

Paralelamente a esta situação visível na comunidade em geral, surgem as questões pessoais, no sentido de ambicionar a garantia que as gerações vindouras cresçam de uma forma saudável alicerçada a uma educação assente na liberdade do brincar, enquanto um direito inerente à criança, e, na diminuição do sedentarismo e das consequências nefastas que este provoca.

Estamos cientes que o presente estudo é imprescindível para a consciencialização não só dos agentes educativos, mas de todos aqueles que garantem o suporte diário das crianças. É nesta premissa que surge o nosso trabalho, tendo como intenção a

compreensão dos tempos livres das crianças que frequentam as escolas do 1º ciclo da freguesia de São Domingos de Rana.

Por fim, procuramos que os resultados possam contribuir para a consciencialização da comunidade em geral, potenciando a intervenção política e social em contexto escolar, através do estabelecimento de projetos de intervenção social com apoios benéficos no combate ao sedentarismo, promotores da efetivação dos tempos livres.

5.2 Análise e caracterização demográfica

O Diagnóstico Social de Cascais de 2018, tendo por base dados recolhidos do INE que remonta aos censos de 2001-2011 e inquéritos administrados a munícipes do concelho em 2016, tem como principal incidência a caracterização da situação social, económica e cultural do concelho, nas condições de vida dos munícipes, nas organizações com atuação social, nas respostas e intervenções sociais, nos equipamentos, nas aspirações e nas representações de munícipes e técnicos (CMC, 2019b).

Segundo dados oficiais referentes a 2018 sobre o concelho de Cascais e presentes no Diagnóstico Social, indicam que este concelho se encontra situado a ocidente da foz do Tejo, entre a serra de Sintra e o oceano Atlântico. O território ocupado é limitado a norte pelo concelho de Sintra, a sul e a ocidente pelo oceano e a oriente pelo concelho de Oeiras, com uma dimensão territorial que abrange os 97,4 km² (CMC, 2019b).

Se antes da reforma administrativa Cascais detinha seis freguesias, depois da reforma ficou com quatro, somente a freguesia de São Domingos de Rana manteve-se com as mesmas características.

Em 2012, a freguesia de São Domingos de Rana era uma das maiores do concelho, após reforma passou a ser a segunda mais pequena, com 20,36 km² (Leirinha, 2015; Palma, 2013).

A origem da freguesia de São Domingos de Rana é caracterizada através de vestígios de diferentes períodos históricos, desde o Paleolítico ao Visigótico, sendo que as primeiras referências históricas do território datam a Idade Média. Há quatro décadas o seu território era quase exclusivamente agrícola, tendo originado uma acelerada e desordenada ocupação do território e o acentuado crescimento urbano desta freguesia, o que denota a falta de instrumentos de planificação e requalificação. A estes factos,

encontram-se implícitos a existência de bairros de génese ilegal e carências de equipamentos (Leirinha, 2015; Teixeira, Cardoso & Miranda, 2003).

5.2.1 Enquadramento demográfico

Com dados igualmente recolhidos e analisados do Diagnóstico Social de Cascais alusivos à atualidade (CMC, 2019b), verificamos que, no período compreendido entre 1960 e 2017, o concelho de Cascais registou um aumento populacional significativo, contabilizando, no último período censitário, 211 714 habitantes. Do mesmo modo a freguesia de São Domingos de Rana tem vindo a expandir-se demograficamente, atingindo os 57 502 habitantes, em 2011.

A dinâmica demográfica registada caracterizou-se pelo ganho de relevância dos escalões etários das extremidades da pirâmide etária. O grupo etário até aos 14 anos apresenta 16% dos residentes e os indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos, apresenta 20% da população. No que respeita ao índice de envelhecimento, este apresenta-se menor relativamente à área metropolitana de Lisboa, com 124%.

Em 2017 Cascais assiste a um aumento de mais 699 pessoas a residir no concelho, em contrapartida à diminuição de saídas para residir noutros locais.

O saldo migratório apresenta uma queda acentuada entre 2001 e 2012 e com ligeira retoma a partir de 2013 até 2017.

Entre 2001 e 2011, a idade média da população aumentou em todos os territórios, sendo que São Domingos de Rana revela a idade média mais baixa, com 39 anos, e Parede a mais elevada, 44 anos.

A dimensão média das famílias tem vindo a diminuir de forma muito significativa, atingindo em 2011 as 2,5 pessoas por família. Este valor é muito aproximado da AML (Área Metropolitana de Lisboa), com 2,4 pessoas e de Portugal, com 2,6 pessoas por família.

As freguesias de Alcabideche e São Domingos de Rana têm uma dimensão média das famílias ligeiramente superior às restantes freguesias e acima da média concelhia, com 2,7 e 2,6 pessoas por família, respetivamente.

5.2.2 Enquadramento social

Com a mesma base documental, o Diagnóstico Social de Cascais (CMC, 2019b), observamos que o número de pessoas idosas a residir sozinhas aumentou entre 2001 e

2011, de 4,859 para 8,021 idosos, respetivamente, tendo se verificado assim uma quase duplicação de pessoas nesta faixa etária no concelho de Cascais. Em comparação com Portugal, assistimos a um contínuo aumento entre 2011 e 2018 de 16% de pessoas idosas a residir sozinhas (PORDATA, 2019)¹⁹.

Este crescimento ocorre num contexto generalizado de aumento, em que também as famílias unipessoais cresceram em 65%. Cascais é assim a unidade territorial onde as famílias unipessoais mais aumentam, incluindo as famílias compostas por uma pessoa idosa. Os dados demonstram ainda que 4% dos idosos vivem em instituições, e que 48% dos mesmos ajudam a cuidar dos netos.

5.2.3 Enquadramento económico

Segundo o Diagnóstico Social de Cascais (CMC, 2019b), no que respeita à remuneração base média mensal dos trabalhadores deste concelho, encontramos valores de 985,7€, sendo um valor inferior comparativamente com a área metropolitana de Lisboa, que apresenta 1 150,7 €. A remuneração base dos trabalhadores em Cascais é de assim 455,7 € superior face ao salário mínimo nacional.

Entre 1985 e 2002 a diferença entre o ganho salarial dos trabalhadores com o ensino superior e os trabalhadores com o 1º ciclo ou ensino secundário aumentou. No entanto, entre 2009 e 2016 verifica-se uma diminuição gradual do diferencial salarial entre estes grupos de trabalhadores.

As dinâmicas de desemprego em Cascais acompanham o percurso nacional e europeu, com o concelho a registar várias oscilações entre 2001 e 2018, apresentando mesmo valores atuais relativamente inferiores em comparação com os últimos anos, com 4,9% de desempregados entre pessoas dos 15 aos 64 anos registadas no Instituto de Emprego e Formação Profissional (PORDATA, 2019)²⁰.

O retrato da distribuição concelhia do desemprego dá conta de algumas assimetrias com as freguesias de Alcabideche e Estoril a apresentarem as taxas de

¹⁹ Agregados domésticos unipessoais de indivíduos com 65 ou mais anos em % do total de agregados. Fontes de Dados: INE- Inquérito de Emprego. Fonte: PORDATA. Acedido em 13 de novembro em <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela>.

²⁰ Desempregados inscritos nos centros de emprego e de formação profissional no total da população residente com 15 a 64 anos (%). Fontes de Dados: IEFP/MTSSS INE - Estimativas Anuais da População Residente. Fonte: PORDATA. Acedido em 08 de novembro em <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>.

desemprego mais elevadas, com 12,7%. Por sua vez, Carcavelos e Parede com 10,4%, refletindo-se assim com uma situação mais favorável (CMC, 2019b).

Quanto à taxa de desemprego do concelho, perante os dados mais atuais disponíveis (2018), e segundo o grupo etário, é visivelmente mais elevada entre os 15 e os 24 anos, com 30,3%.

5.2.4 Enquadramento habitacional

No que respeita ao parque habitacional em Cascais, e conforme o Diagnóstico Social de Cascais (CMC, 2019b), os dados mais atuais indicam a existência de 43 624 edifícios e 108 840 alojamentos familiares clássicos. Mais 19% e 22%, respetivamente, do que em 2001, o que traduz no forte dinamismo da atividade da construção e do mercado imobiliário no último período intercensitário.

Os valores atuais sobre alojamentos familiares não clássicos referidos no Diagnóstico Social, indicam uma dinâmica inversa com uma diminuição de 78% em relação a 2001.

No que se refere à habitação social encontramos nos dados mais atuais 55 bairros sociais, mais oito do que em 2009. Cascais concentrava o maior número de bairros sociais dos municípios comparáveis (Sintra e Oeiras) e o maior número de edifícios de habitação social em 2015, com 727 habitações, dos quais 579 eram propriedade total do município, especificamente 80%.

5.2.5 Enquadramento escolar

Os dados disponibilizados pelo Diagnóstico Social de Cascais (CMC, 2019b), relativamente a alunos matriculados nos ensinos pré-escolar, básico e secundário deste freguesia, indica um aumento de cerca de cinco mil alunos matriculados entre 2001 e 2016. Em 2009 registaria o maior número com um total de 38 628 alunos do ensino pré-escolar ao secundário. Desde essa data e até 2013 o número de alunos matriculados foi aumentando de forma gradual. Em 2014 observou-se uma pequena quebra, possivelmente devido à diminuição da natalidade a partir de 2009, que foi recuperada no ano seguinte.

Em 2016 contabilizavam-se 37 186 alunos matriculados nos anos escolares em causa, apresentado em 2018 um reduzido aumento destes, contabilizam-se 37 921 alunos matriculados (PORDATA, 2019)²¹.

A análise da taxa de abandono escolar revela uma diminuição acentuada entre 1991 e 2001, e um ligeiro aumento em 2011, cerca de 1%, onde Cascais ocupava uma posição mais vantajosa em 2001 do que em 2011.

São Domingos de Rana e Estoril são as freguesias que assinalavam em 2011 taxas de abandono escolar superiores ao concelho de Cascais, com 1,9% e 1,8%, respetivamente, já na AML assiste-se a uma diminuição de 50, 2% de 2011 para 2018 (PORDATA, 2019)²².

As formas e grau de envolvimento dos encarregados de educação na escola, são desenvolvidas maioritariamente através da participação assídua destes nas reuniões de pais, com 52% de encarregados a marcar presença nestes contornos.

5.2.6 Rede de transportes

Com os dados disponibilizados no Diagnóstico Social de Cascais (CMC, 2019b) sobre a rede de transportes do concelho, observamos que o automóvel é o meio de transporte mais utilizado por esta população nas deslocações pendulares, registando um aumento de 2001 para 2011, com 52,4% para 66%, respetivamente.

Os principais destinos dos movimentos pendulares ocorrem para os concelhos limítrofes com destaque natural para Lisboa, com 27 983 pessoas em 2011.

No que respeita à duração dos trajetos casa/trabalho é reveladora da robustez da base económica, da qualidade dos acessos ao freguesia e da mobilidade intra-concelhia, em que, quanto à maior percentagem apresentada, 34% da população residente a exercer uma profissão no concelho, demora até 15 minutos a chegar ao local de trabalho, seguindo-se de 31% com demora de 16 a 30 minutos, e 26% de 31 a 60 minutos. Apresenta ainda a maior percentagem de 44% da população residente a exercer uma profissão fora do concelho, com demora entre 16 a 30 minutos, seguindo-se de 36% até 15 minutos, e 14% entre 61 a 90 minutos.

²¹ Alunos matriculados nos ensinos pré-escolar, básico e secundário: total e por nível de ensino. Fontes de Dados: DGEEC/MEd – MCTES- Recenseamentos Escolar. Fonte: PORDATA. Acedido em 13 de novembro em <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>.

²² Taxa de abandono precoce de educação e formação: total e por sexo. Fontes de Dados: INE- Inquérito ao Emprego. Fonte: PORDATA. Acedido em 13 de novembro em <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>.

5.3 Pergunta de partida

Segundo Quivy & Campenhoudt (2018) a pergunta de partida constitui um primeiro meio para romper com o senso comum, para Fortin (2009) é a base sobre a qual se apoiam os resultados da investigação.

Assim, tendo como base o enquadramento teórico desenvolvido, a pergunta de partida é:

- **Qual a importância dos tempos livres para o desenvolvimento saudável das crianças que frequentam as escolas do 1º ciclo na freguesia de São Domingos de Rana?**

5.4 Objetivos da investigação

Os objetivos que norteiam a presente investigação são os seguintes:

Objetivo geral:

- Compreender a importância das atividades de tempos livres nas escolas do 1º ciclo da freguesia de São Domingos de Rana.

Objetivos específicos:

- Analisar e caracterizar a evolução do conceito de família na freguesia de São Domingos de Rana.
- Identificar as características sociodemográficas das famílias da freguesia de São Domingos de Rana.
- Analisar a evolução do conceito de infância na freguesia de São Domingos de Rana.
- Analisar as instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana e avaliar a efetivação do tempo livre na criança.
- Identificar as condições do mercado de trabalho na freguesia de São Domingos de Rana.

5.5 Abordagem investigativa

Paralelamente ao conteúdo e fundamentação teórica exposta no presente estudo, torna-se fundamental o manuseamento de instrumentos metodológicos de investigação, no sentido de obter dados qualitativos. Segundo Quivy & Campenhoudt (2018) estes métodos são gerados com o intuito de permitirem ao investigador a adoção de uma abordagem centrada no seu objeto de estudo, de modo a encontrar ideias e pistas de reflexão.

Tendo em conta que se trata de uma investigação empírica é fundamental que seja realizada a recolha de dados através de metodologias de investigação.

Assim, a metodologia utilizada para a elaboração desta investigação foi fundamentalmente a pesquisa, a análise bibliográfica e documental e a entrevista exploratória.

Nesta sequência, e com o intuito de desenvolver a investigação empírica, designada por “todas as ciências sociais, têm por base investigações empíricas porque as observações deste tipo de investigação podem ser utilizadas para construir explicações ou teorias mais adequadas” (Hill & Hill, 2009, p. 19), é importante salientar que cada uma destas metodologias abrange a sua especificidade.

A pesquisa documental foi utilizada por se encontrar direcionada para o método de recolha e de verificação de dados (Quivy & Campenhoudt, 2018) por conseguinte a pesquisa bibliográfica, desenvolvida em material já elaborado, nomeadamente monografias e artigos científicos, sendo constituída numa ampla gama de fenómenos, permitindo analisar dados e ou estudos históricos fundamentais na análise apresentada ao longo da tese.

A entrevista exploratória, como aliada da presente investigação, e sendo esta a técnica mais utilizada em investigação social, segundo Moreira (2007), envolve diretamente as dimensões e variáveis para análise de conteúdo das respetivas entrevistas exploratórias (Quivy & Campenhoudt, 2018; Hill & Hill, 2009; Bogdan e Biklen, 1994).

5.6 Amostra

A amostra deste estudo foi selecionada com base no método não probabilístico de amostragem por seleção racional, assim conceptualizada por ser uma técnica que “tem por base o julgamento do investigador para construir uma amostra de sujeitos em função do seu carácter típico” (Fortin, 2009, p. 209).

As nove personalidades selecionadas, e que fizeram parte deste estudo, correspondem às seguintes áreas:

- **Política:**

Manuel Mendes: Presidente da Junta de Freguesia de São Domingos de Rana, em 2012, com um conhecimento alargado sobre a população da freguesia de São Domingos de Rana. Pelo seu estatuto, enquanto Presidente de Junta de Freguesia, apresenta conhecimentos sobre os diversos aspetos desta freguesia.

Bruno Bernardes: Secretário da área Executiva da Junta de Freguesia de São Domingos de Rana, com conhecimento alargado nas áreas de ação social, intervenção comunitária, juventude e saúde da população da freguesia de São Domingos de Rana. Pelo seu estatuto, enquanto secretário da área executiva de Junta de Freguesia, apresenta conhecimentos sobre diversos aspetos da freguesia de São Domingos de Rana.

Maria Fernanda Gonçalves: Presidente da Junta de Freguesia de São Domingos de Rana, em 2019, com conhecimento alargado sobre a população da freguesia de São Domingos de Rana, com particular destaque para o facto de ter sido professora na respetiva freguesia durante largos anos. Pelo seu estatuto, enquanto Presidente de Junta de Freguesia, apresenta conhecimentos sobre diversos aspetos da freguesia de São Domingos de Rana.

Frederico Almeida: Vereador da Câmara Municipal de Cascais, cujos pelouros incidem na área da Habitação, Ação Social e Educação e Saúde. Ainda, em âmbito profissional, assume compromissos com outras entidades exteriores respetivamente, com a Rede Social, com a ACES (Agrupamento de Centros de Saúde) de Cascais, com a CPD (Comissão para a Pessoa Deficiente), com as Assembleias das Escolas Secundárias e de Agrupamentos de Escolas e com o Conselho Consultivo dos Centros de Saúde Cascais e Parede.

- **Educação:**

David Sousa: Diretor do Agrupamento de Escolas Frei Gonçalo de Azevedo, com conhecimento alargado sobre a população escolar, respetivamente alunos e pais/encarregados de educação, da freguesia de São Domingos de Rana. Pelo seu estatuto, enquanto Diretor de um agrupamento de escolas, apresenta conhecimentos sobre diversos aspetos da freguesia de São Domingos de Rana.

Daniela Gomes: Presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação da EB1 do Monte Real, Tires, localizada na freguesia de São Domingos de Rana, com conhecimento alargado sobre a população de pais/ encarregados de educação e alunos da respetiva Escola. Principal destaque para o facto de ser docente. Mãe de duas crianças que frequentam escolas da freguesia e residente na freguesia de São Domingos de Rana.

Patrícia Lourenço: Docente de uma Escola Básica localizada na freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais. Com vasta experiência na área do ensino e coordenação de Escola Básica. Mãe de duas crianças que frequentam escolas do concelho de Cascais e residente na freguesia de São Domingos de Rana.

- **Social:**

Ricardo Mendes: Psicólogo na Junta de Freguesia de São Domingos de Rana e da Escola Fixa de Trânsito da Freguesia de São Domingos de Rana, com conhecimento alargado sobre as principais necessidades do foro psicanalítico das crianças e suas famílias residentes na freguesia de São Domingos de Rana.

- **Animação Sociocultural**

Luísa Brito: Funcionária na Junta de Freguesia de São Domingos de Rana, no âmbito da toponímia e monitorização da Escola Fixa de Trânsito, com conhecimento nas áreas da infância, juventude, familiar e escolar, referentes à freguesia de São Domingos de Rana.

5.7 Instrumentos de recolha de dados

Recaindo na importância da entrevista exploratória, enquanto abordagem qualitativa, foi formulada desde 1924 por Bingham e Moore com a definição de que a entrevista é uma conversa intencional com um objetivo, assente numa interação entre o entrevistado e o investigador, sendo que nessa conversa intencional, o entrevistado fornece a informação necessária (Ghiglione & Matalon, 2005; Quivy e Campenhoudt, 2018), permitindo que o investigador extraia, com o fluir da entrevista, matéria e informação de relevo para a investigação.

A presente metodologia permite a fundamentação da viabilidade desta investigação, por ter na sua base objetiva a análise do sentido que os atores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se deparam (Quivy & Campenhoudt, 2018),

ou seja, a experiência pessoal e profissional, os valores igualmente de foro profissional e pessoal, as interpretações e análises em face de acontecimentos, de experiências diversas, de problemas, permitem a obtenção de uma análise mais profunda e concreta da realidade, e ainda por outro lado, permite, com base em dados recolhidos pelo investigador antes da concretização das entrevistas, quer sejam quantitativos, adquiridos, por exemplo, através de dados estatísticos, quer sejam qualitativos, percecionados, por exemplo, através da pesquisa, da análise bibliográfica e documental, a obtenção da confirmação do parecer dos entrevistados perante os dados anteriormente obtidos pelo investigador, contribuindo para o não enviesamento da investigação (Bogdan e Biklen, 1994).

As vantagens que cobrem o manuseamento do método são sobretudo o grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos, a possibilidade de recolha de informação mais relevante, e por outro lado, através da reduzida diretividade desta variante e em consonância com a flexibilidade em que esta se traduz, permite recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores (Quivy & Campenhoudt, 2018).

Ainda que, os benefícios da utilização do respetivo método sejam promotores de uma mais-valia para a obtenção de informação, existem determinadas situações-problema que se poderão traduzir em obstáculos.

Destaca-se sobretudo a individualidade do entrevistado, pelo que a flexibilidade traduzida pelo método, pode ser intimidante para quem não tenha capacidade em trabalhar sem diretivas e técnicas precisas e ainda, a espontaneidade do entrevistado e a neutralidade do entrevistador, que remete o primeiro para a exposição de opiniões próprias e pessoais que poderão ser ou não validadas por quem investiga. Desta forma, e segundo referência dos autores Quivy & Campenhoudt (2018), “as formulações do entrevistado estão sempre ligadas à relação específica que o liga ao investigador e este último só pode, portanto, interpretá-las validamente se as considerar como tais” (Quivy & Campenhoudt, 2018, p. 194).

5.7.1 Entrevista exploratória

Optou-se pela dimensão da diretividade, a entrevista semidiretiva ou semidirigida, que se define pela concretização de um número restrito de questões-guias, relativamente abertas e que não serão necessariamente colocadas ao entrevistado na ordem anteriormente estipuladas, mas sim, serão colocadas com base no fluir da entrevista e com base na informação que no preciso momento se torna necessário desenvolver.

“a entrevista semidirectiva (...) o entrevistador conhece todos os temas sobre os quais tem de obter reacções por parte do inquirido, mas a ordem e a forma como os irá introduzir são deixadas ao seu critério, sendo apenas fixada uma orientação para o início da entrevista” (Ghiglione & Matalon, 2005, p. 64).

Em situações em que o entrevistado não abordou espontaneamente um ou vários dos temas em análise, o entrevistador propôs-lhe o tema.

As entrevistas seguiram o método descritivo, em que poderá, cada uma, sofrer pequenos ajustamentos em função de cada entrevistado, da sua área de intervenção e em função da informação que se pretende recolher.

Com base na metodologia adotada **Quadro I: Intervenientes nas entrevistas exploratórias** (Apêndice n.º II), identifica as personalidades entrevistadas.

A seleção das entrevistas por área distintas remete para que cada profissional, ligado a uma área diversificada e de grande relevo na sociedade, possa dar o seu parecer técnico e pessoal em face das características do conceito de família, da identificação das características sociodemográficas das famílias residentes no freguesia de São Domingos de Rana, da definição do conceito de infância e das suas características, da caracterização das instituições de resposta aos tempos livres e da definição de tempos livres e, por fim, da identificação do mercado de trabalho deste freguesia. Não obstante, permitirá também obter informação que permita a alienação à fundamentação teórica e ao quadro concetual da investigação.

Os entrevistados foram previamente informados através de comunicação escrita que continha a apresentação e contextualização da investigação (Apêndice n.º I) e neste seguimento, foi solicitada a sua disponibilidade para agendamento da data de entrevista.

As entrevistas foram gravadas em formato áudio e realizadas as suas transcrições para posterior análise. Foi realizado um guião de entrevista exploratória, o **Quadro II: Guião de entrevista exploratória** (Apêndice n.º III), onde continha a designação a quem a entrevista era dirigida, os objetivos da entrevista e o guião de questões.

TERCEIRA PARTE

ANÁLISE DOS DADOS RECOLHIDOS

CAPÍTULO VI

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Introdução

Neste capítulo serão apresentados e analisados os resultados da investigação efetuada através das entrevistas exploratórias, com fim a responder à pergunta de partida.

O presente capítulo encontra-se dividido em três partes. É iniciado com a identificação do trabalho de campo, referente às entrevistas exploratórias. Na segunda parte deste capítulo é apresentada a análise de conteúdo das entrevistas exploratórias. Por fim, apresentamos os resultados, numa breve discussão destes, em resposta aos objetivos do presente trabalho, tendo em consideração a análise obtida na primeira parte desta investigação.

6.1 Trabalho de campo: entrevistas exploratórias

Para este estudo, foram realizadas nove entrevistas, sendo o seu conteúdo gravado em áudio e posteriormente reproduzido em texto escrito (**Reprodução escrita de entrevistas exploratórias** – Apêndice n.º VI).

As entrevistas decorreram entre maio de 2012 e julho de 2019, sendo que foram concretizadas maioritariamente em 2013 e 2019 e sucederam-se em vários locais, permitindo as condições necessárias para proceder às entrevistas, e realizadas consoante a disponibilidade dos entrevistados.

6.2 Análise de conteúdo das entrevistas exploratórias

Para tratamento dos dados resultantes das entrevistas recorreremos à técnica de análise de conteúdo, permitindo através de uma análise do conteúdo, de um modo global, considerando a relação existente de todas as categorias significativas, a obtenção de uma quantificação mais precisa e objetiva das características do conteúdo estudado.

Para maior objetividade, e após transcrição das entrevistas através do registo em áudio, foi realizada uma leitura cuidadosa resultando numa exploração das entrevistas através da elaboração de uma sinopse das entrevistas, tal como identificada no **Quadro V: Sinopse das entrevistas exploratórias em função do guião de entrevista exploratória** (Apêndice n.º V), para criar maior facilidade de apreensão do conteúdo recolhido nas entrevistas e posterior análise destas (Guerra, 2006). Foi ainda realizada uma análise integral e individual de cada entrevista, tal como consta no **Quadro IV: Análise individual das personalidades entrevistadas** (Apêndice n.º IV).

Assente na técnica de análise de conteúdo, transformamos a informação obtida nas entrevistas em categorias e subcategorias de análise tomando em consideração a necessidade de adaptar as mesmas ao conteúdo e problema da presente investigação (Morgado, 2012), do mesmo modo e segundo Bardin (2009), é fundamental tratar os dados em bruto do texto e codificá-los, com fim a atingir uma representação do conteúdo.

Nesta sequência, sintetizamos num quadro as cinco categorias e subcategorias tratadas na análise de conteúdo das entrevistas, optando pela codificação apresentada no quadro seguinte.

Quadro III: Categorias e subcategorias para análise de conteúdo das entrevistas exploratórias aplicadas aos profissionais

Categoria	Subcategoria
Família	• Evolução do conceito de família • Características da família contemporânea • Funções da família • Fatores de tensão e risco na vida familiar
Características sociodemográficas das famílias	• Características sociodemográficas • Características económicas
Infância	• Conceito de infância • Características que definem a infância • Fatores de tensão e risco na infância
Instituições de resposta aos tempos livres e tempos livres	• Caracterização das instituições de resposta aos tempos livres • Caracterização dos tempos livres • Efetivação dos tempos livres nas respostas sociais de tempos livres • Adequabilidade das respostas sociais às necessidades existentes
Mercado de trabalho	• Empregabilidade das famílias • Desemprego nas famílias • Fatores de tensão e risco das famílias empregadas

Fonte: Elaboração própria/2019

Tomou-se em consideração todas as situações de registo, mesmo quando semelhantes. Teve-se em conta a dimensão das respostas, na medida em que houve o cuidado de integrar cada uma no respetivo grupo de categorias, consoante o critério de categorização estabelecido e os objetivos da investigação.

As entrevistas foram identificadas através de um código, segundo o **Quadro IV: Análise individual das personalidades entrevistadas** (Apêndice n.º IV).

Perante as sinopses das entrevistas exploratórias apresentadas no **Quadro V: Sinopse das entrevistas exploratórias em função do guião de entrevista exploratória** (Apêndice n.º V) considera-se pertinente a concretização de uma análise descritiva englobando as diversas reflexões.

Categoria: Família

Subcategoria: Evolução do conceito de família

A estrutura familiar é analisada à luz da sua evolução e das reestruturações que abruptamente é alvo. Se outrora a família, na era romana era caracterizada com base no *pater* famílias, considerado o estatuto familiar mais elevado, demarcado pela posição masculina, na contemporaneidade a família é privilegiada pela afetividade entre os seus membros. Esta modernização da família conduziu à alteração de comportamentos, valores e ao envolvimento da família perante os membros mais novos: “Hoje a família (...) acaba por ser um local onde as pessoas se reúnem à noite (...) não há aquela reunião de família que antigamente, na altura dos romanos, se fazia (...) hoje não, as pessoas trabalham, o modo de vida é diferente” (EE6 [32] 1’); “A família era tudo. Os valores, saem da família. Hoje, precisamente, os valores estão-se a perder por este problema da sociedade” (EE6 [32] 3’); “Sempre houve um instinto de no ser humano ter o seu clã a sua família (...). O conceito de família se tem vindo a alterar a esta parte (...). Temos (...) novas famílias. Portanto, o conceito de família está a aumentar. Mas claro, eu acho que ainda há o clássico conceito familiar” (EE8 [28] 1’).

Da evolução das estruturas familiares, destaca-se a figura da mulher, “antigamente, as pessoas não trabalhavam, as mulheres sobretudo, raramente trabalhavam, eram donas de casa, tinha um trabalho doméstico. Antigamente a família era o centro das atenções de qualquer membro” (EE6 [32] 2’).

Apesar de existir uma maior proximidade entre os membros da família, considera-se que estão diariamente pouco tempo de qualidade juntos, “as crianças e os jovens, chegam sós. Sós no sentido, há uma grande falta de contexto familiar eu diria normal” (EE2 [43] 34’-35’), “não há tempo para que os pais estejam com os filhos, não há tempo para que os pais eduquem os filhos” (EE6 [32] 3’), “acabam por não estarem muito tempo com os pais. É jantar e cama e não há um relacionamento com os pais” (EE4 [24] 4’-5’).

Ainda que exista uma relação facilitadora de diálogo entre pais e filhos acaba-se por verificar uma extrapolação da função e posição de cada um destes na estrutura

familiar, existindo um paradoxo de funções: “Vê-se muito aqueles pais que são mais amigos dos filhos mais do que pais propriamente” (EE7 [26] 1').

Subcategoria: Características da família contemporânea

De um modo geral, a família é caracterizada pela união de membros, onde pais e filhos são os mais destacados. Os avós são mencionados como elementos fundamentais no crescimento da família: “Para mim é um membro da família mais importante na família. Porque os avós são os segundos pais (...) acabam por ser o suporte de muitas crianças” (EE6 [32] 3').

A presença dos avós é definida pelo acompanhamento saudável dos netos: “São acompanhadas pelos avós e são aquelas que são mais saudáveis intelectualmente” (EE6 [32] 3').

No entanto, grandes são as transformações que a família contemporânea se tem debatido, sobretudo pela necessidade dos pais estarem empregados, “hoje, devido aos problemas da sociedade, a mulher não está em casa, trabalha tanto ou mais que eu marido” (EE6 [32] 1'), produzindo consequências, “as crianças e os jovens, chegam sós. Sós no sentido, há uma grande falta de contexto familiar eu diria normal” (EE2 [43] 34'-35').

Ainda que se verifique maioritariamente famílias tradicionais, cujo afeto continua a persistir, são visíveis as alterações da sua estrutura: “Continua a haver famílias tradicionais (...). Em relação aos afetos no geral acho que deixámos de ter um meio-termo, ou temos crianças com pouco afeto ou crianças com afeto” (EE7 [26] 2'-3').

É defendida a ideia de que existe um número elevado de famílias monoparentais, resultantes de uma esperança média de vida maior nas mulheres e no aumento de separações conjugais: “A esperança média de vida nos homens é mais baixa e o que acontece é que aparecem muitas famílias monoparentais, sobretudo mulheres com vários filhos que recasam ou não, existe muito” (EE5 [35] 5'); “Hoje em dia temos muitas famílias monoparentais, temos famílias em que há partilha da tutela dos filhos, guardas partilhadas, temos famílias homossexuais, temos muitíssimas novas famílias” (EE8 [28] 1'); “O conceito família tem vindo a sofrer evolução ao longo dos tempos (...) seja em termos de divórcios ou segundos casamentos, segundas relações (...) essas dinâmicas fazem com que as famílias, hoje em dia, sejam muito mais elas próprias também dinâmicas” (EE9 [34] 1').

Subcategoria: Funções da família

À semelhança da análise anterior, a família é inequivocamente considerada detentora de afeto, quando a mesma adquire uma estrutura equilibrada, considerando que o crescimento saudável dos filhos é responsabilidade da família não se podendo imiscuindo dessa função: “As características das famílias clássicas são essas. De um todo, do acompanhamento da infância dos filhos” (EE8 [28] 2'); “O conceito família é muito claro, é um pai, uma mãe, filhos, obviamente, avós, primos, tios, etc (...) conceito de família tradicional” (EE9 [34] 1'); “Família, em condições normais, implica afeto, para mim é uma condição da família. Infelizmente sabemos que existem muitas situações em que tal não se verifica” (EE9 [34] 2').

Subcategoria: Fatores de tensão e risco na vida familiar

A família tem vindo a debater-se com diversos problemas de âmbito social e económico, em que os valores e os padrões outrora evidentes no seio familiar, onde a família era o foco das principais decisões e preocupações passou, atualmente, a deter nova padronização: “Derivado à sociedade atual que temos, que trabalhamos todos muitas horas, infelizmente e temos que o fazer, e o pouco tempo que muitas vezes os pais estão com os filhos não querem se estar a chatear é para estar bem ou dou-lhe isto ou dou-lhe uma prenda ou faço isto ou faço aquilo” (EE7 [26] 1'); “As pessoas deixaram, de desresponsabilizarem-se dos seus papéis de pais e educadores um pouco” (EE8 [28] 2').

Verifica-se que o mercado de trabalho acabou por manifestar-se, ao longo dos anos, priorizado no seio da estrutura familiar, na medida em que os pais apresentam deter uma carga horaria laboral extensa, existindo a necessidade dos filhos permanecerem longos períodos de horário na escola e ou em outras respostas que garantam a extensidade dos horários que os pais necessitam: “Há cada vez mais um desresponsabilizar por parte das famílias, dos seus papéis e das suas funções, enquanto pais, canalizando cada vez mais isso para a escola” (EE8 [28] 3'); “É tudo muito a correr, os pais largam os filhos nas escolas e encaram as escolas como um depósito (...) desde que a escola esteja aberta das tantas às tantas, é a escola que lhe serve” (EE8 [28] 2'-3'); “Os pais não estão habituados a ter tempo com os filhos e depois quando são obrigados a estar uma semana, por exemplo, nas férias do natal (...) os pais acabam por não dar valor a estar com os filhos acham que os filhos são fardo que aborrecem” (EE8 [28] 15').

Categoria: Características sociodemográficas das famílias

Subcategoria: Características sociodemográficas

A freguesia de São Domingos de Rana apresenta-se com características heterogéneas em face das classes sociais existentes: “Heterogeneidade muito grande, da população” (EE3 [28] 1'-2'); “População de todas as classes sociais” (EE5 [35] 6'-7').

Associada à génese da freguesia de São Domingos de Rana, os povos oriundos das colónias são conotados por famílias cujos agregados adquirem alguma extensidade, famílias maioritariamente numerosas e desfavorecidas: “Muitas famílias monoparentais, principalmente mulheres com vários filhos” (EE5 [35] 5'). A população que detém estas características encontra-se sobretudo instalada nas freguesias de São Domingos de Rana e Alcabideche: “Esta população (...) é de um nível socioeconómico baixo” (EE2 [43] 0'-1').

Na sua base de desenvolvimento, a ocupação demográfica da freguesia é destacada com a ocupação pelo litoral e o surgimento de construções clandestinas, despoletados pela chegada de pessoas oriundas das colónias. O êxodo rural contribuiu também para a expansão do parque habitacional da freguesia, despoletada pela apresentação de terrenos mais baratos: “Aqui uma questão de Freguesia começou no litoral e essa ocupação era múltipla inclusive, incluindo aquilo que era os bairros de lata, os antigos bairros ocupados por pessoas que vinham e que vieram das colónias. E esta zona, portanto, especialmente de São Domingos de Rana que passou depois a ter mais de 160 bairros de génese ilegal, foram enquadrados a partir de 1995 numa lei que saiu na altura. Quer pessoas que vinham do êxodo rural que vieram para trabalhar aqui para a região de Lisboa e, portanto, compraram terreno e foram construídas as suas casas” (EE5 [35] 1'-2'); “Um segundo momento a partir da década de 90 que é a de através do PER, programa especial de realojamento, pegar nestas famílias que viviam no litoral, viviam nestes bairros de lata e enquadrá-las. E onde é que haveriam de enquadrar? Onde havia terrenos baratos, em Alcabideche e São Domingos de Rana” (EE5 [35] 3').

Decorrente do contexto histórico, as estruturas familiares existentes na freguesia são destacadas por uma população: “Aqui, na nossa freguesia, temos famílias numerosas (...). Porque houve um realojamento de pessoas (...) que são dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e que tem aquela cultura de muitos filhos e depois há (...) a outra parte da sociedade (...) que é o normal ter um ou dois filhos, o normal dos portugueses” (EE6 [32] 6'-7'); “Há um grande grupo de pessoas com muitos

filhos, famílias numerosas, e depois à grupo composto pelos portugueses, que tem um número mais reduzido de filhos, tem um, dois filhos” (EE6 [32] 9’).

Da análise concelhia das estruturas familiares considera-se a existência de uma dualidade de famílias numerosas em que a razão é destacada pela capacidade económica, nas duas extremidades existentes da população, as famílias de maior e menor capacidade económica: “Digamos, as famílias numerosas ou de maior dimensão no concelho, existe muitas vezes a tentação de caracterizar as famílias numerosas. Dizer que são as de maior capacidade económica ou as de menor, são as duas coisas. No concelho de Cascais são extamente as duas realidades. Eu diria a classe média é aquela que tendencialmente têm menos filhos um, dois normalmente não passa dos dois, quem tem mais filhos e portanto famílias numerosas são os extremos as mais carenciadas e as famílias com maior poder económico” (EE9 [34] 5'- 6’).

Subcategoria: Características económicas

A população residente na freguesia de São Domingos de Rana apresenta determinadas carências económicas com impacto resultante da génese histórica da freguesia, surgindo a necessidade do realojamento das famílias, bem como de respostas contínuas que permitam a satisfação das necessidades básicas das famílias. A prestação social destacada é o rendimento social de inserção: “Esta é uma das freguesias mais carenciadas do concelho. Alias é a mais carenciada, precisamente por esse motivo. Por esse motivo de alojamento, de haver muita gente com RSI e depois isso acarreta um problema, sobretudo para as autarquias, porque não é não há nenhum presidente da câmara que goste de ver alguém passar fome, não é. E então há muitos recursos que são despendidos para essas situações, para os bancos alimentares, para os apoios a essas famílias, algumas, embora a gente vá cortando, porque muitas vezes se nota que há pessoas mais comodistas que propriamente problemas (...) Mas sim, é uma das freguesias com mais dificuldades económicas precisamente devido a este montante de gente que temos que foi realojado” (EE6 [32] 7'- 8'); “Temos a residir, nomeadamente em habitação social, famílias com grande dimensão e, portanto, com fracos recursos económicos e financeiros e que trazem depois um conjunto de dificuldades grandes no dia a dia. Famílias que necessitam do apoio significativo nas várias dinâmicas da vida, na componente creche, de infância, até depois nas componentes de acesso a medicamentos, a um conjunto de necessidades (...) nós temos, portanto, respostas de protocolo tentando minimizar estes constrangimentos” (EE9 [34] 7’).

Não obstante, existe a restante percentagem de população a instalar-se fortemente na freguesia, com a formação de novas urbanizações, com edificado vertical, apresentando-se pela estabilidade do ponto de vista económico e social: “Famílias diferenciadas (...), edificado horizontal, sendo que tem uma estrutura familiar diferente” (EE5 [35] 2'-3').

Por outro lado, são famílias que garantem apoios nos mais diversos aspetos da comunidade, destacando-se positivamente no desenvolvimento quer económico, quer social da freguesia: “Essas pessoas que trabalham fazem a sua vida normal, são pessoas intervenientes na sociedade e, portanto, trabalham e ajudam” (EE6 [32] 30'-31').

Categoria: Infância

Subcategoria: Conceito de infância

O conceito de brincar está intrinsecamente ligado ao conceito de infância, no sentido em que brincar é fundamental para a construção da estrutura e identidade do desenvolvimento nas primeiras idades, transportando diversas vantagens no desenvolvimento humano, pelo que a sua importância é intensamente focada pelos diversos entrevistados, reconhecendo primeiramente que “a criança precisa de brincar. E de brincar em espaços públicos, nos jardins, não é nos supermercados” (EE7 [32] 19'-21').

Subcategoria: Características que definem a infância

A infância é caracterizada pelo período em que as crianças são fortemente escolarizadas, com uma frequência escolar num horário extenso, o que gera grandes discordâncias entre o que é um comportamento razoável e aceitável dos pais e o que deveria ser efetivado: “As pessoas praticamente entregam os filhos à escola. A escola é que é o local onde os filhos estão” (EE6 [32] 1'). Nesta sequência, existe uma consciencialização: “Espaço escola é um espaço para o ensino sendo que não mudamos o método de ensino e o formato de escola, é óbvio que o gozo e o prazer em fazer outras coisas na escola está um pouco condicionado, o próprio comportamento das crianças e tudo mais” (EE5 [35] 9'-10').

Subcategoria: Fatores de tensão e risco na infância

Ao longo dos anos tem-se vindo a verificar a perda da essência que tão bem caracteriza a infância, respetivamente:

- O poder brincar livremente, “devem subir às árvores, eles devem escavar” (EE8 [28] 11'), “a criança precisa de brincar. E de brincar em espaços públicos, nos jardins, não é nos supermercados” (EE7 [32] 19'-21'), “quando nós dizemos ao nosso filho vai tomar banho e ele faz renitência em tomar banho é porque aquela criança não brincou e é verdade isto, é pura verdade, porque eles fazem birras porque eles assim, e os pais têm a tendência a dizer que eles são imperativos. Eles acima de tudo são crianças que não estão a ser que está a ser roubado e a ser privado a sua essência enquanto criança que é o brincar” (EE8 [28] 10'), “eles devem subir às árvores, eles devem escavar” (EE8 [28] 11');

- Estar com a família em tempo de qualidade, “os miúdos estão desde aquela hora àquela hora dentro de um espaço, dentro do mesmo espaço, sempre ali a fazer o trabalho que tem que fazer e com uma pessoa que, por vezes, pode nem sequer ajudar em nada no seu crescimento” (EE6 [32] 22'- 23'), “as crianças vão para a escola cada vez mais cedo, neste momento. Cada vez mais cedo saem do seio familiar, eles vão para a escola com três meses” (EE6 [32] 11'-12'), “em média as famílias, os pais, passam trinta e sete minutos por dia com os seus filhos, tempo de qualidade. Isto é chocante” (EE8 [28] 11'), “há muitos pais deixam o filho na escola e depois vão buscar. Algumas têm apoio dos avós ou familiares outras famílias não e, portanto para dizer que se vive, infelizmente, um período de enorme escolarização” (EE9 [34] 10').

- O de receber regras e valores oriundos fundamentalmente do agregado familiar, “antigamente nós brincávamos na rua, jogávamos ao pião. Hoje não se pode com os nossos, porque é perigoso não é porque é complicado, por falta de segurança, porque a sociedade mudou e porque variadíssimos problemas” (EE6 [32] 21'-22').

- E o mais elementar, receber a afetividade necessária da estrutura familiar para que esta tenha um crescimento saudável, “o tempo exagerado que as crianças ficam dentro do recinto da escola. Os pais não. Vão tomar um café ao café da esquina, ainda vão às compras ao supermercado, ainda vão ao centro comercial se ainda tem alguma coisa para fazer, ainda conversam com os amigos na rua. Os miúdos não” (EE6 [32] 22'- 23'). Considerando que a partilha de afeto é fundamental, “quem não é amado não pode amar, quem não sente disponibilidade não se dispõe e eu acho que isto é uma falha deste século, pouco tempo de brincadeira e depois para agravar a isso tem pouco tempo de útil com os pais e atenção dos pais os miúdos estão a ser criados nesta roda-viva que mais tarde isto vai surtir efeitos negativos nas famílias futuras” (EE8 [28] 5').

Fortemente debatida, a ausência de liberdade no brincar, também potenciada pela extensidade de horário escolar, “têm muito tempo de horário letivo (...) as crianças

precisam de brincar” (EE7 [26] 17'-18'), “por um lado, o tempo, a quantidade de horas que as crianças estão dentro do espaço escola que infelizmente é muito maior do que aquilo que deveria ser e depois deste período de horas a maior parte do tempo, para não dizer quase totalidade, é escolarizada (...) falando de crianças do primeiro ciclo, e o tempo do brincar, do brincar livre é praticamente nulo” (EE9 [34] 10'-11') e, a exigência depositada nas crianças “canalizamos muita informação para os filhos e queremos sempre que os miúdos sejam o supprassumo e gênios e depois por outro lado andamos com eles quase de mão dada até à sala. O que é um paradoxo muito grande” (EE8 [28] 27').

Categoria: Instituições de respostas aos tempos livres e tempos livres

Subcategoria: Caracterização das instituições de resposta aos tempos livres

Certifica-se que na freguesia de São Domingos de Rana a institucionalização dos tempos livres é efetivada através da garantia das crianças permanecerem num espaço em que a superproteção esteja implícita e o horário de apoio seja extenso, pelo que é a escola a instituição maioritariamente focada em resposta aos tempos livres das crianças: “As instituições estão abertas das 7:00 da manhã às 7:00 da noite ou das 7:00 da manhã às 7:00 às 8:00 da noite (...) vão para o trabalho podem deixar os filhos as 7:00 da manhã num determinado local, em determinada instituição e vão descansadamente para o trabalho e às 8:00 da noite vão buscá-los quando vem do trabalho” (EE6 [32] 19'-21').

Sendo que a escola é o espaço onde as crianças permanecem a maior parte do seu dia, esta estrutura acaba por garantir as necessidades do ponto de vista curricular e as necessidades dos pais, por outro lado, existem algumas instituições que vão garantindo também estas mesmas necessidades: “Isso não serve a criança. Cada vez mais, hoje, há a necessidade da criança brincar e de ter espaço para brincar e enquanto isso não acontecer e enquanto as escolas continuarem a ser depósitos de crianças e enquanto a nossa sociedade não repensar a escola, isto não vai lá. Primeiro tem que se repensar a escola, tem que se pensar que escola é para as crianças e jovens adquirirem competências, o resto é feito ou deve ser feito fora da escola” (EE6 [32] 23"); “Por um lado, o tempo, a quantidade de horas que as crianças estão dentro do espaço escola que infelizmente é muito maior do que aquilo que deveria ser e depois deste período de horas a maior parte do tempo, para não dizer quase totalidade, é escolarizada” (EE9 [34] 10'-11').

Subcategoria: Caracterização dos tempos livres

Intrinsecamente ligada à infância surgem os tempos livres fortemente destacados pela sua vantagem no crescimento saudável da criança e fundamentais no processo de desenvolvimento e de construção social. Considerando que tempo livre é: “A minha perspetiva é muito clara é de que o tempo livre, é livre” (EE5 [35] 22’); “Essencialmente em brincadeira livre, em correr no espaço exterior da escola, em brincar, em jogar estafetas” (EE8 [28] 18’).

Ainda em análise, a importância de as crianças terem tempos livres após a saída da escola ou de estruturas de apoio, considerando que “eles precisam de ter tempo nem que seja para estar parados a olhar para uma parede, sei aquilo que precisam neste e naquele momento. Não quer brincar, não quer estar a estudar, mas está parado, está no tempo dele” (EE7 [26] 5’), verificam-se, em contrapartida, rotinas diárias que em nada potenciam a prossecução dos tempos livres essenciais na criança, “depois à noite ainda vem buscar e ainda vão às compras, ao supermercado com eles e depois vão para casa, ver a televisão e enquanto fazem o jantar (...) ou vão tomar banho para estarem preparados para jantar a irem para a cama” (EE6 [32] 19’-21’), pelo que perante as ofertas de tempos livres disponibilizadas pela escola e a possibilidade de permanecer com a estrutura de apoio informal a opção deverá ser sempre esta última, “houve pais agora no início do ano a perguntarem-me o que é que eu achava, se deviam se inscrever nas AEC’s (Atividades de Enriquecimento Curricular). A minha resposta é esta, tem disponibilidade e possibilidade de vir buscar às três e trinta? Não hesite só vai estar a ganhar em qualidade de vida com o seu filho” (EE8 [28] 18’).

Subcategoria: Efetivação dos tempos livres nas respostas sociais de tempos livres

Existe uma ausência da auscultação da criança em perceber até que ponto as suas necessidades diárias, de brincadeira livre, estão a ser garantidas nessas respostas, seja através da escola, seja através de respostas externas à mesma, ainda que haja uma consciencialização sobre essa necessidade: “A escola não pode ser um depósito, porque a escola é um depósito de meninos” (EE6 [32] 18’); “Os meninos precisam realmente de se abstrair da escola. Têm o tempo da escola e depois têm que abstrair, precisamente pela sua saúde mental que cada vez mais temos mais problemas de saúde mental no país, e até aqui no freguesia” (EE6 [32] 22’-23’); “Eles precisam de brincar, mas já mudaram as coisas nos intervalos (...) agora eles precisam de brincar” (EE7 [26] 22’); “As nossas

escolas também não estão adaptadas às necessidades da criança e o desenvolvimento das competências que eles devem adquirir enquanto brincam” EE8 [28] 11””; “Nós tentamos. Ou conferir o livre brincar ou sempre que há atividades, porque faz sentido para aquela atividade escolar, que se privilegiam metodologias de escolha livre” (EE9 [34] 23”); “ E sim consideramos que estamos na persecussao dos direitos da criança do brincar que é um direito, o brincar é um direito e da livre participação que também é um direito, está consagrado” (EE9 [34] 24’).

Subcategoria: Adequabilidade das respostas sociais às necessidades existentes

De um modo geral, e considerando as resposta institucionais existentes, estas podem ser adequadas, “há uma apreciação positiva relativamente aquilo que é a oferta da escola” (EE2 [43] 24’-25’), pelo menos em resposta às necessidades imediatas dos pais, nomeadamente de tempo de permanência diária num determinado espaço, mas, em grande parte, não garantem as necessidades básicas da infância que é o de ter tempo para brincar livremente, “os miúdos têm atividades em excesso e depois ainda saem dali e vão para outras atividades. Têm muita canalização de atividades, estão ocupados, não têm tempo livre para brincadeira livre” (EE8 [28] 26’), e ainda o de escolher a atividade prazerosa que pretendem realizar e ou o espaço físico onde a possam desempenhar, “o estarem muito tempo na escola (...) é uma grande sobrecarga de horas ali fechados sempre no mesmo sítio” (EE4 [24] 3’-4’), “as instituições (...) não vão de encontro às necessidades das crianças, agora, vão de encontro das necessidades dos pais. Vão porque é um horário alargado (...). Porque a criança precisa de brincar. E de brincar em espaços públicos, nos jardins, não é nos supermercados” (EE6 [32] 19’-21’). Ainda na sequência da escola ser o espaço físico onde as crianças permanecem maioritariamente o seu dia, considera-se que o tempo isento de matéria escolar é reduzido, “a média dos nossos alunos é de uma hora de recreio por dia na rua. Isto é chocante” (EE8 [28] 11’), “acho que a escola não está de todo compatível com os tempos de tempo livre que os miúdos deveriam ter, principalmente no 1º ciclo” (EE8 [28] 6’-7’), “no Agrupamento de Escolas Matilde Rosa Araújo, já estão a começar a implementar, uma tarde, uma hora, apenas de um dia por semana, já estão a utilizar esta hora livre só que o que acaba por acontecer é que esta liberdade não é totalmente uma liberdade exata. Há duas atividades no fundo, escolhem uma ou escolhem a outra, mas se naquele dia até acharem que devem ir para aquela, todos para aquela, no fundo não há uma liberdade porque é incutido” (EE8 [28] 12’), “por um

lado, o tempo, a quantidade de horas que as crianças estão dentro do espaço escola que infelizmente é muito maior do que aquilo que deveria ser e depois deste período de horas a maior parte do tempo, para não dizer quase totalidade, é escolarizada, ou seja, são disciplinas tradicionais, de português, de matemática, o estudo do meio, falando de crianças do primeiro ciclo, e o tempo do brincar, do brincar livre é praticamente nulo” (EE9 [34] 10'-11'), “dá resposta às necessidades dos pais que os guarda até àquela hora (...) a escola não dá resposta às necessidades de horas de brincadeiras que os meninos têm que ter. Dá resposta sim, às necessidades das famílias” (EE8 [28] 7'-10').

Considera-se que as respostas sociais existentes neste âmbito, têm o intuito de responder às necessidades promovidas pelo mercado de trabalho: “Que é para satisfazer o mercado de trabalho. A escola existe atualmente, e ainda, para satisfazer o mercado de trabalho” (EE5 [35] 22').

Categoria: Mercado de trabalho

Subcategoria: Empregabilidade das famílias

Inteiramente relacionado com as características económicas encontra-se a empregabilidade nas famílias. A freguesia de São Domingos de Rana é apresentada por uma população residente ativa, “uma população que predominantemente é trabalhadora empregada” EE1(s.i).

O mercado de trabalho na freguesia é caracterizado como extenso, com um tecido empresarial em evolução e com grupos profissionais ligados a serviços menos qualificados, traduzindo-se na obtenção de rendimentos limitados nas famílias: “Um grande problema é que as pessoas mesmo estando empregadas, e nós temos muitas, isto para lhe dar uma ideia falando nas famílias carenciadas, e depois passando para as outras que estão empregadas, mas que precisa de banco alimentar na mesma, ou seja, porque os salários são muito baixos. O que é que tem acontecido do ponto de vista de tecido empresarial, assim muito entre aspas na freguesia, é que tem explodido determinados tipos de serviços em que as pessoas são mal pagas, apoio domiciliário, lares, domésticas, supermercados, lojas. Portanto, são serviços em que as pessoas ganham pouco mais que o ordenado mínimo” (EE5 [35] 14'-15'). Neste contexto, assume-se que as qualificações não são a razão da determinação salarial, “algumas delas são mais qualificadas e tem muita gente qualificada na freguesia, não sei precisar números (...) vê-se essa diferenciação, nesta área do mercado de trabalho aqui” (EE5 [35] 17"). Lisboa mantém-

se a grande recetora de trabalhadores: “Para as outras famílias, aquilo que acontece é que o mercado de trabalho é muito focado fora do concelho, maioritariamente, fora do concelho, Lisboa” (EE5 [35] 17”); “Quando vamos ver o rendimento das famílias no concelho já é diferente, ou seja, os rendimentos estão semelhantes aos níveis da área metropolitana, mas o valor que se paga no concelho não. Quer dizer que há muitas famílias que trabalham fora, em Lisboa, nomeadamente” (EE9 [34] 31’).

Perante estes fatos, torna-se fundamental referir que os horários laborais das famílias criam condições para o surgimento de respostas, após horário letivo, que permitam dar apoio a estas: “Por vezes os pais acabam por trabalhar mais para não perder o seu emprego” (EE2 [43] 38”); “As crianças estão muito tempo na escola (...) porque acabam as aulas e entram imediatamente para o AEC’s” (EE4 [24] 4”); “Não sendo elas no espaço escola algumas delas passam mais do que oito horas e isso tem a ver com o mercado de trabalho” (EE5 [35] 8’-9’).

Por outro lado, entende-se que existe um número considerável de população residente no concelho empregada em Lisboa, sendo esta pequena franja da população que apresenta salários consideravelmente mais elevados: “A remuneração de trabalho no concelho de Cascais é mais baixa do que nomeadamente se olharmos para os concelhos vizinhos” (EE9 [34] 31’).

Subcategoria: Desemprego nas famílias

Ainda que exista uma décalage de tempo na realização das entrevistas, considera-se que o mercado de trabalho teve na sua estrutura significativas melhoras resultando na sua expansão mas, provocando um sério impacto nas remunerações auferidos pelas famílias: “O que é que tem acontecido do ponto de vista de tecido empresarial, assim muito entre aspas na freguesia, é que tem explodido determinados tipos de serviços em que as pessoas são mal pagas, apoio domiciliário, lares, domésticas, supermercados, lojas. Portanto, são serviços em que as pessoas ganham pouco mais do que o ordenado mínimo” (EE5 [35] 15’). Ainda que a taxa de desemprego seja um fator de preocupação a nível nacional, não é transposto nas análises como preocupante para a freguesia e, de um modo mais amplo, para o concelho: “Cascais (...) no período de crise uma taxa de desemprego menor do que a área metropolitana, quer a taxa de desemprego a nível nacional. É obviamente positivo, com a taxa de desemprego menor do que a média nacional” (EE9 [34] 31’); “Estas são assim as duas notas mais relevantes: baixa taxa de desemprego como positivo, mas por outro, lado baixas remunerações” (EE9 [34] 34’).

As situações de desemprego na freguesia são sobretudo focadas pelo fato dos postos de trabalhos disponíveis não corresponderem às expectativas da pessoa desempregada e ou situações cuja prevalência é dada às receitas provenientes de medidas de apoio: “Temos muitos desempregados e depois temos outros desempregados que não querem trabalhar. Por isso é que é difícil de perceber a mentalidade das pessoas. As pessoas habituaram-se a ter tudo de borla, a ter dinheiro para tudo, porque não tem emprego, mas tem o fundo de desemprego e se não tem o fundo desemprego tem o RSI. Tem essas coisas todas e, portanto, as pessoas habituaram-se a não trabalhar e a estar em casa e depois porque hoje em dia também uma pessoa que está desempregada ganha mais estando desempregada do que se estiver a trabalhar” (EE6 [32] 29’); “Há muitos recursos que são despendidos para essas situações, para os bancos alimentares, para os apoios a essas famílias, algumas, embora a gente vá cortando, porque muitas vezes se nota que há pessoas mais comodistas que propriamente” EE6 [32] 7’- 8’; “Empregos (...) não há na área que essas pessoas procuram porque toda a gente tem muita aspiração e muita vontade de ir para o emprego *xpto*, de acordo com o curso, com as habilitações, de acordo com aquilo que perspetivou e depois por vezes, aquilo que aparece não corresponde e as pessoas acabam por não valorizar o que devia de ser mais valorizável que é o emprego” (EE8 [28] 27’) e ou, são empregos cujos salários apresenta-se por serem reduzidos, “a remuneração de trabalho no concelho de Cascais é mais baixa do que nomeadamente se olharmos para os freguesias vizinhos” (EE9 [34] 31’).

Subcategoria: Fatores de tensão e risco das famílias empregadas

Existe a necessidade de garantir um horário predominantemente extenso, num mercado de trabalho cada vez mais exigente, “a questão do desemprego, por vezes os pais acabam por trabalhar mais para não perder o seu emprego” (EE2 [43] 38’), “depois a questão do mercado de trabalho que exige que os pais estejam até mais tarde, bastante até mais tarde” (EE5 [35] 23’), distanciamento considerável entre escola/trabalho, “mais a viagem na autoestrada que dá mais uma hora a uma hora e trinta, muitas das vezes cria aqui vários constrangimentos” (EE5 [35] 24’), sobretudo em situações cujo emprego é localizado noutros concelhos, sobretudo em Lisboa, como já anteriormente focado, traduzindo-se na necessidade das crianças permanecerem nas escolas e ou outras respostas institucionais, num período mais extenso, “não sendo elas no espaço escola algumas delas passam mais do que oito horas e isso tem a ver com o mercado de trabalho” (EE5 [35] 8’-9’) e ainda, a existência de emprego cujos salários são reduzidos, “o que é

que tem acontecido do ponto de vista de tecido empresarial (...), é que tem explodido determinados tipos de serviços em que as pessoas são mal pagas” (EE5 [35] 14'-15'), “porque é que a nível de trabalho no freguesia é remunerado mais baixo, nomeadamente Oeiras e outros? Porque é uma questão de hotelaria. Cascais é um concelho forte em termos de hotelaria, restauração, etc e infelizmente são funções, normalmente, de baixos salários. Nós estamos a tentar fazer uma inversão” (EE9 [34] 31'-32'). Neste sentido o poder político, fortemente ligado à Camara Municipal de Cascais, tem intervindo neste contexto, “através da introdução políticas, mas que vamos ter o resultados a médio, longo prazo, não é de um dia para o outro” (EE9 [34] 31'-32').

Não obstante, e perante este cenário existem consequências, sobretudo para as crianças, do ponto de vista da sua saúde mental: “Aquilo que depois acontece, as ritalinas, a falta de afeto a falta de atenção com as crianças, acaba por acontecer muito mais frequentemente, do que a pessoa (...) chega a casa às 8:00/ 9:00 da noite ainda tem que fazer o jantar. Portanto, não mexendo no mercado trabalho é complexo depois não se falar da escola. Isso está intimamente interligado” (EE5 [35] 11'-12'); “As crianças estão muito mais tempo ou pelo menos mais tempo na escola do que os pais no local de trabalho” (EE9 [34] 10').

6.3 Conclusão da análise às entrevistas

A análise de conteúdo realizada às entrevistas administradas às nove personalidades, identificadas no **Quadro IV: Análise individual das personalidades entrevistadas** (Apêndice n.º IV), permitiu-nos chegar às seguintes conclusões:

O conceito de **família**, enquanto instituição universal e culturalmente determinada, tem vindo a sofrer ao longo dos séculos inúmeras transformações, quer de carácter público quer de carácter privado, em face do interesse e do redimensionamento da sociedade. Um novo conceito de família emerge. As relações familiares são amparadas pelo afeto, proteção, estímulo à educação e formação, pela realização pessoal e pela reprodução, assente numa vertente de respeito pela liberdade individual, pela promoção social e recriação lúdica, pela igualdade e pela não discriminação.

Dos vários períodos históricos e paradigmáticos pelos quais as estruturas familiares intercetaram promovendo a sua evolução, e numa interpretação sistémica,

permite-nos identificar a família do século XXI enquanto unidade fundamental da sociedade e enquanto grupo de pessoas unidas diretamente por laços de parentesco.

Desta estrutura, a existência de uma relação de proximidade conjugal e parental é assumida enquanto conquista da evolução da família e, portanto, pela obtenção de uma estrutura familiar funcional, de ligações sólidas alicerçadas no respeito, partilha e responsabilização de cada elemento. Do mesmo modo, a relação estabelecida é apresentada por um paradoxo, despoletado pelo reduzido tempo de qualidade que os mesmos têm para a promoção da sua relação familiar.

A família tradicional sobressai quando o conceito de família é abordado, o que significa que é a estrutura que constitui maior predominância. Outros tipos de famílias são mencionados, no sentido em que as estruturas familiares não são estanques.

É fundamental abordar a relação conjugal no que respeita à origem da família, no sentido em que são os moldes em que a sua união é composta, que se pode analisar a dinâmica entre os conjugues e compreender qual a sua posição sobre os restantes membros da família.

Perante os fenómenos decorrentes, agrega-se o dispersar das famílias tradicionais, com o crescimento de famílias monoparentais, potenciado sobretudo pelas separações conjugais.

A evolução dos papéis familiares está inteiramente ligada às mudanças ocorridas na estrutura familiar, que desde logo permitiram a alteração da forma como se vê a criança. Se outrora o desenvolvimento e a função da criança era distinguida pelo género, na contemporaneidade, as famílias passaram a dar-lhe um lugar de destaque central na garantia da obtenção de afetividade.

O papel da família no desenvolvimento de cada ser revela-se essencial e é no seio familiar que são transmitidos os valores morais e sociais que servirão de base para o processo de socialização da criança, assim como as tradições e os costumes perpetuados através das gerações. No entanto, com o evoluir dos tempos e com as mudanças provenientes a nível económico, social, político e tecnológico, traduziu-se numa enorme mudança nos valores individuais.

Deparamo-nos com um modelo de família, onde os verdadeiros valores da família se estão a perder, onde afeto se encontra esbatido, e frequentemente são revelados comportamentos nefastos, através da ausência de tempo de qualidade parental, da desresponsabilização das funções entre os elementos familiares e da fomentação de

atitudes que comprometem a escola no suporte diário das necessidades das crianças, permitindo que as mesmas permaneçam largas horas no espaço da escola.

Das funções que mais se destacam na família - a função afetiva e a educacional, é a afetividade a mais prejudicada, no sentido em que os pais ao se preocuparem com a garantia de um maior bem-estar da família e do futuro desta, acabam por acumular responsabilidades laborais, distanciando-se mais horas dos restantes elementos da família e da vida dos seus filhos. Desta forma, não dão aos filhos a atenção que eles necessitam e ainda, a educação que eles precisam.

Os avós adquirem também alguma representatividade nas estruturas familiares, sobretudo em âmbito de um crescimento familiar saudável e íntegro.

A **população residente na freguesia de São Domingos de Rana** é caracterizada por uma população heterogénea, perante as condições económicas e sociais apresentadas.

A génese associada à freguesia corresponde ao surgimento de uma população maioritariamente desfavorecida e com extensidade do agregado, o que implicou a origem de construções clandestinas onde se manifestava a pobreza e a desigualdade social. Mais tarde, surge a necessidade de intervenção no realojamento destas famílias e na obtenção de respostas contínuas que permitam a satisfação das suas necessidades básicas.

Assente na expansão de urbanizações, tem-se verificado a instalação de família distinguidas pelas suas características económicas e sociais, com edificado vertical e, quando comparadas com as famílias mais desfavorecidas, semelhantes na sua dimensão numerosa. As mesmas, são interventivas do ponto de vista do mercado de trabalho.

Ao ser referido o conceito de **Infância** é necessariamente importante referir o conceito de família. No sentido em que se reconhece que a socialização ocorre desde o nascimento e, portanto, a socialização é realizada com base na cultura da família.

A infância é o período onde a aprendizagem cultural é mais intensa, onde a aprendizagem da língua e das regras básicas de comportamento são os sustentáculos principais da sua socialização.

Considerando as principais problemáticas subjacentes à infância, é fortemente direcionada pela necessidade de a criança brincar. A infância é sobretudo a imagem e a efetivação da criança brincar. Brincar livremente. No entanto, perante a necessidade crescente destas permanecerem num espaço que garanta não só a sua proteção como também o ensino, acabam por ser excessivamente escolarizadas.

Nesta perspetiva surge a necessidade de aliar as competências socioemocionais, desenvolvidas em momentos lúdicos, consideradas tão imprescindíveis quando comparadas com as competências cognitivas.

A escolarização advém da crescente imposição de matéria escolar seja em período de aulas seja após estas, existindo a lacuna de separação entre a aprendizagem em sala de aula e a aprendizagem fora desta.

Por motivos de ordem biológica, social e cultural, as crianças são dotadas da capacidade de brincar e por isso usam esse modo de estar e de ser físico e mental como instrumento para entenderem a complexidade daquilo que as rodeia e participarem na construção dessa mesma complexidade. Essa construção é reflexo da aprendizagem que a criança obtém perante os recursos que as rodeiam, nomeadamente, objetos, pessoas, equipamentos, materiais, entre outros. Este modo de agir das crianças não deve ser condicionado pelos adultos, salvo situações específicas. Nesta sequência, o(s) adulto(s), sejam os pais, docentes, cuidadores ou adultos no geral, devem permitir que as crianças cresçam no sentido de uma autonomia de movimento e de exploração lúdica. Desta forma, o brincar deve ser assumido como uma atividade estimulante e essencial para a promoção do desenvolvimento e aprendizagens saudáveis da criança, deixando de ser apenas uma atividade que serve apenas para manter as crianças ocupadas.

As instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana são fortemente escolarizadas, sendo que a escola adquire maior representatividade por deter um maior suporte ao nível de horário e desta forma os pais optam pela frequência dos filhos na escola em extra-horário. Não obstante, a permanência exagerada das crianças em sede escolar traduz-se num desrespeito pelas necessidades desta. Necessidades essas que correspondem ao brincar livremente e ao estar com a família tempo de qualidade, recebendo desta regras e valores assentes no afeto.

O **tempo livre** é um privilégio e atributo do homem livre, considerando que as suas escolhas incidem na sua própria vontade. Perante a análise ao tempo livre associado às crianças, este encontra-se fortemente condicionado às diretrizes dos adultos.

Considerando que as crianças estão maioritariamente do seu dia na escola, a necessidade de obediência às regras inerente ao espaço da escola e a quem a dirige, torna-se claro que o tempo livre nas crianças não é totalmente garantido, ainda que surja a consciencialização e tentativa da sua promoção. A necessidade de garantia de segurança

e supervisão, perante um ritmo de vida mais acelerado, com mais exigências, mas com a garantia de crianças saudáveis, é primordial que, para além das várias atividades extracurriculares já estruturadas, seja proporcionado tempo de brincadeira livre.

O **mercado de trabalho** encontra-se em fase de expansão, com grupos profissionais ligados a serviços menos qualificados, com uma população residente maioritariamente ativa, mas com representatividade de carências económicas. Perante este cenário, existe a necessidade de garantir horários laborais mais prolongados, com distância significativa entre escola/ trabalho (sobretudo quando aplicado a pais com empregos fora da freguesia), levando à necessidade da extensidade de horário de atividades extracurriculares dos filhos.

Perante as necessidades crescentes das famílias, torna-se evidente o surgimento de respostas após o período letivo, criando condições nefastas pelo excesso e prolongamento de atividades escolarizadas.

A taxa de desemprego na freguesia de São Domingos de Rana e, alargando ao concelho de Cascais, é representa por um número positivo, quando comparada com a média nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família adquire na sua estrutura evolutiva alterações desencadeadas pelas mudanças socioculturais e tecnológicas, resultando numa relação paradoxal entre os membros da família.

Considerando a família enquanto base da organização da sociedade, com responsabilização pela equidade social, o Estado intervém ativamente no sentido de reforçar o equilíbrio entre as famílias.

Do mesmo modo, a intervenção do Serviço Social com famílias, é imprescindível, no sentido em que se constata que os processos familiares e as variações de estatuto dos membros da família, através dos conflitos conjugais, dos estilos parentais, da saúde mental dos pais, dos padrões de comunicação e dos fatores de stress na e da família, produzem influências no desenvolvimento infantil (Feio, 2000). Desde a sua génese, a intervenção do Serviço Social é destacada pela necessidade de obter uma visão global da situação da pessoa e da relação desta com o ambiente (Nogueira, 2011). Neste quadro interventivo e sistémico do Serviço Social, são consideradas as competências parentais e a cooperação das funções parentais, enquanto apoios essenciais para o sucesso da dinâmica relacional entre pais e filhos, orientando-se por valores que respeitam a individualidade dos membros, potenciando o seu bem-estar e, capacitando-os de instrumentos que permitam o desenvolvimento das suas competências.

As estruturas familiares são fortemente destacadas em contexto educativo e em contexto de mercado de trabalho, no sentido em que a articulação com estes dois últimos é condicionada, sendo o mercado de trabalho um dos domínios que mais diretamente interfere com o desempenho das famílias (Nogueira, 2011; Feio, 2000). Resultante das consequências desta articulação de envolvimento entre família e mercado de trabalho e o sistema de ensino, é abordado o conceito de infância.

O conceito de infância permite a obtenção do retrato de um indivíduo social que carece de cuidados especializados, centrado nas preocupações familiares e da sociedade. Dentro desta análise, o conceito de infância é caracterizado pela proteção expressa através de crenças e valores, de legislação, pelo estabelecimento de respostas institucionais e pelo desenvolvimento de investigações centradas na infância (Neto & Lopes, 2018; Monteiro, 2014; Louro, 2012; Goleman, 2012). A este conceito encontramos inteiramente ligado os tempos livres das crianças, considerando que os tempos livres destas estão severamente

condicionados pelas pretensões dos adultos, seja em contexto escolar, seja em contexto familiar.

Segundo Neto & Lopes (2018), Araújo & Eduardo (2012) e Gill (2007), consideram que o tempo livre em contexto da infância é parte integrante do planeamento dos adultos, provocando sérias consequências na livre expressão das crianças, ao invés de responder às necessidades de tempo livre que tanto necessitam.

Numa visão global deste problema cuja complexidade é visível, foi nossa intenção centrarmo-nos na gestão dos tempos livres de crianças no 1º ciclo da freguesia de São Domingos de Rana, tal como enunciado na pergunta de partida, que relembramos:

- Qual a importância dos tempos livres para o desenvolvimento saudável das crianças que frequentam as escolas do 1º ciclo na freguesia de São Domingos de Rana?

Na procura de respondermos a esta pergunta de partida, formulamos os objetivos específicos, que correspondem às diferentes especificidades que o objetivo geral do nosso estudo comporta.

Após realização das entrevistas exploratórias, procedeu-se à análise dos dados recolhidos, permitindo a confirmação de que os objetivos foram atingidos e a pergunta de partida foi respondida, enumerando em seguida as suas conclusões.

Considerando a família, numa primeira abordagem investigativa, enquanto instituição ancestral, demarcada no início da era romana em que a figura masculina detinha uma posição de supremacia, desenvolveu-se um conceito de abordagem familiar, onde as relações são ostentadas pelo afeto e procriação.

Na atualidade, a relação estabelecida dentro da estrutura familiar corresponde a um paradoxo visivelmente vincado apresentado através de uma relação parental de proximidade, mas promovida pelo reduzido tempo de qualidade de relação familiar. O mesmo se verifica pela desresponsabilização das suas funções enquanto pais e ainda, a prática de atitudes que responsabilizam a escola no suporte diário das necessidades das crianças, permitindo que as mesmas permaneçam em contexto escolar largas horas diárias.

Por outro lado, verifica-se a extrapolação da função e posição de cada um destes na estrutura familiar, existindo uma dualidade de funções, muito derivado ao pouco tempo de qualidade despendido com os filhos, levando ao surgimento de uma relação disfuncional entre estes. Sobre esta constatação, surge a necessidade de afirmar a

relevância das representações sociais desenvolvidas pela família, no sentido em que esta é reconhecida por ser a primeira figura responsável pela educação e socialização das crianças e, portanto, a garantia do desenvolvimento saudável destas.

Das estruturas familiares residentes na freguesia de São Domingos de Rana, e do ponto de vista das características sociodemográficas, são potenciadas pela sua génese e caracterizadas por uma população heterogénea, perante as condições económicas e sociais apresentadas.

A infância é destacada pela ausência de brincadeira e pelo prolongamento de horário em contexto escolar, fortemente impulsionado pelos pais e pelos agentes educativos. Do mesmo modo, confirma-se o excesso de escolarização das atividades escolares designadas por tempos livres que são, em bom rigor, uma componente escolarizada assente na intervenção direta dos agentes educativos.

As instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana são destacadas pela sua escolarização, sendo que a escola adquire maior representatividade pelo facto de garantir um suporte de horário mais prolongado. Este suporte garante o período em que os pais se deslocam para os seus empregos e ainda o período em que estes estão a trabalhar.

Em relação ao mercado de trabalho na freguesia de São Domingos de Rana, encontra-se em expansão, com grupos profissionais ligados a serviços menos qualificados e adquire uma empregabilidade representativa das famílias residentes.

No estudo confirma-se que as instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana respondem ativamente às necessidades dos pais, mas não às necessidades dos filhos. Afirmando, sobretudo, o desrespeito pela necessidade destes em brincar, em estar com a família tempo de qualidade e, receber desta regras e valores assentes no afeto, primordiais para o seu desenvolvimento saudável.

Destas conclusões emerge o facto do tempo livre, associado às crianças, se encontrar notoriamente condicionado pelas diretrizes dos adultos.

O tempo livre nas crianças não é totalmente garantido, ainda que surja a consciencialização e a tentativa da sua promoção.

Em síntese, os resultados obtidos quanto aos tempos livres das crianças, permitem-nos afirmar a sua importância para o desenvolvimento saudável destas, pelo que existe a necessidade de repensar os tempos livres, criando condições que permitam que estes sejam efetivados, anulando as consequências nefastas que a ausência destes implicam no seu crescimento saudável.

Do mesmo modo, no que concerne às respostas de apoio aos tempos livres, é notório que são fortemente escolarizadas servindo inteiramente as necessidades de prolongamento de horário dos pais, resultantes das exigências laborais.

Conclui-se, portanto, que é fundamental reformular as atividades de tempos livres nas escolas do 1º ciclo da freguesia de São Domingos de Rana.

Sugestões de resolução para os problemas detetados:

- **Proposta (re)definição das políticas públicas de educação**

Tal como verificado ao longo do nosso trabalho, o Estado é destacado pela promulgação de legislação que visa a proteção dos direitos das crianças, com garantia de cuidados nas áreas da saúde, educação, assistência e trabalho. A atenção pública dedicada à infância, consequência também da ação de Organizações Não-Governamentais, dos *media* e do contributo do conhecimento científico, tem-se refletido nas agendas políticas, nacionais e globais, através do desenvolvimento de políticas públicas (Sarmiento et al., 2007; Caldeira, 2004).

As transformações vivenciadas na contemporaneidade são de tamanha magnitude, que se torna imprescindível tomar conhecimento e intervir na forma como é estabelecido o funcionamento das escolas do 1.º ciclo em resposta às necessidades das crianças, permitindo que estas usufruam de tempo livre.

Considerando a necessidade em reforçar os momentos de brincadeira livre nas crianças, e de terem tempo e liberdade para o fazerem, deverão ser reformuladas as políticas públicas de educação praticadas. Sendo que, está comprovado, que é na escola onde as crianças passam a maior parte do seu dia, expostas ao sedentarismo, onde os recreios escolares são organizados em função dos interesses e disponibilidade dos agentes educativos escolares e não da necessidade de socialização e de atividade física que a criança necessita (Neto & Lopes, 2018; Gill, 2007, Dolto, 1999), chamando a necessidade de desescolarizar os momentos estabelecidos para a ocupação de tempos livres e respetivamente os tempos de intervalo. Para tal, é fundamental criar condições de espaços complementares de educação, recreação e socialização (Neto & Lopes, 2018; Silva, 2001), onde as crianças possam estar “essencialmente em brincadeira livre, em correr no espaço exterior da escola, em brincar, em jogar estafetas” (EE8 [28] 18’).

Nesta sequência, os exteriores das escolas devem ser constituídos por locais de aprendizagem, sobrepondo-se a diversidade de elementos naturais, com a integração de

equipamentos diversificados e mais flexíveis em termos de utilização, articulando com a presença de espaços verdes onde as crianças possam brincar livremente e desenvolver a sua criatividade e imaginação, rompendo com o modelo tradicional de espaço de recreio.

O brincar na rua, que outrora seria tão destacado, atualmente é uma utopia, pelo que é fundamental defender e destacar a necessidade de criar estruturas lúdicas na infância. Não só se trata da sua criação, como também da sua utilização.

A freguesia de São Domingos de Rana, tal como já anteriormente retratado, é distinguida pelas suas características de desenvolvimento de zonas verdes e parques infantis que devem ser utilizadas pela comunidade escolar, situação esta que não acontece, exceto, como evidenciado por um dos entrevistados, onde refere que existe uma ludoteca que realiza atividades na comunidade juntamente com as crianças, ainda que o mesmo ocorra fora desta freguesia. Este exemplo, deve ser transportando para toda a freguesia, tendo como garantia que esta alteração de paradigma permite “a persecução dos direitos da criança do brincar que é um direito, o brincar é um direito e da livre participação que também é um direito, está consagrado” (EE9 [34] 24').

Portanto, é imprescindível a garantia de uma intervenção assente nas políticas públicas de educação que permitam contribuir para o resgate de uma educação assente em tempos diários de brincadeira livre, com a garantia da utilização de espaços quer internos quer externos à escola adaptados às necessidades das crianças. A escola deve simbolizar a articulação entre a família e a comunidade, emergindo a interação focada nas crianças e em prol do seu desenvolvimento.

Não obstante e dentro das políticas públicas educativas, a supervisão do espaço utilizado para o recreio nas escolas do 1º ciclo é extremamente importante. Considerando a análise dos autores Gill (2010) e Neto & Lopes (2018), quando referem as atitudes proibitivas dos adultos afirmando que a infância tem vindo a ser marcada por uma redução de liberdade de ação das crianças e pelo crescimento do controlo e da supervisão dos adultos, neste âmbito, pretendemos reforçar que numa nova organização do espaço do recreio, segundo um modelo não tradicional, permitindo que a supervisão dos agentes educativos assumam um papel de mediadores das interações das crianças e não um papel de punição que fortemente é destacada em espaços tradicionais que potenciam os conflitos entre as crianças (Cruz, 2013).

Considerando o direito das crianças em brincar, é primordial incluir a oportunidade de experienciar o mundo que as rodeia. Os comportamentos dos agentes educativos devem ser estabelecidos numa base de confiança das crianças, o que requer o

conhecimento das suas capacidades e da abdicação do controlo excessivo sobre elas. A auscultação destas é evidenciada pelo respeito das suas ideias e sugestões, manifestadas pela partilha de responsabilidades no decurso das atividades que decorrem no seu tempo livre no espaço de recreio, desenvolvendo a sua autoconfiança e a gestão da sua segurança. Assim sendo, é fundamental o encontro do equilíbrio dessa supervisão.

- **Adaptabilidade do plano pedagógico e organizacional das escolas do 1º ciclo**

É fundamental investir-se na melhoria de qualidade das escolas, dos serviços e das atividades disponibilizadas por estas.

Na persecução do desenvolvimento da qualidade das aprendizagens dos alunos e a performance dos sistemas educativos, a intervenção para a adaptabilidade do plano pedagógico e organizacional das escolas do 1º ciclo apresentasse-nos inevitável. Quando referida a necessidade da criança brincar de forma livre como estando inteiramente proporcional à diminuição do sedentarismo, o mesmo adquire uma relação direta entre a atividade física e desempenho académico, sendo portanto, fundamental que as crianças tenham tempo de pausa das atividades escolares, em sede escolar (Neto & Lopes, 2018).

A escola é caracterizada por ser uma organização complexa, com a presença de diferentes lógicas de ação e distintas dimensões que influenciam os processos e os resultados escolares. Assim sendo, as dinâmicas de inovação pedagógica e a melhoria das aprendizagens, interpretadas à luz de um modelo holístico, permitem a obtenção de resultados mensuráveis.

A criação de um clima de congruência e valor com o desenvolvimento de uma cultura escolar orientada para as aprendizagens de todos, respetivamente, alunos, professores, pais e da própria escola, enquanto organização, permite o investimento de uma inovação pedagógica e de uma melhoria contínua dos processos e dos resultados educativos.

Dentro deste desenvolvimento de uma cultura escolar, a planificação e gestão estratégica dos recursos humanos e materiais torna-se imprescindível. Razão esta aplicada ao facto das crianças permanecerem parte do seu dia junto dos agentes educativos respeitando e regendo-se às regras implícitas do contexto escolar, por outro lado, como já mencionado anteriormente, a necessidade da escola apresentar uma adequabilidade de materiais.

Não obstante, e na persecução da presente proposta, é fundamental enfatizar o valor das relações, criar hábitos e atitudes de autorreflexão sistemática, permitindo a

existência constante da melhoria da prática educativa, em resposta às necessidades das crianças.

Sendo este um estudo de cariz exploratório, no que respeita a investigações futuras surgem algumas propostas, tais como:

- Desenvolver estudos semelhantes, tendo como base escalões etários distintos, de modo a conhecer a forma como os alunos dos diferentes ciclos de ensino ocupam os seus tempos livres.
- Desenvolver estudos semelhantes, diferenciando o ensino público e o ensino privado, de modo a conhecer de que forma os alunos ocupam os seus tempos livres nestes dois modelos de ensino.
- Desenvolver estudos semelhantes, distinguindo a ocupação dos tempos livres em áreas geográficas rurais e urbanas.
- Considerando a presente investigação e na persecução das sugestões de resolução para os problemas detetados, efetuar, num momento distanciado no tempo, uma nova investigação de modo a verificar se, as outrora crianças, alteraram de forma considerável as suas práticas e aferir os motivos que levaram a tal.

Neste sentido, pensamos ter contribuído para os propósitos que este estudo apresentou, fornecendo resultados e análises implícitas à freguesia de São Domingos de Rana.

Desta forma, encetou-se esta investigação, permitindo, através da obtenção da importância dos tempos livres, alternativas que reformulem as atividades de tempos livres nas escolas do 1º ciclo da freguesia de São Domingos de Rana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L., & Freire, T. (2003). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Almeida, H. N. (2008). *Um panorama das mediações nas sociedades. Na senda da construção de sentido da mediação em contexto educativo, Colóquio Internacional Tutoria e Mediação*. Lisboa: Association Francophone Internationale de Recherche Scientifique en Education (AFIRSE).
- Amaro, M. I. (2015). *Urgências e Emergências do Serviço Social: Fundamentos da profissão na contemporaneidade*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Araújo, E., & Eduardo, D. (2012). *O tempo das crianças e as crianças deste tempo*. Braga: Universidade do Minho.
- Ariés, P. (1978). *História Social da criança e da Família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Ariés, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC.
- Azevedo, M. & Maia, A. (2006). *Maus-tratos à Criança, 1.ª edição*. Lisboa: Climepsi.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barreiros, N (2015). Serviço Social com famílias. In Carvalho, M. (Coord.), *Serviço Social num Agrupamento de Escolas: o olhar do profissional de serviço social*. (1st ed., pp. 211-224). Lisboa: Pactor.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Boto, C. (2007). Civilizar a infância na Renascença: estratégia de distinção de classe. *Cadernos da Pedagogia*, 1 (1), 13-41.
- Burguière, A., Klapisch-Zuber, C., Segalen, M. & Zonabend, F. (1996). *História da Família*. Lisboa: Terramar.
- Caldeira, M. F. (2004). *Assistência infantil em Lisboa na 1.ª República*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Camacho, A. (2000). Uma abordagem sistémica da intervenção social no domínio da relação escola – família – comunidade. *Intervenção Social, Revista do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa*, 21, 100-110.
- Câmara Municipal de Cascais (CMC). (2019a). Revisão da Carta Educativa e Plano Estratégico Educativo Municipal (PEEM). Cascais: CMC.

- Câmara Municipal de Cascais (CMC). (2019b). *Diagnóstico Social de Cascais*. Cascais: CMC.
- Campanini, M. (2015). Serviço Social com famílias. In Maria Irene Carvalho (Coord.), *Intervenção com Famílias numa Ótica Sistémica*. (pp. 1-23). Lisboa: Pactor.
- Canico, H., Bairrada, P., Rodríguez, E., & Carvalho, A. (2011). *Novos Tipos de Família, Plano de Cuidados*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Cardona (coord.), M. J., Nogueira, C., Vieira, C., Piscalho, I., Uva, M., & Tavares, T.C. (2001). *Guião de Educação Género e Cidadania. 1º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Carvalho, A., & Baptista, I. (2004) *Educação Social Fundamentos e Estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, M. (2018). *Serviço Social na Educação*. Lisboa: Pactor.
- Carvalho, R. (2001). *História do Ensino em Portugal: Desde a Fundação da Nacionalidade até ao fim do Regime de Salazar- Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carvalho, M. I. L. B. (2010). Serviço Social em Portugal: percurso cruzado entre a assistência e os direitos. *Revista Serviço Social & Saúde, UNICAMP Campinas*, v. IX, (10), 147-164.
- Coelho, C. M. C. (2012) *Percursos escolares: o envolvimento parental na reintegração no sistema educativo dos jovens, no âmbito da formação profissional*. Tese apresentada ao Departamento de Serviço Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de mestre, orientada por Marlene Rodrigues, Lisboa.
- Coutinho, C. (2016). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Cruz, I. (2013). *Potencialidades e utilização no espaço recreio: um estudo desenvolvido em escolas do 1.º ciclo do ensino básico*. Tese apresentada ao Departamento de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa para obtenção do grau de mestre, orientada por António José Correia de Almeida, Lisboa.
- Delgado, P. (2006). *Direitos da Criança. Da Participação à Responsabilidade*. Porto: Profedições.
- Durkheim, E. (1984). *Sociologia, Educação e Moral*. Porto: Rés.
- Esteves, E. A. T. F. (2008). *Alfabetização e educação de adultos- um percurso de 1910 a 1926. Das intensões políticas às medidas concretas*. Tese apresentada ao

Departamento de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de mestre, orientada por Maria Neves Leal Gonçalves, Lisboa.

- Falcão, M. A. (2012). A Teoria do fato social em Durkheim e os elementos de conexão para uma análise sociológica do tributo. *Revista de informação legislativa*, 49 (196), 39-51.
- Faria, A. (2011). *As novas famílias do século XXI*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Feio, P. (Coord.) (2000). *Serviços de proximidade: Caracterização e perspetivas de evolução*. Lisboa: Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP).
- Ferreira, A. (2014) *Serviço Social e Desemprego de Longa Duração. Intervenção Social em Marvila*. Lisboa: Editorial Cáritas.
- Ferreira, F. (2008). *Perceções política sobre a assistência nos finais da Monarquia Liberal: entre a sociedade e o Estado- uma ilustração do desígnio estatal a respeito da proteção da criança e do menor*. Braga: Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Ferreira, J.M.L. (2009). *Serviço Social e modelos de bem-estar para a infância: modus operandi do Assistente Social na promoção da proteção à criança e à infância*. Tese apresentada ao Departamento de Serviço Social do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa para obtenção do grau de doutor, orientada por Marília de Carvalho Seixas Andrade, Lisboa.
- Ferreira, M. (2004). *A gente gosta é de brincar com os outros meninos! Relações sociais entre crianças num Jardim de Infância*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ferreira, T. (2002) *Em defesa da criança. Teoria e prática psicanalítica da infância*. Lisboa: Assírio & Alvim
- Félix, A., Nazareth, J., Ribeiro, M., & Duarte, D. (1994). *Traços da Família Portuguesa*. Lisboa: Ministério do Emprego e da Segurança Social, Direção Geral da Família.
- Foracchi, M., & Martins, J. (1983). *Sociologia e Sociedade (Leituras de introdução à Sociologia)*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.
- Fortin, M. (2009). *O Processo de investigação: da conceção à realização*. Loures: Lusociência
- Gameiro, J. (1994). *Quem sai aos seus*. Porto: Afrontamento.
- Garvey, C. (1992). *Brincar*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (2005). *O Inquérito*. Oeiras: Celta.
- Giddens, A. (2013). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Gimeno, A. (2001). *A Família: o desafio da diversidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Goleman, D. (2012). *Inteligência Emocional*. Lisboa: Temas e Debates.
- Gomes-Pedro, J., Nugent, J. K., Young, J. G., & Brazelton, T. B. (2005). *A criança e a família no século XXI*. Lisboa: Dinalivro.
- Guadalupe, S. (2016). *Intervenção em Rede. Serviço Social, Sistémica e Redes de Suporte Social*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Guerra, I. (2002). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção*. São Domingos de Rana: Principia.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Estoril: Princípia.
- Henriques, J. (2012). *História da Pedagogia: quadros, apontamentos e ideias sobre....* São Domingos de Rana: Ala Academia de letras e Artes.
- Hill, M., & Hill, A (2009). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Kramer, S. (2003). *A Política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce. 7ª edição*. São Paulo: Cortez.
- Kuhn, R., Cunha, A. C. & Costa, A. R. (2015). Sem tempo para brincar: As crianças, os adultos e a tirania dos relógios. *Revista Kinesis*, 33(1), 101-118.
- Leirinha, J. C. C. (2015). *O Estado, a Sociedade e o Poder Local: análise nas freguesias do Concelho de Cascais*. Tese apresentada ao Departamento de Sociologia e Políticas Públicas do Instituto Universitário de Lisboa para a obtenção do grau de mestre, orientada por João António Salis Gomes, Lisboa.
- Leitão, M. L. (2013). *Brincar, aprendizagem e desenvolvimento em Jardim-de-Infância*. Tese apresentada ao Departamento de Educação da Universidade de Aveiro para obtenção do grau de mestre, orientada por Maria Gabriela Correia de Castro Portugal, Aveiro.
- Leite, F. O. (2015). *Família e Escola: Parceira necessária para erradicar o fracasso escolar*. Tese apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de mestre, orientada por Isaura Graça Pedro, Lisboa.
- Lima, A., & Meneses, R. (2018). Sobre a psicologia da vinculação e os vínculos na pedagogia: do 1º ciclo do ensino básico. *Revista Humanum*, 28 (1) 97-110.
- Lins, S., Silva, M., Lins, Z., & Carneiro, T. (2014). La comprensión de la infancia como una construcción social e histórica. *Revista (Center for Epidemiological Studies) CES Psicología*. 7(2), 126-137.

- Lobo, C. (2009) *Recomposições Familiares: Dinâmicas de um Processo de Transição*. Lisboa: undação Calouste Gulbenkian.
- Louro, C. F. (2012). *Os maus-tratos a crianças: Representações das crianças sobre a família e o risco psicossocial*. Tese apresentada ao Departamento de Serviço Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de mestre, orientada por Marlene Braz Rodrigues, Lisboa
- Lucas, F., & Pereira, H. (2009). *Gestão das IPSS com valências diversificadas: Proposta de um modelo de referência de atuação estratégica dos dirigentes*. Santarém: Escola Superior de Gestão e de Tecnologia de Santarém
- Macedo, E. (1998). *Centro de Actividades de Tempos Livres. Condições de Implantação, Instalação e Funcionamento*. Lisboa: Direção-Geral da Ação Social.
- Magalhães, T. (2005). *Maus-tratos em Crianças e Jovens. Guia Prático para Profissionais, 4.ª edição*. Coimbra: Quarteto
- Martins, S. P. (2008). *Direito do Trabalho (24ª ed.)* São Paulo: Atlas.
- Mira, D. C. S. (2017) *As crianças de famílias beneficiárias de rendimento social de inserção. Articulação dos planos de desenvolvimento individual e dos planos de inserção*. Tese apresentada ao Departamento de Serviço Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de mestre, orientada por Graça Maria Roli André Queirós André, Lisboa.
- Monteiro, J. (2014). *A infância que espera. Do acolhimento à construção dos projetos de vida*. Tese apresentada ao departamento de Serviço Social do Instituto Superior de Serviço Social para obtenção do grau de mestre, orientada por José Alberto Reis, Porto.
- Moreira, C. D. (2007). *Teorias e Práticas da Investigação*. Oeiras: Celta Editora.
- Morgado, J. (2012). *O estudo de caso na investigação em educação*. Santo Tirso: De facto editores.
- Nascimento, C., Brancher, V. & Oliveira, V. (2008). A construção social do conceito de infância: Uma Tentativa de reconstrução historiográfica. *Revista Linhas*, 9(1), 4-18.
- Neto, C., & Lopes, F. (2018). *Brincar em Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- Nobre, A. C. F. (2017). *O papel da Associação de Defesa e Apoio à Vítima (ADAV) na vida das famílias que acompanha*. Tese apresentada ao Departamento de

Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de mestre, orientada por Paulo Peixoto, Coimbra.

Nogueira, B. C. A. (2011). *A intervenção do serviço social nas escolas Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP): mais perto para chegar mais longe*. Tese apresentada ao Departamento de Serviço Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de mestre, orientada por Inês Amaro, Lisboa.

Nunes, F. Reto, L. Carneiro, (2001). *O Terceiro Sector em Portugal: delimitação, caracterização e potencialidades*. Lisboa: Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo.

Palma, R. P. R. (2013). *Pavilhões Desportivos: Regulamentos e Diretor Técnico*. Tese apresentada ao Departamento de Gestão do Desporto da Universidade Técnica de Lisboa para obtenção do grau de mestre, orientada por José Manuel Martins Meirim da Silva, Lisboa.

Papalia, D., Feldman, R., & Wendkos, O. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill.

Passarinho, I. C. C. (2012). *As formigas e os carreiros. Uma abordagem de inspiração biográfica aos percursos de aprendizagem e à construção identitária de Assistentes Sociais*. Tese apresentada ao Departamento de Educação da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de doutor, orientada por Rui Fernando Canário, Lisboa.

Patrício, M. F. (1990). *A escola cultural - horizonte decisivo da reforma educativa*. Lisboa: Texto.

Postman, N. (1999). *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2018). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ramos, M. E. F. C. (2017). *Violência escolar na perspetiva dos jovens contributos para a gestão e as práticas socioeducativas na Escola Básica 2, 3 Monte de Caparica*. Tese apresentada ao Departamento de Serviço Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de mestre, orientada por Isabel Cristina da Conceição Passarinho, Lisboa.

Reis, M. P. (2008). *A Relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese apresentada ao Departamento de didática de

la lengua y la Literatura da Universidade de Málaga para a obtenção do grau de doutor, orientada por Ángeles Gervilla Castillo, Málaga.

Rodrigues, M. O. (2016). *Violência doméstica e Envolvimento parental na escola: Perspetivas de mães e filhos*. Tese apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de doutor, orientada por Alcina Manuela de Oliveira Martins, Lisboa.

Santos, N. S. C. (2011). *Promovendo a inclusão nas atividades de tempos livres*. Tese apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de mestre, orientada por Isabel Rodrigues Sanches, Lisboa.

Saraceno, C. (1997). *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa.

Sarmiento, M. J., Fernandes, N., & Tomás, C. (2007). Políticas Públicas e Participação Infantil. *Educação, Sociedade e Cultura*, 25 (1), 183-206.

Sarmiento, M. J. (2018). Prefácio. In J.L. D'Almeida e P. Sousa (Org). *Serviço Social na Escola: Contributos para o Campo Profissional*. Vila Nova de Famalicão: Húmus.

Sebastião, J. (2009). *Democratização do Ensino, Desigualdades Sociais e Trajectórias Escolares*. Fundação Calouste Gulbenkian. Coimbra: Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Sequeira, A., & Pereira, B. (2004). Estudo descritivo das atividades de tempos livres (ATL) – um estudo de caso. *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: A questão Social no novo milénio* (pp. 1-16), Coimbra, Portugal. Atas. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.

Shirley, A. (2015). Serviço Social com famílias. In Maria Irene de Carvalho (Coord.), *Intervenção com Crianças e suas Famílias: Qual a melhor estratégia?* (pp. 25-42). Lisboa: Pactor.

Siegel, D., & Bryson, T. (2018). *O cérebro da criança 12 estratégias revolucionárias para treinar o cérebro em desenvolvimento do seu filho*. Lisboa: Casa das Letras.

Silva, F. (2013). *O Futuro do Estado Social*. Lisboa: Ensaio da Fundação.

Silva, L. (2001). *Acção Social na Área da Família*. Lisboa: Universidade Aberta.

Simionato, M., & Oliveira, R. (2003). Funções e transformações da família ao longo da história. *I Encontro Paranaense de Psicopedagogia* (p. 58-66), Maringá, Brasil. Maringá: Departamento de Psicologia Universidade Estadual de Maringá.

- Simões, P. L. (2016). *Alunos, famílias, escola e comunidade: sujeitos e mediações. O GAAP como campo de possibilidade (s) para a mediação intercultural*. Tese apresentada ao Departamento de Mediação Intercultural e Intervenção Social da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria para a obtenção do grau de mestre, orientada por Ana Maria Sousa Neves Vieira, Leiria.
- Sousa, B., & Pizarro, J. D. (2011). A Família. Estruturas de Parentesco e Casamento. In J. Mattoso, & B. V. E. Sousa (Eds.), *História da Vida Privada em Portugal – A Idade Média* (pp. 126-143). Lisboa: Temas e Debates.
- Souza, M. D. (2019). *A questão social como obstáculo à coesão social*. Brasília-DF: Conteúdo Jurídico.
- Teixeira, C. A., Cardoso, G., & Miranda, J. (2003). *Registo Fotográfico da Freguesia de S. Domingos de Rana e Alguns Apontamentos Histórico- Administrativos*. Cascais: Associação Cultural de Cascais.
- Tomás, C., & Fernandes, N. (2011). Direitos da Criança em Portugal: os desassossegos dos riscos na / da infância. IV Encontro Maus-Tratos, Negligência e Risco na Infância e na Adolescência (pp. 1- 11), Maia, Porto. Atas. Maia: Fórum da Maia.
- Vasconcelos, T. (2014). *Tecendo tempos e andamentos na educação de infância (última lição)*. Odivelas: Media XXI.
- Vieira, A., & Vieira, R. (2016). *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações*. Porto: Profedições/Jornal a Página.
- Wall, K. (2005). *Famílias em Portugal*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais (ICS).

APÊNDICES

APÊNDICE I

Protótipo de comunicação escrita com apresentação e contextualização da investigação

Exmo (a) Senhor (a) Dr. (a)

(identificação)

Antes de mais espero que este email o (a) encontre bem.

Sou residente na Freguesia de São Domingos de Rana e aluna do Mestrado de Gestão de Unidades Sociais e de Bem-estar, inerente ao Serviço Social, na Universidade Lusófona de Lisboa. Encontro-me a realizar a investigação no âmbito do referido mestrado, com o tema inerente aos tempos livres das crianças na freguesia de São Domingos de Rana.

Solicito, dentro da sua disponibilidade, em aceitar a concretização de uma entrevista no âmbito deste tema, focando essencialmente os seguintes aspetos:

- Perspetiva histórica e atual da família;
- Características sociodemográficas da população residente na freguesia de São Domingos de Rana;
- Características inerentes à infância;
- Características das instituições de resposta aos tempos livres;
- Identificação de tempos livres;
- Identificação do mercado de trabalho nas famílias da freguesia de São Domingos de Rana.

Desde já agradeço a sua atenção.

Atentamente,

Inês Marques

APÊNDICE II

Quadro I: Intervenientes nas entrevistas exploratórias

Código Entrevista	Personalidade	Área	Descrição
EE1	Manuel Mendes	Política	Presidente da Junta de Freguesia de São Domingos de Rana, em 2012, com um conhecimento alargado sobre a população da freguesia de São Domingos de Rana.
EE2	David Sousa	Educação	Diretor do Agrupamento de Escolas Frei Gonçalo de Azevedo, com conhecimento alargado sobre a população escolar, respetivamente alunos e pais/encarregados de educação, da freguesia de São Domingos de Rana. Pelo seu estatuto, enquanto Diretor de um agrupamento de escolas, apresenta conhecimentos sobre diversos aspetos da freguesia de São Domingos de Rana.
EE3	Ricardo Mendes	Social	Psicólogo na Junta de Freguesia de São Domingos de Rana e da Escola Fixa de Trânsito da Freguesia de São Domingos de Rana, com conhecimento alargado sobre as principais necessidades do foro psicanalítico das crianças e suas famílias residentes na freguesia de São Domingos de Rana.
EE4	Luísa Brito	Animação Sociocultural	Funcionária na Junta de Freguesia de São Domingos de Rana, no âmbito da toponímia e monitorização da Escola Fixa de Trânsito, com conhecimento nas áreas da infância, juventude, familiar e escolar, referentes à freguesia de São Domingos de Rana.
EE5	Bruno Bernardes	Política	Secretário da área Executiva da Junta de Freguesia de São Domingos de Rana, com conhecimento alargado nas áreas de ação social, intervenção comunitária, juventude e saúde da população da freguesia de São Domingos de Rana.
EE6	Maria Fernanda Gonçalves	Política	Presidente da Junta de Freguesia de São Domingos de Rana, em 2019, com conhecimento alargado sobre a população da freguesia de São Domingos de Rana, com particular destaque para o facto de ter sido professora na respetiva freguesia durante largos anos.
EE7	Daniela Gomes	Educação	Presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação da EB1 do Monte Real, Tires, localizada na freguesia de São Domingos de Rana, com conhecimento alargado sobre a população de pais/ encarregados de educação e alunos da respetiva Escola. Principal destaque para o facto de ser profissionalmente ativa enquanto professora, mãe de duas crianças

			que frequentam escolas da freguesia e residente na freguesia de São Domingos de Rana.
EE8	Patrícia Lourenço	Educação	Professora de uma Escola Básica localizada na freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais. Com vasta experiência na área do ensino e coordenação de escola básica.
EE9	Frederico Almeida	Política	Vereador na Câmara Municipal de Cascais, com conhecimentos alargado na área da habitação, ação social, educação e promoção de saúde. Assume compromissos com outras entidades exteriores respetivamente, a Rede Social, a ACES Cascais com a CPD - Comissão para a Pessoa Deficiente, as Assembleias das Escolas Secundárias e de Agrupamentos de Escolas e o Conselho Consultivo dos Centros de Saúde de Cascais.

Fonte: Elaboração própria/2019

APÊNDICE III

Quadro II: Guião de entrevista exploratória

EE n.º ____: GUIÃO DE ENTREVISTA EXPLORATÓRIA		
Entrevista dirigida: (breve apresentação do entrevistado)		
Dados de Identificação do Entrevistado		
Nome		
Entrevista n.º		
Código	EE ____	
Duração		
Data de realização		
Horário	Início	
	Término	
Local de realização		
Perfil do Entrevistado		
Género	01 (Masculino)	
	02 (Feminino)	
Habilitações Académicas		
Função		
Objetivos da entrevista:		
1. Analisar e caracterizar a evolução do conceito de família na freguesia de São Domingos de Rana. 2. Identificar as características sociodemográficas das famílias na freguesia de São Domingos de Rana. 3. Analisar a evolução do conceito de infância na freguesia de São Domingos de Rana. 4. Analisar as instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana e avaliar a efetivação do tempo livre na criança. 5. Identificar as condições do mercado de trabalho na freguesia de São Domingos de Rana.		
Nota introdutória:		
➔ Sucintamente explicar a temática em estudo, subjacente à tese de mestrado. ➔ Explicitar a importância da realização da entrevista e por conseguinte o que se pretende com a realização da mesma.		
1. Conhecimento da perspetiva histórica e atual da família. 1.1 Evolução do conceito de família. 1.2 Características da família contemporânea. 1.3 Funções da família. 1.4 Fatores de tensão e risco na vida familiar. 2. Conhecimento e perceção das características sociodemográficas da população residente na freguesia de São Domingos de Rana. 2.1 Características sociodemográficas		

2.2 Características económicas.

3. Compreender as características inerentes à infância.

3.1 Conceito de infância.

3.2 Características que definem a infância.

3.3 Fatores de tensão e risco na infância.

4. Analisar as instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana e avaliar a efetivação do tempo livre na criança.

4.1 Caracterização das instituições de resposta aos tempos livres.

4.2 Caracterização dos tempos livres nas crianças.

4.3 Efetivação dos tempos livres nas respostas sociais de tempos livres.

4.4 Confirmação da adequabilidade dessas respostas às necessidades existentes.

5. Assimilar o contexto de mercado de trabalho nas famílias da freguesia de São Domingos de Rana.

5.1 Empregabilidade das famílias.

5.2 Desemprego nas famílias.

5.3 Fatores de tensão e risco das famílias empregadas

ENTREVISTA SEMI- ESTRUTURADA

Tema: Tempos Livres das Escolas do 1º Ciclo São Domingos de Rana.

Entrevistadora (E): Inês Marques

Guião de questões:

1. Segundo alguns autores o termo família adaptou-se à realidade imposta pela sociedade, seja pelo *pater* famílias da era romana, seja pela conjugalidade marcada pelo afeto e procriação. Concorda com esta opinião?
2. Em vários estudos e diagnósticos realizados por representantes de diversos departamentos do concelho de Cascais, verifica-se que um quinto das famílias em São Domingos de Rana são unipessoais e mais de metade são compostas por duas ou três pessoas. As famílias mais numerosas (com 4,5 ou mais pessoas) têm maior peso nas freguesias de São Domingos de Rana e Alcabideche. Perante este facto, que opinião tem sobre as famílias residentes na freguesia de São Domingos de Rana?
3. Segundo alguns autores referem que apenas com a institucionalização da escola é que o conceito de infância começa lentamente a ser alterado, através da escolarização das crianças. Podemos, portanto, a partir do desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, falar numa construção social da infância. Concorda com esta opinião?
4. Considera que as instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana vão de encontro às necessidades das crianças e dos seus pais? Que opinião tem sobre os tempos livres?
5. Partindo do pressuposto que o acesso ao emprego e mercado de trabalho é um dos maiores fatores de tensão e risco perante as famílias, como define o mercado de trabalho na freguesia de São Domingos de Rana?

Fonte: Elaboração própria/2019

APÊNDICE IV

Quadro IV: Análise individual das personalidades entrevistadas

Código Entrevista	Personalidade	Descrição
EE1	Manuel Mendes	Considera que as famílias residentes na freguesia de São Domingos de Rana são principalmente constituídas por casais novos, com filhos pequenos, permitindo o surgimento de novas urbanizações. A população residente é maioritariamente empregada. Foca as instituições de resposta às necessidades das crianças como sendo adequadas.
EE2	David Sousa	Considera que as famílias dos alunos que frequentam as escolas do agrupamento da qual é diretor, são de um nível socioeconómico baixo e que, apesar do sistema de ensino do agrupamento ter uma conotação positiva junto das famílias, estas não o valorizam devidamente. Considera ainda que as crianças permanecem tempo excessivo no interior da escola e que após esse período, os pais não usufruem tempo de qualidade com os seus filhos.
EE3	Ricardo Mendes	Intervém numa percentagem reduzida da população, sobretudo na área educativa, diretamente com a escola, em questões de psicopatologia nas crianças, respetivas famílias e professores. Considera que as familiares residentes são heterogéneas, com um crescimento considerável de urbanizações. Quanto às instituições considera que existe uma intervenção destacada junto das famílias mais carenciadas.
EE4	Luísa Brito	Considera que as famílias das crianças com as quais trabalha, apresentam algumas carências económicas, ainda que, com menor incidência na atualidade. Considera que o trato às crianças é menor do que outrora e que o comportamento dos adultos tem vindo a apresentar severas alterações, com possíveis consequências nefastas para o desenvolvimento saudável das crianças.
EE5	Bruno Bernardes	Considera que as características sociodemográficas se devem sobretudo à génese histórica da freguesia, num contexto de imigração e migração, com a instalação de famílias na freguesia resultando em estruturas familiares maioritariamente numerosas e com algumas carências. Não obstante, as famílias diferenciadas são também destacadas na freguesia, apresentando uma estrutura evidenciada pela edificação de novas urbanizações e pela participação destas na comunidade. Considera que a permanência das crianças na escola está intrinsecamente ligada ao mercado de trabalho e às políticas públicas desenvolvidas pelo Estado e empregadores.
EE6	Maria Fernanda Gonçalves	Considera que as crianças permanecem muito tempo no espaço da escola e que a principal razão se deve ao mercado de trabalho. Considera que os serviços garantidos na freguesia são maioritariamente estabelecidos na componente do utilizador-pagador.
EE7	Daniela Gomes	Perante as alterações abruptas no seio familiar, comparativamente com outrora, considera que as crianças são deixadas, intencionalmente, nas escolas num tempo excessivamente alargado, culpabilizando sobretudo os pais. Considera que estes adquirem no seu quotidiano, comportamentos nefastos para o desenvolvimento saudável

		dos filhos. Quanto à empregabilidade das famílias, considera que menos de metade da população é desempregada, sendo que esta tem apoios sociais necessários para se subsistirem. Refere-se positivamente às famílias diferenciadas pela sua estabilidade económica, como sendo uma fonte trabalhadora e de grande apoio para a freguesia.
EE8	Patrícia Lourenço	Caracteriza a escola como sendo um local em que as crianças permanecem um período de tempo excessivo e não responde adequadamente às necessidades das crianças e dos pais. Se por um lado, considera que as crianças deveriam ter mais tempo livre, calculado em função do espaço onde se encontram, por outro lado considera que o período de extensão de horário e funcionamento da escola deveria ser mais prolongado no sentido de dar apoio às famílias que trabalham. Caracteriza as famílias como pouco interessadas no sistema de ensino, bem como na colaboração de projetos e ou atividades na escola.
EE9	Frederico Almeida	Considera que os pais estão cada vez menos tempo de qualidade com os filhos, priorizando na sua análise a necessidade de intervenção para que as crianças tenham tempo livre para brincarem. Refere ainda que estas permanecem na sala de aula tempo em excesso e que por sua vez o espaço de recreio não está adaptado às necessidades das crianças. Considera que do ponto de vista de mercado de trabalho os pais apresentam-se maioritariamente empregados.

Fonte: Elaboração própria/2019

APÊNDICE V

Quadro V: Sinopse das entrevistas exploratórias em função do guião de entrevista exploratória

Questão 1 - Guião de entrevista exploratória: Definição do conceito de família	
Análises	Excertos da entrevista
Considera-se que houve uma reestruturação na estrutura familiar. Alteraram-se comportamentos, valores e o envolvimento da família perante os membros mais novos, contudo mantém-se a consciência de que a família é envolvida pelo afeto. Existe um paradoxo na relação entre pais e filhos, apesar de existir uma maior proximidade entre estes, considera-se que estão diariamente pouco tempo de qualidade juntos.	“As crianças e os jovens, chegam sós. Sós no sentido, há uma grande falta de contexto familiar eu diria normal” EE2 [43] 34'-35'
	“Acabam por não estarem muito tempo com os pais. É jantar e cama e não há um relacionamento com os pais” EE4 [24] 4'-5'
	“Podemos identificar aqui três tipos de famílias. Depois existe também, a par destas pessoas, idosos e idosas, especialmente, é conhecido, que a esperança média de vida nos homens é mais baixa e o que acontece é que aparecem muitas famílias monoparentais, sobretudo mulheres com vários filhos que recasam ou não, existe muito” EE5 [35] 5'
	“Hoje a família (...) acaba por ser um local onde as pessoas se reúnem à noite (...) não há aquela reunião de família que antigamente, na altura dos romanos, se fazia (...) hoje não, as pessoas trabalham, o modo de vida é diferente. Antigamente, as pessoas não trabalhavam, as mulheres sobretudo, raramente trabalhavam, eram donas de casa, tinha um trabalho doméstico. Antigamente a família era o centro das atenções de qualquer membro. A família era tudo. Os valores, saem da família. Hoje, precisamente, os valores estão-se a perder por este problema da sociedade, que não há tempo para que os pais estejam com os filhos, não há tempo para que os pais eduquem os filhos” EE6 [32] 1'-3'
	“Para mim é um membro da família mais importante na família. Porque os avós são os segundos pais, também há avós e avós, são aqueles que ainda pelo seu estatuto de estarem aposentados e de terem mais tempo livre, acabam por ser o suporte de muitas crianças. Não tantas como nós gostaríamos na sociedade, mas, algumas ainda estão ainda são acompanhadas pelos avós e são aquelas que são mais saudáveis intelectualmente” EE6 [32] 3'
	“Vê-se muito aqueles pais que são mais amigos dos filhos mais do que pais propriamente (...) Derivado à sociedade atual que temos, que trabalhamos todos muitas horas, infelizmente e temos que o fazer, e o pouco tempo que muitas vezes os pais estão com os filhos não querem se estar a chatear é para estar bem ou dou-lhe isto ou dou-lhe uma prenda ou faço isto ou faço aquilo” EE7 [26] 1'
	“Continua a haver famílias tradicionais (...). Em relação aos afetos no geral acha que deixámos de ter um meio-termo, ou temos crianças com pouco afeto ou crianças com afeto” EE7 [26] 2'-3'
	“Sempre houve um instinto de no ser humano ter o seu clã a sua família (...) o que eu acho é que o conceito de família se tem vindo a alterar a esta parte. Também acho que hoje em dia temos muitas famílias monoparentais, temos famílias em que há partilha da tutela dos filhos, guardas partilhadas, temos famílias

	homossexuais, temos muitíssimas novas famílias. Portanto, o conceito de família está a aumentar. Mas claro, eu acho que ainda há o clássico conceito familiar que pronto” EE8 [28] 1'
	“As características das famílias clássicas são essas. De um todo, do acompanhamento da infância dos filhos (...). As pessoas deixarem, de desresponsabilizarem-se dos seus papéis de pais e educadores um pouco, porque a sociedade também não permite muito que os pais tenha um tempo de qualidade com os filhos, acho que é um bocado isso hoje, é tudo muito a correr, os pais largam os filhos nas escolas e encaram as escolas como um depósito nem estão muito preocupados com o conteúdo do que se faz na escola nem com a qualidade do que se faz na Escola, desde que a escola esteja aberta das tantas às tantas, é a escola que lhe serve (...) Há cada vez mais um desresponsabilizar por parte das famílias, dos seus papéis e das suas funções, enquanto pais, canalizando cada vez mais isso para a escola” EE8 [28] 2'-3'
	“Os pais não estão habituados a ter tempo com os filhos e depois quando são obrigados a estar uma semana, por exemplo, nas férias do natal ou nas férias da páscoa ou noutra altura (...) e eu acho que os pais acabam por não dar valor a estar com os filhos acham que os filhos são fardo que aborrecem” EE8 [28] 15'
	“Famílias, o conceito família tem vindo a sofrer evolução ao longo dos tempos. Para mim o conceito família é muito claro, é um pai, uma mãe, filhos, obviamente, avós, primos, tios, etc . Se nós falarmos da família alargada ou mais restrita, mas o meu conceito família, o conceito de família tradicional, obviamente, que hoje em dia com a dinâmicas do dia a dia, os números que temos, seja em termos de divórcios ou segundos casamentos, segundas relações, como se costuma dizer relativamente aos filhos, os meus, os teus e os nossos e, digamos, que essas dinâmicas fazem com que as famílias, hoje em dia, sejam muito mais elas próprias também dinâmicas” EE9 [34] 1'
	“Família, em condições normais, implica afeto, para mim é uma condição da família. Infelizmente sabemos que existem muitas situações em que tal não se verifica” EE9 [34] 2'
Questão 2- Guião de entrevista exploratória: Características sociodemográficas das famílias residentes na freguesia de São Domingos de Rana	
Análises	Excertos das entrevistas
A população de São Domingos de Rana é uma população heterogénea, perante as condições económicas e sociais apresentadas. A génese histórica que caracteriza a freguesia permitiu o surgimento de uma população maioritariamente desfavorecida e por conseguinte, de construções clandestinas.	“Sobretudo casais novos que residem” EE1 (s.i)
	“Esta população servida pelo agrupamento é de um nível socioeconómico baixo” EE2 [43] 0'-1'
	“Heterogeneidade muito grande, da população” EE3 [28] 1'-2'
	“Aqui uma questão de Freguesia começou no litoral e essa ocupação era múltipla inclusive, incluindo aquilo que era os bairros de lata, os antigos bairros ocupados por pessoas que vinham e que vieram das colónias. E esta zona, portanto, especialmente de São Domingos de Rana que passou depois a ter mais de 160 bairros de génese ilegal, foram enquadrados a partir de 1995 numa lei que saiu na altura. Quer pessoas que vinham do êxodo rural que vieram para trabalhar aqui para a região de Lisboa e, portanto, compraram terreno e foram construídas as suas casas” EE5 [35] 1'-2'

A intervenção junto destas famílias tem sido contínua. Assente na expansão de urbanizações, tem-se verificado a instalação de famílias interventivas na comunidade, mercado de trabalho e ao surgimento de edificado vertical.	“Um segundo momento a partir da década de 90 que é a de através do PER, programa especial de realojamento, pegar nestas famílias que viviam no litoral, viviam nestes bairros de lata e enquadrá-las. E onde é que haveriam de enquadrar? Onde havia terrenos baratos, em Alcabideche e São Domingos de Rana” EE5 [35] 3'
	“Famílias diferenciadas (...), edificado horizontal, sendo que tem uma estrutura familiar diferente” EE5 [35] 2'-3'
	“Muitas famílias monoparentais, principalmente mulheres com vários filhos” EE5 [35] 5'
	“População de todas as classes sociais” EE5 [35] 6'-7'
	“Aqui, na nossa freguesia, temos famílias numerosas (...) Porque houve um realojamento de pessoas (...) que são dos PALOPS e que tem aquela cultura de muitos filhos e depois há (...) a outra parte da sociedade (...) que é o normal ter um ou dois filhos, o normal dos portugueses” EE6 [32] 6'-7'
	“Esta é uma das freguesias mais carenciadas do concelho. Alias é a mais carenciada, precisamente por esse motivo. Por esse motivo de alojamento, de haver muita gente com RSI e depois isso acarreta um problema, sobretudo para as autarquias, porque não é não há nenhum presidente da câmara que goste de ver alguém passar fome, não é. E então há muitos recursos que são despendidos para essas situações, para os bancos alimentares, para os apoios a essas famílias, algumas, embora a gente vá cortando, porque muitas vezes se nota que há pessoas mais comodistas que propriamente problemas (...) Mas sim, é uma das freguesias com mais dificuldades económicas precisamente devido a este montante de gente que temos que foi realojado” EE6 [32] 7'-8'
	“Há um grande grupo de pessoas com muitos filhos, famílias numerosas, e depois à grupo composto pelos portugueses, que tem um número mais reduzido de filhos, tem um, dois filhos” EE6 [32] 9'
	“Essas pessoas que trabalham fazem a sua vida normal, são pessoas intervenientes na sociedade e, portanto, trabalham e ajudam” EE6 [32] 30'-31'
	“Digamos, as famílias numerosas ou de maior dimensão no concelho existe muitas vezes a tentação de caracterizar as famílias numerosas. Dizer que são as de maior capacidade económica ou as de menor, são as duas coisas. No concelho de Cascais são extamente as duas realidades No concelho de Cascais são extamente as duas realidades. Eu diria a classe média é aquela que tendencialmente têm menos filhos um, dois normalmente não passa dos dois, quem tem mais filhos e portanto famílias numerosas são os extremos as mais carênciadas e as famílias com maior poder económico” EE9 [34] 5'-6'
	“Temos a residir, nomeadamente em habitação social, famílias com grande dimensão e, portanto, com fracos recursos económicos e financeiros e que trazem depois um conjunto de dificuldades grandes no dia a dia. Famílias que necessitam do apoio significativo nas várias dinâmicas da vida, na componente creche, de infância, até depois nas componetes de acesso a medicamentos, a um conjunto de necessidades (...) nós temos, portanto, respostas de protocolo tentando minimizar estes constrangimentos” EE9 [34] 7'

Questão 3 – Guião de entrevista exploratória: Características na infância	
Análises	Excertos das entrevistas
Considera-se que as características que definem inteiramente a fase da infância, estão a ser fortemente manipuladas pela excessiva permanência no espaço da escola, que acumulado ao facto de lhes ser impedido de fazer o que no fundo é a sua essência, acarreta consequências nefastas ao seu futuro, enquanto adultos saudáveis.	“Espaço escola é um espaço para o ensino sendo que não mudamos o método de ensino e o formato de escola, é óbvio que o gozo e o prazer em fazer outras coisas na outra escola está um pouco condicionado, o próprio comportamento das crianças e tudo mais” EE5 [35] 9'-10'
	“As pessoas praticamente entregam os filhos à escola. A escola é que é o local onde os filhos estão” EE6 [32] 1'
	“As crianças vão para a escola cada vez mais cedo, neste momento. Cada vez mais cedo saem do seio familiar, eles vão para a escola com três meses” EE6 [32] 11'-12'
	“Antigamente nós brincávamos na rua, jogávamos ao Pião. Hoje não se pode com os nossos, porque é perigoso não é porque é complicado, por falta de segurança, porque a sociedade mudou e porque variadíssimos problemas” EE6 [32] 21'-22'
	“O tempo exagerado que as crianças ficam dentro do recinto da escola. Os pais não. Vão tomar um café ao café da esquina, ainda vão às compras ao supermercado, ainda vão ao centro comercial se ainda tem alguma coisa para fazer, ainda conversam com os amigos na rua. Os miúdos não. Os miúdos estão desde aquela hora àquela hora dentro de um espaço, dentro do mesmo espaço, sempre ali a fazer o trabalho que tem que fazer e com uma pessoa que, por vezes, pode nem sequer ajudar em nada no seu crescimento” EE6 [32] 22'- 23'
	“A criança precisa de brincar. E de brincar em espaços públicos, nos jardins, não é nos supermercados” EE7 [32] 19'-21'
	“Têm muito tempo de horário letivo (...) as crianças precisam de brincar” EE7 [26] 17'-18'
	“Quem não é amado não pode amar, quem não sente disponibilidade não se dispõe e eu acho que isto é uma falha deste século, pouco tempo de brincadeira e depois para agravar a isso tem pouco tempo de útil com os pais e atenção dos pais os miúdos estão a ser criados nesta roda-viva que mais tarde isto vai surtir efeitos negativos nas famílias futuras” EE8 [28] 5'
	“Quando nós dizemos ao nosso filho vai tomar banho e ele faz renitência em tomar banho é porque aquela criança não brincou e é verdade isto (...). Eles acima de tudo são crianças que não estão a ser que está a ser roubado e a ser privado a sua essência enquanto criança que é o brincar” EE8 [28] 10'
	“Devem subir às árvores, eles devem escavar” EE8 [28] 11'
	“Canalizamos muita informação para os filhos e queremos sempre que os miúdos sejam o supprassumo e Gênios e depois por outro lado andamos com eles quase de mão dada até à sala. O que é um paradoxo muito grande EE8 [28] 27'
	“Há muitos país deixam o filho na escola e depois vão buscar. Algumas têm apoio dos avós ou familiares outras famílias não e, portanto para dizer que se vive, infelizmente, um período de enorme escolarização” EE9 [34] 10'
	“Por um lado, o tempo, a quantidade de horas que as crianças estão dentro do espaço escola que infelizmente é muito maior do que aquilo que deveria ser e depois deste período de horas a maior

	parte do tempo, para não dizer quase totalidade, é escolarizada (...) falando de crianças do primeiro ciclo, e o tempo do brincar, do brincar livre é praticamente nulo” EE9 [34] 10'-11'
Questão 4 - Guião de entrevista exploratória: Definição das instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana e definição de tempos livres	
Análises	Instituições de resposta aos tempos livres Excertos das entrevistas
Perante a análise estabelecida às instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana, a escola é aquela que adquire maior representatividade. Perante este facto, a escola deverá responder adequadamente àquelas que são as necessidades da criança, no seu todo, e não só do ponto de vista do plano de ensino. Quanto às restantes respostas sociais, externas à escola, são sobretudo mencionadas pela sua importância de existência no suporte que dão às famílias na necessidade de extensão de horário de funcionamento.	“Há uma apreciação positiva relativamente aquilo que é a oferta da escola” EE2 [43] 24'-25'
	“O estarem muito tempo na escola (...) é uma grande sobrecarga de horas ali fechados sempre no mesmo sítio” EE4 [24] 3'-4'
	“Que é para satisfazer o mercado de trabalho. A escola existe atualmente, e ainda, para satisfazer o mercado de trabalho” EE5 [35] 22'
	“A escola não pode ser um depósito, porque a escola é um depósito de meninos” EE6 [32] 18'
	“As instituições estão abertas das 7:00 da manhã às 7:00 da noite ou das 7:00 da manhã às 7:00 às 8:00 da noite. Não vão de encontro às necessidades das crianças, agora, vão de encontro das necessidades dos pais. Vão porque é um horário alargado (...) eles vão para o trabalho podem deixar os filhos as 7:00 da manhã num determinado local, em determinada instituição e vão descansadamente para o trabalho e às 8:00 da noite vão buscá-los quando vem do trabalho. Serve os pais, serve a família, serve, mas não a criança. Porque a criança precisa de brincar. E de brincar em espaços públicos, nos jardins, não é nos supermercados, porque, depois à noite ainda vem buscar e ainda vão às compras, ao supermercado com eles e depois vão para casa, ver a televisão e enquanto fazem o jantar, não é, ou vou tomar banho para estarem preparados para jantar a irem para a cama” EE6 [32] 19'-21'
	“Isso não serve a criança. Cada vez mais, hoje, há a necessidade da criança brincar e de ter espaço para brincar e enquanto isso não acontecer e enquanto as escolas continuarem a ser depósitos de crianças e enquanto a nossa sociedade não repensar a escola, isto não vai lá. Primeiro tem que se repensar a escola, tem que se pensar que escola é para as crianças e jovens adquirirem competências, o resto é feito ou deve ser feito fora da escola” EE6 [32] 23'
	“Escola (...) eu continuo a achar que eles fecham cedo demais” EE7 [26] 13'-14'
	“O que acontece é que os pais acabam por preferir um centro de estudos que fecha às 7:30, mas que eles sabem que estão garantidos” EE7 [26] 13'
	“AEC's (Atividades de Enriquecimento Curricular), a única coisa que me deram foi que havia dias em que havia muita confusão” EE7 [26] 18'
	“Eles mudaram o período de intervalo deles agora” EE7 [26] 22'
	“Dá resposta às necessidades dos pais que os guarda até àquela hora (...) a escola não dá resposta às necessidades de horas de brincadeiras que os meninos têm que ter. Dá resposta sim, às necessidades das famílias” EE8 [28] 7'-10'

	“As nossas escolas também não estão adaptadas às necessidades da criança e o desenvolvimento das competências que eles devem adquirir enquanto brincam” EE8 [28] 11'
	“A média dos nossos alunos é de uma hora de recreio por dia na rua. Isto é chocante. Outro estudo que ele nos mostrou é que em média as famílias, os pais, passam 37 minutos por dia com os seus filhos, tempo de qualidade. Isto é chocante” EE8 [28] 11'
	“No Agrupamento de Escolas Matilde Rosa Araújo, já estão a começar a implementar, uma tarde, uma hora, apenas de um dia por semana, já estão a utilizar esta hora livre só que o que acaba por acontecer é que esta liberdade não é totalmente uma liberdade exata. Há duas atividades no fundo, escolhem uma ou escolhem a outra, mas se naquele dia até acharem que devem ir para aquela, todos para aquela, no fundo não há uma liberdade porque é incutido” EE8 [28] 12'
	“Houve pais agora no início do ano a perguntarem-me o que é que eu achava, se deviam se inscrever nas AEC's. A minha resposta é esta, tem disponibilidade e possibilidade de vir buscar às três e trinta? Não hesite só vai estar a ganhar em qualidade de vida com o seu filho” EE8 [28] 18'
	“os miúdos têm atividades em excesso e depois ainda saem dali e vão para outras atividades. Têm muita canalização de atividades, estão ocupados, não têm tempo livre para brincadeira livre” EE8 [28] 26'
	“Por um lado, o tempo, a quantidade de horas que as crianças estão dentro do espaço escola que infelizmente é muito maior do que aquilo que deveria ser e depois deste período de horas a maior parte do tempo, para não dizer quase totalidade, é escolarizada, ou seja, são disciplinas tradicionais, de português, de matemática, o estudo do meio, falando de crianças do primeiro ciclo, e o tempo do brincar, do brincar livre é praticamente nulo” EE9 [34] 10'-11'
	“Não faz muito sentido, escola fora da escola. A escola é um pólo de cidadania e, portanto, com esta perspetiva nós também defendemos e percebemos que de repente aquilo que era um bloqueio, o querer sair da escola é complicadíssimo, de repente com estas AEC's tornou-se facilíssimo ir até ao jardim em frente” EE9 [34] 25'
Análises	Tempos Livres - Excertos das entrevistas
Considera-se que o tempo livre é fundamentalmente livre, ou seja, a criança pode escolher o que na verdade tem vontade de fazer. O que acaba por acontecer é que, estando estas crianças um largo período diário na escola, estão severamente limitadas no tempo livre, o que corresponde à não	“Tem que ter uma componente muito lúdica, porque os miúdos estão fartos de estar na escola, estão dentro de uma escola não sei quanto tempo” EE2 [43] 30'-31'
	“A minha perspetiva é muito clara é de que o tempo livre, é livre” EE5 [35] 22'
	“Os meninos precisam realmente de se abstrair da escola. Têm o tempo da escola e depois têm que abstrair, precisamente pela sua saúde mental que cada vez mais temos mais problemas de saúde mental no país, e até aqui na freguesia” EE6 [32] 22'-23'
	“Enquanto mãe com os meus filhos, eles precisam de ter tempo nem que seja para estar parados a olhar para uma parede, sei aquilo que precisam neste e naquele momento. Não quer brincar, não quer estar a estudar, mas está parado, está no tempo dele” EE7 [26] 5'

satisfação diária do tempo livre necessário. Em sede escolar, começa-se paulatinamente a olhar para os efeitos nefastos que a ausência de tempo livre e a brincadeira livre provoca no bem-estar das crianças, debruçando-se na necessidade de desescolarizar os períodos de prolongamento.	“Eles precisam de brincar, mas já mudaram as coisas nos intervalos (...) agora eles precisam de brincar” EE7 [26] 22'
	“Acho que a escola não está de todo compatível com os tempos de tempo livre que os miúdos deveriam ter, principalmente no 1º ciclo” EE8 [28] 6'-7'
	“Essencialmente em brincadeira livre, em correr no espaço exterior da escola, em brincar, em jogar estafetas” EE8 [28] 18'
	“AEC's descolarizadas (...) relativamente aos agrupamentos uma perceção de baixa de conflitos entre as crianças (...) Ganhos que existem por que são momentos de brincadeira livre ou de ateliês temáticos que podem promover mas em grupos heterogêneos, não há uma organização por turma, há uma organização por interesses de crianças (..) e tudo o que isto influencia do ponto de vista da socialização” EE9 [34] 20'-21'
	“Nós tentamos. Ou conferir o livre brincar ou sempre que há atividades, porque faz sentido para aquela atividade escolar, que se privilegiam metodologias de escolha livre” EE9 [34] 23'
	“E sim consideramos que estamos na persecussao dos direitos da criança do brincar que é um direito, o brincar é um direito e da livre participação que também é um direito, está consagrado” EE9 [34] 24'
	“De facto a aprendizagem faz-se em comunidade e a escola faz parte da comunidade (...). Por outro lado, o mês do brincar cada vez mais temos defendidos a play street, fechar a rua e as crianças vão, obviamente acompanhadas pelos seus agentes educativos, para a rua brincar, portanto, levam as bicicletas, as trotinetas. Cada vez mais levar o brincar para a rua” EE9 [34] 25'
Questão 5- Guião de entrevista exploratória Caracterização do mercado de trabalho na freguesia de São Domingos de Rana	
Análises	Excertos das entrevistas
O mercado de trabalho é considerado na freguesia de São Domingos de Rana como extenso, com um tecido empresarial em evolução, contudo são empresas cujos trabalhadores auferem salários reduzidos, traduzindo-se em rendimentos limitados nas famílias. Perante estes fatos, torna-se fundamental referir que os horários laborais das famílias criam condições no surgimento de respostas sociais que	“Perspetiva socioeconómica, a freguesia tem uma população que predominantemente é trabalhadora empregada” EE1(s.i)
	“A questão do desemprego, por vezes os pais acabam por trabalhar mais para não perder o seu emprego” EE2 [43] 38'
	“As crianças estão muito tempo na escola (...) porque acabam as aulas e entram imediatamente para o AEC's” EE4 [24] 4'
	“Não sendo elas no espaço escola algumas delas passam mais do que 8 horas e isso tem a ver com o mercado de trabalho” EE5 [35] 8'-9'
	“Aquilo que depois acontece, as ritalinas, a falta de afeto a falta de atenção com as crianças, acaba por acontecer muito mais frequentemente, do que a pessoa (...) chega a casa às 8:00/ 9:00 da noite ainda tem que fazer o jantar. Portanto, não mexendo no mercado trabalho é complexo depois não se falar da escola. Isso está intimamente interligado” EE5 [35] 11'-12'
	“Um grande problema é que as pessoas mesmo estando empregadas, e nós temos muitas, isto para lhe dar uma ideia falando nas famílias carenciadas, e depois passando para as outras

permitam dar apoio a estas.	que estão empregadas, mas que precisa de banco alimentar na mesma, ou seja, porque os salários são muito baixos. O que é que tem acontecido do ponto de vista de tecido empresarial, assim muito entre aspas na freguesia, é que tem explodido determinados tipos de serviços em que as pessoas são mal pagas, apoio domiciliário, lares, domésticas, supermercados, lojas. Portanto, são serviços em que as pessoas ganham pouco mais que o ordenado mínimo” EE5 [35] 14'-15'
	“Um grande problema é que as pessoas mesmo estando empregadas, e nós temos muitas, isto para lhe dar uma ideia falando nas famílias carenciadas, e depois passando para as outras que estão empregadas, mas que precisa de banco alimentar na mesma, ou seja, porque os salários são muito baixos” EE5 [35] 14'-15'
	Neste contexto, assume-se que as qualificações não são a razão da determinação salarial “algumas delas são mais qualificadas e tem muita gente qualificada na freguesia, não sei precisar números (...) vê-se essa diferenciação, nesta área do mercado de trabalho aqui” EE5 [35] 17"
	“Depois a questão do mercado de trabalho que exige que os pais estejam até mais tarde, bastante até mais tarde” EE5 [35] 23'
	“Mais a viagem na autoestrada que dá mais uma hora a uma hora e trinta, muitas das vezes cria aqui vários constrangimentos” EE5 [35] 24'
	“Só veem os filhos à noite quando chegam a casa do trabalho, portanto, antigamente, as pessoas não trabalhavam, as mulheres sobretudo, raramente trabalhavam, eram donas de casa, tinha um trabalho doméstico. Hoje, devido aos problemas da sociedade, a mulher não está em casa, trabalha tanto ou mais que eu marido, mais, aliás, mais de uma forma geral, que além de ter trabalhado no emprego, tem ainda que trabalhar também em casa nas diversas funções caseiras, quando no fundo, antigamente o marido não trabalhava nesta, mas hoje em dia já ajuda também” EE6 [32] 1'-2'
	“Temos muitos desempregados e depois temos outros desempregados que não querem trabalhar. Por isso é que é difícil de perceber a mentalidade das pessoas. As pessoas habituaram-se a ter tudo de borla, a ter dinheiro para tudo, porque não tem emprego, mas tem o fundo de desemprego e se não tem o fundo de desemprego tem o RSI. Tem essas coisas todas e, portanto, as pessoas habituaram-se a não trabalhar e a estar em casa e depois porque hoje em dia também uma pessoa que está desempregada ganha mais estando desempregada do que se estiver a trabalhar” EE6 [32] 29'
	“Essas pessoas que trabalham fazem a sua vida normal, são pessoas intervenientes na sociedade e, portanto, trabalham e ajudam” EE6 [32] 30'-31'
	“Empregos (...) não há na área que essas pessoas procuram porque toda a gente tem muita aspiração e muita vontade de ir para o emprego <i>xpto</i> , de acordo com o curso, com as habilitações, de acordo com aquilo que perspetivou e depois por vezes, aquilo que aparece não corresponde e as pessoas acabam por não valorizar o que devia de ser mais valorizável que é o emprego” EE8 [28] 27'

	“As crianças estão muito mais tempo ou pelo menos mais tempo na escola do que os pais no local de trabalho” EE9 [34] 10'
	“Cascais (...) no período de crise uma taxa de desemprego menor do que a área metropolitana, quer a taxa de desemprego a nível nacional. É obviamente positivo, com a taxa de desemprego menor do que a média nacional. Por outro lado, a remuneração de trabalho no concelho de Cascais é mais baixa do que nomeadamente se olharmos para os concelhos vizinhos” EE9 [34] 31'
	“Porque é que a nível de trabalho no concelho é remunerado mais baixo, nomeadamente Oeiras e outros? Porque é uma questão de hotelaria. Cascais é um concelho forte em termos de hotelaria, restauração, etc e infelizmente são funções, normalmente, de baixos salários. Nós estamos a tentar fazer uma inversão. Quando digo nós, Câmara municipal de Cascais, através da introdução políticas, mas que vamos ter o resultados a médio, longo prazo, não é de um dia para o outro” EE9 [34] 31'-32'
	“Em Cascais (...) os rendimentos estão semelhantes aos níveis da área metropolitana mas o valor que se paga no concelho não. Quer dizer que há muitas famílias que trabalham fora, em Lisboa, nomeadamente. Porque a nível de trabalho no concelho é remunerado mais baixo em comparação com outras ou outros porque é uma questão de hotelaria” EE9 [34] 32'
	“Estas são assim as duas notas mais relevantes: baixa taxa de desemprego como positivo, mas por outro, lado baixas remunerações” EE9 [34] 34'

Fonte: Elaboração própria/2019

APÊNDICE VI

Reprodução escrita de entrevistas exploratórias

EE1: GUIÃO DE ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

Entrevista dirigida: Presidente da Junta de Freguesia de São Domingos de Rana, com um conhecimento alargado sobre a população da freguesia de São Domingos de Rana.

Dados de Identificação do Entrevistado		
Nome	Manuel do Carmo Mendes	
Entrevista n.º	1	
Código	EE1	
Duração	30 Minutos	
Data de realização	4 de maio de 2012	
Horário	Início	18:00
	Término	18:20
Local de realização	Junta de Freguesia de São Domingos de Rana	
Perfil do Entrevistado		
Género	01 (Masculino)	x
	02 (Feminino)	
Habilitações Académicas	Licenciado	
Função	Presidente da Junta de freguesia de São Domingos de Rana. Iniciou a Presidência em 1994 e desde então tem sido reeleito nas eleições autárquicas. A última reeleição foi em 2009 pelo Partido Socialista.	

E: Considera que as instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana vão de encontro às necessidades das crianças e dos seus pais? Que opinião tem sobre os tempos livres?

EE1: Ora bem, na junta de freguesia existem, de facto, uma quantidade considerável de instituições, quer com fins lucrativos quer sem fins lucrativos. E falo pela freguesia de São Domingos de Rana.

É claro, que as instituições, como a IDEIA ou o Horizonte, com vários polos espalhados pela freguesia são, sem dúvida, grandes instituições que abarcam grande parte do número de crianças da população da freguesia. Por isso, logo à partida não poderei afirmar que um centro de atividades de tempos livres em São Domingos de Rana adquire na comunidade falta suficiente, ou adquire alguma importância suprema, porque como disse, há várias instituições. Há muitos pais que fazem filas e filas dias antes do início das inscrições...

E: Mas deve-se por que razão? Pelos preços reduzidos?

EE1: Exatamente, os preços são bastante reduzidos.

E: O que me está então a dizer é que nem todas as instituições abarcam as necessidades das famílias?

EE1: Infelizmente não há essa possibilidade.

Como bem sabemos a panóplia de necessidades é divergente e dinâmica. A cada dia que passa, as instituições têm mais e maiores dificuldades em prestar o apoio que é necessário às famílias. Ainda outra situação, as instituições têm a sua própria tipologia de funcionamento e os pais assujeitam-se a essa mesma tipologia porque, e sem dúvida alguma, vão atrás dos baixos valores.

E: Quando estava a retratar a situação das instituições, como a IDEIA ou o Horizonte, em que os pais as procuram sobretudo devido às mensalidades reduzidas, pergunto-lhe que ideia tem relativamente às instituições locais?

EE1: Sei que num raio de 5 km... 3/5 km existem várias instituições, nomeadamente IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social), com centros de atividades de tempos livres, creches e jardins-de-infância, que estão cheios, porque, como já referi, os pais procuram sempre recorrer a instituições com valores mais acessíveis.

E: Mas sabe-se que as instituições locais têm características idênticas, por norma abrem às 7h30 ou 8h e fecham obrigatoriamente às 20h, ainda que tenham um período de extensão, que vai por norma das 18h às 20h, em que os pais pagam um determinado valor, mas depois dessa hora a instituição encerra. Este prolongamento de horário acarreta riscos nas famílias. E é sobre estes riscos que faço a seguinte questão, em vários estudos e diagnósticos realizados por representantes de diversos departamentos do concelho de Cascais, verifica-se que um quinto das famílias em São Domingos de Rana são unipessoais e mais de metade são compostas por duas ou três pessoas. As famílias mais numerosas (com 4,5 ou mais pessoas) têm maior peso nas freguesias de São Domingos de Rana e Alcabideche. Perante este facto, que opinião tem sobre as famílias residentes na Freguesia de São Domingos de Rana?

EE1: Neste momento, como bem sabe, não se pode falar seguramente nas características, essencialmente económicas, das famílias.

Garantidamente, todos sabemos que se assiste, ao nível global, a um elevado número de desempregados. Ainda que, na freguesia de São Domingos de Rana, os números não sejam muito elevados, mas, como digo, não se pode falar garantidamente nisso, porque não sabemos o que acontecerá daqui para a frente. Relativamente às características das

famílias, são sobretudo casais novos. Outra situação, dando continuidade ao que estava a falar relativamente ao elevado número de casais novos na localidade, foco também o elevado número de casas e moradias novas, e ainda uma nova urbanização que será construída em breve. Sabe que a Freguesia de São Domingos de Rana é a freguesia do concelho com o maior número de habitantes!? Parece-me que é 57 500 habitantes, mas se for pesquisar as estatísticas, verifique se o número está correto. E posso ainda dizer que é a freguesia mais populosa do município de Cascais.

E: Sim, tenho ideia. Partindo do pressuposto que o acesso ao emprego e mercado de trabalho é um dos maiores fatores de tensão e risco perante as famílias, como define o mercado de trabalho na freguesia de São Domingos de Rana?

EE1: Devo-lhe dizer que, numa perspetiva socioeconómica, falando na freguesia tem uma população que predominantemente é trabalhadora empregada, tal como vem divulgado num estudo realizado, e está a 3.5 pontos percentuais acima da média concelhia. Se bem que, esta é uma visão que não é estanque.

E: Considerando a infância, segundo alguns autores referem que apenas com a institucionalização da escola é que o conceito de infância começa lentamente a ser alterado, através da escolarização das crianças. Podemos, portanto, a partir do desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, falar numa construção social da infância. Concorde com esta opinião?

EE1: Perante o que referi e o que quero dizer é que, as crianças devem usufruir de serviços e atividades inovadoras, que sejam diferentes das outras instituições locais, pois só assim se cumpre os requisitos da infância.

As instituições ganham pontos a favor se for um projeto inovador, com características que apelem o interesse da comunidade, em especial dos pais. E para tal, convém praticar valores reduzidos, programas apelativos, que igualmente exerça horários que estejam de acordo com as necessidades das famílias.

E: Nesta sequência, faço a seguinte pergunta, segundo alguns autores o termo família adaptou-se à realidade imposta pela sociedade, seja pelo *pater* famílias da era romana, seja pela conjugalidade marcada pelo afeto e procriação. Concorde com esta opinião?

EE1: A realidade das famílias é, e na sequência das instituições, os pais estão constantemente à procura de instituições com preços reduzidos. Sabemos que a situação não está fácil e que muitos pais não têm já a participação da segurança social, ou pelo menos a que desejariam, o que muitas vezes ou se assujeitam aos preços que as instituições dispõem ou então têm que retirar os filhos das instituições e arranjar novas

alternativas. Esta é a realidade das famílias atuais. O que muitas vezes verificamos é que os pais optam por deixar os filhos com os avós. Ainda que esta situação seja esporádica. E porquê? Porque os avós nem sempre têm possibilidade ou ainda, porque devido a doenças degenerativas, acabam por não ter já capacidades e competências para cuidar dos netos.

E: Termino então a entrevista. Agradeço a sua disponibilidade e a transmissão dos seus saberes. Com toda a certeza, irei reter tudo o que me foi divulgado.

(Fim)

EE2: GUIÃO DE ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

Entrevista dirigida: Diretor do Agrupamento de Escolas Frei Gonçalo de Azevedo, com conhecimento alargado sobre a população escolar, respetivamente alunos e pais/encarregados de educação, da freguesia de São Domingos de Rana.

Dados de Identificação do Entrevistado		
Nome	David Carlos da Rocha Sousa	
Entrevista n.º	2	
Código	EE2	
Duração	43' 18 Minutos	
Data de realização	8 de fevereiro de 2013	
Horário	Início	10:00
	Término	10:43
Local de realização	Escola Secundária Frei Gonçalo de Azevedo	
Perfil do Entrevistado		
Género	01 (Masculino)	x
	02 (Feminino)	
Habilitações Académicas	Licenciado	
Função	Diretor do Agrupamento de Escolas Frei Gonçalo de Azevedo há mais de 10 anos. Intervém ativamente em consórcios relacionados com a comunidade política e educativa no sentido de se unirem esforços entre as diversas vertentes para um bem comum, os alunos.	

E: Em vários estudos e diagnósticos realizados por representantes de diversos departamentos da Câmara de Cascais, verifica-se que um quinto das famílias em São Domingos de Rana são unipessoais e mais de metade são compostas por duas ou três pessoas. As famílias mais numerosas (com 4,5 ou mais pessoas) têm maior peso nas freguesias de São Domingos de Rana e Alcabideche. Perante este facto, que opinião tem sobre as famílias residentes na Freguesia de São Domingos de Rana?

EE2: De uma forma mais geral, mais global, esta população servida pelo agrupamento é de um nível socioeconómico baixo, isto é, medindo isto pelo número de miúdos que beneficiam da ação social escolar. O agrupamento encontra-se, num escalão de 1 a 4, em que 1 é o nível de bem-estar mais alto e o 4 o nível de bem-estar mais baixo, o agrupamento encontra-se no nível 3. E portanto, digamos, que a população que serve é

uma população cujo contexto socioeconómico é relativamente baixo, daí que, pronto... mesmo até do que é, do ponto de vista do que é o projeto educativo do agrupamento e do que é desenvolvido no âmbito deste projeto educativo, tem que ter esta perspetiva, daí nós estarmos empenhados que haja uma forte oferta a nível do serviço público, haja uma oferta significativa a nível de atividades para os miúdos, que não só escolares, nas escolares as conhecidas, as AEC's já disponibilizam um pouco esse apoio, até às 17h30. E aqui ao nível da escola sede, estamos a falar de crianças sobretudo a partir dos 10 anos, com atividades de complemento curricular, com clubes, com apoio ao estudo, com desporto escolares, portanto, há um conjunto de atividades que são organizadas para dar resposta a essa carência no sentido também de certa maneira, prestar aqui um certo serviço social às famílias.

E: Exato... considera que as instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana vão de encontro às necessidades das crianças e dos seus pais? Que opinião tem sobre os tempos livres?

EE2: Os miúdos não fiquem na rua até às 17h30, fica aqui um bocadinho complicado, com esta nova remodelação curricular que foi publicada no princípio deste ano e já está em vigor este ano, porque reduziu as horas do currículo e, portanto, veio-nos causar um problema acrescido do ponto de vista destas soluções e destas ofertas. Nós temos aqui uma experiência, na escola sede, por uma proposta que nos foi feita de uma entidade privada de organizar uma espécie de sala de estudo paralela que contempla o acompanhamento dos miúdos até mais tarde um bocadinho, até às 18h30/19h. É uma entidade que tem protocolos com mais duas escolas aqui da zona que é o *after school*, e tem como objetivo disponibilizar apoio no estudo aos miúdos, nos trabalhos de casa, mas também fazer um acompanhamento para além das 17h15/ 17h30. Que é horário que normalmente terminam as atividades.

E: Mas peço desculpa, esta escola que estava a falar do *after school* é uma escola, é fora ou é um projeto?

EE2: É uma... foi uma parceria, digamos, um protocolo, um acordo que foi feito com uma entidade, que propôs uma oferta que ocupasse as crianças e jovens para além das 17h30. Portanto começando às 15h30 e para além das 17h30, é a hora que nós, os clubes, deixam de funcionar, e, portanto, para permitir às famílias, mediante um pagamento mensal, podendo ter ali os miúdos acompanhados. Os protocolos sucintamente o que fazem, nós disponibilizamos um espaço, disponibilizamos, enfim... o lanche aos miúdos e no acordo à uma contrapartida que é as mensalidades que são pagas. Acho que este ano

o Projecto reduziu um bocado por via também das dificuldades económicas das famílias... há um grupo de cerca de 14 miúdos, de 12 ou 14 miúdos.

E: E as idades para atividades concretamente quais é que são?

EE2: São para miúdos dos 10 até aos 13/14 anos, mais disso já não. E, portanto, digamos que neste momento... daquilo... reduziu substancialmente e que com o agudizar da crise começa a ser difícil.

E: Mas porquê concretamente? Porque as famílias não têm forma de pagar?

EE2: Sim, é por uma questão de recursos, como disse há bocadinho, é num contexto socialmente desfavorecido e sendo uma zona em que o tipo de ...

E: Família?

EE2: Não é de família, mas o tipo de trabalho das pessoas, o tipo de emprego, atividade profissional, é sobretudo pessoas ligadas aos serviços. Havia também muita gente, enfim... algumas pessoas ligadas a atividades públicas, mas o grande volume, digamos assim, tem a ver com pessoas que trabalham ou que trabalhavam, porque a questão do desemprego é aqui também...

E: É também importante...

EE2: As atividades estão..., portanto. Perguntando neste momento e voltando novamente à questão, enfim, do contexto é naturalmente este, digamos, que é um grande desafio neste momento é encontrar respostas que consigam...

E: Colmatar...

EE2: Ajudar, ajudar estas famílias e estes miúdos a terem algum sucesso.

E: Então, tendo em conta isso, e o que está a focar, é necessário cada vez mais obter respostas que abarcam todas estas necessidades. Qual é a sua análise em face das instituições locais? Outras instituições? Seja ATL, seja Clubes, toda esta panóplia diversificada de serviços. Qual é a sua consideração em face destes?

EE2: Consideração em termos de quê? Do que eu penso deles?

E: Sim.

EE2: Não há aqui muita oferta nesta zona. Apesar de São Domingos de Rana ser a zona do país com maior equilíbrio do ponto de vista da oferta pública e privada. Entre público e privado em termos educativos digamos que 50% da oferta educativa é dada por serviços privados ou por contrato de associação. O que é certo é que a nível da freguesia e a nível particularmente deste canto da freguesia, enfim... a oferta privada é limitada, é pequena, porque ela efetivamente, não tem, do contexto das famílias não tem grande hipóteses de ter sustentabilidade. Aqui ao nível da primeira infância e do pré-escolar há algumas IPSS,

nomeadamente a Ideia que é possivelmente a instituição com mais peso em termos de freguesia e que faz uma oferta mista, porque as famílias mais desfavorecidas têm hipóteses de ter mais compensações, mas, e não há muito mais. Eu sei que por exemplo, a própria Ideia teve ao nível de Polima... Outeiro de Polima, na nova estrutura que lá têm, que foi inaugurado à pouco tempo, para oferta do 1º ciclo e aquilo está com algumas dificuldades em se desenvolver, porque ao ser pago, a componente do pagamento é sempre uma complicação para as famílias e as famílias optam por colocar os miúdos na escola pública, porque apesar de estarmos num contexto complicado, globalmente a imagem da escola e do agrupamento, é uma imagem que consta que é positiva. As pessoas têm uma representação positiva da escola, e isso faz com que as famílias, as pessoas, acabam por trocar impressões e acabam por colocar os miúdos logo no quinto ano, e a partir do primeiro ano na escola pública. Entrar em agrupamento vertical, destas escolas aqui, Outeiro de Polima, Abóboda, Trajouce, Matos Cheirinhos.

Colocar estas escolas todas em agrupamento vertical e, na sequência até de um protocolo que a câmara fez com os agrupamentos, entregando a responsabilidade, as responsabilidades, que estavam antes na Junta de Freguesia, fez com que esta proximidade que fez com que estas escolas do 1º ciclo dessem um salto qualitativo, do ponto de vista de instalações, do ponto de vista da articulação pedagógica, da articulação curricular e de uma certa articulação entre ciclos. Isto também criou, em relação ao 1º ciclo, melhor representação com oferta da escola a tempo inteiro. O que acabou por acontecer é que as pessoas que canalizam muitos miúdos para ali, o único sítio aqui que ainda há uma oferta para além da escola, é aqui na zona da Abóboda, “a escolinha”, penso que seja assim. Tem uma oferta que inclui, portanto, a possibilidade dos miúdos de manhã serem deixados na instituição, são levados à escola, à tarde vão buscá-los para famílias que saem muito cedo e vem muito tarde e é mais a zona aqui da abóbora, que ainda assim, é uma zona que provavelmente está menos afetada, em termos de contexto, isto por não servir uma população tão grande oriunda dos bairros de realojamentos porque é uma característica muito grande e o facto de a escola ter este contexto de nível três. Neste contexto de níveis, de um a quatro, têm a ver com tem a ver com os dados que Ministério agora passa para a comunicação social, que publicita, para enquadrar a questão dos resultados das avaliações externas e portanto os dados navegação em bruto estes dados vêm contextualizados, digamos assim, isto é, vem com outra variável que é a variável do contexto e portanto por isso é que eu estava a falar deste contexto. Este indicador no

fundo, é indicador aqui, e tem a ver com a percentagem de alunos com apoio da ação social escolar.

E: Mas tem a ver...perceber concretamente o contexto.

EE2: No nosso caso, em termos de desenvolvimento, é mais de 50%, ultrapassa os 50%.

E: Mas tem vindo a evoluir?

EE2: Claro. se levar em linha de conta uma população que se está ali instalar, no Bairro de Santo António, estou a falar daquele lado a sul da estrada que vai para aquela Urbanização, fica ali em frente ao Saint Dominic's. Isto é, uma população mais de classe média.

E: Outra situação que gostaria de saber em relação à sua opinião, em relação às férias escolares, se há ou se acha ou se considera que existem serviços ou escola tem esta resposta em períodos escolares. Que necessidade há aqui? O que solicitam as famílias?

EE2: Em termos de miúdos de escola do 1º ciclo há uma oferta, que é o chamado complemento de apoio à família, e isto são, as entidades têm parceria com a câmara de ensino curricular havendo o número de miúdos suficiente a uma oferta deste acompanhamento que é no fundo a lógica do ATL. Os miúdos começam as aulas às 9:00 e na escola, a entidade parceira a partir da 7:30, 8:00, já recebe meninos. Os meninos ficam até iniciar as aulas e à tarde depois das AEC's, ficam também. A escola do 1º ciclo tem esta oferta neste momento, com o parceiro que lá está... E nos períodos de interrupção tem uma oferta para esses períodos, portanto continua na escola, não são atividades curriculares, mas são atividades mais lúdicas, mais lúdico-expressivas e desportivas a esta oferta estamos a falar até ao 4º ano. Por exemplo a escola Outeiro de Polima faz isso. Faz esse acompanhamento desses miúdos.

E: E têm transporte?

EE2: Eles ali sim. Por acaso ali em cima há uma escola, há um espaço, no próprio bairro de alojamento, um espaço no rés-do-chão é um espaço de lojas que está definido para esse tipo de trabalho com estes miúdos. Portanto os miúdos logo de manhã, a partir das 7:30, há pessoas da instituição que os recebem e depois na hora das aulas trazem as crianças para baixo. Aquilo é um bairro que fica mesmo ao lado, trazem os meninos e depois à tarde, quando acabam as aulas, os meninos são acompanhados pelos técnicos da instituição e vão para lá. E fazem também esta oferta também no período de férias.

E: Essa loja que me está a falar fica no meio de uns prédios no bairro social? Conheço, estive este verão a acompanhar a dinâmica.

EE2: Aqui na Sede, não há essa oferta, esta entidade *After School*, acompanha os miúdos. Se não me engano, vem de manhã para aqui trabalhar. Agora aquilo que tem acontecido é que nós todos os anos no verão, no âmbito de um projeto da Autarquia juntamente com a Junta de Freguesia. É um projeto que prevê que haja candidaturas das escolas para durante 1 mês. A única coisa que tem que fazer é assegurar alimentação. Eles asseguram transporte e os miúdos têm atividades na praia, bem organizadas, desportivas, e nós estamos a oferecer isso. E depois é pago pela Câmara. O que acontece é que normalmente não há número de inscrições suficiente. E eu acho que os miúdos não pagam nada. Ou se pagam é muito pouco e não há número suficiente de inscritos

E: Mas acaba por acontecer?

EE2: Acaba por não acontecer porque não há número suficiente de miúdos.

E: E qual é a razão?

EE2: Tem a ver com idade dos miúdos. Eles a partir dos 12, 13 anos querem um tipo depois de relações entre eles, que já tenho muito mais a ver com pares, com parceiros, para uma maior proximidade, mais do que estar a participar em atividades organizadas muito organizadas, muito de grupo. Penso que será isso também. Também é verdade que nós durante o dia das férias de verão, uma escola como esta que é uma escola de ensino secundária, tem uma complexidade organizacional na altura dos exames, e, também faz com que não haja muita disponibilidade dos recursos humanos porque há exames, há corretor de exames, há uma série de coisas que na verdade não há muitas condições a nível de recursos e quando abro uma coisa destas é o que tem acontecido.

E: Mas será que também há pouca divulgação da própria atividade?

EE2: Não, porque há divulgação aos miúdos antes do final das aulas. Mas também nunca se analisou, nunca se tentou saber as razões.

E: Então tendo em conta isso, quais são as principais críticas positivas ou negativas da família a toda esta forma de funcionamento das escolas. Qual a opinião das famílias em relação à dinâmica? O que acham que a escola deveria de abranger mais?

EE2: As famílias genericamente, há um grau de satisfação grande. Há uma apreciação positiva das famílias relativamente aquilo que é a oferta da escola. Segundo o relatório que temos de satisfação no âmbito do nosso sistema de autoavaliação, há também uma componente de avaliação do grau de satisfação das famílias, existe um conjunto de indicadores. Genericamente a apreciação que é feita, é positiva. Não há uma questão concreta sobre atividades de verão, essa questão não foi colocada.

E: Mas por exemplo, a escola abarca um número de horas suficientes para as crianças aqui estarem ou se deveria existir o maior horário mais alargado? Se deveria de existir maior componentes de apoio ao estudo?

EE2: Não. Essa é a oferta que temos feito e não está toda preenchida. Temos instituídos, para além de atividades de desporto, de clubes, etc, há sala de estudo na biblioteca que havia alguns dias já no ano passado, que o espaço já estava com alguma limitação, e não este ano implementamos uma sala de estudo com várias células consoante os anos de escolaridade e os miúdos e disciplinas, e portanto, nós temos uma grande oferta feita em termos de salas de estudo, com professores que apoiam e, o que eu tenho verificado, eu acho que, a oferta não é esgotada, e tem haver sobretudo com questões de contexto, de valorização da escola perante as famílias, vai ter um pouco isso. É uma luta nós temos. Que é valorizar a escola levando a que os, mais sendo uma lógica de melhores aprendizagem, melhores resultados.

E: Relativamente às salas de tudo elas funcionam sobretudo quando? Durante o período escolar?

EE2: Não, é sempre a partir das 15:30.

E: Numa forma de colmatar esta nossa conversa. Gostaria de saber qual a sua análise sobre: segundo alguns autores referem que apenas com a institucionalização da escola é que o conceito de infância começa lentamente a ser alterado, através da escolarização das crianças. Podemos, portanto, a partir do desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, falar numa construção social da infância. Concorda com esta opinião?

EE2: Tudo o que no fundo traduz a maior empenho dos alunos, maior acompanhamento dos jovens é positivo, ajuda-nos também a melhorar o trabalho que nós temos com eles. Nós sabemos que os estudos estão feitos. Por exemplo, neste momento temos um projeto a desenvolver, e o que se verifica, é que alunos do 1º de escolaridade frequentaram pré-escolar nota-se a diferença. Do ponto de vista das aquisições que eles têm, competências, digamos, assim depois são importantes para aprender na altura da escrita, para a matemática, para tudo aquilo que por acompanhamento dos miúdos, trabalho das capacidades deles, em trabalhar algumas questões que são básicas, mas importantes, é positivo. Tem que ter uma componente muito lúdica, porque os miúdos estão fartos de estar na escola, estão dentro de uma escola não sei quanto tempo e isto. É algo que é precisa ter cuidado.

Mas as questões financeiras aqui nas famílias são críticas e a partir de uma certa idade os miúdos... A minha opinião é aquela que eu já disse no início, segundo a indicação que

eu tenho da minha colega e amiga que está à frente da Ideia, é realmente uma dificuldade muito grande e eles neste momento, porque IPSS tem acordos com a Segurança Social, é o que consegue manter aquilo funcional porque senão realmente de fosse apenas pagamentos privados. Mas pronto há ali uma certa resposta ao nível de jardim-de-infância e pré-escolar é normalmente aquela que tem mais procura. E depois o resto. Estes tipos de projeto são interessantes durante o dia. Quando se fala abertos ao fim de semana e durante a noite faz alguma impressão, porque aquilo que é importante, é que os pais estejam com os filhos.

E: Portanto, também faz sentido perceber aqui que significado tem as famílias. Segundo alguns autores o termo família adaptou-se à realidade imposta pela sociedade, seja pelo *pater* famílias da era romana, seja pela conjugalidade marcada pelo afeto e procriação. Concorda com esta opinião?

EE2: O que nós precisamos de mais é que os miúdos estejam com os pais e isso não acontece, que estejam com eles, porque a grande dificuldade para a escola, e a escola está a sentir neste momento, é que as crianças e os jovens, que chegam sós. Sós no sentido, há uma grande falta de contexto familiar eu diria normal. São famílias que partilhem as refeições que estejam à noite em cada conversa, que saiam. Cada vez mais aquilo que a gente vê quando falamos com os miúdos aqui, quando começam com problemas, com alguns comportamentos desajustados, nota-se que falta ali alguma estrutura familiar, alguma célula familiar, que às vezes formalmente está lá, mas que funcionalmente não está a fazer aquilo que devia de fazer, isto é, desde o miúdo que ao jantar não janta com a família porque vai para o quarto com prato e tabuleiro, para estar a jogar ou a ver televisão, e permite a família... aquilo que eu acho, que eu sinto é que há um desprazer estar em conjunto sobre tudo nos casos que chegam aqui.

Eu acho que nós precisamos muito, muito, que a família reassuma componentes tarefas e responsabilidades que perderam muito. Depois quando nós às tantas temos tendência a responsabilizar o outro quando por aquilo que eu próprio não consegui incutir. A escola neste momento, esta a ser muito confrontada com exigências das famílias. São exigências, que a própria família não conseguiu encontrar nas suas dinâmicas, encontrar um contexto familiar que permitisse que a criança e o jovem incorporem um conjunto de princípios e experiências que depois esperam da escola. Estas questões da indisciplina, por exemplo, têm muito a ver que hoje em dia os miúdos têm do confronto com o não e com autoridade. Ou seja, as regras. E muitas vezes a gente começa a perceber que não é que uma falta de educação, não é um problema de malcriação do miúdo, ele não tem lá esse, esse, sinal

dentro e não tem lá porque não tem. Se calhar desde pequeno. A questão do limite é que há muitos miúdos que não tiveram durante o desenvolvimento deles, situações que fossem relevantes. Do ponto de vista de saberem limites, que há passos que não podem ser transgredidos que há zonas...

E: A questão do desemprego, partindo do pressuposto que o acesso ao emprego e mercado de trabalho é um dos maiores fatores de tensão e risco perante as famílias, como define o mercado de trabalho na freguesia de São Domingos de Rana?

EE2: Também é uma componente. Presumo por aí. A classe média neste momento está a ficar muito descapitalizada e nós vemos isso porque são cada vez mais os pedidos de vaga para miúdos que estavam no privado, de colégio, e as pessoas começam a colocar, começam a sair escola privada, deixam de ter capacidade de pagar.

Ainda em relação à pergunta anterior, mas esta situação, também devia de fazer, que os momentos que estão disponíveis poderiam fazer melhor e aproveitá-los melhor, o que acaba por acontecer aqui, é que não se aproveita. As pessoas estão cansadas ou.... O que eu acho é que as famílias, agora menos porque há menos dinheiro, há uma compensação. Coisas materiais, coisas que são completamente contraproducentes, exemplo o computador no quarto ligado à internet, por exemplo, quando a internet devia de estar num espaço partilhado por todos. Há um conjunto de coisas que poderiam ajudar a que depois na escola fosse mais fácil e aplicássemos mais o nosso esforço e o nosso tempo naquilo que é suposto fazermos e, no entanto, perdemos tempo a tentar trabalhar com os miúdos competências sociais que deveriam estar adquiridas. Por exemplo, este ano está a ser bastante complicado. Até o ano passado, nós desenvolvemos no âmbito da formação cívica e para a cidadania um programa organizado e pensado no trajeto dos miúdos do 5º até ao 12º ano, o programa de intervenção, trabalhar com eles este tipo de competências sociais que neste momento está posto em causa pelo facto de formação cívica de ter sido retirado do currículo.

E: Acaba por ser uma redução de custos?

EE2: No fundo é tudo a puxar para trás é uma questão de redução de custos. Para nós é uma forma de criar novas respostas para situações novas. É uma situação nova e, portanto, temos de criar respostas novas. E por isso mesmo que estamos a tentar construir uma associação de pais e tentar montar um dispositivo que consiga dar uma resposta precisamente para trabalhar estas competências sociais, que são essenciais para ajudar a colmatar, do ponto de vista da relação, com o outro, do ponto de vista do respeito ao outro, da articulação com o outro.

E: A associação de pais que refere é a da escola?

EE2: É a Associação de todo o agrupamento. Há uma associação do agrupamento que tem agora um ano. E há uma associação de pais da escola n.º 2, em Polima.

E: Fico agradecia. Vou então dar por terminada a entrevista.

(Fim)

EE3: GUIÃO DE ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

Entrevista dirigida: Psicólogo na Junta de Freguesia de São Domingos de Rana e da Escola Fixa de Trânsito da Freguesia de São Domingos de Rana, com conhecimento alargado sobre as principais necessidades do foro psicanalítico das crianças e suas famílias residentes na freguesia de São Domingos de Rana.

Dados de Identificação do Entrevistado		
Nome	Ricardo Gameiro Mendes	
Entrevista n.º	3	
Código	EE3	
Duração	27' 56 Minutos	
Data de realização	13 de fevereiro de 2013	
Horário	Início	15:30
	Término	15:38
Local de realização	Junta de Freguesia de São Domingos de Rana.	
Perfil do Entrevistado		
Género	01 (Masculino)	x
	02 (Feminino)	
Habilitações Académicas	Licenciado	
Função	Encontra-se inserido no Serviço de Psicologia da Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana e da Escola Fixa de Transito localizado na freguesia de S. Domingos de Rana, com a participação deste em diversos projetos destinados a colmatar necessidades detetadas na população, com particularidade na área infantil, idosos e famílias. É responsável pelo supervisionamento da Clínica social de psicologia e Psicoterapia de São Domingos de Rana.	

E: Em vários estudos e diagnósticos realizados por representantes de diversos departamentos da Câmara de Cascais, verifica-se que um quinto das famílias em São Domingos de Rana são unipessoais e mais de metade são compostas por duas ou três pessoas. As famílias mais numerosas (com 4,5 ou mais pessoas) têm maior peso nas freguesias de São Domingos de Rana e Alcabideche. Perante este facto, que opinião tem sobre as famílias residentes na Freguesia de São Domingos de Rana?

EE3: Eu, a essa pergunta só posso responder tendo em conta a população que eu atendo.

E: Claro.

EE3: Ou seja, as características das famílias da freguesia. Depois acabam por ter uma variedade muito grande do ponto de vista da sua população, tendo em conta os projetos da psicologia, que são projetos muito micro. Nós trabalhamos para algumas escolas, as famílias que nos aparecem aqui são carenciadas. Mas ter algum cuidado não extrapolar para o concelho, porque é uma freguesia muito grande, é a quinta maior do país, e portanto, que tem uma diversidade muito grande, heterogeneidade muito grande, da população. A população que me aparece aqui, tendo em conta que trabalho com sete escolas, é fácil trabalho tanto com famílias como com professores crianças dos casos que os são sinalizados, também tem a ver com as nossas triagens e com os nossos critérios de triagem. Nós triamos casos graves de psicopatologia severa e normalmente essas famílias são famílias que vem dos bairros de alojamento e praticamente 90% dos projetos de psicologia são em parceria com a DIS, Divisão de intervenção social da Câmara de São Domingos de Rana, que trabalham nos bairros de antigo realojamento em Zambujal, Matos Cheirinhos e Abóboda, importante logo aí não sou a pessoa mais qualificada para dizer que tipo de famílias ou tipologia de famílias na freguesia, parece-me que tendo em conta alguns estudos que existem há uma grande diversidade, a classe média, a classe média alta, e um grande número de realojamento, como é o caso das Marianas.

E: Relativamente às sete escolas que estava a referir, que escolas é que são?

EE3: Vamos lá ver se eu agora acertei nas sete. Nós trabalhamos com um projeto que é o projeto... Ao nível da Matilde Rosa Araújo, trabalho apenas com uma escola, que é esta escola São Domingos Rana, trabalhamos com ela desde 2003, só na vertente de psicologia, portanto os casos são sinalizados pela escola. Nós também trabalhamos com os professores, até porque, isto é, um é um serviço clínico, psicanalítico. Eu também sou psicanalista e é lógico que eu estou a trabalhar numa comunidade e, portanto, isto não é um consultório. Não sou só eu. Somos dez que estamos a trabalhar e tentamos tirar os professores da escola tentar perceber se é mesmo para trabalhar em psicologia ou se é para trabalhar sistémico, em termos de familiares, ou se é para trabalhar com professores. Não somos ao serviço de psicologia educacional. Não respondemos à escola diretamente com questões educacionais. É clínica. Tem que haver psicopatologia para nós trabalharmos. E às vezes isto tem a ver também com as famílias, isto ao nível da Matilde Rosa Araújo, aqui em São Domingos de Rana. Ao nível da Frei Gonçalo de Azevedo, e dentro da Frei Gonçalo de Azevedo, trabalhamos com Trajouce, Abóboda.

E: Outeiro de Polima?

EE3: Outeiro de Polima não, porque é a Ideia. Temos de complementar não temos que estar a fazer coisas paralelas. Não faz sentido nenhum e, portanto, na altura, sentimos que... a Ideia trabalha muito bem. Tens que excelentes os profissionais e têm um trabalho excelente e, portanto, acho que não faz sentido. Portanto é, Abóboda, Tires n.º 2, Matos Cheirinhos, Trajouce, e agora, nova a Raúl de Carvalho. Não sei se conhece?

E: Conheço sim.

EE3: Sim. O trabalho é um pouco esse. Ou seja, nós. No projeto escola é mais complexo porque temos o apoio da câmara ao nível do serviço social. O serviço social, vá lá, é o nosso médico de família. Vai fazendo alguns diagnósticos, algumas triagens e nós acabamos por ficar só com as questões clínicas de psicologia que é o que faz sentido e depois temos o grupo dos professores e o grupo de famílias. E pronto basicamente é isto depois temos um outro projeto também trabalhamos com algumas famílias que é o Ego Emprego. Não sei se ouviu falar?

E: Não, não. Mas neste e apoiando também no que vai dizer, pergunto, partindo do pressuposto que o acesso ao emprego e mercado de trabalho é um dos maiores fatores de tensão e risco perante as famílias, como define o mercado de trabalho na freguesia de São Domingos de Rana?

EE3: Sim. Então. O Ego Emprego, também é um projeto com uma parceria. Antigamente era equipa de quatro ou cinco, agora é a divisão de intervenção da Câmara Municipal de São Domingos de Rana e fazemos apoio psicológico de caso de longa duração que apresentem depressão reativa.

E: Estes desempregados de longa duração acha, verifica-se, cada vez mais desempregados ou apesar de existirem normalmente mais desempregados não há um risco associado na comunidade. Explique melhor esta situação.

EE3: Não sei responder a isso. Mas vou explicar porquê. Se calhar as pessoas poderão ter mais indicadores ou mais dados sobre isso, a minha colega Doutora Manuela ou a Doutora Maria João, de Matos Cheirinhos ou a Doutora Helena. Como o projeto é muito micro eu só respondo, eu enquanto equipa, nós só respondemos a sobre os casos que nos solicitam, ou seja, a minha realidade é muito diferente da realidade que quem está no terreno. Tendo em conta que também são fragmentos que nós temos em conta da realidade. Agora eu não sei se o desemprego está a aumentar. Agora aquilo que eu sei, em termos de rede social, porque eu também estou na rede, aparentemente não tenho dados, parece que está a aumentar o número e que segundo dados das reuniões com

parceiros, também parece que o tipo de famílias ao nível da tipologia, há pessoas classe média. Mas lá está, estou a falar nisto sem dados.

E: De uma forma geral.

EE3: É o que tem aparecido em algumas questões que nós trabalhamos na ordem de duas vezes por ano. Isto é conversa. Para a Inês ter dados teria de falar com alguém responsável pelos bancos alimentares. Mas parece que está a mudar aqui na Freguesia a tipologia das famílias que estão a pedir ajuda.

Mais uma vez e tendo em conta o meu âmbito, que é um âmbito muito micro, que são. Isto parece pouco. Mas são 24 sinalizações da Frei Gonçalo de Azevedo, mais oito sinalizações do Ego emprego e mais 8 sinalizações da Matilde Rosa Araújo. Parece pouco o número de sinalizações, mas dá uma média de 1000 sessões ano. Pronto. Porque depois estas triagens dão para trabalhar em acompanhamento psicoterapêutico uma vez por semana ou duas vezes por semana, avaliação psicológica, trabalho com professores que habitualmente é uma vez por mês ou trabalho sistémico com as famílias uma vez por mês.

E: Segundo alguns autores o termo família adaptou-se à realidade imposta pela sociedade, seja pelo *pater* famílias da era romana, seja pela conjugalidade marcada pelo afeto e procriação. Concorda com esta opinião?

Parece pouco, mas este é o meu âmbito até para ter uma ideia para não extrapolar aquilo que eu vou dizer. Ao nível daquilo que nós tratamos, de famílias que nos são sinalizadas, parece-me, na pirâmide de Maslow, que nós estamos a detetar nestas situações mais graves é que muitas vezes até o próprio serviço de psicologia, tendo em conta que tem uma leitura muito psicanalítica e muito dinâmica, nós muitas vezes temos dificuldades em trabalhar com este tipo de famílias que são famílias que não elaboram e costuma-se dizer que a pessoa não pode pensar em sonhar se não estiver com a barriga cheia. Falando de uma forma muito simples e concreta, o que está a acontecer é que as famílias começam a apresentar outro tipo de problemas. A psicologia só aparece quando as necessidades estão cumpridas. Por isso é que é uma ciência nova. Hoje em dia, aparece que a psicologia está a encontrar, e aqui na freguesia, outro tipo de situações que é mudar a sua área de trabalho. A gente não pode perguntar à pessoa como está, o que está a sentir, o que está a pensar, porque se a pessoa está com fome está com carência de roupas se não consegue pagar hoje os livros dos miúdos. É lógica a psicopatologia, mas há também uma questão de sintoma social, que ele está a aparecer. Os nossos casos são sempre casos graves, que nós triamos, por isso é que trabalhamos como poucos. E a

gente, por exemplo, estamos com miúdo que pode estar com o sintoma, uma psicose, sabendo nós que é uma criança e nunca pode ser um rótulo, nunca, as crianças mudam rapidamente, ao contrário dos adultos, que é muito mais cristalizado, uma criança que nos aparece com sintomas psicóticos, o que está a acontecer é que hoje em dia não é só psicologia. Nós temos que trabalhar com outras equipas multidisciplinares, porque as problemáticas são muito diversas são problemáticas sociais, não sei se estou a ser claro?

E: Sim, está. Entretanto pergunto. Segundo alguns autores referem que apenas com a institucionalização da escola é que o conceito de infância começa lentamente a ser alterado, através da escolarização das crianças. Podemos, portanto, a partir do desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, falar numa construção social da infância. Concorda com esta opinião?

EE3: Sim, porque, vá lá, as problemáticas, hoje em dia, o psicólogo trabalha sozinho numa freguesia, e estou a falar no caso desta freguesia, acabam por se deparar com situações que estiver a trabalhar sozinho não consegue resolver nada. E isto está a agravar-se, este tipo de situações sociais está a gravar. Mas considerando a infância, está cada vez mais subjugada às problemáticas familiares e ao agravamento das problemáticas sociais. Eu não trabalho em articulação, por uma simples razão. A Manuela tem um âmbito diferente do meu para a Inês ter uma ideia. Também trabalho porque estamos aqui lado a lado. Mas a Manuela tem o âmbito dos idosos e faz atendimento, mas a população é da terceira idade e depois a trabalhar numa vertente muito sociocultural, com o carnaval. A minha população-alvo é crianças na escola fixa de trânsito, lá o meu trabalho e também com o outro tipo de populações. Mas é diferente. Trabalho com crianças e temos Projetos com adolescentes em que dou aulas de psicologia do tráfego para adolescentes e também tenho um projeto com idosos uma vez por ano que é a semana que a gente faz no verão, não sei se já ouviu falar, que em termos de grupos eu falo com os idosos as questões de trânsito sempre numa vertente psicanalítica, porque eu tenho especialização em psicologia do tráfego também, depois o meu trabalho com serviço social é sempre ao nível de assistentes sociais que estão no terreno, ou seja, neste caso Maria João Mota está em Tires número dois e a Helena Bonzinho trabalha ao nível do Zambujal e são elas que muitas vezes me auxiliam. É lógico que se eu tiver alguma família que ela também esteja a acompanhar, também posso solicitar, mas em norma, até porque a parceria dos projetos e com as equipas que estão no terreno, e neste caso a Maria João Mota e a Helena Bonzinho são as equipas que estão aqui há anos na Freguesia. São equipas de Assistentes sociais que trabalham no terreno e a Maria João Mota trabalha muito ali em Polima. A

logística dela fica muito perto da Abóboda, no 25 de abril, tem uma loja da Câmara Municipal de São Domingos de Rana.

E: Desconheço esta loja. Mas é muito interessante. Mas também é uma questão de eu pesquisar na net e certamente...

Tendo em conta que é o trabalho direcionado pela Doutora Manuela, é muito para os idosos, e tendo em conta as minhas pesquisas é que os avós cada vez mais dão o apoio que os pais não conseguem dar. Agora também quer saber se realmente isto é verdade. Se realmente significa que os avós dão apoio cada vez maior que os pais não dão. Que por vezes poderá existir alguma informação que estes idosos poderão dar.

EE3: Mais uma vez, tenho três ou quatro famílias que estamos a acompanhar a nível sistémico, mas isto depois tem a ver com a psicopatologia familiar não posso dizer que é uma coisa de Freguesia, ou seja, estou a acompanhar ou que os filhos são toxicodependentes, ou porque os filhos, por qualquer motivo abandonaram os seus próprios filhos e os netos ficaram com os avós, mas não posso, não posso dizer que possa falar muito com substâncias sobre este assunto. Não sei. O que eu sei é da comunicação social. Não sei se é assim aqui na freguesia. Percebe. Temos que ter algum cuidado enquanto técnicos. Porque eu acho que a comunicação. Uma das coisas que eu sei é que a comunicação social mente. Mente sem saber que mente. O que é isto das estatísticas. A realidade é apenas um fragmento. Eu sei que é importante para si em ter um máximo de fragmentos possível, mas eu tenho microfragmentos e, portanto, essa pergunta nem lhe consigo responder.

E: É importante eu ter a sua opinião. Entretanto terei outras opiniões que com pequenos fragmentos tenho uma resposta.

EE3: Em relação a essa pergunta específica não lhe consigo responder. Não sei se é assim. Acho que a Inês podia, a esse nível, ou a Manuela ou alguém dos Centros Comunitários. Não sei. Há aqui colegas que podia entrevistar. A Cristina Simões do Centro Paroquial de São Domingos de Rana ou Sandra Afonso do Centro Comunitário de Tires ou a Rita Versas do Centro Social e Paroquial Nossa Senhora da Conceição da Abóboda Talaíde. São tudo Centros Comunitários. Cristina Simões aqui mesmo ao lado. Ou então porque não falar com responsáveis de agrupamentos. Daniela Moreira, Professor David.

E: Sim, já falei com o professor David da Escola Frei Gonçalo de Azevedo.

EE3: Eu acho que eles podem ter uma visão mais científica e com dados da população da freguesia. Com 2000 alunos poderá equivaler a 2000 famílias. Depois há que ter muito cuidado com os e fazem essas contas. Esta Freguesia tem 60.000 habitantes. Há aqui uma

franja da Freguesia que não aparece nem numa junta nem nesses projetos tem outras possibilidades financeiras e ali para aqueles lados do Polima, há ali muita urbanização nova, Polima, Outeiro de Polima.

E: A ideia que me dão é que há famílias carenciadas, há famílias que necessitam de apoio, mas também há aquela outra vertente que não é falada. Mas que existe.

EE3: As pessoas têm que ter cuidado porque nós estamos aqui a trabalhar no serviço público, numa Junta de Freguesia, mas eu não posso esquecer que a população que eu atendo é uma população específica. E, portanto, é preciso ter cuidado quando as pessoas dizem há carências, isso não é bem assim. Eu por acaso trabalho aqui na Junta, mas, faço outro tipo de sinalizações fora daqui como psicólogo e isso não é bem assim. É lógico que há uma população que está mais pobre, mas, eu não sei se em termos gerais. Se calhar a mensagem política que passa é essa. Nós estamos a passar uma crise económica gravíssima, europeia, não é só portuguesa, e, portanto, temos que ter algum cuidado. Agora que há população muito carenciada que também há avós que estão a ficar com os netos e provavelmente que temos famílias com outro tipo de características e que se calhar famílias que estão a pedir ajuda que antes não pediam. Nós sabemos que o desemprego aumentou muito e acho que isto é em termos nacionais, não é só em São Domingos de Rana, aumentou muito especialmente entre jovens.

E: Tem-se verificado sim também já tive nessa situação e, portanto, sei.

EE3: O mercado está saturado. Eu estou a falar, mas eu estou aqui e depois não sei. Amanhã não sei. Hoje em dia ninguém está seguro.

E: Infelizmente. Mas bem, perante esta análise, considera que as instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana vão de encontro às necessidades das crianças e dos seus pais? Que opinião tem sobre os tempos livres?

EE3: Em termos de Freguesia, em termos de rede, as instituições são quarenta. Que estão na comissão social de freguesias são muitas. Eu acho que esta Freguesia está, em termos de apoio à família, em termos de apoio à terceira idade, em termos gerais, em termos de apoio às crianças. Aonde nós tentamos algumas lacunas que eu aqui não estou dentro. Em termos de trabalho que estamos a desenvolver ao nível de centro de saúde de São Domingos de Rana, está o ministério à frente, estou eu e mais alguns técnicos aqui da freguesia, que é a saúde mental, não é só aqui é em âmbito nacional, no acesso à psicologia Clínica e à psiquiatria. Depois em termos de centros de dia, uma das problemáticas nos centros comunitários da freguesia é a formação ao nível das doenças degenerativas das próprias auxiliares e técnicos que estavam à frente e a logística de questões logísticas e

de recursos. É difícil, muitas vezes, patologias como Parkinson ou Alzheimer ter técnicos preparados ou logísticas preparadas. Em termos de apoio à família, até mesmo apoio psicológico ao domicílio, ATL's, há imensa coisa já, aonde nós notamos é no acesso de crianças muito pequeninas à creche. Também é o projeto da Câmara Municipal de São Domingos de Rana que é as bolsas para creches.

E: Também li sobre. Mas já saiu a algum tempo.

EE3: Sim, já saiu no ano passado em junho. Também está com a Manuela esse projeto. Portanto parece-me ao nível das creches, nesta faixa etária, parece-me ao nível das doenças degenerativas e havia as questões do ATL ao pós-laboral, mas as escolas também já ficam mais tempo, não me estou a lembrar.

E: Das AEC's?

EE3: Sim, AEC's.

E: Mas só vão até 17:30.

EE3: Aí poderá ser uma lacuna, mas há imensas instituições na freguesia que estão a trabalhar muito bem. Temos instituições a trabalhar muito bem. Centro Comunitário de Tires, Centro Comunitário de Caparide com Creche. A Horizonte também, em Matarraque, também trabalha muito bem.

E: E em Outeiro de Polima, Polima?

EE3: Em Outeiro de Polima é o Nosso Sonho e a Ideia, são as duas e que trabalha muito bem. E depois se conseguem ter a abrangência que aquela área do território necessita. Isso já não sei responder.

E: Já será outra questão. Claro. Esta questão está respondida. Finalizamos assim a entrevista.

(Fim)

EE4: GUIÃO DE ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

Entrevista dirigida: Funcionária na Junta de Freguesia de São Domingos de Rana, no âmbito da Toponímia e monitorização da Escola Fixa de Trânsito, com conhecimento nas áreas da infância, juventude, familiar e escolar, referentes à freguesia de São Domingos de Rana.

Dados de Identificação do Entrevistado		
Nome	Luísa Brito	
Entrevista n.º	4	
Código	EE4	
Duração	23' 50 Minutos	
Data de realização	13 de fevereiro de 2013	
Horário	Início	16:00
	Término	16:30
Local de realização	Junta de Freguesia de São Domingos de Rana.	
Perfil do Entrevistado		
Género	01 (Masculino)	
	02 (Feminino)	x
Habilitações Académicas	Ensino secundário	
Função	Funcionária na Junta de São Domingos de Rana na área da toponímia, também responsável e monitora na Escola Fixa de Trânsito desde a sua abertura em 1989, com extenso conhecimento no âmbito das crianças e jovens que assiduamente frequentam este último espaço, bem como as escolas que estes frequentam. Enquanto funcionária na Junta e residente na respetiva freguesia, tem a competência para abordar temas dedicados à intervenção comunitária.	

E: Em vários estudos e diagnósticos realizados por representantes de diversos departamentos da Câmara de Cascais, verifica-se que um quinto das famílias em São Domingos de Rana são unipessoais e mais de metade são compostas por duas ou três pessoas. As famílias mais numerosas (com 4,5 ou mais pessoas) têm maior peso nas freguesias de São Domingos de Rana e Alcabideche. Perante este facto, que opinião tem sobre as famílias residentes na Freguesia de São Domingos de Rana?

EE4: É assim eu tenho alguma experiência de trabalhar com crianças mas, como nós fazemos, o nosso trabalho está direcionado para trabalhar diretamente com as escolas e

não com as famílias, porque o nosso trabalho é tipo visita de estudo e, de facto, não serei eu a melhor pessoa para falar das características da família, porque não trabalho diretamente com as famílias trabalho sim com as escolas.

E: Ok. Remeto então a sua análise sobre a consideração em relação à família em geral. Segundo alguns autores o termo família adaptou-se à realidade imposta pela sociedade, seja pelo *pater* famílias da era romana, seja pela conjugalidade marcada pelo afeto e procriação. Concorde com esta opinião?

EE4: Neste momento, devido também ao que está a passar no país, nota-se uma grande mudança. As crianças com algumas necessidades básicas, de alimentação, algumas tem refeição na escola, mas também em relação ao vestuário, nota-se isso nas crianças. Antigamente apareciam muito, a todas elas mesmo em famílias com mais carências, as crianças andavam razoavelmente bem vestidas, hoje verificação uma grande decadência, nesse aspeto. Em termos de sapatos, principalmente aí, nota-se crianças com sapatos rotos depois é o estarem muito tempo na escola.

E: Nesta sequência faço a seguinte questão, segundo alguns autores referem que apenas com a institucionalização da escola é que o conceito de infância começa lentamente a ser alterado, através da escolarização das crianças. Podemos, portanto, a partir do desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, falar numa construção social da infância. Concorde com esta opinião?

EE4: Exato. As crianças estão muito tempo na escola, desde as 9:00 da manhã até às 5:00 da tarde 5 ou 6:00 da tarde, porque acabam as aulas e entram imediatamente para o AEC's. E isso nota-se que é uma grande sobrecarga de horas ali fechados sempre no mesmo sítio, acaba depois acabam por não estarem muito tempo com os pais. É jantar e cama e não há um relacionamento com os pais, daí que as atividades em horário prolongado e lúdicas são de facto úteis porque as pessoas trabalham e as crianças a andar na rua criadas ao Deus-dará, também não resulta, mas por outro lado, eu penso que temos que trabalhar a ideia de que os pais com crianças em idade escolar ou até ao 12 anos pelo menos terem direito a terem mais horas em casa para lhe dar a atenção que eles precisam, porque estar numa instituição não é a mesma coisa que estar em casa com os pais e perde-se completamente o direito ou o que é viver em família.

E: Qual é o motivo sobre tudo isto acontecer. Porque é que as crianças estão até cada vez mais tarde na escola. Qual é o motivo?

EE4: O motivo principal é o país estão completamente mal-organizados e este é o principal motivo.

E: Mas depois também temos aquela vertente que há cada vez mais pais desempregados. Pergunto eu, partindo do pressuposto que o acesso ao emprego e mercado de trabalho é um dos maiores fatores de tensão e risco perante as famílias, como define o mercado de trabalho na Freguesia de São Domingos de Rana?

EE4: Eu sinceramente, é assim não posso, poderei falar na minha opinião pessoal, mas não a nível, não estou dentro do assunto, nem fiz nenhuma pesquisa para poder falar de uma forma mais característica que não seja só minha opinião. O facto de os pais estarem no desemprego ou também por estarem numa posição muito fragilizada e ainda que eles possam ter mais tempo com os filhos se calhar não estão em condições específicas para lhes dar a melhor a educação, a melhor formação e, até o melhor acompanhamento. Isto é a minha opinião pessoal. De maneira que precisamos de uma reestruturação feita com responsabilidade e não uma reestruturação ou refundação que está a ser feita. Na minha opinião, não há responsabilidade, não há sensibilidade e há uma grande, sei lá, nem sei o que é que lhe hei de dizer. Uma grande ignorância das coisas e falta de afeto.

E: Mas, por exemplo, na questão da escola fixa de trânsito que é um dos grandes projetos que há. Que sempre foi falado e que tem um grande impacto na nossa relação com a escola, que análise faz sobre as próprias atividades que são feitas. Que impacto tem na relação, é uma mais-valia?

EE4: Ao longo dos anos que estamos ali com as crianças, o que se nota é que já houve alturas atrás em que se notava uma maior evolução a nível da sensibilização dos alunos na questão do trânsito. Ultimamente parece que voltámos aos tempos em que a escola abriu, foi à 24 anos atrás, porque as crianças levavam as ideias para casa as ideias que recebiam ali e da ideia que eram melhor acolhidas. O que é agora e nota-se um maior número de acidentes, não digo a nível da Freguesia, mas mesmo a nível de segurança rodoviária, ao nível global do país, parece que as coisas já tiveram melhor do que neste momento, porque se refletem em tudo em que as condições sentem com a escola é a mesma coisa. Nós não temos nesta altura os miúdos a dizerem, a falar que os pais, quando nós dizemos que isto é perigoso que não se deve fazer e notamos mais crianças a dizerem, o meu pai faz ou a minha mãe faz, e eu chamo a atenção mas continua a fazer e isto não estava no início Quando a escola abriu depois houve um tempo e isso mas estás imenso que voltamos assim como o número de turmas que na altura tinha nos turmas de 27 alunos, à 24 anos atrás, lembra-me que era um grande trabalho ao nível escolar para se reduzir o número de turmas, porque era demasiado, eram turmas demasiado grandes e conseguiu-se reduzir as turmas para o máximo de 22 alunos, tínhamos turmas com 18, muito poucas

com 24, haviam um número médio entre 20 e 22 alunos e, à 3 anos esta parte as turmas começaram a aumentar e este momento voltamos aos tempos a 24 anos atrás em que voltamos a ter os 27 alunos nas turmas e de maneira que estamos a regredir. Não, não, estamos em nada a facilitar a vida das famílias muito pelo contrário. Antes pelo contrário. Não sei se era exatamente essa era a resposta.

E: Sim, sim. Mas considera que o impacto que existe hoje já não é o mesmo, como estava a referir a anos atrás, mas ainda assim considera que seja uma mais-valia?

EE4: Sim, sem dúvida. Porque se estas instituições, estas entidades, deixarem de fazer o seu trabalho e então as coisas vão mesmo. Acabam por descambar. Qualquer entidade que tenha como objetivo dar uma mais-valia para as famílias e de sser para as crianças, logo, será implicitamente para as famílias, tudo será bem-vindo e nada se pode descurar neste momento, de modo como as coisas estão, acho que era deixar as coisas um pouco à sorte de cada um e que a comunidade tem que se unir. Acho que é por aí, é unir as comunidades e trabalhar com os meios que tivermos ao alcance.

E: Para além da escola fixa de trânsito em que outros projetos participa, inerentes também a própria criança, às famílias, à escola?

EE4: Aqui na junta, como funcionária da Junta temos o dia mundial da criança, habitualmente fazemos todos os anos, no final do ano letivo, fazemos um passeio no final de cada ano letivo, mas dirigido aos alunos que terminam o quarto ano de escolaridade, ou seja, o 1º ciclo. Fazemos um passeio com eles para marcar aquela viragem. Representa uma outra fase e fazemos sempre um passeio de finalistas para marcar e são mais ou menos essas atividades que nós fazemos com as crianças para além da escola fixa de trânsito.

E: No caso das famílias nós muitas vezes ouvimos falar e há pouco também estava a referir que, há cada vez mais famílias carenciadas, mas às vezes debruçamo-nos muito sobre essas famílias que existem e a outra vertente e as outras famílias?

EE4: É que às vezes as carências económicas nada têm a ver com as carências psicológicas e isso também se nota muito. Há famílias desestruturadas, há famílias mesmo com uma fase económica mais ou melhor e carências económicas e que os divórcios, tudo isso ou até, estou-me a lembrar, num caso familiar, na família, perante o falecimento do cônjuge, a família fica completamente desestruturada e que as pessoas às vezes não têm capacidade por si só de resolver ou de atenuar os problemas e quando há crianças que sofrem este impacto. Pode haver famílias um pouco mais conscientes e que os problemas deixam as crianças à margem dos problemas, mas, há outras que envolvem ou usam as

crianças precisamente em caso de divórcio que usam as crianças para resolver estas situações dentro dos cônjuges. Isso também se nota em algumas crianças com esse aspeto. Nós temos na Freguesia de facto psicologia que também damos apoio a este tipo de famílias e que devia de haver mais. Se calhar aquilo que nós temos os psicólogos que nós temos, um funcionário e depois temos estagiários são poucos. A freguesia é muito grande, as carências são grandes da parte económica e da parte efetiva. E são poucos devia de haver mais.

E: E acha que existem instituições que apoiem?

EE4: Temos, mas são poucas.

E: Então, neste sentido, porque também é uma questão que eu gostaria de realizar, pergunto se considera que as instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana vão de encontro às necessidades das crianças e dos seus pais? Que opinião tem sobre os tempos livres?

EE4: Existem poucas instituições, sobretudo com as crianças da pré e muitas crianças da pré que não, que oficialmente nós temos. Nós temos cinco na Freguesia, oficiais, são realmente muito poucas. As crianças depois quando vão para a escola nota-se diferença nelas aquelas que tiveram pré e as que tiveram sempre em casa com os pais e também nota-se depois a questão de que oficiais são apenas 5 e vão para o particular, famílias que não podem pagar. Mesmo que se faça o rendimento *per capita*, há famílias que não tem mesmo condições para pagar, por menor que seja o valor, e, como oficiais não há. Acabam por ficar em casa e nota-se quando as crianças vão para o primeiro ano aquelas que tiveram um contacto com outras crianças. E aquelas que não tiveram verifica-se, de facto, uma falha grave e que em que o governo se deveria debruçar e arranjar de facto instituições que abrangesse, oficialmente, todas as crianças que de facto tem necessidade e depois também, se canalizar aquelas tem menos necessidades para outras instituições privadas, mas todas aquelas que têm necessidade o governo responsabilizar-se por elas.

E: Mas, tendo em conta como está a referir, outra análise em relação às instituições o que considera sobre o próprio trabalho que desempenham, se é suficiente ou não suficiente, para as cidades o que deve ser ultrapassado, que conselhos dá para ultrapassar seja a nível de atividades seja a nível de funcionamento. Da Escola.

EE4: É difícil responder a essa pergunta porque eu não conheço, não tenho conhecimento do trabalho das instituições, posso conhecer superficialmente não suficiente para dar uma opinião sobre o trabalho. Se tem carências ou não, teria que conhecer mais aprofundadamente. Relativamente às escolas, aquilo que eu conheço e acho que os

professores dentro daquilo que é o trabalho. É assim, eu esperava, à 24 anos atrás, quando comecei a trabalhar com as escolas achava que podia mudar o mundo e achava que era possível e fiz muitos trabalhos em conjunto com as escolas. E achava eu e as professoras também que havia muita coisa a melhorar e que era possível. E foi-se conseguindo durante alguns anos, como eu disse há pouco, as coisas neste momento regredirão e as professoras, acho que fazem muito para aquilo que lhes é pedido, porque lhes é exigido demasiado. É exigido mais horas de trabalho, é exigido que façam tudo, tudo, na escola na escola. Tudo. Naturalmente que há escolas mais organizadas e conseguem dar respostas minimamente mais eficazes, outras não tanto. Isto é como tudo. Tudo depende da pessoa que está a gerir, mas eu penso que a escola devia ter mais acompanhamento. Esse algumas conseguem as outras não conseguem. Não é por falta de empenhamento é por falta, se calhar de gestão e as pessoas não são obrigadas a fazer tudo, não são obrigadas a saber lecionar e saber gerir e deveria de haver acompanhamento um acompanhamento, lá está, governamental. Em que houvesse nas escolas, acompanhasse as escolas todas e as escolas em que a maior dificuldade ter alguém que as acompanhasse e lhes ensinasse a gerir as pessoas, porque as pessoas não são obrigadas a saber fazer isso e neste momento não está. Quando as pessoas depois não têm essa capacidade, alguma coisa falhou ou se entregam mais à gestão por que acham que é uma carência que elas têm e têm de alguma forma colmatar. E depois a parte de lecionar vai ter essa carência porque as pessoas não dão para tudo. E isto é um facto real, não tínhamos ilusões ou se faz uma coisa ou se faz outra. Fazer bem tudo é impossível. E neste momento é isto que está a acontecer. Está a acontecer em algumas escolas. Mesmo aquelas escolas que nós sabemos que a capacidade que a pessoa tem é uma capacidade para além do normal e que consegue fazer tudo, acaba por mais cedo ou mais tarde cansar-se e haver falhas. Ou há falhas num lado ou há falhas no outro, isto é, como a gente diz quando a manta curta tapa num lado, destapa no outro.

E: Quanto aos tempos livres. Qual a sua opinião? Considera que uma criança que está longos períodos na escola ou numa instituição de resposta aos tempos livres, por vezes com horário de funcionamento de 7 dias, têm garantido os seus tempos livres?

EE4: Não significa que seja negativo. Desde que se tenha logo a perceção e ter em atenção que as crianças que estão lá inscritas, que estão a participar, não tenham os sete dias de atividades e se calhar ter uma vertente de psicologia, também para alertar as famílias de que se põe lá a criança 7 dias alguma coisa está a falhar, se a família tem mesmo necessidade e trabalha 7 dias há que acompanhar essa família para que as coisas não se desmoronam, porque vão mesmo acabar por se desmornar se assim for. Agora,

eu acho que este tipo de instituição é uma mais-valia, obviamente. Elas terão é que ter esta vertente de interpretar, se eu tiver dezenas de crianças sete dias por semana é porque alguma coisa não está bem. E se calhar é uma mais-valia para perceber essas famílias e depois chegar até elas para depois podermos de alguma forma ajudar.

E: Está bem. Então vou dar por terminada a entrevista.

(Fim)

EE5: GUIÃO DE ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

Entrevista dirigida: Secretário da área Executiva da Junta de Freguesia de São Domingos de Rana, com conhecimento alargado nas áreas de ação social, intervenção comunitária, juventude e saúde da população da freguesia de São Domingos de Rana.

Dados de Identificação do Entrevistado		
Nome	Bruno Bernardes	
Entrevista n.º	5	
Código	EE5	
Duração	34' 22 Minutos	
Data de realização	8 de janeiro de 2019	
Horário	Início	14:00
	Término	14:35
Local de realização	Junta de Freguesia de São Domingos de Rana.	
Perfil do Entrevistado		
Género	01 (Masculino)	x
	02 (Feminino)	
Habilitações Académicas	Mestre	
Função	Pertence à área Executiva da Junta de Freguesia de São Domingos de Rana, com o pelouro de Secretário, pelo partido socialista. O pelouro assenta nas seguintes responsabilidades: ação social; Intervenção comunitária; Juventude; Saúde. A frequentar Doutoramento em Política Social.	

E: Em vários estudos e diagnósticos realizados por representantes de diversos departamentos da Câmara de Cascais, verifica-se que um quinto das famílias em São Domingos de Rana são unipessoais e mais de metade são compostas por duas ou três pessoas. As famílias mais numerosas (com 4,5 ou mais pessoas) têm maior peso nas freguesias de São Domingos de Rana e Alcabideche. Perante este facto, que opinião tem sobre as famílias residentes na Freguesia de São Domingos de Rana?

EE5: Certo. Do ponto de vista daquilo que é, quando se olha para estatística vê-se basicamente, aquilo que é a média ou aquilo que é o desvio padrão relativamente àquilo que são as outras freguesias. Há logo aqui duas coisas que eu tenho uma dificuldade em, são essas fronteiras de Freguesia, e isto são imaginárias, são estabelecidas mediante uma determinada história e depois definem os territórios, aqui uma questão de Freguesia

começou no litoral e essa ocupação era múltipla inclusive, incluindo aquilo que era os bairros de lata, os antigos bairros ocupados por pessoas que vinham e que vieram das colónias. E esta zona, portanto, especialmente de São Domingos de Rana que passou depois a ter mais de 160 bairros de génese ilegal, foram enquadrados a partir de 1995 numa lei que saiu na altura. Quer pessoas que vinham do êxodo rural que vieram para trabalhar aqui para a região de Lisboa e, portanto, compraram terreno e foram construídas as suas casas. Depois um segundo momento a partir da década de 90 que é a de através do PER, programa especial de realojamento, pegar nestas famílias que viviam no litoral, viviam nestes bairros de lata e enquadrá-las. E onde é que haveriam de enquadrar? Onde havia terrenos baratos, em Alcabideche e São Domingos de Rana, e depois há um terceiro movimento que atualmente ainda existe que tem haver com uma outra diferenciação.

E: Por falar em famílias. Segundo alguns autores o termo família adaptou-se à realidade imposta pela sociedade, seja pelo *pater* famílias da era romana, seja pela conjugalidade marcada pelo afeto e procriação. Concorda com esta opinião?

EE5: Sim. As famílias diferenciadas, no fundo, que no fundo se olharmos para ali para o mapa eles ocupam uma faixa, vá lá, aqui de São Domingos até, incluindo o Cabeço de Mouro, Cabeço de Mouro, São Domingos de Rana e há aqui uma faixa edificado vertical. Nós estamos a falar de um edificado horizontal sendo que tem uma estrutura familiar diferente e depois daquela que o edificado vertical. Estamos a falar de pessoas que a relação delas com a freguesia é uma relação dormitório. Porque tem uma infraestrutura importantíssima, que é a A5, permite uma mobilidade, porque muitas delas trabalham em Lisboa e, portanto, ao fim de semana, há aqui no fundo pouca relação com o espaço público, tirando este enquadramento assim. O que é que acontece, temos uma faixa maior de famílias que têm o RSI (Rendimento Social de Inserção), são alguns dados que nós conseguimos ter. Tem o RSI, o IRS (Imposto sobre Rendimento de Pessoas Singulares) desde 2005 na Freguesia de São Domingos de Rana. Não tenho indicação da Junta de Freguesia. Foi feito agora é um diagnóstico social que obtemos mais informação e que será feito agora um plano de desenvolvimento social, o último terminou em 2015 e depois do diagnóstico querem fazer um plano de desenvolvimento social para os próximos anos. Portanto, desde 2015 quando fez a alteração das regras do RSI. Mas temos um dado aqui interessante que é importante depois olhar. Existem entre 3000 a 3500 famílias no concelho de Cascais que recebem o RSI, grande parte delas estão aqui na Freguesia, algumas por causa do PER (Processo Especial de Revitalização). Muito por causa desta questão do PER. E muita delas tem a ver com idosos isolados que depois

também se vê através de dados da segurança social, vê-se o número dados familiar ou de pessoas isoladas que pediram complemento por dependência, coisas dentro desse gênero. Tem essa faixa de idosos e a uma faixa nova da tal terceira geração que são pessoas com poder de compra de classe média alta, qualificados e, portanto, tem havido aqui uma série de transformações da Freguesia e até do concelho. Se olharmos demograficamente vemos um aumento enorme desde 1991 e 2001 e depois 2011 os censos, daqui a um aumento exponencial enorme na Freguesia porque tem a ver com esta ocupação terrenos que é o metro quadrado é mais baixo. Muitos genericamente podemos identificar aqui três tipos de famílias. Depois existe também, a par destas pessoas, idosos e idosas, especialmente, é conhecido, que a esperança média de vida nos homens é mais baixa e o que acontece é que aparecem muitas famílias monoparentais, sobretudo mulheres com vários filhos que recasam ou não, existe muito. Isto não é bem aquilo que eu estou a tipificar não é bem feito, e porquê. Porque na freguesia o Serviço Social só trabalha, e você como assistente social acontece isso, nós só trabalhamos com famílias em carências e em emergência social e, portanto, a nossa amostra é sempre uma amostra. Nem amostra é, porque só apanhamos esse tipo de famílias. Apanhamos esse tipo de famílias no nosso atendimento e não dá para perceber muito bem o outro tipo de famílias que muitas vezes vem cá pedir um documento ou pedir ajuda ou seja não há uma grande responsabilidade dessas famílias com a Junta de Freguesia. Pelo menos aqui não existe porque tem um caráter suburbano. Mas é uma Freguesia que o metro quadrado é mais barato, realmente, mas não é assim tão mais barato as diferenças não são muito grandes há aqui uma leitura política e com uma leitura política e histórica que não é muitas das vezes uma leitura irreal que é uma narrativa de que São Domingos de Rana tem um determinado tipo de população só. Não é verdade. Tem mais ou uma proporção maior de rendimento mais baixo, mas tem população de todas as classes sociais terá menos rendimento acima de x ao ano, mas uma proporção mais alta de famílias carenciadas.

E: Ok, obrigado. Aqui, referindo na questão da infância. Segundo alguns autores referem que apenas com a institucionalização da escola é que o conceito de infância começa lentamente a ser alterado, através da escolarização das crianças. Podemos, portanto, a partir do desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, falar numa construção social da infância. Concorde com esta opinião?

EE5: Concorde. Eu atualmente sou político profissional estou aqui a tempo inteiro na junta de freguesia, com funções executivas. O que acontece é que o nosso contacto com crianças e jovens é feito através sempre de mediação ou com apoio da escola. Nós, ou

seja, é óbvio que existem algumas políticas de juventude, mas vamos pegar, por exemplo, num processo que não foi controlado nem gerido pela junta, mas que a Junta participou, a capital europeia da Juventude. São Domingos de Rana foi o ano passado. Ou seja, essa estrutura, essa gestão é feita muito à base da escola, de grupos formais, os Escuteiros, especialmente e de alguma Associação ou outra de jovens. Portanto, ou seja, a nossa dificuldade do poder político reside muito aqui no contacto com crianças e jovens que é um contacto muito feito através da escola que é onde elas passam 8, 9, 10 horas ou mais, no espaço escola.

E: Sim, sim, sim.

EE5: No espaço escola, não sendo elas no espaço escola algumas delas passam mais do que 8 horas e isso tem a ver com o mercado de trabalho. Falar de escola e não falar do mercado de trabalho, é errado.

E: Mas focando essa questão que ainda agora referiu que é o estar tantas horas na escola. Muitas horas na escola. Dentro da escola. O que tem a falar sobre isso.

EE5: O que acontece aqui é que o espaço escola tem uma intenção. Tenho uma amostra mal feita, mas, por exemplo, há pouca gente, pelo menos amigos meus, gostou da escola, há pouca gente que tenha gostado da escola. Há tanta coisa para se dizer. Mas focando-me aqui um pouco. O espaço escola é um espaço para o ensino sendo que não mudamos o método de ensino e o formato de escola, é óbvio que o gozo e o prazer em fazer outras coisas na outra escola está um pouco condicionado e o próprio comportamento das crianças e tudo mais. Aqui a questão é que nós não podemos mudar a escola sem mudar o mercado de trabalho. Falando na minha experiência pessoal, que não interessa aqui para a questão. Mas para construir teoria devemos focar na nossa experiência pessoal.

E: Sem dúvida.

EE5: Eu vivi na Suécia e trabalhei e estudei na Suécia e portanto, o horário de trabalho deles é feito para que o trabalho seja muito bem organizado. E aqui é necessário mudar o tecido das chefias, para permitir que o trabalho seja organizado de uma determinada maneira e nós temos chefias ainda muito com um pensamento muito antigo, muito desatualizado em diversos aspetos, já temos algumas alterações temos a questão do banco. Mas na Suécia, aquilo que eu vi. O trabalho acaba as 4:05 da tarde mais tardar e determinados setores as pessoas muitas vezes tem fim de semana alargados porque tirando a área de atendimento, lojistas, as pessoas conseguem organizar a sua vida. Sexta-feira ou às vezes até quinta e sexta tiram os dias. Organizam, ou seja, aquilo que depois acontece, as ritalinas, a falta de afeto a falta de atenção com as crianças, acaba por

acontecer muito mais frequentemente, do que a pessoa chega a casa, vem da A5, chega a casa das 8:00 às 8:00 9:00 da noite ainda tem que fazer o jantar. Portanto, não mexendo no mercado trabalho é complexo depois não se falar da escola. Isso está intimamente interligado.

E: Sem dúvida alguma. Vou passar para que no fundo acaba por ser a minha última questão. Mas que não interfere em nada. Que é o mercado de trabalho.

Partindo do pressuposto que o acesso ao emprego e mercado de trabalho é um dos maiores fatores de tensão e risco perante as famílias, independentemente do estrato económico, como define o mercado de trabalho na Freguesia?

EE5: Eu alargaria fora da freguesia. Há um estudo muito bem feito por um professor da Universidade de Lisboa é um estudo sobre a questão da mobilidade. 80% do circuito rodoviário de Cascais vai para Lisboa e volta de Lisboa para Cascais e isto é um dado importante. Ou seja, este movimento pendular há aqui este movimento Pendular que é de 80%. Alargando essa questão recorda-se com certeza. Que não estou aqui para ensinar nada, estou a falar até para estruturar o pensamento.

E: Sim, sim. Claro.

EE5: Eu estou a fazer um doutoramento na área de política social.

E: Que interessante. Curioso.

EE5: Mas pegando numa das teses base da teoria de política social de Esping Andersen, que falava desta relação para sistema de regimes universais política social é um bom complemento entre o estado a família e mercado. Como é óbvio nós, através de uma determinada altura, entrámos numa fase, a partir da década de 90, a economia tem um peso muito grande na maneira como nós conduzimos as nossas vidas e as nossas relações pessoais e profissionais e tudo mais, e, portanto, o grande problema aqui era nós conseguirmos por um lado ou este equilíbrio. Isto é um preâmbulo. Depois falo da questão que me perguntou.

E: Sim, sim.

EE5: Por um lado entre aquilo que o mercado permite, ou seja, porque nós quando trabalhamos mesmo com famílias carenciadas o objetivo é o de empregar. Pronto. Trabalhamos aqui muito a emergência social, realmente e infelizmente, porque eu gostava de trabalhar numa base mais aprofundada com as famílias mas os recursos não dá para tudo, mas quando trabalhamos neste âmbito, ou seja, de empregar, é um âmbito sempre de que estas pessoas possam contribuir para a sociedade e terem rendimento e possam contribuir economicamente para a sociedade, no consumo. Porquê?

E aquilo que o governo estimula é a questão do consumo por causa disso mesmo por causa do mercado interno. Um grande problema é que as pessoas mesmo estando empregadas, e nós temos muitas, isto para lhe dar uma ideia falando nas famílias carenciadas, e depois passando para as outras que estão empregadas, mas que precisa de banco alimentar na mesma, ou seja, porque os salários são muito baixos. O que é que tem acontecido do ponto de vista de tecido empresarial, assim muito entre aspas na freguesia, é que tem explodido determinados tipos de serviços em que as pessoas são mal pagas, apoio domiciliário, lares, domésticas, supermercados, lojas. Portanto, são serviços em que as pessoas ganham pouco mais que o ordenado mínimo. Pronto, isto depois tem aqui outros problemas. Para as outras famílias, aquilo que acontece é que o mercado de trabalho é muito focado fora do concelho, maioritariamente, fora do concelho, Lisboa, algumas delas são mais qualificadas e tem muita gente qualificada na freguesia, não sei precisar números mas sei que sim estou a falar do ponto de vista informal do café, aqui ou ali, vê-se essa diferenciação, nesta área do mercado de trabalho aqui.

E: Mas aqui, ainda em relação ao mercado de trabalho, falou-me da questão de que está a tirar um doutoramento em política social. O que é interessante. Falando aqui das políticas sociais, que políticas é que poderiam ser desenvolvidas aqui na nossa freguesia para desenvolver o mercado de trabalho.

EE5: Esta é a minha perspetiva, alguém até que possa ter essa criatividade que eu não tenho. O poder local não pode ter, não tem capacidade para impor o que quer que seja do ponto de vista do mercado de trabalho. Portanto, isto é uma política nacional, ou seja, se nós queremos continuar que o estado social. Estamos a falar que depois coloca esta questão da infância e da Juventude. E até neste caso na infância a tal estrutura educativa ou campos de férias, ou tudo mais, nós temos que ter aqui uma perspetiva que seja ela também pública. Claro que os municípios não podem fazer muito. Eu acho que não devem ter peso nisso o que acontece é que, eu estava a falar a pouco dos supermercados o município de São Domingos de Rana tem feito uma aposta aqui porque o metro quadrado é mais barato, e portanto, abriu este ano mais pelo menos mais dois e ouvi, está um grande em reestruturação a crescer no fundo, nós até dizemos a brincar aqui na junta de que a freguesia tem mais supermercados por quilómetro quadrado de qualquer outro no país, todos os supermercados existem nesta freguesia. Portanto, isto é o que acontece muito com o poder político. Isto é uma crítica. Eu não gosto do nome classe, mas a classe política, que é de que a qual eu pertence atualmente, que a perspetiva é de que eu vou abrir um pinga doce e vou empregar não sei quantas pessoas e portanto, para além de

empregar não sei quantas pessoas permite que as pessoas que vivem na freguesia possam aceder a um pingo doce ou que seja o mais perto possível e que isso da qualidade vida. Isso é tudo uma grande tanga, porque isto está a criar, mão-de-obra pouco qualificada, porque depois as pessoas não se mantêm a muito tempo, há uma grande rotação de funcionários dentro destas empresas, portanto, ou seja, os municípios muitas vezes, nesta área, acabam por não é bem uma estratégia, dizem que é uma estratégia mas não existe também uma estratégia neste âmbito, e acho que os municípios e as freguesias não devem ter mão nisso. Portugal não é um país regionalizado, se fosse um país regionalizado se calhar haveria uma estratégia regional na área do mercado de trabalho, imaginemos que a região do Alentejo se existisse poderia criar incentivos porque era para eles essencialmente incentivos para um determinado setor. Por exemplo, na Suécia e na Noruega as regiões acabam por ter políticas de incentivo para atração determinados setores. Por exemplo, a Suécia no ano 2000. No início do ano 2000 houve uma pequena crise, nós aqui também sentimos, e a Suécia precisava de revitalizar o mercado de trabalho e revitalizou através do que através do sector de informática que passou a empregar muita gente. Aliás eles ainda hoje não conseguem informar o número de trabalhadores suficientes para que o mercado possa absorver. Por isso é que há muita imigração na área de informática tanto para Alemanha. Mas a Suécia gostou muito neste setor, ao apostar neste setor, este setor dá dividendos ao Estado que permite depois uma redistribuição, por isso é que eu acho que isso deve ser nacional não deve ser municipal. Nós temos 308 municípios 308 regiões. E isso acho que não é nada positivo, nesta perspetiva.

E: Agradeço a perspetiva. Facto é importante perceber também o outro lado e agradeço falando agora aqui do tempo livre da criança a parte do mercado mas que também é envolvido aqui nesta questão do tempo livre. Partindo deste pressuposto, a freguesia de São Domingos de Rana vai de encontro às necessidades das crianças e dos seus pais? Que opinião tem sobre os tempos livres?

EE5: Há logo aqui dois problemas à partida. Mas eu não tenho base teórica para discutir isso. Eu acho que aqui há logo dois problemas. Pelo meu sentir aqui um problema que é logo o que é que é o tempo livre é estar ocupado? Ou é realmente ter tempo livre? Pronto são coisas. A minha perspetiva é muito clara é de que o tempo livre, é livre. O que é que acontece. Agora atualmente, e você de certeza sabe, as atividades de enriquecimento curricular, as CAF's (Componente de Apoio à Família) e as AEC's, que tem uma componente do brincar, antes as AEC's, nos anos letivos anteriores era de componente ter o inglês, desporto. A junta só tem duas escolas aqui na Freguesia temos duas escolas

em gestão e os nossos técnicos durante esse tempo, é o tempo livre, existem oficinas e as crianças escolhem de certa maneira é como se fosse a NOS, escolhem o canal e por aí fora. É uma escolha já por si limitada, mas tem a ver também com os técnicos que temos, não podem inventar muito para além disso, mas, ou então brincar livre, que acho que foi um bom avanço do atual Secretário de Estado nessa área, o Secretário de Estado João Costa, foi uma ideia excelente nesse ponto de vista. Outra coisa é o tempo livre é o tempo livre para satisfazer unicamente os pais? Ou para as crianças? Aqui há várias coisas a falar. Uma delas, não me vou alongar muito, uma delas é aquela que eu acho que a maioria das vezes, lá vamos nós falar no mercado trabalho, que é para satisfazer o mercado de trabalho. A escola existe atualmente e ainda para satisfazer o mercado de trabalho. Nós estamos a formar seres humanos, profissionais, que acho que é uma pena, ainda por cima no mundo em que nós temos que nos reinventar várias vezes. Ainda hoje de manhã estávamos a falar, numa reunião de supervisão com os meus técnicos de um caso de uma pessoa de 65 anos, altamente qualificada mas já não se consegue reinventar mas tem a necessidade de se reinventar, porque está numa situação de emergência social portanto estamos a falar disto esta necessidade de reinventar e a escola depois, dar-lhe outras coisas. Depois a questão do mercado de trabalho que exige que os pais estejam até mais tarde, bastante até mais tarde, mais a viagem na autoestrada que dá mais uma hora a uma hora e trinta, muitas das vezes cria aqui vários constrangimentos, para falar aqui de uma experiência que tivemos aqui na Junta de Freguesia, no ano passado, não tínhamos há muito tempo campos de férias, havia aqui um bocado uma dúvida, foi uma iniciativa da Presidente, um dúvida se teríamos ou não inscritos tivemos muitos inscritos e em rotativo porque as pessoas atiram em férias em junho ou em agosto mais a insistência das AEC's, neste caso, em julho as crianças continuam em campos nas escolas em julho, escrevem-se em julho, inclusivamente a oportunidade na Câmara de Cascais de crianças que sejam fora da escola ficarem em julho naquela escola se quiserem se inscrever, mediante um pagamento não é muito alto para a média das famílias mas permite tê-las.

E: E que tipo de famílias é que recorrem?

EE5: De todo o tipo, de todo o tipo. Não me recordo. Na altura não fui eu que geri esse projeto, mas não era muito alto. Era um pagamento à semana e depois havia esta rotatividade as pessoas vão de férias. E é por isso que eu há pouco estava a perguntar se isto existe como paliativo, quando não devia ser paliativo ao mercado de trabalho e às necessidades dos pais ou não. Eu acho que é um paliativo. Depois o que interessa é que atividades é que damos a estas crianças neste espaço e dar o maior número, ou seja, isto

bate aqui com outras coisas, aqui com uma questão muito importante, que a democraticidade das atividades, ou seja, eu se tenho um plano, eu tenho que ter um plano de atividades que a criança ou jovem experimente o maior número de coisas possíveis. E isso é que é democraticidade, a democracia cultural ou a democracia desportiva. Não é eu chegar e já ter ali o meu menu para todos, não, isso não é democracia cultural e desportiva. A democracia cultural, do lazer e do desporto, é poder experimentar várias coisas e depois eu como criança, jovem, ser humano, adulto no futuro, seguir o que é que eu quero fazer. Se calhar para mim o lazer é tocar um instrumento de música, se calhar o lazer para mim é correr ou jogar futebol e portanto aqui os campos de férias têm aqui para, pelo menos, não ser só apenas um paliativo dar uma amostra. Foi isso que tentamos fazer do ponto de vista desportivo as crianças ficaram...

E: Essa visão à anos atrás não existia. Essa forma de aplicar as atividades, de envolver os jovens e as crianças, isso no fundo não existia, é recente?

EE5: Agora existe muito. Nós praticamos em vários grupos aqui um fórum no concelho de Cascais e para mim já é quase, já se torna um vício, que é qualquer atividade que se faça tem-se de auscultar as crianças e os jovens e qualquer coisa que se faça. Nós neste projeto não fizemos isso. É um utilizador-pagador o campo de férias. É utilizador-pagador, mas dentro do âmbito do complexo desportivo as crianças tiveram a oportunidade de até basebol que até há, uma coisa que não existe muito em Portugal, o rugby, ou ténis, ter uma série de atividades desportivas mais alargadas possíveis, ou então se não quiserem fazer nada, não fazia nada. Mas ao lançar um campo de férias que tivemos muita adesão.

E: E deram resposta a todos esses pedidos? Conseguiram dar resposta?

EE5: Sim, sim porque, pois, havia semanas em que trocavam alguns miúdos houve quem teve o mês todo julho. Mas aqui na Freguesia de São Domingos de Rana por acaso no ano passado estávamos a prever respostas de ATL's (Atividades de Tempos Livres).

E: Respostas sociais?

EE5: Não só respostas sociais, utilizador-pagador. Algumas são só sociais. Há um que é a Ideia, aqui desta, que é uma rede de creche trabalha já há muitos anos ali em Trajouce trabalha muito com crianças do Bairro, tem financiamento da câmara é diferente. Mas, a grande maioria é utilizador pagador, seja o caso das CAF's, que é utilizador pagador, ou da Junta e outros cá por aí é utilizador pagador.

E: Nas entrevistas que eu já realizei a noção que é passada, porque lá está, centra-se muito nas famílias que não tem tanto poder, a minha perspetiva, é que se foca muito e até

percebo o porquê, porque é preocupante mas acaba por se passar uma imagem de que as famílias não tem rendimentos e portanto também acabam por não passar por este tipo respostas no caso das CAF's e tudo mais que é necessário pagar. Acaba por haver aqui, um certo, uma certa, porta que se fecha completamente porque não há dinheiro, não há forma de pagar. Não paga, não há respostas, vem um bocadinho desmistificar esta ideia.

EE5: Mas, nós tivemos imensa procura, eu estou a falar neste caso muito próximo de mim. Não sei os outros. Agora, e nós tivemos na altura, para x crianças que podemos admitir, já não me recordo quantas aprovados em Conselho executivo, era um x crianças que não podiam pagar. Utilizador pagador, mas com uma componente para poder integrar, porque tivemos procura que não tem dinheiro, mas o que acontece muitas vezes é que a pessoa não tem rendimentos já nem procuram sequer, porque não podem pagar. O grande problema aqui é que em certas áreas o nosso Estado Social falhou, porque não conseguiu entrar em terminadas áreas. O Estado Social não é uma coisa dos pobres. É que a economia e este pensamento neoliberal é que tramou a situação do Estado Social do ponto de vista ideológico e económico porquê? Porque o Estado Social é para todos, só que há uns que podem pagar um pouco mais, porque pode, pagam mais impostos e, outros pagam menos. E acaba por ser um sistema redistributivo. A ideia que que fica é que esta situação da saúde é preocupante. As urgências estão cheias nos hospitais públicos, pois claro que estão porque a grande maioria procura um hospital público, não vai para o privado, e a imagem que fica é que o público é que é incompetente e o privado aqui é muito bom. O que acontece é que, o Esping Andersen, outra vez, nós vamos descodificar aquilo que é o mercado. Ou seja, o mercado social esta coisa da economia social, do terceiro setor, a Inovação social, isto é tudo para fazer negócio com a parte social. A questão é que podem fazer negócio, mas em que haja dentro do sistema redistributiva universal, permite a entrada de mais pessoas de mais crianças que podiam usufruir destas coisas em vez de ficarem na rua. Ainda há muito pouco tempo tivemos um projeto que é no bairro das faceiras, que a grande preocupação de alguns adultos era que muitas crianças vinham da escola ficavam sozinhas no meio, onde ainda hoje à toxicodependência, alcoolismo. E cria ali um espaço atualmente. Está lá o programa escolhas e portanto, isto ainda existe é cada vez mais residual, mas Portugal continua a ter muita pobreza infantil. É dos países da União Europeia onde há uma maior taxa de pobreza infantil, portanto, é preocupante. Se houver uma estrutura que seja mais universal possível, não corporativa, nem estratificada, mas universal que permite a incorporação, ou seja, há o meio utilizador pagador, mas, utilizador-pagador é mediante criação de um sistema em que consiste em

que toda a gente possa usufruir, independentemente da classe social. A questão, a ideia que se criou é que se eu ganho mais porque é que eu estou a sustentar os outros e isso é errado.

E: Acaba por haver uma divisão.

EE5: E isso é uma ideia suburbana e urbana que é a ideia da anemia social.

E: E é muita a divisão de que eu não posso pagar vou para ali ou quem está nas IPSS é quem não pode pagar ou tem carências.

EE5: E não é. Há quem pague integralmente ou pague x, tem protocolo com a Segurança Social.

E: Sem dúvida. Está bem. Vou então dar por finalizada.

EE5: Espero ter ajudado e não ter confundido mais.

(Fim)

EE6: GUIÃO DE ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

Entrevista dirigida: Presidente da Junta de Freguesia de São Domingos de Rana, com conhecimento alargado sobre a população residente na freguesia de São Domingos de Rana, particular destaque para o facto de ter sido professora na respetiva freguesia durante largos anos.

Dados de Identificação do Entrevistado		
Nome	Maria Fernanda Gonçalves	
Entrevista n.º	6	
Código	EE6	
Duração	31'40 Minutos	
Data de realização	11 de janeiro de 2019	
Horário	Início	16:00
	Término	16:35
Local de realização	Junta de Freguesia de São Domingos de Rana.	
Perfil do Entrevistado		
Género	01 (Masculino)	
	02 (Feminino)	x
Habilitações Académicas	Licenciatura	
Função	Presidente da Junta de Freguesia de São Domingos de Rana. Iniciou a Presidência em 2013, tendo sido reeleita pela segunda vez em 2017, pelo partido socialista. O pelouro assenta nas seguintes responsabilidades: administração geral; obras; recursos humanos; educação; comunicação, imagem, relações públicas e protocolo; complexo desportivo; jurídico. Foi docente durante 37 anos, sendo que também lecionou em escolas da freguesia de São Domingos de Rana.	

E: Começando pela parte das famílias, segundo alguns autores o termo família adaptou-se à realidade imposta pela sociedade, seja pelo *pater* famílias da era romana, seja pela conjugalidade marcada pelo afeto e procriação. A minha pergunta é se concorda com esta opinião. O que tem a falar dela.

EE6: Eu concordo com essa opinião, embora hoje a família não seja vista dessa forma, hoje a família, no fundo, acaba por ser um local onde as pessoas se reúnem à noite, portanto não há aquele, aquela vontade, não há aquela reunião de família que antigamente,

na altura dos romanos se fazia, as pessoas reuniam-se para tratar de diversos assuntos familiares, hoje não, as pessoas trabalham, o modo de vida é diferente. A sociedade mudou. As pessoas praticamente entregam os filhos à escola. A escola é que é o local onde os filhos estão. Só veem os filhos à noite quando chegam a casa do trabalho, portanto, antigamente, as pessoas não trabalhavam, as mulheres sobretudo, raramente trabalhavam, eram donas de casa, tinha um trabalho doméstico. Hoje, devido aos problemas da sociedade, a mulher não está em casa, trabalha tanto ou mais que eu marido, mais, aliás, mais de uma forma geral, que além de ter trabalhado no emprego, tem ainda que trabalhar também em casa nas diversas funções caseiras, quando no fundo, antigamente o marido não trabalhava nesta, mas hoje em dia já ajuda também. Alguns, felizmente, há alguns, que nem todas as pessoas acontece. De forma que esse estereótipo formado, é diferente o atual do antigamente. Antigamente a família era o centro das atenções de qualquer membro. A família era tudo. Os valores, saiam da família. Hoje, precisamente, os valores estão se a perder por este problema da sociedade, que não há tempo para que os pais estejam com os filhos, não há tempo para que os pais eduquem os filhos então entregam esse trabalho à escola que também não está preparada para esse fim.

E: Neste enquadramento, aproveito para perguntar a função dos avós.

EE6: Muito importante. Para mim é um membro da família mais importante na família. Porque os avós são os segundos pais, também há avós e avós, são aqueles que ainda pelo seu estatuto de estarem aposentados e de terem mais tempo livre, acabam por ser o suporte de muitas crianças. Não tantas como nós gostaríamos na sociedade, mas, algumas ainda estão ainda são acompanhadas pelos avós e são aquelas que são mais saudáveis intelectualmente.

E: Sem dúvida. Continuando ainda na vertente das famílias em vários estudos e diagnósticos por representantes de diversos departamentos da Câmara de Cascais, através de leituras que eu fiz, verifica-se que um quinto das famílias em São Domingos de Rana são unipessoais e mais de metade são compostas por duas ou três pessoas. As famílias mais numerosas, com 4,5 ou mais pessoas, têm maior peso nas freguesias de São Domingos de Rana e Alcabideche. Perante este facto, que opinião tem sobre as famílias residentes na freguesia de São Domingos de Rana?

EE6: É precisamente isso. Aqui, na nossa freguesia, temos famílias numerosas. E porquê? Porque é que nós temos famílias numerosas? Porque houve um realojamento de pessoas que estavam, que são dos PALOPS e que tem aquela cultura de muitos filhos e

depois há, os membros, a outra parte da sociedade que reside em São Domingos de Rana que é o normal ter um ou dois filhos, o normal dos portugueses. Falando assim diretamente. Os europeus, portanto. Os outros que vem de uma tradição diferente, que tem uma forma de estar e uma cultura diferente, têm muitos filhos, por exemplo, a etnia cigana, cabo-verdianos, angolanos, brasileiros já nem tanto. Esses já não têm tantos filhos assim, mas existem. E depois também recebemos alguns romenos. Romenos, como são os chamados ciganos também europeus, também tem essa cultura de ter muitos filhos. Portanto, daí a razão de em São Domingos de Rana ter um grande número de filhos. Há um grande grupo de pessoas com muitos filhos, famílias numerosas, e depois à grupo composto pelos portugueses, que tem um número mais reduzido de filhos, tem um, dois filhos. Em relação às famílias uni parentais. Isso é uma questão de sociedade, antigamente as pessoas atiraram os maridos independentemente de estarem ou não. Hoje é complicado. Hoje basta chatearem e vai cada um para o seu lado e não há esse problema de terem aqueles problemas que nós tínhamos antigamente, portanto não está bem muda-se e hoje não é assim. Antigamente era uma vergonha se nós deixássemos o marido e vice-versa, seria uma vergonha para a família. Havia muito esse valor muito grande da família hoje não. Hoje isso acabou.

E: Neste contexto gostaria que falasse sobre o aspeto económico destas famílias, também desta freguesia.

EE6: Esta é uma das freguesias mais carenciadas do concelho. Alias é a mais carenciada, precisamente por esse motivo. Por esse motivo de alojamento, de haver muita gente com RSI e depois isso acarreta um problema, sobretudo para as autarquias, porque não é não há nenhum presidente da câmara que goste de ver alguém passar fome não é. E então há muitos recursos que são despendidos para essas situações, para os bancos alimentares, para os apoios a essas famílias, algumas, embora a gente vá cortando, porque muitas vezes se nota que há pessoas mais comodistas que propriamente problemas e então acabamos por fazer um estudo a fundo de cada uma das famílias, para tentarmos resolver a situação e vermos se apoiamos ou não as situações mas por vezes também somos enganados. É difícil. Mas sim, é uma das freguesias com mais dificuldades económicas precisamente devido a este montante de gente que temos que foi realojado.

E: Consegue me dizer de uma forma quantitativa mais ou menos a percentagem?

EE6: Quantitativa não lhe posso dizer, porque isso é uma questão social, mas posso-lhe dizer que 40% das pessoas aproximadamente têm dificuldades económicas. E eu digo isto pelas estimativas das escolas. Nós temos 14 escolas na freguesia e dessas 14 nós

temos turmas onde 70 ou 80% recebem apoio e temos outras que é mais baixo. Ronda assim esses valores, é uma estimativa geral não é propriamente fundamentada em estudos. Temos alguns estudos sobre a ação social na Freguesia, mas não tenho dados neste momento concretos.

E: Certo, no fundo é só para ter uma noção destes dados. Em referência há área das crianças, segundo alguns autores referem que apenas com a institucionalização da escola é que o conceito de infância começa lentamente a ser alterado, através da escolarização das crianças. Podemos, portanto, a partir do desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, falar numa construção social da infância. Concorda com esta opinião?

EE6: Concordo. Concordo claro que sim. Concordo que sim. As crianças vão para a escola cada vez mais cedo, neste momento. Cada vez mais cedo saem do seio familiar, eles vão para a escola com três meses, não é.

E: Sem dúvida, infelizmente.

EE6: A escola que está com eles muitas vezes, se calhar talvez a escola torne mais os pais do que propriamente os pais. Eles em casa só estão a dormir. Nós temos casos de crianças que entram para a escola e que eu tenho lutado muito contra isso, que entram para a escola às 8:00 da manhã e saem da escola às 8:00 da noite. Muitas vezes eu digo, nós no futuro vamos ter muitos problemas porque estas crianças. Uma pessoa. Nós temos, cada vez mais problemas de saúde mental, que está a trazer graves problemas para a sociedade e na verdade uma das minhas lutas quando vou às escolas às reuniões de pais é, meus amigos vejam os vossos filhos porque estar 12 horas numa escola ou mais não é benéfico para ninguém. E quando vocês saem portanto, vendo por vocês. Vocês conseguem estar 12 horas metidos numa sala no mesmo espaço? Ninguém consegue muito menos as crianças. Portanto não podemos de forma nenhuma tornar a escola no centro da socialização das crianças. A criança deveria de ir à escola, aprender, a estar, aprender a ser, competências, mas depois a afetividade deveria de ser a família e hoje não é assim. E quando. Estou a fugir à pergunta. E quando na realidade nós queremos apanhar essas crianças já é difícil. É difícil, porque são agressivas, porque tem esse acompanhamento constante. Continuo a dizer quando, então no segundo e terceiro ciclo. Eu sou professora e fui professora durante 37 anos e hoje, ouve-se falar muito. Ai tenho 20 alunos, tenho 25 alunos, não sei o quê, e três ou quatro com problemas de deficiência. Eu digo, eu tenho 37 anos de serviço e nunca tive um aluno com problemas de necessidades educativas dentro da sala. Porque para mim eu não considero que um aluno que seja distraído, que tenha necessidades educativas. Eu tenho que o acompanhar.

É sempre fácil, é muito bom ser-se professor de um aluno sem dificuldades e, portanto, isso para mim. Eu tenho 8 alunos. Eu tenho 8 alunos que não foram devidamente educados e sei que é o problema. Por acaso, recebi uma aluna que veio para mim com graves problemas de necessidades educativas especiais, hoje é investigadora em Londres.

E: Havia ali alguma coisa que não estava a ser...

EE6: Claro, é preciso estudar o aluno e preciso ver como é que ele funciona ver como é que ele trabalha, o que é na realidade ele tem e ver quais são os seus problemas e apanhar esses problemas e andar com ele para a frente. Intervir. Não pode dizer que o aluno é distraído, que o aluno é insuportável, que o aluno está inquieto. Porque é que ele não está quieto, porque é que ele tem estes problemas todos, vamos lá ao fundo da questão e apanhar o aluno. Hoje não, hoje não se faz isso. Isso é grave.

E: Então quer dizer que esta questão da infância, que é mais central, é que durante vários anos nem sequer era abordada, entretanto começou a ser abordada, foi investigada, e neste momento parece que está a voltar um bocadinho ao esquecimento. Neste momento se calhar a infância está invadida por outras questões que não são muito positivas.

EE6: Sim, não tem a ver com a infância e que não são nada positivas.

E: As Escolas acabaram por ser aqui um depósito?

EE6: Sim, um depósito.

E: E o que é que os pais pensam, eu sei que ainda há pouco falou, em relação às reuniões que tem...

EE6: Os pais, de uma forma geral, quando eu abordo esse problema, eu abordo todos os anos. É um tema que eu abordo todos os anos é muito pertinente. Eu tenho pai, em algumas escolas, que vão para a praia e quando chegam da praia vão buscar os meninos à escola, com o saco de areia, chinelos de praia e eu fico.

E: É uma agressividade para a criança que vê.

EE6: Eu fico preocupada com tudo isso, porque eu acho que os filhos têm que estar primeiro ou então por que razão é que estiveram e a escola não pode ser um depósito, porque quando a escola é um depósito de meninos. Eu sou contra essa situação. Olha eu tenho aulas durante muitos anos na Alemanha e os alunos na Alemanha tinham aulas das 7:00 da manhã até à 1:00 da tarde a partir da 1h os meninos iam para casa e ninguém tinha aulas. E tinham atividades e tínhamos tudo e mais alguma coisa, mas era fora da escola. A escola é um local só para aprender, hoje não há respeito pelo professor, precisamente porque a escola não é um local para aprender, a aprender é um local para tudo.

E: Esperemos que melhores dias virão. Nesta sequência, considera que as instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana vão de encontro às necessidades das crianças e dos seus pais? Que opinião tem sobre os tempos livres?

EE6: Elas vão de encontro. Porque quase todas as instituições estão abertas das 7:00 da manhã às 7:00 da noite ou das 7:00 da manhã às 8:00 da noite. Não vão de encontro às necessidades das crianças agora, vão de encontro das necessidades dos pais vão porque é um horário alargado, não é, em que eles vão para o trabalho podem deixar os filhos as sete da manhã num determinado local, em determinada instituição e vão descansadamente para o trabalho e às 8:00 da noite vão buscá-los quando vem do trabalho. Serve os pais, serve a família, serve, mas não a criança. Porque a criança precisa de brincar. E de brincar em espaços públicos, nos jardins, não é nos supermercados, porque, depois à noite ainda vem buscar e ainda vão às compras, ao supermercado com eles e depois vão para casa, ver a televisão e enquanto fazem o jantar, não é, ou vou tomar banho para estarem preparados para jantar a irem para a cama. A criança. Isso não serve a criança. Cada vez mais, hoje, há a necessidade da criança brincar e de ter espaço para brincar e enquanto isso não acontecer e enquanto as escolas continuarem a ser depósitos de crianças e enquanto a nossa sociedade não repensar a escola, isto não vai lá. Primeiro tem que se repensar a escola, tem que se pensar que escola é para as crianças e jovens adquirirem competências, o resto é feito ou deve ser feito fora da escola. Antigamente nós brincávamos na rua, jogávamos ao Pião. Hoje não se pode com os nossos, porque é perigoso não é porque é complicado, por falta de segurança, porque a sociedade mudou e porque variadíssimos problemas que não nos deixam fazer isso mas pode haver alternativas, pode haver um vizinho, um amigo, os avós, uma outra instituição, que não seja a escola, a fazer esse trabalho. Agora a escola não. Os meninos precisam realmente de se abstrair da escola. Têm o tempo da escola e depois têm que abstrair, precisamente pela sua saúde mental que cada vez mais temos mais problemas de saúde mental no país, e até aqui na freguesia. De qualquer maneira temos por variadíssimas razões. E uma delas é essa, o tempo exagerado que as crianças ficam dentro do recinto da escola. Os pais não. Vão tomar um café ao café da esquina, ainda vão às compras ao supermercado, ainda vão ao centro comercial se ainda tem alguma coisa para fazer, ainda conversam com os amigos na rua. Os miúdos não. Os miúdos estão desde aquela hora àquela hora dentro de um espaço, dentro do mesmo espaço, sempre ali a fazer o trabalho que tem que fazer e com uma pessoa que, por vezes, pode nem sequer ajudar em nada no seu crescimento.

E: Partilho profundamente essa opinião. Exatamente aquilo que, a parte desta questão, exatamente aquilo que eu refiro. Eu só tenho uma filha, e, se há coisa que eu digo quase todos os dias, mesmo no trabalho é que eu sou incapaz ultrapassando o horário de trabalho não é ir buscar eu costumo até dizer que é uma agressividade, é uma tremenda agressividade para a criança. Não me faz qualquer sentido. Bem, falando aqui do mercado trabalho, porque eu também gostaria de falar sobre a situação de trabalho e as condições deste, em paralelo com a parte económica das famílias. Portanto partindo do pressuposto que o acesso ao emprego e mercado de trabalho é um dos maiores fatores de tensão e risco perante as famílias, como define o mercado de trabalho na freguesia de São Domingos de Rana?

EE6: Nós temos muitos desempregados. Temos muitos desempregados e depois temos outros desempregados e não querem trabalhar. Por isso é que é difícil de perceber a mentalidade das pessoas. As pessoas habituaram-se a ter tudo de borla, a ter dinheiro para tudo, porque não tem emprego, mas tem o fundo desemprego não tem o fundo desemprego tem o RSI. Tem essas coisas todas e, portanto, as pessoas habituaram-se a não trabalhar e a estar em casa e depois porque hoje em dia também uma pessoa que está desempregada ganha mais estando desempregada do que se estiver a trabalhar. Isto parece um absurdo, mas é verdade. Porque recebem o rendimento mínimo, mas se tiverem desempregados, recebem o subsídio desemprego durante aquele período, mas depois, quando não têm direito sabem também o que podem receber que é o RSI. Ora, como sabe os nossos ordenados mínimos são 580€, agora vai aumentar diz que para 600 e tal mas ainda não está, parece que é só a partir de 1 de janeiro. E o que é que acontece. O que acontece é que acontece aqui as pessoas se ficarem em casa recebem exatamente o mesmo dinheiro e não gasta transportes, não gostam isto não deixam aquilo. Portanto, o que é que é mais benéfico: ficar em casa. Fazer uns biscates, ainda ganhou mais uns trocos e acabam por não ter o problema de levantar cedo para ir trabalhar de ter responsabilidades com aquilo com isto e aquilo e um dia, Deus queira que não, mas daqui a uns anos não temos ninguém para trabalhar. Hoje isto. Eu costumo dizer, hoje há várias profissões que já não se encontra ninguém para trabalhar. Eu tenho uma dificuldade tremenda, por exemplo, arranjar trabalhadores para arranjar calçadas, por exemplo, uma coisa que tão simples, mas a verdade é que não há. O que é que acontece que não temos gente que saiba trabalhar nas calçadas e nós temos calçadas aí até dizer chega, com buracos, com isto ou aquilo e tenho reclamações todos os dias também. Eu digo-lhe uma coisa, abriu um curso de calceteiro é preciso ter 20 pessoas inscritas e só tivemos duas pessoas e claro não foi

possível abrir o curso. Eu pus um anúncio, uma abertura de concurso para calceteiros não apareceu ninguém. Portanto, não é simplesmente. O que é grave é que depois andamos aqui assim. Portanto, a freguesia de São Domingos tem muitos empregados, tem muitos oportunistas também no meio destes desempregados todos. Eu no outro dia pedi ao fundo desemprego que me enviasse pessoas para trabalhar, enviaram doze, dessas doze, arranjei uma e dessas uma já não temos ninguém. Entretanto disse que ia embora, que isso era muito trabalho para ele, mas depois continuou a receber o fundo desemprego. O que é um crime. É verdade que as pessoas não querem simplesmente trabalhar ou aquelas que trabalham são os mais idosos. É complicado porque os mais novos de uma maneira geral na escola já dizem: Então o que queres quando fores grande? Quando for grande para que é que eu preciso de estudar, vou receber o rendimento mínimo como o meu pai e a minha mãe.

E: Desconhecia. Mas é incrível.

EE6: Jovens na nossa sociedade a dizer isso nas escolas.

E: É triste, de facto.

EE6: E um dia o dinheiro acaba, porque a massa trabalhadora não cobre estes valores dos dinheiros que se paga a esta gente.

E: Mas aqui sobretudo na nossa freguesia, grande percentagem de desempregados, portanto à partida são pessoas mais carenciadas, certo? Mas a outra percentagem, que até tem algum poder económico. O que é que tem a falar sobre estas famílias?

EE6: Essas pessoas que trabalham, fazem a sua vida normal, são pessoas intervenientes na sociedade e, portanto, trabalham e ajudam.

E: Ainda uma taxa considerável?

EE6: Ainda é uma taxa considerável, sim.

E: Que vale a pena, que dá apoio?

EE6: Sim claro que sim. É aquela que dá vida porque senão também, meu Deus, também não quero pintar isto tão negro. Felizmente são mais os que trabalham do que os que não trabalham. Sem dúvida. Claro. Até porque, hoje há mais gente, até pela mudança de governo, pelas mudanças que houve, há menos desempregados. Mas de qualquer das maneiras ainda há desempregados.

E: E é algo que continuará a existir...

EE6: Sim.

E: Bem, vou então finalizar. No fundo estão feitas as questões, estão dadas as respostas, o que eu agradeço. Vou então, dar por terminado. E agradeço. (Fim)

EE7: GUIÃO DE ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

Entrevista dirigida: Presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação da EB1 do Monte Real, Tires, localizada na Freguesia de São Domingos de Rana, com conhecimento alargado sobre a população de pais/ encarregados de educação e alunos da respetiva Escola.

Principal destaque para o facto de ser docente numa escola, ainda que fora da freguesia. Mãe de duas crianças que frequentam escolas da freguesia e residente na mesma.

Dados de Identificação do Entrevistado		
Nome	Daniela Gomes	
Entrevista n.º	7	
Código	EE7	
Duração	25'22 Minutos	
Data de realização	14 de janeiro de 2019	
Horário	Início	10:00
	Término	10:26
Local de realização	Freguesia de São Domingos de Rana.	
Perfil do Entrevistado		
Género	01 (Masculino)	
	02 (Feminino)	X
Habilitações Académicas	Licenciatura	
Função	Presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação da EB1 do Monte Real, Tires, localizada na Freguesia de São Domingos de Rana, desde 2016. Tomando a posição inicial na respetiva Associação, enquanto vice-presidente em 2014. Tem como profissão professora de Educação Física numa Escola do concelho de Lisboa.	

E: Olhando aqui primeiramente para as famílias, segundo alguns autores, o termo família adaptou-se à realidade imposta pela sociedade, seja pelo *pater* famílias da era romana, seja pela conjugalidade marcada pelo afeto e procriação. Atualmente, a família passa por mudanças em diferentes dimensões, especialmente ao nível das relações intergeracionais e de intimidade, caracterizadas pela maior expressividade de afetos e na busca de autonomia dos seus membros. Enquanto mãe, Presidente de uma Associação de Pais e alunos e ainda professora, concorda com esta opinião? Que opinião tem em relação à Família atual?

EE7: Bem é assim em relação à família atual e aí depende, porque hoje em dia, pelo menos em contexto escolar, posso dizer, enquanto professora em contexto escolar, nós vemos várias realidades diferentes e também consoante as escolas. Posso dizer que há aquelas famílias em que os pais e, isto no geral, cada vez mais os pais querem ser mais amigos. Vê-se muito aqueles pais que são mais amigos dos filhos mais do que pais propriamente, ou seja, e depois transparecem tudo tanto na maneira como as crianças estão na escola como com a relação com os outros adultos que impõem ou deixam de impor regras e os pais estão cada vez menos tempo com os filhos.

Eu acho que cada vez mais se nota isso, pais a ser amigos do que pais e educadores. Mas a questão aqui é que depende. Continua a haver famílias tradicionais. Em relação aos afetos no geral acham que deixámos de ter um meio-termo, ou temos crianças com pouco afeto ou crianças com afeto, eu não gosto da palavra mimados porque mimo nunca fez mal a ninguém mas com afetos a mais, ou seja, muito passivos, em que as crianças mandam nos pais ou pais muitos bruscos que pouca relação tem.

E: Referindo o tempo que os pais estão com os filhos, partindo do pressuposto que o acesso ao emprego e mercado de trabalho é um dos maiores fatores de tensão e risco perante as famílias, como define o mercado de trabalho na Freguesia de São Domingos de Rana?

EE7: Derivado à sociedade atual que temos, que trabalhamos todos muitas horas, infelizmente e temos que o fazer, e o pouco tempo que muitas vezes os pais estão com os filhos não se querem estar a chatear é para estar bem ou dou-lhe isto ou dou-lhe uma prenda ou faço isto ou faço aquilo. Quase não jantam com os filhos, comem enquanto os filhos estão a fazer isto e eles estão a fazer outras coisas. Eu já tive numa realidade de colégios privados e de escolas públicas e às vezes nota-se que, muitas vezes, quanto maior a classe social mais a se vê este distanciamento entre pais e crianças. Mesmo no verão pôr as crianças na escola e irem para a praia não iam trabalhar e que iam buscá-lo ao final do dia ainda com a areia nos pés e as crianças viam que tiveram na praia e não tiveram a trabalhar. Muitas vezes, vamos aos extremos das classes sociais mais baixas, mas aquela classe, mais vezes média ou média baixa, porque quase que não há classe média, às vezes é o que eu digo, como o provérbio, falta de dinheiro mas transborda amor. Acaba por ter uma relação mais familiar mais saudável, por assim dizer, não tanto aquela coisa de comprar os filhos com brinquedos, com aquilo, com isto ou com aquilo. Em termos de passagem de valores, também já tivemos melhor. Os valores tradicionais e as pessoas no geral, eu acho que na sociedade atual as pessoas andam todas muito stressadas, ansiosas.

Vê-se em tudo: no trânsito; na fila do supermercado; em tudo, no dia-a-dia; e, isso passa para as crianças. Nós estamos numa sociedade em que as próprias crianças já são criadas com pressa: veste, vamos para a escola, vamos para ali, não podemos demorar aqui, vamos ao parque mas tens 10 minutos porque a seguir tens que ir fazer não sei o quê. E a sociedade hoje é isso e isso vai-se transmitir em todos os valores que as crianças vão, se os meus pais e o meu pai está a discutir na fila de trânsito eu vou discutir já na fila da escola, se o meu pai, se o senhor do café não trouxe do café quando ele queria ele já está em geral a vida é isto. E as crianças não aprendem por aquilo que lhe estão a dizer mas por aquilo que veem fazer são cópias dos pais muitas vezes. Eu acho que estamos todos a pecar, na minha opinião pessoal, estamos a pecar um bocadinho por isso. Eu, pelo menos enquanto mãe com os meus filhos, eles precisam de ter tempo nem que seja para estar parados a olhar para uma parede, sei aquilo que precisam neste e naquele momento. Não quer brincar, não quer estar a estudar, mas está parado, está no tempo dele, está a tentar as ideias deles e acho que hoje em dia nós pais não temos esse tempo para nós e não temos tempo aos nossos filhos e faz com que seja tudo, todas as relações familiares muito de o que tem para fazer, ou seja, dos planos deles para ir em função daquilo que os filhos precisam, que é brincar, com a natureza, a brincar fazer plasticinas, fazer trabalhos manuais. Não, é mais fácil dar um tablet e eles estarem ali entretidos enquanto os pais estão a fazer aquilo que eles querem fazer. Eu compreendo o que é o avançar aqui é a tecnologia. Mas eu acho que os pais deviam regredir um bocadinho e fazer aquelas coisas mais básicas.

E: Certo. Em vários estudos e diagnósticos realizados por representantes de diversos departamentos do concelho de Cascais, verifica-se que um quinto das famílias em São Domingos de Rana são unipessoais e mais de metade são compostas por duas ou três pessoas. As famílias mais numerosas (com 4,5 ou mais pessoas) têm maior peso nas freguesias de São Domingos de Rana e Alcabideche. Perante este facto, que opinião tem sobre as famílias residentes na Freguesia de São Domingos de Rana?

EE7: Falo sobretudo enquanto presidente da associação daquela escola. Aquela escola é assim um bocadinho, eu não tenho tanta noção em termos das outras escolas do Freguesia, como é que são em termos de pais. Tenho fora do concelho, mas em relação àquela eu acho que é uma escola atípica, porque eu não acho muito que mesmo em relação a eventos e atividades que nós fazemos mesmo porque achar os pais para a escola para haver uma mais proximidade para a escola, eu noto que para muitos pais a escola é um depósito. Eles chegam de manhã põe os filhos, claro que há exceções, em cento e tal crianças tem que

haver exceções, mas aquilo é um depósito. Chegam de manhã põe o filho chegam ao final do dia, vão buscá-lo, alguma coisa mal eles queixam-se, mas depois também não fazem nada, para resolver o assunto e às vezes nós tentamos, mesmo em relação à associação de pais que venham, que deem ideias colaborem connosco e é muito difícil conseguir que os pais daquela escola colaborem em alguma coisa.

E: Ao nível económico, as famílias que estão naquela escola, temos as duas faixas de famílias com menor poder económico e maior?

EE7: Acho que hoje em dia todas as escolas é um bocadinho misto, mas, agora entraram muitos meninos novos, alguns ainda não tenho conhecimento, mas não me parece que haja assim grande número de crianças com carências sociais. Apanhamos ali alguns meninos da casa da criança, mas, mas é uma situação muito especial e há um ao outro com mais dificuldades em que há casos, por exemplo, de meninos de etnia cigana que andam lá, não é que não tenham poder económico mas sei que em termos de realidades de irem à escola e isso tudo faltam muito e saem mais cedo. Eles andam ali um bocadinho quase obrigados, não todos, mas alguns sim, porque têm que ir para que a segurança social, as assistentes sociais, não os deixam não ir à escola, mas no geral acho que não há assim, pelo menos que eu tenho conhecimento de algum caso que... Também hoje em dia as famílias encobrem muito isso estão às vezes as famílias estão a passar necessidades e não transparecem. Nós tentámos criar um projeto por exemplo, aqui há algum tempo na associação de pais que era uma coisa para ajudar os pais, de pais para pais, por exemplo, cada punha o seu negócio, nós púnhamos, por exemplo, na nossa página, por exemplo, imagine a pessoa que fizesse bolos, ou seja, seria mais fácil outro pai da Associação comprar, ou, por exemplo, fazer unhas é mais fácil, se é para fazer e para dar dinheiro aquele pai que é de um aluno da escola é melhor aquele do que o outro mas é muito difícil que os pais colaborem, ou seja, estava lá no site mas acabava por ser um bocadinho para ser para nos ajudar uns aos outros. Tentámos criar uma bolsa de material escolar também, mas é muito difícil conseguir porque sobra sempre material no final do ano, alguns deles nem usam, cartolinas e tudo isso, caso existam crianças carenciadas das na escola possam ir lá buscar, mas depois é muito difícil que os pais colaborem connosco. Em tudo, não é fácil aquela escola em termos de comparação é muito complicada e se houver esses casos não nos chegam a nós nem a própria escola chega por vezes, quanto mais a nós, mas não tenho assim casos graves não tenho conhecimento nenhum.

E: Passando aqui para a parte dos tempos livres que já falou, já abarcou algumas questões do tempo livre, mas que é importante, na freguesia de São Domingos de Rana vão de

encontro às necessidades das crianças e dos seus pais? Que opinião tem sobre os tempos livres?

EE7: Dentro do mal acho que neste momento está um bocadinho melhor.

E: Este ano letivo?

EE7: Está melhor em termos do que quando nós, Associação atual, pegámos na Associação de Pais, porque antigamente a escola nem sequer abria. O CAF, neste caso, os tempos livres nem abria de manhã, ou seja, a porta abre às 8:50 sendo que há crianças que ficavam na rua. Aquilo tem uma estrada que passa logo ali ao lado e ficavam na porta da escola à espera que a escola abrisse. Os pais não tinham outra alternativa nem um pai que trabalha em São Domingos de Rana consegue deixar uma criança às 8:50 e estar às 9:00 no trabalho, quanto mais um pai que trabalha em Lisboa e foi uma luta que nós tivemos com a câmara e com a empresa. Nós tivemos uma reunião a dizer que achávamos que...

E: Que é a Horizonte?

EE7: Que a Horizonte não estava, o parceiro da câmara, mas não estava a ir de encontro às necessidades atuais das famílias daquela escola aquilo é componente de apoio à família, mas não estava a dar o apoio necessário às famílias consoante aquilo que elas precisavam.

E: Neste momento abrem a que horas?

EE7: Salvo algum erro estão a abrir já não sei dizer se as 8:00 e as 8:30, julgo que abre às 8:00 na altura disseram que tinham que ter um certo número de miúdos. A câmara aí acabou por concordar connosco porque mesmo que faltasse um ou dois, a câmara entrava com esse valor, portanto conseguiu-se abrir de manhã. Eu continuo a achar que eles fecham cedo demais, julgo que eles salvam um erro fecham às 6:30 (18:30) e julgo que deveram de fechar pelo menos às 7:00 (19:00). Se eu trabalhar em Lisboa, voltamos ao mesmo, se eu trabalhar em Lisboa, não estou aqui às 6:30 (18:30), já às sete é difícil.

E: Aqui haverá a necessidade provavelmente de outro tipo de respostas, exteriores, externas à escola?

EE7: O que acontece é que os pais acabam por preferir um Centro de Estudos que fecha às 7:30, mas que eles sabem que estão garantidos. Eu não sei neste momento quais são as atividades atuais que eles fazem não sei se fazem sequer apoio ao trabalho ali no CAF, posso dizer que em termos dos pequeninos, do jardim-de-infância, quando o meu filho andava no jardim-de-infância eu sei que eles não faziam absolutamente nada, eles saíam e ficavam ali a ver filmes até os pais virem buscar alguns adormeciam. E voltamos ao

mesmo, eu não digo que eles não tenham que ter uma tarde cheia de atividades, por exemplo, os pequeninos que saem às 3:30 já é suficiente para eles mas algo que não seja obrigatório uma atividade: uma psicomotricidade; uma dança criativa; para os pais que já esteja incluída na mensalidade, para os pais não terem que pagar extra e para os crescidos que se faça isso. A professora vai dar dança criativa, que dê também um Ballet, nem que seja Ballet para as meninas e o futebol para os meninos, que seja ali alguma coisa que eles possam, já não digo todos os dias, nem que seja alguns dias como existem alguns sítios, mas, pelo menos, que duas vezes por semana existe alguma atividade para os pais que realmente não tem a possibilidade de pôr os filhos fora da escola. Eu posso dar-lhe o exemplo do meu filho, o meu filho anda na escola de futebol, eu pago, ele para fazer duas vezes, pode ser que até, pode ser que não seja das mais baratas, não é isso que está em conta, mas eu pago 52 € para o meu filho fazer duas vezes por semana nem todos os pais o conseguem. Eu não digo que vai torneios e tudo isso, mas tenho um professor e que esteja ali a orientar.

E: Que possam sair da escola também ou não mais na perspetiva de ter na escola?

EE7: Eles podem fazer na escola, eles têm campo de futebol tem lá o professor e fazem o futebol com eles na escola. O professor vai à escola, podem encarecer em termos do Horizonte ou da empresa que está lá a dar em termos daquilo que vai ter que pagar a mais professores, vai, mas é aquilo que eu digo. Se há empresas que conseguem porque é que o Horizonte não consegue. Se há empresas que conseguem, foi o que eu disse a câmara, se há Empresas que com 75 € por mês e as crianças têm o futebol, rugby, ballet, ou hip-hop e outra coisa qualquer, claro que depois não se pode inscrever em todas tem que dar para todos, porque é que outros não conseguem. É porque é alguma coisa ou é o Horizonte não estava a fazer bem estes valores, ou varia de freguesia para freguesia. Mas eu para mim acho que era importante as crianças precisam de brincadeira livre, mas dá para fazer essa organização, no dia em que não tem futebol, estão na brincadeira livre, no dia em que têm trabalhos de casa vão para os trabalhos de casa dá para fazer essa gestão. 16:48

E: Este ano letivo houve uma alteração a nível deste tempo livre que é destinado às crianças que é nomeadamente as AEC's, de manhã e um período da tarde que podem fazer a atividade livre, fazem o que quiserem.

EE7: Eu sou sincera, eu não estou bem dentro das AEC's eles tomaram essa decisão baseada no estudo do professor Carlos Neto que eles interpretaram o estudo do professor Carlos Neto à maneira deles. Eu interpretei de outra forma, o professor Carlos Neto não diz que eles têm muito tempo de Educação Física, ou muito tempo de artes. Ele diz que

têm muito tempo de horário letivo, que as crianças precisam de brincar mais porque tem muita matemática porque tem muito português, tem muitas essas coisas e aquilo que eles tiraram foi as AEC's passaram, já eram, mas passaram a ser somente lúdicas e eles podem escolher e vão brincar aquilo que querem. Eu não sei bem como é que estão a funcionar porque eu disse logo que eu meu filho não fazia porque não fazia sentido naquele contexto de AEC's porque então para isso vai brincar para o parque com o avô. Mas posso dizer que... 18:15

E: Mas esse seu sentir é transversal a muitos outros pais? Isso é importante eu perceber.

EE7: Aquilo que eu falei, que me deram feedback das AEC's, a única coisa que me deram foi que havia dias em que havia muita confusão, que os miúdos queriam todos ir para o campo e depois estavam não sei quantos no campo e no outro dia estavam 10 numa sala e estavam não sei quantos com professor 60 miúdos, com um campo com professor por queriam ir todos para o campo. Não sei se está a resultar, foi aquilo que me disseram em relação a muitos pais, eu sou sincera, muitos pais, se os miúdos se magoarem, se baterem nas crianças, se calhar quanto muito vêm-se queixar mas depois voltamos ao mesmo, a escola é um depósito eles não querem saber se eles estão no futebol se eles estão não sei quê, desde que estejam lá e que não estejam a fazer mal, ninguém os magoa e ninguém lhes fala mal, está tudo bem. Eu como para mim o contexto de AEC's não é aquilo que está a acontecer, aquilo é previsto de ser atividades de enriquecimento curricular, não é para brincar, eles precisam de brincar porque eles têm muitas horas de matemática, português, não sei quê, é mais porque tem um currículo muito apertado a hora de educação física que iam ter até porque andam a correr porque faz falta, vamos ser sinceros, atividade desportiva que é prevista os professores titulares darem, eles não têm formação para o dar, por isso é que vai lá um professor do agrupamento para os preparar para as provas de aferição e eles têm a essa hora para brincar mas eu também não lhe sei dizer muito porque ele não faz. E eu não tenho tido grande feedback a única coisa que me disseram foi que há muita confusão eu não sei se conhece ali a Ideia?

E: Conheço bem.

EE7: Os meus filhos andaram lá e eu sei que eles em termos de ATL. A Ideia é, nós trabalhamos com Horizonte mas a ideia também faz tão a gestão de ATL e a Ideia em termos de ATL, e aí é que eles aplicam o método que aplicam lá no pré-escolar que é, isso de eles escolherem eles já aplicam a ideia à muito tempo, por exemplo, ali na António Torrado, eu sei que eles aplicavam porque eu oiço nas reuniões da Câmara eles nas AEC's sempre foram assim, mas eles têm educação física, expressões e tem outra coisa e os

meninos é que escolhiam para onde é que queriam ir, mas a Ideia já trabalha com esse método há muito tempo e a Ideia consegue, se já escolheste 3 vezes de ir para a educação física, é uma escolha livre mas é uma escolha livre orientada, conforme era com os pequeninos com a pré-escolar. Eles não podiam estar sempre na sala do jogo dramático, se eles já tinham ido não sei quantas vezes, eles tinham que orientar para eles experimentarem outras coisas, não me parece que seja o que está a acontecer ali com o Horizonte, pelo feedback que eu tenho. Eu sei que várias vezes, há não sei quantos meninos na educação física e há muitos poucos nos outros. Ok. É escolha livre mas aquilo é uma escola eles também não estão ali para fazer aquilo que querem simplesmente, eles têm que ser orientados nessas escolhas mas eles são crianças e não sabem fazer.

E: Mas será que essas escolhas são todas ao ar livre ou há uma no interior e a outra no exterior, no recinto da escola?

EE7: Eu não sei, mas é assim, tendo em conta que se tem estado muitos dias de chuva nem atividade física deve estar a ser ao ar livre.

E: Eu faço esta pergunta porque é natural que uma criança queira permanecer no exterior e, portanto, se uma é no interior e a outra é no exterior...

EE7: Também não sei. Eu sei que eles têm um professor que é previsto ser de educação física e provavelmente terão a de expressões e não sei aqui se ela está só a dar expressão dramática e não sei se há música porque se for de expressão plástica acho difícil fazerem no exterior não sei como é que o vão a fazer. Eu acho que a questão aqui do brincar, ok eles precisam de brincar, mas já mudaram as coisas nos intervalos agora eles precisam de brincar.

E: Mas mudaram em que sentido, aumentaram o período de intervalo?

EE7: Eles mudaram o período de intervalo deles agora, por exemplo, eu acho que eles mudaram para os professores saírem mais cedo mas, eles puseram ali intervalo das 5 às 5:30 porque as crianças acabam por sair às 5:00 e não ficam para o CAF e esse intervalo, e eles não tinham esse intervalo, tem ali meia-hora de manhã meia-hora tem essa meia-hora à tarde tem uma hora de almoço amor e meia e depois tem ali um outro intervalo a meio da tarde acho que é 15 minutos. É meia-hora.

E: Das três. Mesmo assim das 3:30, depois de 5 às 5:30 e depois das 5:30 vão para a CAF's?

EE7: Ou saem porque estes também podem lá ficar até às 5:30 depois saem e vão para as CAF's.

E: Mas qual é a grande diferença entre as CAF's e as AEC's?

EE7: É assim, as AEC'S são Atividades de enriquecimento curricular, estão incluídas em horário letivo e isto é baseado numa escola a tempo inteiro, ou seja, acaba por ser um bocadinho aquilo que podia ser a educação física, música, artes plásticas.

E: Certo. Segundo alguns autores referem que apenas com a institucionalização da escola é que o conceito de infância começa lentamente a ser alterado, através da escolarização das crianças. Podemos, portanto, a partir do desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, falar numa construção social da infância. Concorda com esta opinião?

EE7: Sim, todas as crianças têm direitos. Quanto às atividades de correspondem à criança e portanto, atividades inerentes à infância na escola, e apanhando a sequência da outra pergunta, não precisam de pagar, não pagam, a câmara é que suporta este valor e as crianças aquilo que podem fazer ou não fazer, por exemplo, nós quando vamos às reuniões é que vemos se vão fazer AEC's ou não vão fazer AEC's, geralmente isso muda de freguesia para freguesia, nem todos são iguais. Eles antes tinham atividade física desportiva, expressões e música. A carga horário não é igual para todos os anos e os CAF's é os meninos que as 5:30 acaba o horário letivo, eu digo horário letivo mas não é dado pelos professores titulares, é neste caso pelos professores do Horizonte não sei se ainda são do horizonte que vão lá dar e depois temos o após às 5:30 acaba o horário letivo e os meninos têm que sair da escola, só ficam os meninos que pagam ao Horizonte para ter o ATL. O CAF acaba por ser um ATL mas chama-se apoio componente à família e para os meninos da pré, às 3:00 ou 3:30 quando eles saem ficam chama-se AAAF, também é pelo Horizonte.

E: E bem. Não sei se tem algo a acrescentar.

EE7: Não, acho que não.

E: Da minha parte está tudo, vou então dar por terminado.

(Fim)

EE8: GUIÃO DE ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

Entrevista dirigida: Professora de uma escola básica localizada na freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais. Com vasta experiência na área do ensino e coordenação de escola básica.

Mãe e residente na freguesia de São Domingos de Rana.

Dados de Identificação do Entrevistado		
Nome	Patrícia Lourenço	
Entrevista n.º	8	
Código	EE8	
Duração	28' 37 Minutos	
Data de realização	19 de janeiro de 2019	
Horário	Início	16:00
	Término	16:30
Local de realização	Freguesia de São Domingos de Rana.	
Perfil do Entrevistado		
Género	01 (Masculino)	
	02 (Feminino)	X
Habilitações Académicas	Licenciada	
Função	Professora do ensino básico desde 1999. Exerceu funções de coordenação numa escola básica no Linhó, freguesia de Sintra, de 2013 a 2018. Desde setembro de 2018, e mediante concurso público, exerce funções de docente numa escola básica do concelho de Cascais, respetivamente freguesia de Alcabideche.	

E: Na sequência da minha explicação (indicação da razão pela qual me levou a concretizar esta entrevista) a primeira questão remete para a questão das famílias. Segundo alguns autores o termo família adaptou-se à realidade imposta pela sociedade, seja pelo *pater* famílias da era romana, seja pela conjugalidade marcada pelo afeto e procriação. Concorde com esta opinião? Portanto, no fundo aqui é explicar um pouco as famílias e toda esta alteração histórica e atual.

EE8: A família já vem desde essa época, não é. Portanto, sempre houve um instinto de no ser humano ter o seu clã a sua família. Eu acho que sim, eu concordo agora o que eu acho é que o conceito de família se tem vindo a alterar a esta parte. Também acho que

hoje em dia temos muitas famílias monoparentais, temos famílias em que há partilha da tutela dos filhos, guardas partilhadas, temos famílias homossexuais, temos muitíssimas novas famílias. Portanto, o conceito de família está a aumentar. Mas claro, eu acho que ainda há o clássico conceito familiar que pronto.

E: E quais são as características desta família clássica. Que tipo de características tem essa família a nível comportamental, o facto de assumir a família num todo, como é que é caracterizada?

EE8: As características das famílias clássicas são essas. De um todo, do acompanhamento da infância dos filhos. Se bem que eu acho que isso também, acho que infelizmente, enquanto professora, uma negligencia, as pessoas deixarem, de desresponsabilizarem-se dos seus papéis de pais e educadores um pouco, porque a sociedade também não permite muito que os pais tenha um tempo de qualidade com os filhos acho que é um bocado isso hoje é tudo muito a correr os pais largam os filhos nas escolas e encaram as escolas como um depósito nem estão muito preocupados com o conteúdo do que se faz na escola nem com a qualidade do que se faz na Escola, desde que a escola esteja aberta das tantas às tantas, é a escola que lhe serve. Acho que hoje em dia Escolas são muito procuradas nesse sentido não se faz um pré estudo, para se saber se realmente aquela escola é uma escola com um corpo docente estável, com práticas e projetos implementados que venham de encontro às necessidades dos pais e daquilo que eles querem para os seus filhos, não, é muito nessa base: “ah, tem um ATL, das tantas às tantas e é isso que me interessa. Não posso ir buscá-lo, não posso estar lá a horas não posso e, portanto, para mim é o ideal. Há cada vez mais um desresponsabilizar por parte das famílias, dos seus papéis e das suas funções enquanto pais, canalizando cada vez mais isso para a escola e é assim, nós professores que falo nas duas vertentes, falo enquanto mãe e enquanto professora, enquanto mãe tento ao máximo que os meus filhos não sejam assim e que eu não me desresponsabilize do meu papel de mãe. Se bem que eu não sou mais que ninguém e não sou nenhuma super mulher, porque a minha profissão também assim o exigir que às vezes traga coisas para casa para fazer e às vezes não lhe posso dar atenção como gostaria de o fazer mas, quando estou com eles tento sempre que eles tenham algum tempo de qualidade comigo e não desvalorizar aquilo que eles me solicitam. Que eu acho que é isso que por vezes os pais hoje em dia falham, que os miúdos quando estão a falar com eles dizem “agora não” e esses “agora não”, vai surtir efeitos negativos na sociedade e nas famílias futuras porque não vão ser futuramente crianças que vão estar educadas para dar atenção, porque também não a tiveram. Quem não é

amado não pode amar, quem não sente disponibilidade não se dispõe e eu acho que isto é uma falha deste século, é a falha deste século, desta sociedade, os miúdos têm muito disso, pouco tempo de brincadeira e depois para agravar a isso tem pouco tempo de útil com os pais e atenção dos pais os miúdos estão a ser criados nesta roda-viva que mais tarde isto vai surtir efeitos negativos nas famílias futuras.

E: Agora que está a falar desta questão da brincadeira remete para uma questão da brincadeira dos tempos livres. Considera que as instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana vão de encontro às necessidades das crianças e dos seus pais? Que opinião tem sobre os tempos livres? No fundo, entender os tempos livres das crianças e de facto se as respostas que vão de encontro a estes tempos livres, se vão efetivamente de encontro a esta vertente também da brincadeira, é mais por aqui.

EE8: Não de todo. Acho que a escola não está de todo compatível com os tempos de tempo livre que os miúdos deveriam ter, principalmente no 1º ciclo, que a área que eu conheço melhor que são, a faixa etária menor que tem a carga horária maior. Estão todos os dias das 9:00 às 5:30 da escola. Já para não falar daqueles que chegam antes das 9:00 e que vão para um ATL a partir das 7:30 da manhã e que saem depois das 5:30 e que ficam lá supostamente até as 7:30. 07:12. Há meninos estão lá 12 horas no estabelecimento e porque é que estão? Porque a maioria das famílias não podem ir buscar antes das 5:30 ou 6.

E: Nesta sequência pergunto, segundo alguns autores referem que apenas com a institucionalização da escola é que o conceito de infância começa lentamente a ser alterado, através da escolarização das crianças. Podemos, portanto, a partir do desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, falar numa construção social da infância. Concorda com esta opinião?

EE8: Sim, claro que sim. Referindo-me à escola e em função do exemplo das famílias que vão buscar os filhos tarde por razões diversas, é possível afirmar que a construção social da infância é fortemente debatida. Quando se fala que há famílias que podem ir buscar, mas não vão, mas isso é outra questão. É a questão, lá está, do passar para a escola responsabilidade dos pais e os pais demitirem-se um bocadinho dos seus papéis de pais. Mas eu acho que a escola não dá resposta. Muito pelo contrário, dá resposta às necessidades dos pais que os guarda até àquela hora, porque antigamente quando os miúdos estavam na escola até às 3:00 da tarde e depois a partir daí estava no ATL, no espaço de tempos livres, aí estava lá quem única e exclusivamente quem precisava de estar mas esses espaços eram acima de tudo já de descontração e de brincadeira enquanto

que a partir do momento em que se criaram as AEC's fez-se um prolongar do horário letivo. Claro que se diz sempre que as AEC's são lúdicas, são acima de tudo brincar, mas na grande maioria das Escolas são um prolongamento das aulas, são dentro da sala de aula, em formato igual àquele que eles têm durante aquelas 5 horas que estão com o professor das nove às 3:00, portanto, a escola não dá resposta às necessidades de horas de brincadeiras que os meninos têm que ter. Dá resposta sim, às necessidades que as famílias. Para mim, isto é tudo uma questão de política, porque quem vota são os pais não são as crianças. Portanto se temos escolas que respondem às necessidades dos , os pais obviamente são eleitores e portanto vou ficar satisfeito e vão votar, portanto, isto é tudo uma questão política mas estamos a esquecer do que é fundamental, que é o aspeto das crianças terem mais tempo livre. E eu assisti na semana passada a uma palestra, com o professor catedrático que é precisamente sobre isso.

E: Como se chama?

EE8: Professor Dr. ° Carlos Neto.

E: Estava a pensar exatamente nele. Tem um estudo focalizado na questão dos tempos livres.

EE8: Exatamente. Ele é excelente, é fantástico, e quando ouvi aquela palestra eu fiquei impressionada como é que os nossos governantes ainda não conseguiram ver aquilo que aquele homem já demonstrou por A mais B que o plano de estudos que ele fez, que nós estamos a criar monstros e quando nós dizemos ao nosso filho vai tomar banho e ele faz renitência em tomar banho é porque aquela criança não brincou e é verdade isto, é pura verdade, porque eles fazem birras porque eles assim, e os pais têm a tendência a dizer que eles são imperativos. Eles acima de tudo são crianças que não estão a ser que está a ser roubado e a ser privado a sua essência enquanto criança que é o brincar e isto é fundamental hoje em dia, e os nossos governantes ainda não se aperceberam disto e isto é muito grave. Nós vamos ter repercussões a nível muito mais tarde e isto vai-se repercutir de uma forma brutal, porque eles são violentos, eles são amargos e assim e assados porque as nossas escolas também não estão adaptadas às necessidades da criança e o desenvolvimento das competências que eles devem adquirir enquanto brincam. Eles têm recreios de betão, eles têm recreios com zonas pavimentadas onde não há ali um despertar de todo o aspeto motor que deve ser desenvolvido nessa fase, eles devem subir às árvores, eles devem escavar. Ele depois até nos falou de uma situação em que foi visitar meninos do jardim-de-infância da Carolina do Norte e Finlândia em que crianças do jardim-de-infância, passam o dia inteiro na rua. Eles só se encontram para ir a um barracão de

madeira para almoçar todos na hora do almoço, ou seja, um barracão de madeira. Para nós vemos que as instalações, aquilo que menos interessa e menos se investe, ao contrário de cá. Ele diz que é impressionante ver aquelas crianças desde que entram até que saem sistematicamente na rua com menos 10 graus negativos, bem agasalhados, bem equipados. Aqui cai um pinga de chuva vai tudo para dentro. São realidades completamente distintas, culturas completamente diferentes, mas, nós, aqui a Europa focaliza muitos miúdos para competências cognitivas e não pensa nesta parte que é tão ou mais importante porque a crianças a brincar, a seguir está disposta e predisposta para aprendizagem de uma outra forma, eles ficam ávidos de recreio. Ele depois até mostrou um vídeo que eu fiquei chocada que é um vídeo onde mostra que as crianças na Europa têm em média menos horas de recreio do que os reclusos na prisão. Os recursos de uma prisão têm em média duas horas por dia de recreio na rua.

E: É chocante.

EE8: E a média dos nossos alunos é de uma hora de recreio por dia na rua. Isto é chocante. Outro estudo que ele nos mostrou é que em média as famílias, os pais, passam 37 minutos por dia com os seus filhos, tempo de qualidade. Isto é chocante e isto são estudos não sou eu que estou a dizer essas coisas são estudos e não é ele que se lembra de dizer estas coisas, são estudos que são feitos e não há ninguém que ponham os olhos nesses de estudos.

E: Mas perante este estudo, e eu tenho conhecimento no concelho de Cascais, que há pelo menos...

EE8: Ele está a fazer um esforço no concelho de Cascais porque quer acabar com as AEC's.

E: Por isso é que eu também foco com este professor, porque já aqui no Agrupamento de Escolas Matilde Rosa Araújo, já estão a começar a implementar, uma tarde, uma hora, apenas de um dia por semana, já estão a utilizar esta hora livre só que o que acaba por acontecer é que esta liberdade não é totalmente uma liberdade exata. Há duas atividades no fundo, escolhem uma ou escolhem a outra, mas se naquele dia até acharem que devem ir para aquela, todos para aquela, no fundo não há uma liberdade porque é incutido.

EE8: Isto ideal era realmente.

E: Mas o que é que sentem os pais perante esta, estas possíveis alterações? O que é que os pais sentem?

EE8: Eu acho que os pais sentem renitência. Eu acho que os pais não vão querer, os pais quando acham que há muitas férias a resposta que nos dão “Já estava morta que

começassem as aulas”. Para já porque os pais não estão habituados a ter tempo com os filhos e depois quando são obrigados a estar uma semana por exemplo nas férias do natal ou nas férias da páscoa ou noutra altura o especial de 3 meses, que não são 3 meses para os meninos são quase, para os professores é que não, são de férias do verão. Claro que se nós compararmos com outros países da Europa nós temos mais férias nessa altura, mas, mesmo assim não é nada exagerado e eu acho que os pais acabam por não dar valor a estar com os filhos acham que os filhos são fardo que aborrecem. Nós, eu também não culpo os pais a 100%, eu culpo é o sistema. Se nós tivéssemos um sistema laboral que fizeste com que a maior parte dos trabalhos libertasse os trabalhadores a partir das 4:00 da tarde, os pais não reagiam. Como em alguns países na Finlândia por exemplo estão as 4:00 da tarde à espera dos seus filhos a porta da escola e se alguns há quatro e cinco ainda estão no trabalho o patrão vai perguntar se ele está com algum problema. Aqui é completamente o contrário. Se nós aqui pedirmos uma hora para ir à reunião dos nossos filhos, porque temos direito a uma hora por mês, somos logo vistos ou metidos de parte se necessário, quanto mais nós reivindicamos certos direitos que estão na constituição e fazem parte do nosso direito enquanto trabalhadores somos nós logo martelados e isto tem que mudar, esta mentalidade. Nós não somos um País que produza, que seja necessário trabalhar tantas horas porque é que não se faz uma lei diferente laboral, os pais têm mais tempo de qualidade com os seus filhos e isto mudava tudo. Porque eu também não digo que as pessoas ou os pais não tenham gosto em estar com os filhos, mas os pais alteram os seus comportamentos a necessidade que tem de sobrevivência obviamente e portanto às vezes há pais que têm que ter mais do que um trabalho para suprir as despesas que são as despesas dos filhos a estudar, da renda de uma casa, de tudo o resto. Portanto como é que a pessoa tem disponibilidade mental depois para estar com a criança que quer brincar às escondidas, não tem. E isto vai se refletindo ano após ano, geração após geração, e isto é dramático. Agora, se na escola já houvesse pelo menos um começo porque há muitas famílias que os pais não podem ir buscar as 3:00, mas também há muitas outras que podem e há muitos avós. Ainda que se conseguem conciliar com os avós e vem buscar e depois ficava uma minoria nas escolas num chamado ATL, como existia antigamente. E esse ATL, ser um ATL, em que onde os miúdos estão essencialmente em brincadeira livre, em correr no espaço exterior da escola, em brincar, em jogar estafetas, porque eles ali até ficariam contentes porque tem lá os amigos. Mas aqueles que pudessem ir para casa eu aconselho sempre aos meus alunos. Houve pais agora no início do ano a me perguntar o que é que eu achava, se deviam se inscrever nas AEC’s. A minha resposta

é essa tem disponibilidade e possibilidade de vir buscar às 3:30 não hesite só vai estar a ganhar em qualidade de vida com o seu filho e ele também não hesite. Pode funcionar as AEC's aqui na perfeição e por acaso ali aonde eu estou tem muita vertente brincadeira e sempre que há possibilidade as AEC's são desenvolvidas no exterior da escola e não na sala de aula que até enquanto professora me agrada imenso. Porque enquanto eu lá fico a adiantar coisas e a fazer coisas na sala, que é necessário fazer só depois dos meninos saírem da sala de estar liberta, o que não acontecia na outra escola. Se até intencionavas ficar nem que seja um bocadinho, nem que seja a arrumar as fichas dos miúdos, passado um bocado eles estão outra vez dentro da sala de aula.

E: As crianças também acabam por estar horas seguidas dentro do mesmo espaço.

EE8: É que é mau para o professor, porque o professor, eu enquanto professora gosto muito de dar aulas. Gosto muito dos meus alunos, mas é uma profissão altamente desgastante e quando chegar àquela hora, porque está liberta da tua cabeça daquilo tudo, qual era a motivação que eu tinha. Eles iam para o recreio e passado de meia-hora já lá estavam outra vez dentro da sala com o professor de expressão plástica, por exemplo. E é inevitável, porque os miúdos vem-nos lá dentro da sala e o outro professor está invisível. Eu às vezes dizia: “eu não estou cá, eu agora estou invisível”. Mas é como se não tivesse, porque eu já não estou na minha hora, já fiz o que tinha a fazer, como é que eu estou ali disponível mentalmente se eu estou ali a ouvir um base desgraçado com os miúdos e a gente vai-se embora, quero lá saber, já fiz tudo aquilo tinha a fazer aqui. Acaba por ser prejudicial para todos. Porque o professor, o que não acontece agora ali na minha escola gosto dessa prática, eles funcionam bem nesse sentido, eles dão muito azo a que as AEC's sejam desenvolvidas na rua ou na ludoteca. Até cá temos uma ludoteca muito boa e uma biblioteca muito boa, temos umas condições físicas muito boas e as AEC são maioritariamente desenvolvidas fora da sala de aula, pelo menos já não é na sala já não é naquele formato onde estiveram o dia todo e isso é bom. É bom para os miúdos e para mim, porque se eu quiser ficar lá a trabalhar todos os dias posso ficar, posso estar a criar materiais, posso estar a pendurar coisas nas paredes, posso ficar e fazer o que eu me apetecer e isso dá-me uma motivação a mim enquanto professora porque sei que não vai haver ali interrupção e para os miúdos também é bom. Mas na maior parte das escolas isso não acontece, eles vão outra vez para dentro da sala, mesmo quando não acontece eu digo sempre os pais se tiver possibilidade para os vir buscar, venha buscá-lo.

E: Acabam por estar das 9:00 às 17:30 dentro, se necessário, da sala de aula.

EE8: Praticamente. À exceção da expressão físico-motora que é quando eles têm a ginástica, que eles vão para um pavilhão ginásio exterior. A experiência que eu tenho dos 12 anos no Linhó é que eram maioritariamente envolvidas na sala de aula, à exceção da ginástica, aqui por acaso, eles têm muitíssimas vezes fora da sala.

E: Mas será por ser outro concelho? Porque o conhecimento que eu tenho é que não é única.

EE8: Poderá ser sim. Esta era a experiência que eu tinha da minha colega que já estava neste Agrupamento há muito tempo que dizia que as AEC's que funcionavam muito bem e que os técnicos eram pessoas até que estavam mais formatadas para esse molde.

E: E é uma empresa parceira, ou seja, as AEC's são desenvolvidas por uma empresa?

EE8: Depende do município em que desenvolve, dá pelas Associações de pais e à municípios que são desenvolvidas por empresas parceiras. Onde eu estava era desenvolvido pela FAP Sintra, que era uma empresa parceira que fazia a contratação de técnicos, aqui onde eu estou é pelas Associações de pais, segundo parece e a câmara também acho que também está envolvida tem pareceria com a câmara. E aqui dá uma sensação que funciona melhor porque uma empresa parceira é sempre uma empresa e a empresa quer lucro e, portanto, era o que me parecia ali em Sintra acontecia muito isso. Havia sempre, de uma certa forma, de desviar algumas coisas e de contratar aquele que não tinha tanto perfil, de contratar, de dar verbas que por vezes não chegava na totalidade porque, bem eu acho que empresas parceiras nunca são benéficas para essas coisas. Eu, portanto, para mim, as AEC's no 1º ciclo, vieram arruinar o primeiro ciclo de todo, completamente. Não digo que não haja bons técnicos e que não se desenvolvam boas atividades, mas não deixam de ser atividades, não deixam de ser.

E: Portanto, no fundo o ideal é exterior e brincadeira.

EE8: Que é uma das coisas que o Doutor Carlos Neto diz, é isso mesmo que nós temos. Os miúdos têm atividades em excesso e depois ainda saem dali e vão para outras atividades. Têm muita canalização de atividades, estão ocupados, não têm tempo livre para brincadeira livre.

E: Acabam por não ter tempo livre, porque o tempo livre é sempre confinado alguma coisa.

EE8: Exatamente é sempre confinado alguma coisa ou direcionado para alguma coisa que eles não escolheram, portanto é isso que eu acho.

E: Considerando as famílias. Em vários estudos e diagnósticos realizados por representantes de diversos departamentos do concelho de Cascais, verifica-se que um

quinto das famílias em São Domingos de Rana são unipessoais e mais de metade são compostas por duas ou três pessoas. As famílias mais numerosas (com 4,5 ou mais pessoas) têm maior peso nas freguesias de São Domingos de Rana e Alcabideche. Perante este facto, que opinião tem sobre as famílias residentes na Freguesia de São Domingos de Rana?

EE8: Eu acho que é um misto de realidade que eu tenho. Já onde eu estive e onde estou agora da escola onde eu estou, aquilo é um misto. Em Alcabideche, temos pais ali com uma realidade familiar e em termos de ocupação de trabalho laboral bem-sucedida e outros muito mal, no desemprego, portanto pessoas que vivem de rendimentos, pessoas que não têm muitos escalões A, com fraco rendimento e depois há outras famílias que realmente sim estão bem estruturadas e estão bem-sucedidas do mercado trabalho eu acho que é muito nisto.

E: Mas aquilo que acaba por ouvir e aquilo que estas famílias, com fracos rendimentos, acabam por verbalizar é mais no sentido de “não tenho trabalho porque não consigo”, “não tenho trabalho porque não quero”, “estou nesta situação porque...” verbalizam ou há algum descontentamento “porque não há trabalho”? Considerando que o acesso ao emprego e mercado de trabalho é um dos maiores fatores de tensão e risco perante as famílias, como define o mercado de trabalho na freguesia?

EE8: Falando nas pessoas que estão desempregadas, eu acho que é sobretudo porque não há na área que essas pessoas procuram porque toda a gente tem muita aspiração e muita vontade de ir para o emprego *xpto*, de acordo com o curso, com as habilitações, de acordo com aquilo que perspetivou e depois por vezes aquilo que aparece não corresponde e as pessoas acabam por não valorizar o que devia de ser mais valorizável que é o emprego as pessoas querem emprego na área que ambicionaram e eu acho que transportam muito isso para os filhos, dizem que tens que ter isto e aquilo, tens que seguir isto e aquilo. Canalizamos muita informação para os filhos e queremos sempre que os miúdos sejam o supracitado e Gênios e depois por outro lado andamos com eles quase de mão dada até à sala. O que é um paradoxo muito grande. Eu acho que é mais por aí. É mais por vezes... também, obviamente, que por escassez, mas também porque as pessoas muitas vezes não se contentam com aquilo que aparece, querem em função das suas perspetivas e do grau Académico.

E: Muito bem. Estou esclarecida. Vou dar então, por finalizada, a entrevista. Obrigada.

EE8: Obrigada eu.

(Fim)

EE9: GUIÃO DE ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

Entrevista dirigida: Vereador da Câmara Municipal de Cascais, cujos pelouros incidem na área da Habitação, Ação Social, Educação e Saúde. Ainda, em âmbito profissional, assume compromissos com outras entidades exteriores respetivamente, a Rede Social, as Assembleias das Escolas Secundárias e de Agrupamentos de Escolas, entre outros.

Dados de Identificação do Entrevistado		
Nome	Frederico Pinho de Almeida	
Entrevista n.º	9	
Código	EE9	
Duração	34' 56 Minutos	
Data de realização	12 de julho de 2019	
Horário	Início	15:00
	Término	15:35
Local de realização	Câmara Municipal de Cascais	
Perfil do Entrevistado		
Género	01 (Masculino)	x
	02 (Feminino)	
Habilitações Académicas	Licenciado	
Função	Em 2011 assumiu funções de Vereador na Câmara Municipal Cascais, com os pelouros da habitação, ação social, educação e promoção de saúde. Ainda, em âmbito profissional assume compromissos com outras entidades exteriores respetivamente, com a Rede Social, com a ACES Cascais, com a CPD - Comissão para a Pessoa Deficiente, com as Assembleias das Escolas Secundárias e de Agrupamentos de Escolas e com o Conselho Consultivo dos Centros de Saúde de Cascais e Parede.	

E: Falando das famílias, segundo alguns autores o termo família adaptou-se à realidade imposta pela sociedade, seja pelo *pater* famílias da era romana, seja pela conjugalidade marcada pelo afeto e procriação. Concorda com esta opinião?

EE9: Pode repetir?

E: No fundo, segundo alguns autores o termo família adaptou-se à realidade imposta pela sociedade, seja pelo *pater* famílias da era romana, seja pela conjugalidade marcada pelo afeto e procriação. Concorda com esta opinião? No fundo aqui é falar da evolução da família.

EE9: Isso dá pano para mangas. Quer que eu dê a minha opinião sobre isso?!

E: Evidentemente. Sim.

EE9: Famílias, o conceito família tem vindo a sofrer evolução ao longo dos tempos. Para mim o conceito família é muito claro, é um pai, uma mãe, filhos, obviamente, avós, primos, tios, etc . Se nós falarmos da família alargada ou mais restrita, mas o meu conceito família, o conceito de família tradicional, obviamente, que hoje em dia com a dinâmicas do dia a dia, os números que temos, seja em termos de divórcios ou segundos casamentos, segundas relações, como se costuma dizer relativamente aos filhos, os meus, os teus e os nossos e, digamos, que essas dinâmicas fazem com que as famílias, hoje em dia, sejam muito mais elas próprias também dinâmicas.

E: E falando também aqui da questão do afeto que anteriormente, com certeza que sim, não se falava tanto do afeto, era mais numa questão de procriação, hoje em dia há mais esta tendência, de família, do afeto, do todo, no fundo é falar desta questão que tem vindo a evoluir. Há uma maior preocupação para com os filhos, da família para com os seus filhos?

EE9: Isso pra mim é algo que está implícito. Família, em condições normais, implica afeto, para mim é uma condição da família. Infelizmente sabemos que existem muitas situações em que tal não se verifica, maus tratos, situações mais extremas. Agora em condições normais, coloco aqui entre aspas, o conceito família implica naturalmente, em condições normais, a questão do afeto, obviamente o tratar com carinho, com amor, os membros do respectivo agregado familiar mais restrito e mais alargado .

E: Passando à segunda questão, também um pouco extensa. Em vários estudos e diagnósticos realizados por representantes de diversos departamentos da Câmara de Cascais, verifica-se que um quinto das famílias em São Domingos de Rana são unipessoais e mais de metade são compostas por duas ou três pessoas. As famílias mais numerosas (com 4,5 ou mais pessoas) têm maior peso nas freguesias de São Domingos de Rana e Alcabideche. Perante este facto, que opinião tem sobre as famílias residentes na Freguesia de São Domingos de Rana?

EE9: Não é uma questão de ter uma opinião, caracterizou de uma forma muito sucinta a fotografia. É factual, hoje em dia há uma questão que é uma questão que coloca e que decorre da primeira questão colocou que é uma questão que gera depois muitas vezes dificuldades na própria vida que são as famílias monoparentais aqui na generalidade dos casos mães com filhos o que os pais apoiam estão presentes de uma forma mais direta ou não. Em muitos casos ou em alguns casos infelizmente os pais não dão o suporte e quando

digo suporte em termos presenciais de acompanhamento, de, obviamente, de apoio no crescimento filho, seja em termos materiais e que contribui, obviamente, para a educação dos respetivos filhos e portanto eu diria que aqui a questão das famílias monoparentais, aquilo que tem como consequências, faz com que em termos de, faz com que nestes casos as mães tenham um conjunto de responsabilidades e tarefas concentradas em si e portanto isso dificulta, obviamente, o dia a dia. A compatibilização da componente laboral, acompanhamento dos filhos e, portanto, é algo que é complexo, hoje em dia é complexo e portanto é importante que nós tentamos aqui, Câmara de Cascais, dentro do que conseguimos ir, é possível criar formas de apoiar as famílias em termos globais mas também, obviamente e de uma forma mais particular, as famílias monoparentais. Do resto, as famílias como referiu, se não me engano, as famílias com maior dimensão estarem mais concentradas em São Domingos de Rana e Alcabideche. Digamos, as famílias numerosas ou de maior dimensão no concelho, existe muitas vezes a tentação de caracterizar as famílias numerosas. Dizer que são as de maior capacidade económica ou as de menor, são as duas coisas. No concelho de Cascais são exatamente as duas realidades. Eu diria a classe média é aquela que tendencialmente têm menos filhos um, dois normalmente não passa dos dois, quem tem mais filhos e portanto famílias numerosas são os extremos as mais carenciadas e as famílias com maior poder económico.

Temos a residir, nomeadamente em habitação social, famílias com grande dimensão e, portanto, com fracos recursos económicos e financeiros e que trazem depois um conjunto de dificuldades grandes no dia a dia. Famílias que necessitam do apoio significativo nas várias dinâmicas da vida, na componente creche, de infância, até depois nas componetes de acesso a medicamentos, a um conjunto de necessidades da vida que a Câmara, nós temos, portanto, respostas de protocolo tentando minimizar estes constrangimentos.

E: Essas famílias são um número significativo no concelho ou é apenas uma franja?

EE9: Não tenho os números agora na cabeça. Estava a ver se me recordava. Temos um protocolo das águas de Cascais que é um apoio da redução da tarifa da água que é comparticipada pela Câmara e comparticipamos, portanto, o apoio a famílias carenciadas, de poucos rendimentos e famílias numerosas e independentemente dos rendimentos, desde que tenham mais de três filhos também têm direito. Famílias só numerosas, por que é que eu digo só numerosas, porque há famílias numerosas e carenciadas e aí beneficiam enquanto carenciadas porque o apoio é maior. São duzentas

e tal que estejam a beneficiar fora as outras que não solicitaram apoio ou não têm conhecimento. Só pelo menos tentar dar aqui um número de referência .

E: Certo. Entretanto, segundo alguns autores referem que apenas com a institucionalização da escola é que o conceito de infância começa lentamente a ser alterado, através da escolarização das crianças. Podemos, portanto, a partir do desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, falar numa construção social da infância. Concorda com esta opinião?

EE9: Tocou num ponto chave, entramos aqui numa área em que a Ana vai já certamente dar a sua perspectiva. Muito bem, tocou em um ponto que é a questão da escolarização. Hoje em dia vivemos uma época e um período em que muitos professores e vamos partilhar aqui o caminho temos vindo a fazer, nomeadamente com a Faculdade de Motricidade Humana com o professor Carlos Neto que é uma referência nesta matéria e nós temos, com muito gosto e muita honra, vindo a trabalhar e temos uma parceria com a Faculdade Motricidade Humana e que isto é da autoria do Professor Carlos Neto, que as crianças estão muito mais tempo ou pelo menos mais tempo na escola do que os pais no local de trabalho. Há muitos pais que deixam o filho na escola e depois vão buscar. Algumas têm apoio das avós ou familiares outras famílias não e portanto para dizer que se vive, infelizmente, um período de enorme escolarização e que aqui separar duas coisas. Por um lado, o tempo, a quantidade de horas que as crianças estão dentro do espaço escola que infelizmente é muito maior do que aquilo que deveria ser e depois deste período de horas a maior parte do tempo, para não dizer quase totalidade, é escolarizada, ou seja, são disciplinas tradicionais, de português, de matemática, o estudo do meio, falando de crianças do primeiro ciclo, e o tempo do brincar, do brincar livre é praticamente nulo e é por isso também, estamos com esta parceria da Faculdade de Motricidade Humana, porque nós reformulamos completamente aquilo que são as atividades de reconhecimento curricular do concelho transformando-as em momento de brincar, brincar livre, digamos que naquilo que era o mais tradicional há quinze, vinte, trinta, quarenta anos atrás, as AEC's é que se foram transformando ao longo dos anos e em Cascais tanto que nós trabalhamos com há dois anos como complemento da componente letiva como inglês, artes, na escola faz com que as crianças não tenham tempo. por que que hoje em dia e do professor Carlos Neto e na comunicação social crianças que tomam ritalina ou crianças hiperativas por que as crianças não tem tempo de exteriorizar. A criança tem que correr, brincar tem que deitar cá para fora a energia. Se obrigamos as crianças a estar, sete, oito, nove horas dentro de uma sala de aula sentadas, é português, é inglês, é matemática,

chegam ao final do dia ainda tem mais não sei o quê. As crianças claro que no pouco tempo livre que tiverem vão fazer disparates, vão ter comportamentos que depois nós vamos dizer que são indisciplinados, que se portam mal, quer dizer, não é possível que seja de outra maneira e portanto, infelizmente, vivemos num período. E eu sinto e nós temos aqui uma realidade muito específica, mas pelo menos aqui em Cascais, os vários agentes educativos e quando digo agentes educativos, as direções das escolas, os professores, os técnicos das AEC's, para não dizer nós, Câmara, estamos muito sensibilizados e mais do que sensibilizados, estamos a trabalhar para inverter esta realidade onde vai existindo mais dificuldade ou mais resistência ou diga-mos maior seticidade é nos pais porque acham que o brincar é uma perda de tempo, brincar para quê, está na escola, mas estão a dizer que o meu filho das quatro às cinco e meia está a brincar? Quer dizer, brincar brinca em casa.

E: Não haverá aqui um certo contrassenso em que o espaço da escola é para estudar é escola é estudo e depois esta vertente de tempo livre ou de brincadeira livre controlada com certeza dentro da escola não haverá aqui um contrassenso?

EE9: Mas deixe-me dizer, nós há dois anos, portanto este foi o segundo letivo que partiu Ministério da Educação e que a generalidade das autarquias têm implementado é a escola a tempo inteiro e nós adotamos, alteramos a designação do programa que engloba as atividades de enriquecimento curricular e de apoio a família que os períodos início da manhã ou no final do dia, como complemento para quem pretende deixar as crianças, mas chega na escola e vai buscar mais tarde todas essas respostas de apoio à família estavam englobadas no conceito de escola a tempo inteiro. Nós para alterarmos a prática alteramos também a dominação, alteramos para a crescer a tempo inteiro, porque quando se falava em escola falamos ainda em muito escola, como estudo, mais matemática e portanto para nós, Cascais, a escola é muito mais e deve ser muito mais do que o português a matemática, o estudo do meio, inglês deve ser um crescer a tempo inteiro e não a escola a tempo inteiro. Tem que se crescer naquilo que é o conhecimento, que é mais letiva, mas depois crescer enquanto pessoas, enquanto crianças que são e também adquirir outras competências para além daquelas que são as disciplinas que fazem parte do currículo e o crescer é, ou seja, para o crescimento é indispensável o brincar para nós escola, brincar é sinónimo de escola e cada vez mais e por isso é que vemos cada vez os alunos não gostam de ir à escola, se a escola é uma seca e ouvir professores durante oito ou nove horas. Também eu não gosto. Se nós adultos vamos a um Congresso ou uma Conferência e ao fim de meia hora estamos agarrados ao telemóvel porque já estamos fartos de ouvir

a pessoa a falar. Quanto mais crianças. A escola tem que ser, tem que ter esta componente...

E: Mais lúdica, no fundo.

EE9: Também sim.

E: Em relação ao projeto que acabou de referir eu tenho conhecimento naturalmente que tenho mas não posso dar a minha opinião, não faria todo sentido, e tinha muita vontade de facto e faria todo o sentido fazer esta questão porque estou há meses para fazer que é, se este projeto de facto, este projeto crescer a tempo inteiro, está a surtir efeitos positivos?

EE9: Estivemos, nas últimas semanas uma reunião. Porque temos no final de cada período e fazemos a reunião diga-mos de motorização e avaliação e desta componente que é o programa crescer a tempo inteiro e fazemos uma reunião nós temos em Cascais onze agrupamentos de escolas públicos e fazemos uma reunião por agrupamento e nessa reunião está a Câmara, a direção do agrupamento, estão as associações de pais, os respectivos agrupamentos e estão os parceiros que dinamizam estes períodos e que a doutora Ana Gil, muito melhor que eu, poderia dar o feedback dessa reuniões, portanto, o sentimento da comunidade.

EE9: Em resposta à sua questão, eu achei muito interessante a pergunta, em relação ao se era um contrassenso entre o brincar e aprender, brincar é uma forma privilegiada de aprender. O que está aqui em causa são as metodologias de aprendizagem. O que pergunto é se os meninos sentados com o método dispositivo se aprendem e apelando aqui as nossas memórias afetivas, quais são as principais recordações que nós temos da nossa infância. Nós mais rapidamente nos recordamos dos nossos momentos do Recreio das nossas aventuras nas nossas travessuras do que propriamente dos momentos de sala de aula e por que que só se aprende na sala de aula? Os recreios não podem ser oportunidade de aprendizagem e por que que não há conteúdos escolares que não podem ser trabalhados no Recreio? Ainda hoje de manhã viemos das análises do resposta PI uma escola que tem um projeto de hortas que faz das hortas sala de aula. através das hortas trabalha matemática ou português, trabalha um conjunto de conteúdos.

E: Portanto escola pública?

EE9: Sim, escola pública. E sim de facto nesta vertente foi aproveitar todas as oportunidades que nós tínhamos, ou seja, todas as respostas que eram da nossa responsabilidade foi descolarizadas, as AEC's, as AF's, as CAF's, tudo o que era prolongamento de horário, foi de facto de descolarizá-las. A nossa força foi de facto os agrupamentos. Senti-mos que os grupo estavam muito rapidamente alinhados

conosco, o nosso desafio foram de facto as famílias. Precisamente por essa concessão de que o brincar serve para quê? Relativamente à pergunta sobre avaliação de impacto. antes de nós iniciarmos com estas AEC's descolarizadas apresentarmos um modelo à direção geral da educação que nos deu carta branca, só nos pediram avaliem o impacto daquilo que estão a fazer. E nesse sentido que a Faculdade de Motricidade Humana está conosco a elaborar este estudo em que serão três anos. É perceber o impacto ao nível no desenvolvimento social, pessoal e o bem-estar de escolar destes alunos. O que é que uma hora de brincadeira por dia, em que que isso pode contribuir para essas três áreas, no âmbito social, pessoal e bem estar escolar. Isto é um impacto é resposta mais direta ao impacto. Vai demorar de facto o seu tempo, não podemos. Temos que deixar o tempo correr e ver os seus efeitos. Aqui, alguns medidores do processo destas avaliações, que fazemos anualmente com os agrupamentos, com os parceiros e com as AEC's, juntamos a entidades parceiras as ipss ou juntas, no caso de Cascais temos a junta também conosco, tem os nossos play workers são aqueles que dão corpo à filosofia que nós em conjunto delineamos. Eu posso dizer que em doze, treze anos, com as AEC's em funcionamento, foi a primeira vez que não houve quebra de parcerias.

E: Já há algo bastante positivo.

EE9: Depois relativamente aos agrupamentos uma percepção de baixa de conflitos entre as crianças, para além dos tais ganhos, são estes que agora precisamos de sistematizar. Ganhos que existem por que são momentos de brincadeira livre ou de atelies temáticos que podem promover mas em um grupos heterogêneos, não há uma organização por turma, há uma organização por interesses de crianças. As crianças podem se inscrever em função das várias oportunidades que existem, sejam a brincadeira no exterior, sejam workshop de culinária, sejam uma aula ou uma ação de filosofia para crianças, não somos puristas ao ponto que não podem entrar com conteúdos. Podem, se fizer sentido mas privilegiando sempre aqui a livre escolha da criança. Aqui de facto é-nos indicado os ganhos desta heterogeneidade, em que nós temos os pares a aprender com os pares, em que depois isto lançou um conjunto de dinâmicas interessantíssimas em que já temos os meninos mais velhos que querem ser professores de AEC's por um dia e portanto, têm algo para ensinar aos mais novos e tudo o que isto influencia do ponto de vista da socialização.

E: Eu tenho alguma noção mais do viva voz, porque a minha sobrinha é uma das contempladas, acho que ela é, mas a escola também, dentro deste projeto e de facto a avaliação pessoal dela é muito positiva. Está no quarto ano. Ela tem uma noção muito

positiva. Ela não gosta muito de fazer desporto e também não gosta muito de estar dentro da sala de aula mas tudo o que é exterior, é livre. Poranto, tenho uma opinião muito positiva a esse nível.

EE9: É um *feedback* de viva voz.

E: Entretanto, e que faz todo o sentido neste conteúdo, considera que as instituições de resposta aos tempos livres na freguesia de São Domingos de Rana vão de encontro às necessidades das crianças e dos seus pais? Que opinião tem sobre os tempos livres?

EE9: Nós tentamos. Ou conferir o livre brincar ou sempre que há atividades, porque faz sentido para aquela atividade escolar, que se privilegiam metodologias de escolha livre. Eu acho que no próximo seminário, nós fazemos anualmente um mês de brincar que é uma forma, para já, discutirmos e refletirmos sobre este assunto sobre a importância do brincar e também lhe damos aqui algum palco de valorizar os nossos processos são os novos play workers. E eu acho que seria interessantíssimo, sobre as diferentes metodologias de participação que encontramos nas escolas, porque não encontramos uma escola igual à outra, como é que os miúdos se organizam para se inscrever nos ateliers e como é que escolhem os ateliers. E foram criados mecanismos de escolha livre, interessantíssimos e são interessantíssimos de pesquisar. E sim, consideramos que estamos na persecussão dos direitos da criança do brincar que é um direito, o brincar é um direito e da livre participação que também é um direito, está consagrado.

E: Ultrapassando um pouco a escola todas as instituições que existem à volta, se tem conhecimento, porque podem não ter conhecimento neste sentido, mas se de facto as instituições locais se têm essa mesma noção?

EE9: Há aqui outro tipo de equipamentos que também pode ser interessante perceber, mas relativamente aqui na escola, não faz muito sentido escola fora da escola. A escola é um pólo de cidadania e portanto com esta perspectiva nós também defendemos e percebemos que de repente aquilo que era um bloqueio o querer sair da escola é complicadíssimo de repente com estas AEC's tornou-se facilíssimo ir até ao Jardim em frente. Reportaram- nos vídeos dos meninos a irem até ao Jardim em frente rebolar na relva, brincar, jogar á bola e defendemos isso. De facto a aprendizagem faz-se em comunidade e a escola faz parte da comunidade. Para mim não faz muito sentido. Por outro lado o mês do brincar cada vez mais temos defendidos as play streat, fechar a rua e as crianças vão, obviamente acompanhadas pelos seus agentes educativos, para a rua brincar, portanto, levam as bicicletas, as trotinetas. Cada vez mais levar o brincar para a rua.

E: Mas fale-me um pouco melhor dessa situação do fechar as ruas. Fechar a rua junto à escola ou fechar a rua num terminal do local?

EE9: Num determinado local. Pode ser num espaço contíguo à escola no caso da Parede. O bairro fecha. É um espaço contíguo à escola. Acho que sim. Também de referir, nós temos cinco ludotecas e estão inseridas em comunidade não estão em escola e também elas promovem play Streets. A mais famosa, pelo tempo que tem já de vigência e de implementação, pelo impacto que causa naquela comunidade é promovida pela Ludoteca da Galiza, tem uma corrida de carrinhos de rolamentos. Fecham a avenida e é ver a comunidade toda, não só participar mas ajudar a organizar. Já é um evento do bairro. Do bairro para o bairro.

E: É de facto a ludoteca que mais... é a única que eu conheço.

EE9: Há mais, a da Adroana. A da AJU. Fica na Abuxarda. Alcoitão, Adroana, Galiza, Elpo nas Fontainhas e agora estamos a preparar para abrir, ainda não está, mas irá abrir a partir de setembro em Cabeço de Mouro, em São Domingos Rana, com a Fundação Champagnat, que também está a dinamizar a ludoteca da Adroana.

E: Certo. Por último...

EE9: Deixe-me só aqui acrescentar, e é no âmbito da ação social, mas que se complementa que é o exemplo do programa que é o Cascais em Férias e que são basicamente períodos de atividades campos de férias, digamos, assim abertos nalguns casos até não mas na generalizada abertos. As crianças estão desde manhã até à tarde, vão dormir a casa, que são promovidos pela IPSS e que nós Câmara Municipal de Cascais apoiamos nomeadamente as famílias mais carênciadas, ou seja, as famílias que não têm capacidade financeira para ter os seus filhos em respostas deste natureza e portanto nós financiamos e estamos a falar de campos de férias. Ainda ontem, a propósito de uma situação concreta, que era 140 euros por semana e com o nosso apoio fica a 10 euros, portanto, a família ao invés de pagar 140, que não pagava por que não tem capacidade para isso, paga dez euros. Este é um investimento que anualmente são praticamente setenta mil euros só para a comparticipação de campos de férias a famílias dos primeiros escalões do IRS.

E: Estas colónias de férias são realizadas só no verão ou longo do ano?

EE9: O grosso é no verão. Depois temos no períodos de pausas de férias, digamos, o natal, a páscoa, com as ludotecas, abrem o dia todo. A da Adroana funciona bem, eles fazem colónias de férias, programas o dia todo. Mas de uma forma mais estruturada e alargada, é nos meses de verão.

E: Entretanto, falando aqui um pouco do trabalho, porque também é fundamental perceber o mercado de trabalho e perceber estas famílias, que entretanto já falamos, como estão inseridas no mercado de trabalho. Partindo do pressuposto que o acesso ao emprego e mercado de trabalho é um dos maiores fatores de tensão e risco perante as famílias, como define o mercado de trabalho na freguesia?

EE9: Duas notas que são importantes partilhar, uma delas, agora não tenho presente os valores porque vai evoluindo, mas Cascais tem, já de há vários anos a esta parte, no período de crise uma taxa de desemprego menor do que a área metropolitana, quer a taxa de desemprego a nível nacional. É obviamente positivo, com a taxa de desemprego menor do que a média nacional. Por outro lado, a remuneração de trabalho no concelho de Cascais é mais baixa do que nomeadamente se olharmos para os concelhos vizinhos, como Oeiras e alguns da área metropolitana de Lisboa, porquê? E aqui não quer dizer que sejam os municípios ou não. São os trabalhos inscritos em Cascais, no concelho, pessoas que vem de fora porque depois quando vamos ver o rendimento das famílias no concelho já é diferente, ou seja, os rendimentos estão semelhantes aos níveis da área metropolitana mas o valor que se paga no concelho não. Quer dizer que há muitas famílias que trabalham fora, em Lisboa, nomeadamente. Porque é que a nível de trabalho no concelho é remunerado mais baixo nomeadamente Oeiras e outros? Porque é uma questão de hotelaria. Cascais, é um concelho forte em termos de hotelaria, restauração, etc e infelizmente são funções, normalmente, de baixos salários. Nós estamos a tentar fazer uma inverção. Quando digo nós, Câmara municipal de Cascais, através da introdução políticas, mas que vamos ter o resultados a médio, longo prazo, não é de um dia para o outro, até porque não queremos, também porque não há espaço no território nem é a nossa política, se olharmos por exemplo para Oeiras, sem fazer juízo de valor constatando tem uma área que é o Tagus Park, do Lagoas Park, de muitas empresas muitas de serviços e que de facto são profissões com o nível do remunerações mais elevadas. Faz obviamente. Cascais não tem essa tradição. Cascais não tem grandes áreas de zonas empresariais. Estamos agora, numa forma comedida, não temos nem há espaço no território mesmo que quiséssemos mas com algumas áreas em querer promover emprego de maior remuneração, mais valorizado, mas especializado. A questão do processo na quinta, perto de Carcavelos, a quinta do Barão vai ter ali um conjunto de empresas só escritórios. Vai trazer para ali só escritórios em frente à quinta da Lagoa é só escritórios não vai haver habitação vai ter residências para estudantes, mas é que os blocos que já se vê são os centros de empresariais vai ter um centro de saúde, um health club, vai ter um

modelo e residências para estudantes e acho que não me estou a esquecer de nada. E tentar aqui. outra questão, não é criar em parte mas não é muito que a questão, é uma aposta estratégica que estamos a fazer, é trazer o ensino universitário para o concelho. Foi a Nova e nos próximos anos, a Nova terá também faculdade de medicina o antigo hospital José de Almeida será faculdade de medicina da nova e a parte de direito também virá em princípio na quinta de São Gonçalo a norte, nordeste, ali perto do triângulo da nova , a Nato, já em Oeiras. Estas são assim as duas notas mais relevantes: baixa taxa de desemprego como positivo mas por outro lado baixas remunerações.

E: Está recolhida toda a informação. Vou então dar por terminado.

(Fim)